Philip Gardiner

SOCIEDADES SECRETAS

O CONHECIMENTO PROIBIDO DE GARDINER

MADRAS®

Philip Gardiner

Sociedades Secretas
O Conhecimento Proibido de Gardiner

Revelações Sobre os Maçons, os Templários, os Illuminati, os Nazistas e os Cultos Serpentários

Tradução: Giovanna Louise Libralon

MADRAS
2011

Introdução

A Conspiração Aberta é o despertar da humanidade do pesadelo, o pesadelo infantil da luta pela existência e da inevitabilidade da guerra. A luz do dia adentra por nossas pálpebras e a profusão de sons da manhã clama em nossos ouvidos. Chegará o tempo em que os homens se sentarão com a história diante de si, ou algum jornal velho, e perguntarão, incrédulos: "Um mundo assim já existiu ?"
H.G. Wells, The Open Conspiracy

Este livro é uma coletânea de pensamentos e pesquisas sobre sociedades secretas. Irá levá-lo a muitas jornadas, mas caberá a você decidir aonde e se chegará. Preciso fazer apenas uma ressalva antes que você prossiga e "morda a maçã": liberte sua mente de qualquer coisa que já lhe tenha sido dita. Não me importo se você é cristão, muçulmano, budista, comunista, capitalista, maçom ou escoteiro. Não interessa a mim se você vê a si mesmo apenas como um homem ou mulher comum. Não cabe a mim me importar com isso. O que me importa é a verdade, porque ela é, como diz a Bíblia de forma paradoxal, a única coisa que pode libertá-lo.

Nesses anos em que pesquisei e escrevi, fui abordado por milhares de pessoas pedindo ajuda. Uma mulher, uma norte-americana multimilionária, pediu-me que escrevesse dez coisas que ela poderia fazer para ajudar a si mesma. Ela me ofereceu muitos milhares de dólares apenas para fazer este simples gesto. O dinheiro não significa nada mesmo. O que essa senhora precisava é aquilo de que todos nós precisamos: encontrar a si mesma. Você ouvirá muitas pessoas dizer isso, e, então, lhe darão alguma mensagem obscura de fé ou libertação de forma a atraí-lo para seus pequenos clubes. Elas lhe darão dez bons motivos para libertá-lo. Meu recado para essa rica senhora foi para que procurasse por si mesma. Eu me recusei a lhe dar o que queria porque ela estava apenas usando sua riqueza para encontrar o caminho mais fácil, sem saber que esse caminho nos leva a andar em círculos. O caminho verdadeiro para quem você é não é fácil, e, se fosse, então não estaria certo. O caminho o conduz por seu próprio passado. Tudo o que você aprendeu, cada emoção que o formou, cada problema, cada alegria, cada porção do que chamam de conhecimento, todas essas coisas são o que você pensa ser. Mas não são. Todas essas coisas são influências externas, são o que os budistas chamam de "fenômenos", pois são irreais. Todas essas coisas são, agora, impulsos elétricos em sua mente e nada mais. Só porque lhe ensinaram que Jesus era o filho de Deus na escola dominical, ou que o Papai Noel lhe trazia presentes no Natal, não os torna reais. São contos, narrativas e fábulas criadas por outras pessoas para explicar apegos emocionais e desejos evolutivos. O que é real permanece no interior, soterrado pelo peso das fábulas do mundo. Apenas acabando com a sutil manipulação mental da religião ou mesmo do marketing moderno é que poderemos começar a ver quem somos lá no fundo e revelar a verdadeira intuição.
Isso nunca será fácil; quando acabamos por perceber que precisamos descobrir quem somos de fato, já estamos sobrecarregados pelos fenômenos do mundo. Na verdade, o paradoxo da situação é que, até que não estejamos oprimidos em demasia pelo peso da insanidade do mundo, não perceberemos que tudo está errado. Minha próspera amiga milionária passou sua vida inteira acumulando riquezas, modificando suas feições e características com cirurgias plásticas e comprando amigos. Ela somente percebeu que todas as suas "coisas" não

significavam nada e não lhe traziam mais felicidade que um ovo frito quando se sentou e ouviu o que eu chamo de "barulho". Percebeu, no fundo de seu coração, que se tornara uma perpetuadora do "barulho". Ela enganava e prejudicava as pessoas por dinheiro, poder e propriedades, e sua intuição ou consciência foi arrastada cada vez mais para o fundo, até não ver mais a luz do dia. Seu eu verdadeiro acabou na escuridão.
Apenas desvelando o eu verdadeiro é que ela poderia ser "iluminada" de novo.
Os artigos neste compêndio estão dispostos de modo a provocar uma abertura de olhos, a falar às partes do seu eu que sabem que há uma verdade oculta. Quando se fala a essa parte de nós mesmos, ela reaviva algo dentro de nós. Esse algo é o seu eu verdadeiro, o meu eu verdadeiro. Ouça-o. Este eu verdadeiro sabe que o mundo está repleto de manipulação e anseia por ser libertado. É tempo de dar-lhe o conhecimento e a força que merece. É hora de inspirar o verdadeiro eu a questionar!
Mas, e quanto a grupos, sociedades, organizações? E quanto à natureza coletiva da humanidade ao criar monstros de formalidade? Ela é perigosa?

"Enganados por sua própria imaginação descontrolada, vítimas de quem quer que deseje fazer uso de seu fanatismo para os próprios interesses diversos, esses homens formam um berçário constante de novos adeptos para sociedades secretas; (...) essas sociedades são uma doença que devora o corpo social e suas partes mais nobres, o mal já ceifou nossas raízes mais profundas e abrangentes; se os governos não tomarem medidas eficazes, (...) a Europa corre o risco de sucumbir aos ataques que lhe são dirigidos sem cessar por essas associações; (...) monarquias absolutas, monarquias constitucionais, repúblicas, todas estão ameaçadas pelos Niveladores." (De um memorando sobre sociedades secretas enviado pelo Príncipe de Metternich, Áustria, para o imperador Alexandre, da Rússia, em 1822)

A humanidade sempre se organizou em grupos. Há força nos números e, como frágeis humanos, a única maneira possível de termos sucesso e sermos a espécie mais forte e bem adaptada do planeta era usarmos a ingenuidade e a força das multidões. Dentro de algum tempo, esses agrupamentos assumem importância religiosa ao aprimorar o "espírito" das pessoas reunidas com um sistema de crenças. As pessoas fracas são expulsas. As fortes e inteligentes são procuradas com afinco. Isso evoluiu com o passar do tempo e hoje conhecemos esses grupos, em geral, como sociedades secretas. Somos levados a acreditar que, dentro das Ordens e Lojas dessas organizações, há grandes segredos sobre nós mesmos e nossos deuses. É tempo de descobrir.

PARTE 1

Mitologia e Mistérios Relacionados

Capítulo 1

O que é uma Sociedade Secreta?

Neste livro, iremos nos concentrar, em especial, na origem das sociedades secretas e no que está por trás das crenças e rituais de muitas das religiões do mundo. No início, isso nos levará a assuntos que parecem não estar relacionados, tais como eletromagnetismo e fenômenos cíclicos, mas tudo ficará claro ao descobrirmos que esse mundo natural está relacionado, em sua totalidade, aos nossos sistemas de crença. Esses sistemas de crença são semelhantes em todo o mundo e constituem a base do aspecto esotérico das sociedades secretas.

Contudo, precisamos entender a linguagem das sociedades secretas e o que é exatamente uma sociedade desse tipo. Esse é um assunto que gera debates acalorados e, como veremos, está aberto a várias interpretações.

Existem contos sobre sociedades secretas ao longo de toda a história. A primeira pergunta que devemos fazer é por que tiveram de permanecer secretas. De acordo com a crença popular, é porque os que se reuniam em segredo eram "homens de renome" ou "prestígio" que tramavam mudar a civilização - fosse por meio da destruição da Igreja ou da realeza, fosse defendendo-as.

De acordo com essa crença popular, uma das sociedades secretas originais era chamada Irmandade da Cobra (ou "dragão", ou "serpente"). Embora não existam registros históricos reais de uma antiga Irmandade da Cobra, mencionada pela primeira vez por Madame Blavatsky, é fato que os rituais e crenças dessa suposta organização secreta são semelhantes a muitos que, de fato, existem e são relacionados, de forma estranha, à serpente. Isso não é surpresa para mim, é claro; sou considerado um dos assim chamados especialistas em ofiolatria (culto à serpente). Em Secrets of the Serpent, descobri que existiu uma religião serpentária antiga e mundial. Misturada com sistemas de crença solares, lunares e cósmicos, essa fé ancestral assumia, de fato, um aspecto mundial, utilizando-se da serpente em muitos níveis. Por fim, essas crenças transformaram-se, aos poucos, em cultos e sociedades secretas, ficando, assim, ocultas.

Em quase todos os exemplos, essas sociedades secretas cumprem um papel religioso - entram em contato com Deus ou com os deuses por meios que a religião oficial não pode ou não faz.

Isso, por si só, nos fornece uma boa indicação. É fato, embora cruel, que a religião ou as crenças são formas excelentes de atrair membros e utilizar um estado elevado do indivíduo para seus próprios fins, sejam quais forem. E como na maioria das religiões, os membros de sociedades secretas são escolhidos, são membros da minoria. Um exemplo claro disso é o modo como os cristãos dizem, sem saber o significado real destas frases, que o caminho é estreito, ou que é mais fácil passar um camelo pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos Céus. Isto, por sua vez, faz com que o iniciado se sinta mais importante quando é aceito, ainda que muito poucos sejam recusados no estágio inicial. Esse método de escolha não é apenas o legado de sociedades secretas ou da religião, mas universal. Também é encontrado nos clubes e organizações normais cotidianos, nos quais ainda é preciso passar por testes claramente feitos para permitir o ingresso de todos, mas em diferentes níveis. Dessa forma, a

idéia da existência de níveis diferentes move o processo e assegura que os recém-iniciados se esforcem para se tornarem discípulos ou membros integrais por meio do aprendizado das doutrinas do clube ou associação - e assim o iniciado fica enredado por completo no mundo da sociedade.

As sociedades secretas levam essa participação um pouco mais longe ao incluir certos adereços no "rol do conhecimento" que o iniciado tem de aprender. Esses adereços incluem apertos de mão e palavras secretas, dias especiais do ano conhecidos apenas por poucos e percepções mais profundas sobre textos amplamente conhecidos. Tudo isso, e mais, faz com que o iniciado se sinta cada vez mais importante. Em todos os exemplos, a experiência última de iluminação parece ser reservada para os níveis mais altos de iniciação, enquanto nos graus menores são permitidos e usados apenas níveis mais baixos de iluminação.

Existe também a construção de relações de companheirismo por meio de reuniões regulares. Isso permite ao membro sentir-se parte de uma família mais ampla e, assim, mais importante. Converse com qualquer integrante a serviço de um corpo militar e você descobrirá que um dos principais fatores do sucesso de sua unidade é atribuído à camaradagem. Isso conduz o membro por um caminho de tamanha profundidade emocional dentro da sociedade secreta que deixá-la seria como perder um membro da família. A zona de conforto em que o iniciado se encontra é tal que ele não quer sair.

A iniciação de uma organização é a parte mais importante. Ela envolve, em geral, um ritual moldado ao redor de um mito que parece ser impossível compreender. Existem níveis para a iniciação, assim como em qualquer religião. Ela, na verdade, começa antes do que a maioria das pessoas poderia supor, já na escolha ou seleção para participar. Esse processo de seleção parece ter um plano, e o fato de a palavra "escolhido" ser usada sugere que nem todos podem entrar. Na realidade, podemos concluir a partir de estudos de sociedades que o processo é quase aleatório e a seleção verdadeira vem muito mais tarde. Aqueles que não são escolhidos para os níveis mais altos ainda são membros e, na verdade, fazem sem perceber a vontade dos membros mais elevados, e sem saber que estão, em geral, em um nível inferior.

Durante os primeiros estágios de qualquer iniciação, o novo membro é limpo, ou libertado, de qualquer opinião que não beneficie a sociedade ou a religião. Isso pode ser visto, por exemplo, nas forças armadas, que se valem especialmente dessa batalha psicológica de vontades. Ao destruir a resistência do espírito do recruta, o exército o liberta de quaisquer idéias preconcebidas e permite que todas as técnicas de lavagem cerebral apareçam imaculadas na mente do novo soldado.

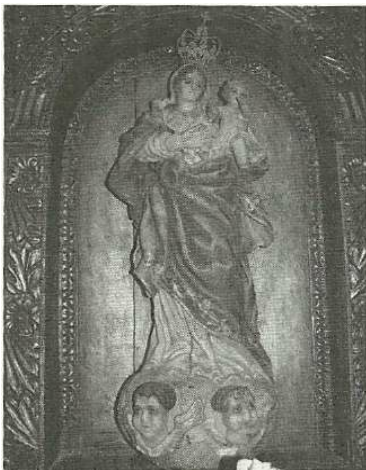
O mesmo é verdadeiro para as sociedades secretas, uma vez que dizem aos novos recrutas que deixem o mundo para trás, inclusive família e amigos, tidos como distrações, coisas do mundo ou do Diabo. Aos iniciados, então, é dada, em substituição, a nova família da igreja ou da sociedade que, nesse estágio do processo, é sempre solícita em oferecer socorro e amor tais que o recruta fica tomado de alegria. Isso permanece na mente do novo candidato, profundamente enraizado devido ao processo de lavagem cerebral realizado anteriormente.

Esse processo inspira lealdade e um desejo por mais. A igreja e a sociedade satisfazem da mesma forma a demanda com compreensões místicas que só podem ser oferecidas aos que passam por testes. Tais testes são criados para aprofundar ainda mais os laços do iniciado. Com cada novo processo de aprendizado o discípulo sente-se ainda mais especial e recebe, de fato,

condição especial.
Há uma seqüência de testes para determinar se o iniciado tem aptidão para avançar. Os aspectos mais profundos dessas organizações são, como sempre, cada vez mais secretos e ficam no nível mais alto possível, uma vez que é aí que reside o verdadeiro segredo ou propósito da sociedade ou religião.
Os Cavaleiros Templários[1] faziam um teste em que o iniciado devia cuspir na cruz. O motivo é simples e nada tem a ver com o desrespeito de que fala a Igreja. Em um nível, se o iniciado não cuspir na cruz, como lhe é exigido, ele é recompensado por sua fé verdadeira e passa a ser um membro, acreditando que conseguiu o feito. Em outro nível, se ele cuspir na cruz, então demonstra verdadeira disciplina e será conduzido pela autoridade dos mestres aonde quer que isso possa levá-lo - esse iniciado ascenderá na escala que é oculta a quem não conseguiu seguir o comando.

"Tão logo o prosélito chegava ao nono grau, ele estava maduro para servir como instrumento cego de todas as paixões e, acima de tudo, de uma ambição ilimitada por dominação... Assim, vemos aqueles que deveriam ser protetores da humanidade abandonados a uma ambição insaciável, sepultados sob as ruínas de tronos e altares em meio aos horrores da anarquia, após terem trazido o infortúnio para as nações e serem merecedores da maldição dos homens." (Von Hammer, citado em The Trail of the Serpent)

Os efeitos dos procedimentos da sociedade são vistos pelo mundo exterior como estranhos e incomuns. No entanto, esses procedimentos podem vir a se tornar a norma e ser aceitos pela população em geral. Veja o exemplo do Cristianismo: nos primeiros anos de sua existência, era classificado como um culto ou organização secreta pelo fato de ter que permanecer oculto. A razão disso é que a religião oficial acreditava estar muito afastada do credo do culto cristão, quando, na realidade, ambos tinham as mesmas crenças solares. Filosofias romanas eram o que agora classificamos como pagãs, mas eram seguidas pela maioria. Mesmo os pagãos se esconderam em um momento de sua existência. Por fim, essa corrente secreta do Cristianismo cresceu muito, inclusive com o ingresso de membros que tinham posições de "autoridade estatal". Isso, por sua vez, tornou-o cada vez mais aceitável. Sim, havia muito ódio "estatal" por esse culto, na superfície, devido a seus métodos secretos e sua ameaça às religiões oficiais. O Cristianismo possuía sinais secretos, apertos de mão sigilosos, mitos e rituais especiais, assim como qualquer organização secreta. E essa é a essência da questão das "sociedades secretas" - elas têm de permanecer secretas pela condição que faz delas sociedades secretas. O Cristianismo veio, então, a comandar a maior parte do globo e teve de lutar contra outras correntes subjacentes que, como veremos, mantiveram os mistérios dos mitos antigos.
É incrível, mas o mesmo pode ser dito do Islamismo, do Judaísmo, do Budismo e mesmo do comunismo, uma vez que todos começaram como organizações secretas e clandestinas aparentemente contrárias ao Estado. Tal como a sociedade secreta dos nazistas na década de 1930, todas as atuais organizações e religiões reconhecidas começaram em segredo e acabaram por tomar o poder, um objetivo do qual zombam os contrários às teorias de

conspiração por todo o globo. Permanece o fato de que a história mostra, em cada geração, que as sociedades secretas conquistaram poder e se tornaram Igreja e Estado, como era seu objetivo.
Nos dias de hoje, temos sociedades secretas pelo mundo todo, em cada país, todas com seus próprios objetivos e sendo observadas, como sempre, pelo Estado. Os árabes e alguns cristãos acreditam que os judeus são responsáveis por conspirações mundiais para tomar o controle do planeta. Os drusos e os yezidis na Síria e em outros lugares são vistos como ameaças aos padrões. Os lendários Illuminati são vistos por muitos como uma liga oculta de cavalheiros que, acredita-se, está no coração do poder cristão norte-americano. A comunidade cristã acredita que o terrorismo global é custeado e executado por redes mundiais de organizações islâmicas secretas.

Maria, a Mãe de Deus, ou uma cópia de Ísis

O que a história tem mostrado é que, por fim, essas correntes ocultas e subjacentes acabam por alterar o equilíbrio de poder do mundo. Basta observar o 11 de Setembro e os ataques repugnantes aos Estados Unidos - eles foram perpetrados por organizações clandestinas e mudaram, de fato, o mundo. Outro exemplo foi a revolta norte-americana contra o Império Britânico, apoiada, liderada e inspirada pela sociedade secreta dos maçons. Na Rússia e na

França, as revoluções foram, da mesma forma, criadas por organizações secretas.
Isso não significa que toda tentativa de qualquer sociedade secreta terá resultados. A história está marcada por centenas de tais tentativas fracassadas. Outras conseguiram reivindicar o poder apenas por pouco tempo.
Outro ponto interessante de se notar, e que está relacionado à nossa compreensão das sociedades secretas, é que muitas das mais célebres cabeças que o mundo já conheceu foram membros de organizações secretas. Platão fora iniciado nos Mistérios de Elêusis e até nos conta, em seus escritos, como foi sua iniciação. Ele afirmava ter sido colocado em uma pirâmide, onde ficou três dias, morreu de forma simbólica, renasceu e então recebeu os segredos dos Mistérios. Não é de admirar que se afirmasse ser a Grande Pirâmide parte e repositório dos Mistérios, uma vez que os nomes que lhe foram atribuídos - Ikhet e Khuti - significavam "luz gloriosa" ou "resplandecente".
Então, o que é uma sociedade secreta? É tão somente um grupo de indivíduos que, ao basear sua origem nas névoas do tempo ou na dança celestial e solar do Universo cíclico, reúnem-se para efetuar mudanças. Às vezes têm sucesso, às vezes não, mas, na maioria dos casos, promovem algum tipo de mudança na sociedade em geral. Eles possuem, no todo, uma base espiritual, e uma teia importante se estende sobre aqueles que obtiveram êxito. Essa teia é a iluminação, o que deu origem ao nome "Os Iluminados".
Em 1863, Le Couteulx de Canteleu, ao escrever Les Sectes et Sociétés Secrètes, afirmou:

"Todas as sociedades secretas têm origens quase análogas, desde os egípcios até os Illuminati, e a maioria delas forma uma corrente e dá ensejo ao surgimento de outras."

Uma linguagem secreta

A História é uma mentira. A História é, como disse Justice Holmes, "o que os vencedores dizem que é". Tem sido distorcida ao longo de vastos períodos de tempo para se ajustar à idéia que cada geração faz do que é realidade e do que é verdade. Se as sociedades secretas não existissem, nossa história teria sido totalmente diferente.
A história do homem é como um imenso quebra-cabeça. Somente podemos ver o quadro maior quando todas as peças estão dispostas na ordem correta. O resultado é surpreendente. Veremos um quadro enorme e esclarecedor de como os mistérios do mundo antigo, e do mundo não tão antigo assim, podem ser agora solucionados, desde as pedras eretas megalíticas, o Santo Graal e a alquimia até a verdade por trás da religião e dos atuais sistemas políticos. A história das sociedades secretas esconde a verdadeira história da humanidade.
Da mesma forma pela qual a moderna pesquisa genética nos mostra há quão pouco tempo estamos interligados como raça humana, as pesquisas e conclusões subsequentes apresentadas neste livro revelarão como nossos próprios sistemas políticos e de crenças religiosas vêm da mesma fonte.{2} Afinal, não há nada novo sob o sol. Novos sistemas religiosos são apenas antigas religiões renovadas, com nomes e cenários diferentes, mas as crenças fundamentais são as mesmas.
Podemos aprender a partir dessa história e entender os padrões cíclicos do comportamento humano, o que nos ajudará a prever o futuro com mais facilidade - ou ao menos é o que nos

dizem. Observaremos a existência da vida e da consciência; estabeleceremos de onde vieram e para onde vão. Abriremos caminho por milênios de mistérios para determinar, com lógica, uma história real baseada em fatos e evidências. Veremos se existe mesmo uma conspiração mundial e, em caso afirmativo, aonde ela nos está conduzindo. Devemos estabelecer motivos, procurar novos dados, analisar documentos existentes sob uma nova luz a fim de conseguir uma visão mais ampla de longos períodos de tempo e civilizações e, por fim, confrontar os mistérios da fé.

Um dos aspectos mais perturbadores das sociedades secretas vem da compreensão clara de que temos sido enganados por séculos pelos historiadores, um após o outro. Mesmo assim, não podemos perder de vista o fato de que esses profissionais são responsáveis por agrupar e conectar grandes quantidades de informação e apresentar relatos supostamente fatuais baseados em seus próprios sistemas de crença, os quais são influenciados pelo tempo e lugar em que viveram ou vivem. Sem o trabalho árduo desses historiadores teria sido impossível escrever um livro como este, ainda que suas conclusões estejam em flagrante contraste com a visão aceita. Devemos nos lembrar de que muitos dos livros de história que hoje lemos foram escritos ou, no mínimo, seus assuntos foram pesquisados durante uma Era Vitoriana de elevado Cristianismo, período em que qualquer teoria ou fato se inclinava a um ponto de vista cristão. Por exemplo, quando se descobriu que existiram antigos deuses crucificados anteriores a Cristo, eles foram ocultados, destruídos ou mesmo considerados prova de um conhecimento dado por Deus da futura crucificação de Cristo. Isso, com certeza, é uma bobagem completa, vinda de uma religião que foi, ela mesma, fruto de antigos cultos, como veremos.

Também precisamos compreender que muitos historiadores, artistas, construtores, políticos, religiosos e leigos quiseram passar a verdade adiante, mas não conseguiram. Elaboraram, então, criptogramas, códigos e simbolismos para que seus pares e as futuras gerações decifrassem. A beleza de muitos desses símbolos está no fato de que a maioria já era conhecida e possuía significados ortodoxos, de modo que o sentido oculto poderia ser disfarçado com facilidade na religiosidade dominante.

Os símbolos estão escondidos ao nosso redor como uma seqüência de pistas que levam a um tesouro. Entramos em contato com eles em qualquer lugar a que formos, desde a arquitetura simbólica e os vitrais pintados das igrejas medievais até, por exemplo, o logotipo de uma empresa em uma van. O logo da minha própria empresa simbolizava a Transição de Fase, a mudança de uma substância em outra. Para uma empresa de marketing, era o ideal. Contudo, somente as pessoas que sabiam de tais coisas poderiam ver isso. Outras veriam apenas uma seta com uma linha ondulada. Ocultei uma figura simbólica em um logotipo de uma empresa que, do contrário, parece comum.

A humanidade usa essa linguagem sutil há milhares de anos. A cada geração, essa forma alternativa de comunicação desenvolveu-se e ficou cada vez mais complexa, tornando-se mais difícil de ser decifrada. O único meio de descobrir os segredos do simbolismo é separar, em cada pintura, edificação ou texto, todo e qualquer significado possível, bem como considerar tanto o povo que criou tais artefatos quanto a época em que viveram. Esses achados devem ser examinados, então, com base em fatos históricos conhecidos, tais como informações arqueológicas.

Uma das maiores obras de simbolismo, em todos os aspectos, é a Bíblia. Para o estudioso que

conhece os significados alternativos de alguns dos textos do Apocalipse, é óbvio, há muito tempo, que neles existem verdades escondidas. Para muitos outros, o princípio subjacente ao livro inteiro é astrológico-teológico - Jesus como o Sol, Maria como a Lua, e os 12 apóstolos são, assim, signos do Zodíaco. Mas existem tantas camadas ocultas mostrando que quaisquer números de significados são possíveis que é necessário nos lembrarmos de que mentiras também são ocultadas em códigos. É claro que, para acrescentar, existem centenas de textos e de assim chamados Evangelhos, escritos no mesmo período em que a Bíblia, que simplesmente nunca passaram no teste dos primeiros ativistas cristãos e foram afastados da liturgia. Esses textos são válidos, da mesma forma, agora, para a história do homem; caso contrário, estaremos, mais uma vez, suscetíveis à manipulação dos que escolheram os conteúdos da Bíblia no passado.

É preciso também que tenhamos cuidado para não inferir demais dos textos, pois correríamos o risco de vê-los à luz de nossa própria sociedade moderna. Existem muitos exemplos recentes de livros nos quais estruturas e textos antigos são considerados evidências de "visitas extraterrestres". Independentemente de qualquer outra interpretação mais terrena e de uma imensa falta de compreensão das tradições religiosas e culturais da época, essas evidências são eivadas por idéias ou teorias predeterminadas.

Outro exemplo disso é como os modernos evangélicos utilizam o Livro do Apocalipse como "prova" do retorno iminente do Senhor. Eles apontam para significados ocultos a respeito de guerras nucleares e ditadores do Oriente Médio como se eles próprios tivessem recebido uma espécie de revelação divina. A verdade é que, como qualquer historiador lhe dirá, todas as gerações, desde que o Apocalipse foi escrito, afirmaram que o fim estava muito próximo. Isso é, em parte, da essência do Evangelho solar cíclico, completamente mal interpretado, como sempre. Todas essas falsas interpretações dificultam a interpretação do código em fatos.

Devemos começar observando nossas origens. A origem da vida sempre foi uma parte fundamental da religião. A era do esclarecimento, de Darwin e seus contemporâneos, alterou de forma drástica o ponto de vista religioso do mundo. Se olharmos para a verdade por trás da origem da humanidade, veremos que Darwin apenas "descobriu" o que já se sabia: que essa era de esclarecimento fora planejada e que deveria acontecer para que as mudanças exigidas ocorressem. Veremos como o homem antigo e suas crenças religiosas eram um perfeito paralelo de nossas crenças científicas atuais; a diferença está apenas nos termos usados. Observe o padrão que segue, que foi simplificado, mas é comum à maioria das religiões do mundo:

1. Apenas o Deus existe. Ele é supremo e está só.
2. Os céus e a terra não têm forma. Tudo é escuridão e/ou está coberto pelas águas primevas.
3. Então, surge a luz.
4. O céu e a terra são separados.
5. A terra é separada das águas. O dia e a noite são criados com o novo sol.
6. A terra dá à luz a vegetação e, por fim, as criaturas.
7. Os pássaros e os animais são criados.
8. Surge o homem.{3}

Como você perceberá, esse padrão é compartilhado também pelas teorias atuais a respeito da origem das espécies, sem a aceitação da existência de Deus. Está em completa harmonia com a teoria do big bang e, ainda assim, parece ter surgido há milhares de anos. Esses padrões podiam ser notados, em especial, no Egito Antigo, um dos misteriosos precursores das religiões e crenças do mundo.

No passado, a religião era responsável por nos esclarecer sobre nossas origens. Agora os cientistas nos dizem para procurar fatos a respeito de nossas origens em vez de filosofar sobre elas, enquanto eles, ao mesmo tempo, criam novas teorias que são, por vezes, preconceituosas e que não levam em conta todo o nosso conhecimento.

Fatos novos vêm à luz todos os dias. Novas idéias com relação a equações matemáticas das leis da física estão provando que algumas teorias são realidade. Precisamos entender esses fatos e teorias e não podemos ter medo de modificar nosso ponto de vista pessoal quando tais fatos novos emergem. Nossas verdades pessoais precisam mudar ou corremos o risco de nos tornarmos fanáticos religiosos inertes e obsoletos. É lamentável que o fervor religioso em todas as disciplinas (inclusive a ciência) possa nos impedir de ver essas maravilhosas descobertas, de seguir adiante e mesmo de evoluir.

Tantos fatos estão ocultos para nós por gerações de preconceito e intolerância que alguns deles serão surpreendentes. Ninguém permanecerá ileso às evidências apresentadas aqui. Qualquer pessoa que leia este livro terá seu próprio sistema de crenças ou seus preconceitos pessoais desafiados e não estará disposta a aceitar tudo como realidade.

Muitas das evidências deste livro podem ser consideradas de várias maneiras; cada ponto de vista alternativo, quando nos era conhecido, foi abordado. Quando outros pontos de vista se fizeram necessários, foram buscados em fontes originais. Eu incluo nisso todas as facções religiosas, sejam elas classificadas como cultos ou seitas, facções ocultas ou reconhecidas.

Em nossa busca pela verdade, examinaremos tudo o que poderia caber em um livro. Começaremos com Adão e Eva e seguiremos até a ciência moderna. Prosseguiremos, então, analisando como nossos sistemas de crença começaram e onde se originaram algumas das explicações mais paranormais. Haverá evidências concretas de como nossos sistemas de crenças têm sido usados, abusados e manipulados por um grupo secreto e mortal de indivíduos cuja história remonta há milhares de anos. Eles tinham um nome, uma base de poder e um segredo, trancado com seus poucos iniciados, que teve implicações significativas para o futuro da humanidade. Descobriremos o segredo e o revelaremos.

A glória da religião - o ouro

Existem por aí milhares de best-sellers sustentando mistérios que simplesmente não existem. Este livro irá solucioná-los e nos colocará de volta no caminho correto. Por que, nesta suposta era de esclarecimento, ainda acreditamos nas mentiras controladoras daqueles que ocupam posições de autoridade, e as alimentamos? A resposta é simples.
Conhecimento é poder. Portanto, se você mantém o conhecimento para si mesmo, você mantém o poder.

Quando acontece de deixarmos velhas religiões para trás, apenas nos é dada uma nova, mais relevante para nossa era e para os objetivos políticos dos influentes manipuladores ocultos do poder. Precisamos do ópio da religião ou podemos sobreviver sem ele? Precisamos das religiões sob a roupagem diferente da "Nova Era" ou dos cultos pseudocientíficos que se voltam para os óvnis a fim de encontrar o sentido da vida? Este livro mostrará como até mesmo os novos sistemas de crenças estão fundamentados sobre as mesmas velhas mentiras e sobre o conhecimento secreto que, ao que se supõe, somos "demasiado simplórios" para compreender.

Os Iluminados, sob diversos nomes, têm nos manipulado ao longo dos séculos por muitos meios, inclusive a psicologia. Valendo-se da história de nossas origens, eles se aproveitaram de nosso desejo de saber quem somos e de onde viemos e controlaram nossos sistemas de crença desde o princípio. Eles compreenderam, ainda, algumas das formas mais básicas e fundamentais pelas quais nossos cérebros funcionam e são influenciados. Eles descobriram que éramos influenciados não apenas pelas pessoas, mas também pelo mundo que nos cerca, e de maneiras que sequer podemos compreender hoje.

Se você está pronto para a verdade, se pode dizer, com honestidade, que tem a mente aberta e está preparado para abrir mão de concepções erradas, então continue a leitura. Esqueça as falsas interpretações dos mitos e da religião que você já ouviu tantas vezes e conheça-os pelo que são de fato: a linguagem secreta dos Iluminados.

Capítulo 2

Corpos Celestes: Os Deuses dos Antigos

Para que avancemos em nossa busca pela compreensão das sociedades secretas, precisamos entender, na totalidade, o seu histórico e suas raízes, tanto em relação às crenças quanto a sua história. Uma vez que muitas sociedades secretas atuais expressam as imagens e o simbolismo das crenças de nossos ancestrais pré-cristãos, seria bom tentarmos compreender como e por que essas crenças surgiram e o que os símbolos que vemos significam de fato. Para tanto, precisamos investigar o reino dos "corpos celestes", ou seja, os planetas no céu noturno.

Fico sempre muito feliz ao visitar um lugar remoto, onde as luzes das lâmpadas das ruas não poluem e contaminam a visão de nossos companheiros celestes. Parar e contemplar as estrelas cintilantes em um céu limpo e cristalino e ficar fascinado pelo número incrível de luzes que alcançam nossos olhos é uma experiência que todos deveriam ter. Hoje entendemos o que essas estrelas são: sóis distantes e, às vezes, mortos há muito tempo. Nossos ancestrais, sem o brilho alaranjado de uma rua suburbana, desconheciam a ciência por trás da fascinação. Para eles, essas eram as miríades de olhos dos deuses no paraíso: os grandes Iluminados no céu. O pai Sol e a mãe Lua eram dominantes por seu tamanho e pela relação aparente que possuíam com a natureza hormonal básica do homem e da mulher: eles controlavam, literalmente, nossa vida. Não é de espantar que as lendas desses cintilantes deuses celestes permanecessem conosco em nossas fábulas religiosas, mitos e folclore.

Assim como o deus pagão Pã [Pan], cujo nome significa "Tudo", a Bíblia diz que "Cristo é tudo e está em tudo". Teriam os primeiros cristãos e gnósticos compreendido a relação do homem com as forças ocultas do Universo mais amplo? Uma coisa é certa: essa compreensão tem sido mantida como um bebê nos braços pelas sociedades secretas que abordaremos em breve.

As questões que se referem à compreensão e utilização, pelo homem primitivo, dos efeitos dos padrões cíclicos, das forças eletromagnéticas e da proximidade de sua própria natureza com as plantas e animais podem ser respondidas pelos sinais da reverência que ele prestou a tais elementos: sua veneração e comportamento ritualístico ao redor de algumas dessas partes básicas e fundamentais da "sobrenatureza".

Padrões e ritmos cíclicos dominam nossa vida, desde os padrões do dia e da noite até as mudanças de estação e seus efeitos sobre nós. Se observarmos alguns dos ciclos que se tornaram importantes para o homem poderemos ver como eles nos afetam.

O sistema solar em equilíbrio

Os ciclos dia/noite são diferentes em outras partes do mundo. Algumas têm noites mais longas e dias mais curtos, por exemplo, e sua natureza adaptou-se a isso. O Transtorno Afetivo Sazonal (TAS) é tão somente o resultado de noites longas. No equador, onde o sol é mais forte e permanece no céu por períodos mais longos, o TAS não existe e é até refutado.

Em muitas partes do mundo, temos quatro estações. Em outros lugares, as estações são diferentes. As regiões tropicais têm duas estações: a chuvosa ou úmida e a seca. As áreas de monções têm três: a fria, a quente e a chuvosa. Nas regiões polares, a mudança de temperatura do verão para o inverno é abrupta.

As vidas humana, animal e vegetal adaptaram-se notavelmente bem às diferentes estações que experimentavam e o mesmo fez, também, a mitologia.

A glândula pineal mensura, de fato, as estações e a duração do dia. E assim que nos adaptamos

às várias estações por todo o globo. Muitas espécies, inclusive alguns tipos de pássaros, conseguem prever o tempo com precisão, o que os ajuda a estabelecer padrões migratórios. A joaninha laranja do Reino Unido nunca errou em suas previsões de invernos longos.

A Lua

A Lua desempenha um papel importante em todas as religiões do mundo e está profundamente oculta nas sociedades secretas. Os ciclos lunares e a experiência humana estão ligados de maneira intrínseca. O movimento das marés dos oceanos do mundo todo corresponde ao crescer e ao minguar da Lua, assim como o ciclo menstrual, o que teve um efeito profundo em nossos primeiros e posteriores sistemas de crença.

A menstruação [Lua, em inglês, moon; 'struação', em inglês struation, de 'estrus', cio] ocorre apenas durante os anos férteis e tinha um significado simbólico entre as primeiras culturas. O sangue menstrual das mulheres é tratado com reverência e temor e pode ter muito a ver com o uso do ocre vermelho pelo homem antigo. Esse sangue também é escarnecido e considerado impuro (mesmo hoje, as mulheres judias passam por um banho de purificação sete dias após o término da menstruação), um envenenamento da mulher por seus pecados, perpetrado pelos grandes deuses, embora isso pareça ser uma adição muito mais tardia, como resultado da batalha sutil entre os sexos religiosos, uma vez que os cultos mais antigos parecem ter reverenciado o sangue a ponto de bebê-lo.

As mulheres que estivessem menstruadas eram, em geral, mantidas afastadas dos outros membros de sua tribo ou vila. Esse pode ser o motivo pelo qual o Sabá das bruxas acontecia, em especial, no dia em que a Lua descansava e era associado ao mal. Acreditava-se que Ishtar, um dos nomes da Deusa Lunar, estivesse menstruada nesse dia. A mulher menstruada também é vista como um símbolo de fertilidade e, em algumas culturas africanas, ela é conduzida pela casa de alguém que queira engravidar e instada a tocar em tudo. A chegada da menstruação marca a transformação da criança em mulher e era celebrada com rituais à Deusa Terra ou à Deusa Mãe e, muito mais tarde, tomando-se o sangue na Eucaristia.

O Sabá (repouso fundamental da Lua), o dia de descanso da Lua, o sétimo dia, foi, mais tarde, adotado e controlado pelos judeus, que o transformaram em seu dia de descanso e descartaram a religião maternal lunar, criando seu "deus solar" paternal. Os cristãos prosseguiram, mudando o dia de descanso para o dia do Sol mitraico [em inglês, Sunday, domingo], sendo a segunda-feira o dia original da Lua [em inglês, Monday, derivado de Moon-day, "dia da Lua"].[4]

O mês lunar sideral tem 27,32 dias e o mês lunar sinódico tem 29,53 dias. Ambos têm trajetos e significados diferentes de acordo com sua cultura. No ano lunar sideral existem 13 meses. Essa é uma estrutura matriarcal e tem mais de 3 mil anos.

A introdução paulatina de um período de 12 meses parece ter sido uma tentativa das culturas patriarcais solares de ganhar predominância e por isso temos, agora, 12 meses no ano. Os meses são, na verdade, símbolos das casas zodiacais. Cada "casa" ou "mansão" do Zodíaco tem cerca de 30 graus, então o Sol passa por cada "mansão" a cada 30 graus. Jesus, é claro, como o símbolo do Sol, chegou à maturidade aos 30 anos e afirmou que a casa de seu Pai tinha muitas moradas. Tudo isso era o que se conhece por astroteologia, a teologia das estrelas, e tudo isso

adentrou, devagar, as câmaras ocultas das ordens secretas.
A eliminação do período de 13 meses chegou a nós, hoje, com a perseguição do coven das bruxas, que tem 13 membros, sendo o número 13 considerado agourento no Ocidente, mas ainda mais importante pelo fato de que Jesus tinha 12 discípulos, perfazendo, assim, 13 no total, o número oculto da Mãe Terra. De fato, o principal conceito do Cristianismo é construído em torno de uma reverência celeste e solar: Cristo é o Sol, que morre no solstício de inverno e ressuscita três dias depois; Maria é relacionada, tanto no mito quanto na etimologia, à Lua; e os 12 discípulos representam os 12 signos solares.
A Lua está vinculada a muitas de nossas culturas ancestrais. Os nomes das divindades associadas a ela variam de acordo com a localidade, a língua e diferenças étnicas, mas são todos, em essência, os mesmos: Afrodite, Astarté, Babd Brígit, Ch'ang O, Deméter, Perséfone, Hécate, Inana, Ísis, Ishtar, Maja Jotma, Tsuki-Yomi; e todos emergem como a Sofia gnóstica, ou sabedoria. Algumas dessas designações foram perpetuadas, mantidas vivas nos bastidores pelos cultos secretos, enquanto travavam uma batalha sutil ou mesmo criavam as linhas de frente dos novos ou emergentes deuses solares masculinos populares como Mitras e Javé. Eles são, todos, elementos literais de um simbolismo interno bastante real: o equilíbrio entre os aspectos masculino e feminino de nossas próprias mentes.
As expressões lunático ("atingido pela Lua") e "doente mental" são ambas derivadas da Lua, devido à impressão de que tais efeitos são ocasionados pelos períodos lunares, em geral os da Lua Cheia. Não surpreende que a Lua tenha sido condenada como a Lua "louca" ao considerarmos as batalhas patriarcais e matriarcais que são travadas em todos os continentes. Difundiu-se a idéia de que a energia elétrica do corpo era drenada nesse período do mês e isso fazia com que a pessoa perdesse suas faculdades mentais. Há apenas 200 anos, a Insanidade ainda era regulamentada pela lei inglesa. Há provas científicas de que casos de cleptomania, incêndio doloso e direção perigosa aumentam nos períodos de Lua Cheia; deve haver algum motivo científico para esta batalha matriarcal perdida.
A Páscoa judaica é celebrada de acordo com um calendário lunar. A Páscoa cristã (em inglês, Easter, derivado de Eóstre, a deusa anglo-saxônica da primavera) é calculada a partir da Lua Cheia que se segue ao equinócio de primavera no Hemisfério Norte. A Lua Cheia no equinócio de outono é celebrada como a Lua da Colheita. Os judeus possuíam festivais lunares, como a Lua Nova e a Lua Cheia (veja Números 28,11:14). O eclipse da Lua é considerado por muitas culturas como a união do Deus Solar com a Deusa Lunar.
Houve 500 mil nascimentos registrados em Nova Iorque entre 1948 e 1957. Os resultados revelaram que mais nascimentos ocorreram durante a Lua Minguante e, no máximo, após a Lua Cheia. Na costa do Mar do Norte, na Alemanha, a maioria dos nascimentos aconteceu nas marés altas, quando a Lua estava alta. No Hemisfério Norte, mais crianças nascem em maio e junho do que em novembro e dezembro, enquanto o inverso ocorre no Hemisfério Sul. O tamanho das crias de animais também foi avaliado e mostra um padrão visível de acordo com a época do ano. Na década de 1960, Eugen Jonas compreendeu o aspecto lunar da ovulação e aumentou, com sucesso, a efetividade da contracepção para 98%. Quando lhe apresentaram os mapas de nascimento de 250 recém-nascidos, ele conseguiu identificar, de forma acertada, o sexo de 87% dos bebês apenas com base em informações planetárias.
Frank Brown, da Northwestern University, em Illinois, descobriu que as ostras em seu

laboratório, a quase 2.000 quilômetros de distância de seu litoral de origem, em Connecticut, abriam no período em que a maré lá estava alta, o que, por sua vez, está relacionado ao padrão orbital lunar. Brown também provou que as batatas, os ratos e os caranguejos chama-maré são todos regidos por períodos lunares. Em laboratório, o metabolismo de várias criaturas apresentou flutuações em resposta a padrões lunares e fatores geomagnéticos. Agora, anos mais tarde, as pesquisas provam que todas as criaturas marinhas conhecidas, quando retiradas de seu hábitat, continuam a obedecer aos mesmos ciclos lunares. Na época, muitos cientistas pensaram que Brown estivesse lidando com as ciências paranormais e ignoraram suas pesquisas. O que elas mostram (e de forma científica) é o efeito de ciclos e de energia eletromagnética nos habitantes naturais deste planeta, inclusive os humanos. Não é de admirar que os antigos vissem nesses corpos planetários os deuses que controlavam suas vidas.

O Sol

O Iluminado, "grande luz do mundo", é venerado em todo o globo como a luz da vida, o doador de calor e o símbolo cíclico mais importante de todos os tempos. Nossos ancestrais sabiam que esse ciclo significava vida ou morte. Era essencial que o Sol retornasse a cada dia, que sua força se renovasse outra vez a cada Páscoa. Dizemos que o Sol é sábio e, portanto, em representações de mistérios no mundo todo, a luz equipara-se à sabedoria. A força do Sol é a causa de ele ser considerado a mais poderosa das divindades. Nas primeiras civilizações desenvolvidas, o Sol está sempre presente. Na cultura egípcia, e de acordo com o culto de Heliópolis, o Sol era Atum, Rá, Ré, Atum-Rá ou Rá-Atum. No culto de Mênfis, era conhecido como Amon, ou Amon-Rá. O escaravelho é usado com freqüência para retratar o Sol em alguns aspectos, como um símbolo de autorregeneração e das primeiras idéias sobre a reencarnação. O Sol é, em geral, masculino e sobrepuja a deusa lunar feminina, ao mesmo tempo em que é seu parceiro.

Nós fazemos sacrifícios, dançamos (quase sempre, de forma significativa, em círculos ou ciclos), viajamos milhares de quilômetros e cantamos para a grande luz. Nós a humanizamos e lhe damos nomes como Apolo e a incluímos em dramas. Isso, é claro, esconde uma compreensão mais profunda e simbólica que os iniciados, o antigo Sacerdócio Iluminado do Sol, sabiam como decifrar. O padrão cíclico e a natureza do Sol como doador de vida são fundamentais aos segredos dos antigos Iluminados.

Os movimentos do Sol inspiraram lendas a respeito do lugar para onde vai e do motivo de sua volta, de batalhas empreendidas e da derrota da morte. Essa última idéia de derrota da morte nos dá o primeiro indício de como o homem usava as lendas e os mistérios do deus solar para dissimular as idéias secretas de como poderíamos reencarnar. Milhares de anos implorando o retorno do Sol a cada dia e o seu renascimento a cada primavera levaram o homem antigo a desenvolver seus próprios rituais de renascimento e suas idéias de como consegui-lo. Agora, com milhares de anos de mistério e simbolismo adicionais, achamos quase impossível decifrar o segredo mágico.

Todos os dias, levantamo-nos com o Sol. Nossos corpos liberam hormônios que nos despertam, revigoram e regeneram. No verão, nossas glândulas endócrinas liberam mais hormônios que trazem uma sensação de bem-estar. No fim da tarde, nos sentimos mais relaxados conforme o

Sol baixa. A polícia secreta de muitos países escolhe com freqüência, essa parte do dia para prender as pessoas, uma vez que podem ser subjugadas com mais facilidade. Se hoje entendemos como utilizar o poder do Sol com os efeitos regenerativos das férias e por meio da atuação da polícia secreta, o que nossos antigos e, supõe-se, menos complicados ancestrais fizeram?

A atividade das manchas solares afeta diretamente nosso biorrit- mo de maneiras que não compreendemos. Evidências mostram que ela pode ser irritativa de nossas funções corporais e de nossa atitude mental. A Fundação para o Estudo de Ciclos obteve resultados interessantes com suas pesquisas de longo prazo, incluindo o que segue: existe um ciclo de 3,86 anos nos suicídios de lêmingues e no crescimento dos pinheiros na América do Norte; um ciclo de 11,1 anos de atividades das manchas solares e sérios aumentos de guerras e agitação. A Peste Negra e a Grande Praga coincidiram com essa turbulência solar. Há, também, um aumento nos acidentes de trânsito a cada 11,1 anos, mudanças nos comprimentos das roupas e um aumento na atividade vulcânica e terremotos. Esse ponto não passará despercebido aos que já sabem que Javé era, de fato, um deus solar e vulcânico: um elo antigo entre os dois fenômenos cíclicos.

As estrelas

A miríade dos Iluminados também exerce um efeito sobre nós. Michel Gauquelin, psicólogo francês, colocou diante da ciência, de maneira firme, a hipótese de que somos afetados pela posição dos planetas no momento de nosso nascimento. Ele mostrou que a posição das estrelas fornecia indicações da área de trabalho em que uma pessoa poderia atuar, mais tarde, na vida. Isso não estava relacionado à prática de astrologia ou aos horóscopos nos jornais diários, mas a uma análise séria e científica de dados. O psicólogo Hans Eysenck disse: "Não importa o quanto isso possa nos desagradar, acredito termos que admitir que há algo aqui que requer uma explicação". Seus resultados, contudo, mostraram as tendências alinhadas em termos astronômicos apenas entre os profissionais mais eminentes, enquanto o mesmo resultado não foi obtido com os trabalhadores inaptos.

O estudo das estrelas remonta a milhares de anos. Alguns dizem que a Suméria, em 4.000 a.C., foi a primeira a estudá-las. Outros afirmam que isso se deu ainda mais cedo e que o homem antigo já estudava as estrelas 32 mil anos atrás.[5] Sua prova é um chifre entalhado encontrado em Abri Blanchard, na França, com um estranho padrão de marcas ou fases da Lua, como em um calendário.

Com todas as evidências sobre padrões, ritmos e eletromagnetismo que afetam nossos corpos, não surpreende que a ciência tenha voltado um olhar diferente à antiga arte da astrologia, negligenciada devido ao difundido abuso dos horóscopos genéricos.

A astrologia natal lida com as posições planetárias no momento de nosso nascimento. A astrometeorologia ocupa-se da previsão de terremotos, mudanças climáticas e erupções vulcânicas significativas. Existem muitas evidências que sugerem que certos animais, capazes de prever tais ocorrências, nascem em uma época específica do ano que corresponde a determinadas previsões astrológicas. A razão disso é simples. Os movimentos dos planetas causam mudanças na energia eletromagnética sutil da galáxia e, com órgãos como a glândula

pineal, os animais podem, de fato, "ler" tais informações. Em meu outro livro (The Serpent Grail), demonstrei como essa energia é mesmo real e pode, na verdade, ser até mesmo captada pelos humanos quando se voltam para seu supraconsciente.
A cosmobiologia é o estudo do equilíbrio entre comportamentos cíclicos, padrões biológicos, radiação e efeitos gravitacionais sobre nós e, como todo bom cientista lhe dirá, a força gravitacional é uma onda e pode afetar sua psique.
Os povos antigos devem ter entendido os mapeamentos precisos dessas recém-chamadas ciências quando também previam tais coisas pelas estrelas. Pode ser que o homem antigo usasse tanto seus "poderes ocultos" quanto as ferramentas da Terra ao seu redor. Pode ser ainda que as idéias e o simbolismo da alquimia estivessem apenas alguns passos adiante nesse mesmo caminho.
O sábio indiano Parasar (que viveu por volta de 3.000 a.C.) utilizava astrologia natal em seu trabalho. Estruturas megalíticas apresentam muitos alinhamentos astronômicos e terrestres. As Pirâmides delineiam as estrelas, obedecendo à tradição hermética de "como acima, assim abaixo". Zigurates, templos, pinturas no chão, entalhes e linhas de quase 80 quilômetros marcadas no chão, todos expressam a crença antiga e global nas previsões astrológicas.
Os primeiros almanaques continham previsões do tempo baseadas em previsões astrológicas. Nos países árabes, a posição das estrelas estava de acordo com o clima. Devia parecer que os sacerdotes antigos sabiam, o tempo todo, o que ninguém sabia e, dessa forma, poderiam ser vistos como sagrados e divinos; não é de espantar que eles tenham sido incorporados no formato e títulos simbólicos das estrelas.
O termo zodíaco tem um significado que se relaciona aos animais, possivelmente "mapa animal" ou "círculo de animais". Isso é visto com maior rigor no antigo mapa chinês, no qual cada signo tem o nome de um animal. O Zodíaco é o cinturão dos deuses, que se estende nove graus para cada lado do plano eclíptico e encerra as órbitas da Lua e dos principais planetas. Cada signo está a 30 graus de distância um do outro. O Sol, no início, cruzava esses deuses menores a um ritmo regular e os vários signos do zodíaco eram, então, abençoados com sua chegada. Todas as histórias do homem-deus, desde Jesus a Hórus, podem ser facilmente mostradas como essa mesma progressão do Sol pelos céus.
O fato de a palavra zodíaco referir-se a animais explica por que ele contém símbolos animais, como o carneiro e os peixes. Essas antigas crenças antropomórficas foram incluídas no céu, da mesma forma que os deuses pagãos foram adotados como santos pela Igreja Católica. Mais tarde, os santos receberam suas próprias estrelas e foram pintados com elas em fervor eclesiástico. Foram adotados até mesmo os símbolos dos animais, uma vez que eram nada mais que uma criação cristã desenvolvida a partir de origens astroteológicas. Essa idéia tem sido ocultada da população em geral, como Acharya S. nos diz em The Christ Conspiracy.

"A cosmologia ou mitologia celeste, na realidade, tem sido escondida das massas por muitos séculos com a finalidade de enriquecer e tornar mais poderosa a elite governante. Seus reis-sacerdotes conspiradores governam impérios com pleno conhecimento dela desde tempos imemoriais e atuam como 'lordes' em relação a seus servos."

Aqui, mais uma vez, temos outros autores descobrindo a idéia de que, desde tempos

"imemoriais", as pessoas do mundo são enganadas por poder.
Em alguns dos zodíacos do mundo, tal como a versão chinesa, existe até mesmo uma árvore ao centro, que representa o eixo polar da Terra - e essa é a verdadeira localização do Éden: no céu.
Os babilônios, e em especial, as pessoas do Oriente Médio, estudaram as estrelas em termos matemáticos e tentaram, mesmo há 5 mil anos, registrar, de maneira científica, as reações e os efeitos das estrelas. Eles criaram um calendário e medições perfeitas de tempo, essenciais a um povo que não tinha relógios. Carl Jung sugeriu que o Zodíaco seria um componente arquetípico da psique da humanidade, e o relacionou à teoria do "inconsciente coletivo".
Os padrões e ritmos das estrelas, com sua atividade radioativa e gravitacional, têm efeitos imensos sobre nosso Universo, mas poderiam eles nos afetar, enquanto indivíduos ou coletividade?
A radiação cósmica que atinge e perpassa nosso planeta tem milhões de anos de idade. Ela vem em ciclos, assim como o vento solar. Os ciclos crescem e decrescem, mas, não obstante, há sempre um padrão. Nossa espécie está neste planeta e a vida é parte da imensidão do Universo há tempo suficiente para que exista algum sinal de seu efeito que seja passível de observação.
Existe um grande número de outros ciclos nos quais estamos envolvidos, tais como ciclos urinários, sexuais, de quebras de bolsas de valores, de epidemias e uma legião de diversos ciclos secundários. Um estudo da história demonstrará como as gerações experimentam os mesmos erros e êxitos, todos em um padrão cíclico. Mesmo as quebras de bolsas de valores trazem uma profunda analogia. Aqueles que têm conhecimento privilegiado e poder ou dinheiro podem prever tais coisas, de modo que também podem aumentar seu poder e dinheiro de forma exponencial. Aqueles que têm o conhecimento - o conhecimento dos ciclos - conservam o poder.
A Roda da Vida da doutrina budista reflete a compreensão que os antigos tinham dessa vida cíclica que levamos. A Roda culmina nos 12 elos da corrente da causalidade na busca pela verdade e retrata, entre outras, criaturas da paixão, ignorância e ódio e mostra como repetimos, sem cessar, as mesmas coisas. Esses padrões repetitivos de eventos e circunstâncias da vida, bem como nossos pensamentos e emoções que estão sempre de volta, são exatamente como os planetas que orbitam o Sol em ritmos diferentes de freqüência orbital.
Poderíamos dizer que o movimento orbital dos planetas em nosso sistema solar representa e, ao mesmo tempo, reflete os mesmos padrões que se desenrolam no diálogo interno de uma pessoa, como se o que estiver acontecendo no espaço exterior refletisse o que está acontecendo em nosso espaço interno e nas mais profundas camadas de nossa psique.
Os hindus também fazem uma conexão com a reencarnação, uma vez que o ciclo de vida e morte é apenas mais um ciclo de padrões repetitivos que acreditam ser devido ao carma ainda não trabalhado e quebrado. Dizem que o objetivo último é parar ou romper a Roda do Carma.
Se isso é verdade, então a carta astrológica natal de qualquer pessoa trará informações sobre a vida presente e talvez até de vidas anteriores, ou seja, o "programa" que cada pessoa carrega dentro de sua própria consciência. A carta ou horóscopo de um indivíduo também mostrará as qualidades e os defeitos daquela pessoa, bem como as circunstâncias e eventos que são, ao mesmo tempo, recompensadores e desafiadores. Mostrará, ainda, os obstáculos que cada um

de nós precisa vencer a fim de avançar.
Se formos inteligentes o suficiente para estudar o ciclo dos céus e compreender isso, então é possível que nosso próprio horóscopo pessoal venha a revelar, mais ou menos, os mesmos padrões escondidos em nosso DNA, que é o caminho de nossa própria vida, e também os desafios que são colocados perante nós, os quais somos encorajados a tentar vencer. Pode ser até mesmo possível quebrar o programa ou padrão por completo!
Já se constatou que as informações que alguém obtém de seu horóscopo pessoal estão, com freqüência, de 75% a 80% corretas, o que depende, é claro, da perícia do astrólogo. Deve-se considerar que essa estatística baseia-se no fato de que, em geral, o homem tem um conhecimento limitado da astrologia, tão limitado quanto o conhecimento que tem sobre qualquer outra coisa, se pensarmos no nível mais alto de compreensão que o homem pode atingir no atual estágio de sua evolução.
A insuficiência de conhecimentos sobre astrologia deve-se, de fato, a certos preconceitos que as pessoas possuem com relação à versão superficial e demasiado generalizada da astrologia que é considerada aceita tanto para a sociedade quanto por ela.
A astrologia que encontramos nos jornais e revistas e que podemos aprender a partir dos livros das estantes das seções Mente, Corpo e Espírito é a aquela com que a sociedade está familiarizada e que se tornou generalizada e comercializada demais para ser de alguma utilidade real. Os próprios planetas e, mais importante, suas posições no sistema solar em qualquer tempo dado proporcionarão um significado diferente para cada indivíduo. As diferentes influências vibracionais que irradiam de cada planeta e, em especial, as vibrações variáveis que resultam das mudanças de posicionamento de cada planeta em relação aos outros no sistema solar são muito sutis e, assim, difíceis de serem notadas ou mensuradas. No entanto, devido ao contínuo bombardeamento de tais vibrações sobre a Terra, elas também produzem efeitos profundos e de longo alcance no que tange à consciência de cada indivíduo deste planeta e, então, a impressão que se pode ler delas é baseada na posição dos planetas no exato momento da concepção ou nascimento de cada indivíduo. A percepção de que a maioria de nós é concebida em um momento e nasce em outro cria uma ampla variedade de crenças, experiências e perspectivas. Tudo isso está refletido nas posições dos planetas no movimento cíclico e ciclônico do nosso sistema solar, que atua como um relógio cósmico gigante e contém, em todos os seus ciclos de tipo biorrítmico, o "protótipo" de cada vida individual do planeta. Assim, em suma, a carta astrológica de um indivíduo é o quadro da vida daquele ser e cada planeta (e as interações entre os planetas) traça os padrões repetitivos naquela vida, pois as freqüências dos planetas criam os padrões vibracionais que foram impressos no sistema nervoso central enquanto o indivíduo, em fase fetal, crescia no útero. Os padrões de eventos que levam anos para se repetir estão relacionados aos planetas maiores, mais lentos e externos, tais como Júpiter, Saturno e Urano. O horóscopo de alguém é, de fato, a representação do seu quadro da realidade e o diálogo interno que cria esse quadro particular.
Estou certo de que os antigos compreendiam isso, e esse deve ter sido um dos motivos pelos quais era dada grande ênfase às posições das estrelas e aos movimentos do Sol, da Lua e dos planetas.
A teia que o ser humano estendeu ao longo dos muitos milhares de anos é complexa e confusa. Os historiadores nos faziam acreditar que várias conquistas humanas surgiram de

forma espontânea e simultânea pelos continentes. Em termos matemáticos, isso está errado. Existem coincidências demais, erupções de cultura e conquistas humanas em excesso, desde as construções que compartilham uma mesma finalidade, como templos solares e estelares, até o aparecimento da antiga cruz como um símbolo. Tudo isso está relacionado à energia ressonante do Universo e profundamente estabelecido na idéia científica emergente do entrelaçamento quântico. Essa nova teoria, sustentada por cientistas da Universidade de Beijing, mostra, na verdade, como a telepatia é possível e provável quando as partículas/ondas de dois indivíduos estão entrelaçadas. O mesmo efeito ocorre com qualquer onda/partícula energética. Por meio da meditação, o indivíduo pode se aproximar cada vez mais da compreensão consciente dessa energia; trata-se de um raciocínio incrível, e o fato dessa informação nos ser ocultada constitui uma falácia espantosa.

Lembre-se de que não existe uma maneira fácil de mostrar tudo o que está ligado. Há simplesmente informações demais e muitas delas estão escondidas nas sociedades secretas.

Em 1957, Tom Lethbridge escreveu um livro chamado Gogmagog. Ele afirmava que o Druidismo e o Bramanismo estavam interligados e partilhavam de uma origem comum. Lethbridge acreditava que a religião que os precedera era relacionada de alguma forma e devia sua existência à Deusa Terra, também associada à Deusa Lua e em geral a ela interligada. É verdade que Ela era uma das divindades cultuadas pelo antigo sacerdócio com o qual os brâmanes e os druidas estavam relacionados. A Deusa Terra/Lua, ou a Mãe, tinha muitos nomes: Gaia ou Gê, Isis, Astarté, culminando, por fim, na Virgem Maria (Mãe de Deus) ou mesmo Maria Madalena e levando ao culto da Virgem Negra, que, em si, parece mais relacionada a Maria Madalena do que à Mãe de Deus. Em essência, elas são todas construídas em torno da mesma essência, o mesmo padrão tão humano e até mesmo universal que existe dentro de cada um de nós.

Lethbridge ficou tão aborrecido com a reação a sua hipótese que se "recolheu" em Devon e começou a praticar a rabdomancia, que é ligada de modo singular à cultura dos antigos Iluminados e à idéia da energia da terra. Infelizmente, o efeito disso foi acirrar as opiniões que seus adversários tinham a seu respeito, embora tenha descoberto alguns fatos notáveis que, até hoje, são muito considerados por rabdomantes.

Ele demonstrou que substâncias ou objetos diferentes produzem freqüências diversas de oscilação do pêndulo. Sabe-se bem que o pêndulo é considerado o instrumento mais preciso de rabdomancia e, no caso de Lethbridge, isso se provou verdadeiro. Ele descobriu que a idade dos objetos ocasionava diferentes freqüências, bem como as emoções circundantes. Um pedregulho jogado com violência reagiu de forma diversa de outro arremessado de um modo menos agressivo. Experimentos feitos por outros rabdomantes demonstraram que, enquanto as freqüências variam de um para outro, o princípio permanece o mesmo. Essa diferença pode ser devida à proporção com que o rabdomante absorve a energia emitida, mas é difícil entender porque as proporções têm diferenças uniformes. Se o padrão fosse de proporções irregulares, isso teria sido evidência bastante para ignorar a prática; mas sendo como é, temos evidências suficientes que necessitam de mais investigações.

Embora algumas das conclusões a que chegou Lethbridge estejam abertas ao debate, somos levados a questionar se existe alguma evidência de que os humanos sejam capazes de captar energia. E eu acabei por descobrir que tal evidência existia (Veja o outro trabalho do autor ou

www.serpentgrail.com).
Como vimos, o eletromagnetismo está em todas as coisas e, por sermos animais, estamos abertos ao seu poder. A teoria é que nós transferimos essa energia aos instrumentos usados na rabdomancia. Isso pode explicar por que alguns rabdomantes obtiveram freqüências diferentes, mas ainda mantiveram as mesmas proporções do trabalho de Lethbridge. Na Guerra do Vietnã e na Primeira Guerra Mundial, rabdomantes foram usados para ajudar o exército a encontrar granadas que não explodiram e localizar minas. Petrolíferas modernas valem-se das habilidades dos rabdomantes para localizar petróleo.
Existem muitas evidências de que o homem antigo, de uma forma ou outra, praticava a rabdomancia. Nas cavernas Tassili-n'Ajjer no Saara, na região sudeste da Argélia, há pictoglifos antigos, com cerca de 8 mil anos, que mostram o que parece ser rabdomancia. Thoth, o deus egípcio da sabedoria e da escrita, e o grego Dédalo, ambos associados de perto, são tidos como seus inventores.
Os chineses, mestres do Feng Shui, também foram considerados os criadores da rabdomancia, no terceiro milênio a.C. Na Bíblia, afirma-se que Moisés (o patriarca que, de acordo com os Atos dos Apóstolos, possuía todo o conhecimento do Egito e cujo nome é associado ao Sol e à cobra) era perito em encontrar água com sua vara. Os escritores da Bíblia opunham-se com veemência à tradição da rabdomancia. E isso porque qualquer leigo poderia praticá-la e, assim, obter o conhecimento secreto do sacerdócio e diminuir o seu poder.
Mais tarde, a Inquisição da Igreja Católica achou necessário sufocar a rabdomancia mais uma vez, enquanto muitos abades continuaram a praticá-la em segredo e mesmo escreveram de forma extensa sobre o assunto, apesar de fazê-lo em termos simbólicos. Qual seria a reação da Igreja se seus fiéis descobrissem que seus próprios profetas, inclusive o suposto Salvador, praticavam divinação?
Dentre as outras formas de adivinhação a serem observadas existe a Bath-Kol: a adivinhação por meio da voz celeste ou divina. Ao interpretar esse som, os antigos profetas judeus podiam anunciar a Vontade de Deus às pessoas. Se já existiu um instrumento para manter a sacralidade de Deus dentro da elite, então o instrumento é esse. Essa prática parece estar presente em todas as culturas do mundo, mas é realizada apenas pelos poucos iniciados. Isso não quer dizer que aqueles indivíduos não estivessem, de alguma forma e por meio de algum tipo de ritual formulado, de fato envolvidos no entrelaçamento quântico da coletividade universal.
A necromancia, a arte de invocar os espíritos dos mortos para responder a perguntas, é outra forma de adivinhação que possui fortes laços com a Bíblia. A Bruxa de Endor, em 1 Samuel 28, invoca o espírito de Samuel para que Saul o questione. Saul pagou o preço por esse pecado, mas isso demonstra a existência dessa prática antiga, que remonta às crenças no Submundo ou o lugar dos ancestrais, uma crença e uma forma de adivinhação existentes em todo o globo. Seria essa prática comum ao antigo sacerdócio que pode ter viajado pelo mundo? A afirmação é pertinente. Mas também é uma parte fundamental da tentativa dos Iluminados de entrar em contato com aqueles que passaram para Duat ou o Submundo. Os sacerdotes antigos acreditavam que podiam, de fato, contatar os espíritos dos mortos por meio de meditação, estados induzidos por drogas ou mesmo atos físicos, como a dança dervixe.
A astrologia é uma forma de divinação relacionada às estrelas. Ela também era praticada de

forma global ao mesmo tempo em que a necromancia o era.{6}

A interpretação dos sonhos, ou oneiromancia, é um costume mundial que também aparece nas páginas da Bíblia, bem como em muitos outros livros sagrados de quase todas as outras religiões das culturas de nosso passado longínquo. Às vezes, o sonhador escolheria um lugar específico e tomaria uma substância alucinógena para induzir um sonho que apenas o sacerdote poderia interpretar. Na Bíblia, o único com habilidade para interpretar os sonhos era o escolhido de Deus - o Iluminado, uma pessoa ou sacerdote especial.

Escriação é o método de utilização de uma bola brilhante ou de cristal, espelho, ou, de forma mais correta e mais antiga, uma pedra brilhante. Apenas um sacerdote, ou, mais tarde, um clarividente, poderia ler a mensagem recebida. Essa arte remonta aos egípcios, e talvez até a períodos anteriores. Os ciganos ([em inglês, gypsies] a palavra deriva de "egípcios") ainda hoje utilizam a bola de cristal. A tradição hebraica afirma que Adão recebia sabedoria de uma pedra brilhante e Nostrada- mus usava uma bacia d'água, tal como Zeus.

Geomancia é a antiga forma de ler mensagens da terra. A palavra vem da palavra grega que designava a Mãe Terra, Gê ou Gaia, e mancia ou magos, que significa conhecimento. Antigos escritores gregos, latinos e árabes falam-nos sobre a geomancia. Essa técnica divinatória também é global e mencionada na Bíblia, em alguns lugares de destaque, como veremos em capítulos posteriores. O período de difusão da geomancia pelo mundo é bastante debatido. Contudo, não há dúvidas de que era universalmente usada e denota a ligação da humanidade com crenças na Deusa Mãe até no período do Cristianismo: uma sobrevivência de tradições antigas.

Na geomancia, são feitas marcas e traços na terra, com a mão ou com gravetos, e neles é lida a resposta. Códigos e símbolos especiais são usados, os quais são conhecidos apenas pelos iniciados. Os símbolos são, em regra, linhas, pontos ou estrelas. O símbolo final é provavelmente aquele do qual devemos nos lembrar, uma vez que inclui o símbolo do peixe, embora não nas modernas técnicas de geomancia. Os árabes usavam marcas aleatórias e as interpretavam. Em outras partes do mundo, a terra era atirada ao ar e as formas que criava ao cair no solo eram interpretadas.

Na China, a forma mais complexa de geomancia era o Feng Shui (que significa, de forma literal, "vento e água"), a interpretação das energias da Terra (conhecidas como "Caminhos do Dragão"), e era utilizada para descobrir o melhor lugar para a colocação de tumbas ou templos. Os chineses usam uma técnica similar em humanos na acupuntura, uma forma de medicina alternativa muito popular e efetiva, segundo relatos.

Os chineses chamaram os poderes da Terra de "Yin" (feminino, negativo) e "Yang" (masculino, positivo). Como sabemos, todas as coisas, inclusive energia, matéria e magnetismo, possuem um aspecto positivo e um negativo, então, mais uma vez, nossos ancestrais estavam ali antes de nós. A rabdomancia moderna demonstrou que lugares como Stonehenge, Glastonbury, Newgrange, as pirâmides do Egito e os zigurates da América do Sul estão todos situados nessas assim chamadas antigas linhas energéticas. Esse é, ainda, mais um

exemplo do aspecto global dessas crenças antigas, que se espalharam pelas culturas sem alterar a etnia da população, mas adequando-se a ela. Esse grupo antigo de sacerdotes não mudou nem melhorou os modos de vida da população geral, o que explica por que tem sido tão difícil aos arqueólogos descobrir sua existência; eles tão somente transmitiram conhecimento, compartilhando o poder entre si e com os poucos que eram escolhidos para se tornar Iluminados.

Existem pistas sutis, ignoradas pela história ortodoxa, que começam a revelar os padrões de uma hierarquia muito antiga de sacerdotes especiais. Uma vez alertados de sua existência, torna-se óbvio que eles sempre estiveram ali. Se lermos mais uma vez qualquer parte da Bíblia e substituirmos as palavras "Senhor" ou "Deus" por os "Iluminados", ficará evidente como esse grupo sacerdotal está, de fato, enraizado com profundidade em nossa cultura.

Existem muitos sistemas de crenças no mundo, mas todos eles derivam de um núcleo básico e inegável, inventado e desenvolvido em separado pelos Iluminados. O mesmo termo é usado no mundo todo devido ao mesmo aspecto de esclarecimento ou iluminação alcançado e mantido por eles e à veneração do mesmo globo solar visto em todos os lugares. Esses sacerdotes eram peritos no autocontrole da própria razão, manipulando suas próprias mentes no mundo Iluminado do Universo por meio dos ciclos de energia e do magnetismo. Com o uso de drogas e esforço físico e mental, eles alcançaram o Santo Graal da existência. Tendo consigo os benefícios da boa saúde e do conhecimento do mundo que os cercava, eles encontraram o Elixir.

Em vez de procurarmos por grandes migrações de civilizações como a Atlântida, deveríamos olhar na direção dos criadores de crenças, os esclarecidos que se espalharam entre os povos do mundo e se tornaram deuses entre os homens.

Capítulo 3

A Verdade Dentro do Seu Crânio

O antigo mistério do cálice feito de crânio

Por alguma razão, muitos de nós parecem simplesmente saber que a resposta para todas as nossas perguntas profundas sobre o tempo, o Universo e a vida após a morte poderiam ser respondidas por nossas próprias mentes. Essa situação quase paradoxal existe na humanidade há milhares de anos. O homem procurou pelas respostas dentro de si mesmo e eu creio que ele as encontrou. Aqui, neste pequeno trabalho, espero transmitir alguns dos símbolos incríveis daquela busca e revelar os significados secretos por trás de alguns dos objetos e imagens mais enigmáticos da história. Este capítulo terá por foco um dos símbolos mais profundos utilizados pelas sociedades secretas: o crânio. Mas antes de prosseguirmos para dentro do crânio, devo concentrar-me na energia que, supõe-se, é despertada e sobe em sua direção, energia que, acreditava-se e ainda se acredita, o infunde com poder: a kundalini.

A kundalini, sob uma forma ou outra, é encontrada em quase todas as sociedades secretas, estejam elas conscientes disso ou não. É o âmago fundamental da energia e do eu centralizado de que falam. Sem essa "energia", elas não teriam mestres sábios que recebem visões ou entram em estados de transe. Não haveria iluminação "mística". Essa kundalini é a energia serpentária interior, o poder escondido dentro de cada um de nós, ou assim nos é dito.

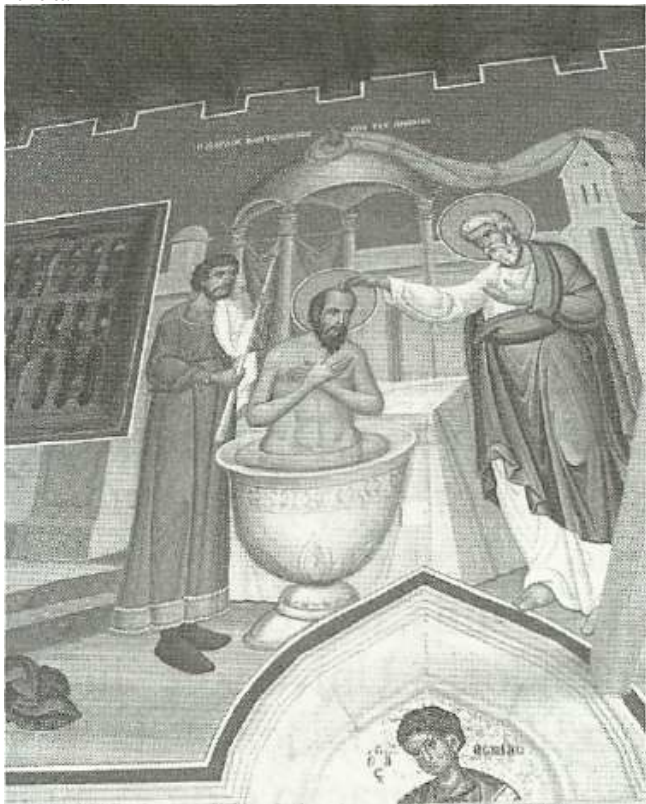
"Ela, a mais sutil das sutis, traz em si mesma o Mistério da criação e, dizem, por seu resplendor, o Universo é iluminado, o conhecimento eterno é despertado e a libertação, alcançada. Ela mantém todos os seres do mundo por meio da inspiração e da expiração." (Serpent Power, Arthur Avalon, 1919)

A kundalini deve ser despertada por alguém cuja mente seja poderosa, determinada e controlada. Ele ou ela deve ser um habilidoso praticante da Arte, o que, como na Maçonaria, é a habilidade de unificar o físico e o mental. Um verdadeiro adepto pode dominar essa arte e fazer subir a feminina serpente enrolada em espiral até à mente: o centro cerebral. E é assim que o crânio se torna importante e o motivo pelo qual alguns cálices de crânio tornaram-se o Graal dos Graais.

Também nós, agora, devemos seguir o caminho dos antigos e buscar dentro do crânio. Comecemos com uma das mais recônditas imagens: o Cálice de Crânio Tântrico.

Cálices de crânio

Em sânscrito, cálices de crânio são conhecidos como kapala (daí cap [do inglês, chapéu ou boné] e cup [do inglês, cálice]) e são, em geral, feitos a partir da parte oval superior do crânio. Eles serviram como vasilhas de libação para um grande número de divindades que eram, em sua maioria, coléricas. No entanto, esses cálices de crânio não estão sempre associados a divindades de ira; também são vistos com deuses como Padmasambhava, que segura o "cálice de crânio", o qual, conforme é descrito, contém um oceano de néctar (Elixir) que flutua no vaso da longevidade. Portanto, temos, quase que de imediato, uma indicação do conteúdo desse receptáculo e sua finalidade verdadeira: o Elixir. Esse Elixir esteve no coração de muitas

ordens secretas e era uma das recompensas usadas para estimular as pessoas a se tornarem membros.

Batismo no Graal, Chipre

Mas era mais do que o conteúdo que tinha importância. A escolha do crânio correto era fundamental, e os usuários procuravam por poderes ou energia tântrica. Portanto, uma morte violenta, tal como a decapitação, seria sempre melhor. O simbolismo dos Cálices de Crânio Tântricos é muito semelhante ao do Santo Graal, uma vez que ambos simbolizam a imortalidade. Mesmo alguns escritos alquímicos ocidentais aconselham o uso de cálices de crânio no processo da "grande obra", que, com certeza, é a busca pelo Elixir da Longa Vida. Encontramos repetidas vezes que a "energia" de que se fala, relacionada a esses cálices de crânio, é exatamente a mesma "energia serpentária" ou "fogo" que as sociedades secretas de todo o mundo buscam e afirmam serem capazes de manipular.
Dizem que os Cálices de Crânio Tântricos correspondem aos vasos de barro dos sacrifícios védicos e à tigela de mendicância de Buda, sobre a qual descobri que, em ao menos um mito, continha a serpente.{7} Afirma-se que os crânios servem como uma constante lembrança da morte. O conteúdo dos crânios é, em geral, sangue, mas também o sangue de Rudra, o "Senhor dos animais selvagens", semelhante a Cernunnos.
As origens etimológicas de Rudra são duvidosas. Poderia significar "o vermelho" ou "o que chora", ou derivar do sírio "Rhad", que significa serpente. Em outras áreas também significa "remoção da dor" ou "curador". Rudra é identificado com Shiva, que é o curador divino.
Mahadeva, um dos nomes de Shiva, é, em geral, representado com uma cobra enrolada em seu pescoço, braços e cabelos. Sua consorte, Parvati, é representada da mesma maneira. Bhairava, a Personificação de Shiva, senta-se sobre as voltas de uma serpente enrolada em espiral, cuja "cabeça se levanta acima da cabeça dos deuses".
Ainda, de acordo com Hyde Clarke e C. Staniland Wake em Serpent and Siva Worship, Shiva é o mesmo que Rudra, o curador, e é chamado de o Rei das Serpentes. Ele é representado com uma guirlanda de crânios, que simboliza o tempo contado em anos, a mudança das idades. As vezes é chamado Nagabhushana Vyalakalpa ou "o que tem serpentes ao redor do pescoço" e Nagaharadhrik ou "o que usa colares de serpentes" e também Nagaendra. Nagesha ou "rei das Nagas" é conhecido ainda como Nakula, o "mangusto", que significa aquele que é imune ao veneno da cobra.
Shiva também é visto como um "deus cornífero" e está relacionado de muitas maneiras ao culto da serpente. Tanto Shiva quanto "Shiva na forma de Rudra" são vistos em seu aspecto dinâmico ao estarem enrascados com serpentes. Essas são divindades serpentárias muito antigas e estão relacionadas, aqui, ao cálice da cabeça, reunindo vários elementos díspares: o crânio, o graal, a mente, a cobra e o tempo ou a imortalidade. São divindades serpentárias regenerativas que oferecem a longevidade por meio de seu sangue dentro de um cálice. Em essência, o que temos aqui é a serpente, que habita dentro da mente e, portanto, do crânio, e que nos dá todas aquelas coisas que se diz serem dadas pelo Graal.
Mas, pode algo disso tudo ser relatado mais adiante no tempo e no espaço e chegar à Europa, o suposto lar verdadeiro do Santo Graal?
Lívio, em História, menciona uma atividade celta semelhante no século III d.C. que, simplesmente, precisa estar relacionada aos cálices de crânio indianos. Ao que parece, quando a tribo Boii capturava uma vítima, eles "cortavam-lhe a cabeça e carregavam seus despojos em

triunfo para o mais sagrado de seus templos. Ali, eles limpavam a cabeça, como é seu costume, e envolviam-na com uma fina camada de ouro, servindo-lhes, daí em diante, como um vasilhame para derramar libações e como cálice de bebida para o sacerdote e os assistentes do templo".

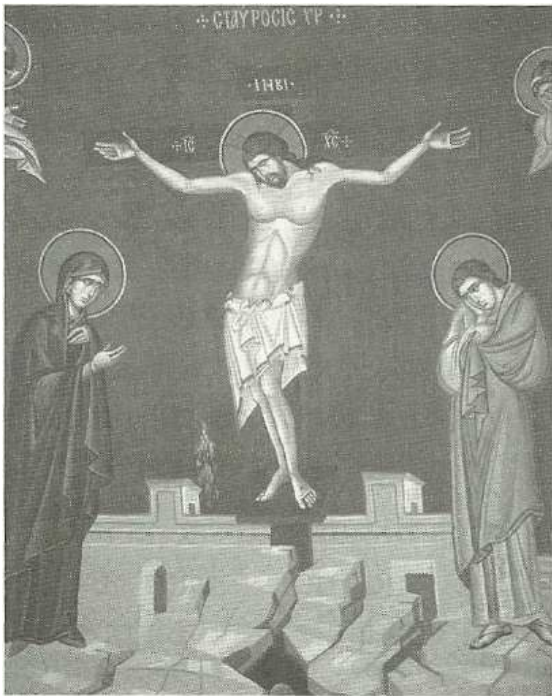
A água consagrada usada nos cálices de crânio era, em regra, tirada de poços sagrados que, como já demonstrei em outro trabalho,[8] eram lugares relacionados de forma intrínseca ao culto da antiga serpente. A idéia aqui é de que essa prática ritual remonta a um passado anterior até mesmo à lembrança total dos celtas; remonta a um tempo em que os cálices empregavam o verdadeiro poder da serpente, não apenas água simbólica. Em essência, a água, fosse de poços, lagos, cisternas ou mares, era vista pelos homens do mundo todo como uma entrada ou portal para o Outro Mundo. Tomar essa água sobrenatural em um cálice sagrado reúne um poder especial na água que não difere do poder da Água-Benta tirada da pia batismal de qualquer igreja cristã.

A etimologia da palavra crânio nos dá algumas intuições interessantes.

Em alemão arcaico é Scala, que também significa concha marinha, o símbolo usado pelos peregrinos em seu caminho para o santuário de São Tiago, na Espanha: um símbolo de vida. Em nórdico arcaico é Skel, que significa "ter escamas" ou ser "como escamas". A palavra skoal, agora bastante usada ao se fazer brindes, também está relacionada de perto com "brinde vindo de um crânio". Essa etimologia por si só mostra o elemento do crânio e seu uso como um vasilhame para bebida enraizado com profundidade na Europa Ocidental. De maneira notável, a palavra skoal também era usada para se referir a um cálice! (A palavra ucraniana Cherep refere-se tanto a crânio quanto a cálice.)

Não devemos nos esquecer que o Messias cristão também foi crucificado no "lugar do crânio ou caveira", Gólgota. Ou seja, seu sangue sacrifical foi derramado dentro do crânio!

Contudo, existem mais aspectos ocultos a serem analisados.

Este lugar, o Gólgota, também está ligado ao signo de Capricórnio, metade-cabra, metade-peixe ou serpente. Capri vem do latim e significa "cabra" [goat, em inglês] ou "cabeça" e córnio significa "chifre". Esse, então, é o "chifre da cabeça" ou "cabra" - o Gólgota.

Cristo crucificado no Gólgota, Mosteiro de Kykkoss, Chipre

Então, Jesus derramou seu sangue dentro do Graal secreto naquele dia fatídico, sendo esse Graal secreto o chifre ou cálice do crânio.

Assim como o sangue serpentário é encontrado nos cálices de crânio, assim o é, também, o sangue de Jesus.

Agora podemos ver por que a cabeça do infame Baphomet dos Templários[9] era vista como um crânio e uma cabra ou bode; era um mistério oculto que tem sido mal interpretado desde

então. A Serpente de Bronze, a cobra que curava, feita por Moisés e agora vista como o Cristo no Novo Testamento, foi erguida no lugar do crânio e a oferenda de seu sangue{10} foi recolhida: o sacrifício último na árvore da vida para o prêmio final da imortalidade. Mas, em verdade, se Cristo é tudo e está em tudo, como nos diz a Bíblia, então podemos todos obter essa imortalidade do único, da deidade xamânica ou Jesus, que visitou o Outro Mundo. Jesus desceu ao inferno por nós, é o que nos dizem; o xamã entraria em um estado de transe, beberia do cálice de crânio e visitaria o Outro Mundo por nós; os sacerdotes do Egito, da América do Sul e das terras célticas fariam o mesmo. Então, essa é uma experiência universal expressa de forma simbólica por meio do crânio. A razão disso é clara: a mente reside dentro do crânio; o poder tântrico e a sabedoria perceptiva das energias serpentárias, quando reunidos, atuam dentro do crânio. Não é de admirar que ele fosse decepado, virado em posição invertida e folhado de ouro. Mas existe mais alguma evidência que demonstra esse simbolismo notável?

Existe um mito Naga{11} que se refere ao lugar do crânio ou caveira. Fala sobre Padmasambhava (Guru Rinpoche), ou tão somente Padma. Ele é reverenciado em muitos lugares e, no Tibete, é mantido ao lado de Buda. De fato, muitos o veem como a "segunda vinda" de Buda. Ele é inseparável do Buda primordial. Ele era "no princípio", da mesma forma que Jesus era "a Palavra".

Ele recebeu da filha de um rei Naga a jóia que satisfaz os desejos e usou-a para restabelecer a visão e obter riquezas. Diz-se que ele transformou a si mesmo em um demônio ao atar uma cobra em seus cabelos e que praticou uma linguagem secreta para permitir que os Nagas o assistissem. Ele falava aos que tinham ouvidos para ouvir; Arjuna (João) ensinou-lhe Astrologia e ele aprendeu tudo sobre Medicina com Jivakakumara.

Enquanto Padma praticava suas habilidades em um cemitério, Garab Dorje nascia de uma virgem, filha do rei Dharmasoka. Agora, por favor, não tente isso em casa, ela não tinha uma utilidade para o filho bastardo e, por isso, jogou-o em um poço de chamas. Mas a criança sobreviveu. Então, ela se lembrou de um sonho no qual dava à luz um ser celeste e, assim, ela o tirou do poço depois de sete dias{12} e, encontrando-o vivo, chamou-o Rolang Dewa.

Nos primeiros anos de sua infância, a criança aprendeu muitas coisas sábias e debateu com 500 grandes pandits, que disseram, com unanimidade, que o garoto era o Buda.

Padma, então, veio como um sábio e (de forma muito semelhante ao que João Batista fez com Jesus) ensinou o Tantra a Garab. Padma prosseguiu em sua busca pelo segredo da longevidade e foi levado a Kungamo, que habitava o palácio dos crânios.

Kungamo transformou Padma em uma sílaba, como Jesus era a palavra, e engoliu-o. Dentro do estômago, ele encontrou os segredos que procurava.

Padma é visto, em geral, segurando um cálice cheio de licor divino, que ele oferece a seus discípulos dizendo "tome disto para alcançar a libertação".

Desta forma, Padma é relacionado ao culto Naga, à serpente, à cura, ao Elixir, por meio do palácio dos crânios. Ele é a palavra; o professor do Cristo, como Garab, que nascera de uma virgem; e ele dá o cálice eucarístico a seus discípulos. Tudo isso é uma representação simbólica do processo quase exato pelo qual um iniciado nos mistérios das sociedades secretas deve passar. É uma parábola do caminho.

Em todos os aspectos, esse maravilhoso e típico conto indiano tem todos os elementos que se

pode exigir para demonstrar que as histórias cristãs medievais sobre o Graal são nada mais que uma repetição de conceitos muito antigos e que tais conceitos giram em torno de uma verdade universal e arquetípica. Essa verdade é que nossa própria imortalidade e nossa própria salvação estão dentro de nossas mentes. Ordens secretas que ensinam esses processos ainda permanecem no mundo de hoje. Algumas ensinam as verdades por meio de métodos orientais, ao passo que outras os ocidentalizaram, mas todas falam da verdade que está dentro de nossos próprios crânios. Agora você conhece a verdade. Ela o libertará?

Capítulo 4

O Segredo do Santo Graal e a Descoberta do Elixir da Vida

No capítulo anterior, vimos como os conceitos orientais dos cálices de crânio contêm o segredo do poder no interior de nossas mentes e como tal idéia foi ocidentalizada. Neste capítulo, faremos uma rápida análise deste conceito ocidental e de como ele lentamente se imiscuiu em nossa cultura por meio de textos medievais que tencionavam esconder as verdades de uma Igreja Católica opressora.

O que é o Graal?

Na verdade, o Graal só emergiu com força na cultura popular por volta dos séculos XII e XIII, com as conhecidas histórias e poemas escritos por Chrétien de Troyes, Wolfram von Eschenbach e outros, mas traços de sua idéia em caldeirões celtas e várias outras lendas podem ser e foram encontrados.

Acredita-se, em suma e desde o princípio, ser o cálice que recebeu o sangue de Cristo quando este estava na cruz, ou que fora mesmo usado por ele na última ceia. As crenças mais recentes estão em extremo contraste e ainda acrescentam o mito do Cristo e mesmo várias doutrinas monarquistas e de sociedades secretas, como veremos.

Desde a publicação de The Holy Blood and The Holy Grail pelos autores Baigent, Leigh e Lincoln no início da década de 1980, sofremos um constante bombardeio de teorias de "linhagem sangüínea" que culminou na histeria de O Código Da Vinci que vemos hoje.

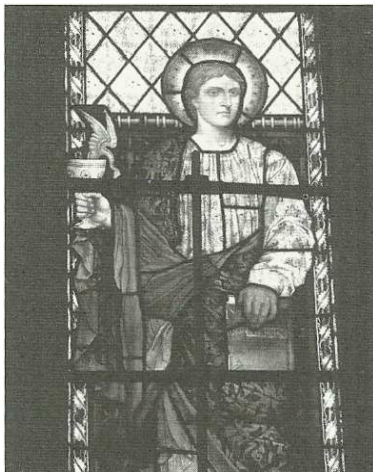
Essa concepção recente nos dá a idéia de que a palavra ou palavras originais usadas para o Graal, san graal, significam, na verdade, "Sangue Sagrado". Contudo, Walter Skeat (1835 - 1912), um dos maiores investigadores das raízes da língua inglesa, aponta, em seu English Etymology, que a etimologia de Santo Graal:

"(...) foi falsificada muito cedo por uma mudança proposital de San Greal (Prato Sagrado) para Sang Real (Sangue Real)."

Skeat afirma que a palavra foi uma corruptela do baixo latim cratella, uma "pequena tigela" ou "cratera" que, na verdade e originalmente significava uma tigela na qual coisas eram misturadas, do grego kpa - "eu misturo".

É claro que, antes de serem compreendidas as evidências em The Serpent Grail, essa etimologia faz pouco ou nenhum sentido. Mas, como veremos, tudo ficará claro.

Eu precisava analisar mais do que a real etimologia desta teoria dos anos 1980 a fim de provar que era incorreta, como eu acreditava ser. Em primeiro lugar, e com veemência, demonstrei que Cristo, como homem real, e, com grande probabilidade, todos os que o cercavam, podem nunca ter existido de fato e foram elementos criados a partir de uma linguagem mística de iluminação muito mais antiga. Dessa forma, ambas as teorias existentes sobre o Santo Graal cairiam por terra: não pode existir um cálice usado por Cristo na Santa Ceia ou um vaso que recebeu seu sangue. Também não podem existir "filhos" de Cristo, gerando a linhagem Merovíngia. Não há nenhuma linhagem sangüínea de fato e Cristo é, na realidade, uma antiga deidade serpentária arquetípica, como o são, da mesma maneira, São João, Hórus,

Esculápio e milhares de outros.

O cálice com o dragão, pertencente a São João

Com o objetivo de refutar a teoria da linhagem sangüínea, precisamos analisar, ainda, a bobagem sobre o infame Priorado de Sião. Para aqueles que não sabem nada sobre esse priorado, ele é tão somente a recriação de uma suposta organização secreta que o embusteiro Pierre Plantard afirmava existir para proteger a linhagem de Cristo. De fato, eu até mesmo tive acesso a seus primeiros "informativos" e descobri que eram nada além de uma espécie de "vigilância de vizinhança".

Os três níveis de nossa reanálise do Graal

Assim, com tudo isso em mente, eu precisava reavaliar por completo toda a mitologia do Graal. O que encontrei foi surpreendente.

Existe a tradição explícita de que o Graal é uma jornada, um método de auto-desenvolvimento. Investiguei todos os textos que pude encontrar tendo esse ponto de vista gnóstico em mente. Descobri que isso era de todo correto e que a literatura do Graal escondia as tradições gnósticas da "mistura dos opostos". Esses gnósticos nada mais eram que uma sociedade secreta cristã dos primeiros tempos que, suprimida pela Igreja Católica, tornou-se oculta para evitar ser descoberta. Os gnósticos originais eram conhecidos como ofitas, que

significava apenas "adoradores da serpente". Eles veneravam a sabedoria das serpentes e possuíam um maravilhoso simbolismo da união das energias serpentárias gêmeas que permanece conosco até hoje, e que representa a união dos opostos.
É aqui que as personalidades separadas da "mente" são reunidas, repetidamente, para "criar o homem perfeito", simbolizado pelos alquimistas como o Andrógino ou Hermafrodita (Hermes e Afrodite, homem e mulher unidos dentro de nós). O processo é mais profundo que isso e levaria muito tempo para explicá-lo no todo. Basta dizer que esse procedimento de mistura ocorria no "cérebro" e, portanto, no crânio, e era simbolicamente concebido em cores como vermelho e branco.
Essa localização no cérebro ou no crânio tornou-se evidente em outras culturas de onde as idéias gnósticas européias também emergiram, sendo uma delas a dos Cálices de Crânio Tântricos da Índia e mesmo a história de Cristo, ao derramar seu sangue sacrificial no Gólgota, o lugar do crânio ou caveira.
Em suma, o processo místico completo era quase o mesmo no mundo todo e é, em regra, conhecido hoje na Índia como a kundalini. Essa é uma tradição oriental para alcançar a iluminação e significa serpente enrolada em espiral. E o método de elevar serpentes gêmeas por meio de um processo psicológico específico até que o ser seja totalmente iluminado, conseguindo o Graal. Em cada caso, no mundo inteiro, esse processo relacionava-se à serpente, à cobra ou ao dragão, que, para esse propósito místico, eram a mesma coisa. Pode ser visto com bastante clareza, hoje, na famosa figura do Caduceu sobre as insígnias médicas, ambulâncias, hospitais, dentre outros. Também pode ser visto na representação poderosa da serpente Uraeus, que sai da testa dos faraós egípcios. Pode ser encontrado, ainda, em quase todas as sociedades secretas.
O que descobri no curso de minhas pesquisas foi a ocorrência impressionante da serpente nos mitos, folclore e religiões pelo mundo inteiro e em todas as épocas.
Podemos ver suas origens até mesmo no passado longínquo da África antiga, onde ainda hoje a serpente é pregada a uma árvore ou cruz como um sacrifício pela comunidade. Isso é a continuação de um sistema que se estende por milhares de anos até o passado. É um elemento simbólico, mas também possui um nível prático, como veremos. Mesmo no século XVI existiam moedas alemãs chamadas táleres que traziam o Cristo na cruz de um lado e, do outro, uma cobra na cruz. Dizia-se que a imagem representava "aquele que curava tudo".
Podemos ver, da mesma forma, a influência da serpente na Bíblia desde Adão e Eva. Acredite ou não, Eva, de fato, significa "serpente fêmea", pois vem da raiz hawwah ou hevviah e deriva, entre outras, da deusa Ninlil, a divindade serpentária suméria associada à deusa Asherah [Aserá], que era vista no Templo de Jerusalém como uma árvore envolvida por serpentes. Mesmo a constelação "Serpens" era chamada de "Pequena Eva" por certos árabes.
A lenda diz que Adão era o pai de Seth, que era chamado o "Filho de Serpentes".
A serpente não causava, de forma alguma, a perdição da humanidade. Ela fazia Adão e Eva semelhantes a "Deus", concedia o conhecimento máximo. Isso é linguagem gnóstica secreta para expressar que o conhecimento verdadeiro é encontrado dentro de si mesmo por meio da união dos opostos masculino e feminino e de um processo inteiro de crescimento psicológico.
Vemos até mesmo a imagem última da divindade ou iluminação na aura ou auréola representadas ao redor das cabeças dos santos. Demonstrei que essa imagem deriva da cobra

de capelo, ou naja, da Índia, como símbolo de imortalidade e sabedoria serpentária divina.
Em Malta, descobri crânios alongados de certos sacerdotes que datavam da era da construção do Templo. Esses crânios foram feitos com o uso de tábuas de madeira sobre as cabeças de bebês, a fim de fazer o indivíduo parecer ter cabeça de serpente, com longos olhos semicerrados e pele esticada. Essas pessoas eram conhecidas como sacerdotes serpentes, e o alongamento dos crânios fazia as glândulas do cérebro secretar determinados hormônios psicóticos benéficos à experiência de iluminação e a estados alterados de consciência. Os sacerdotes serpentes originais eram uma elite, mantida de maneira secreta e separada do grupo principal: a sociedade secreta original da serpente iluminada!
É claro que a própria Malta está infestada de folclore serpentário, sendo o mais recente o relato sobre São Paulo. Essa história, criada no século XIII, diz que São Paulo sobreviveu a um naufrágio em Malta, subjugou as serpentes selvagens e então curou as pessoas com seu recém-descoberto poder serpentário. Com certeza nada disso aconteceu, mas os cristãos não podem ser criticados por suas habilidades de marketing.
Uma vez demonstrado, creio eu, de forma suficiente, o fato do culto mundial à serpente e reforçado basicamente o que certos estudiosos vitorianos não conseguiram trazer de todo devido ao medo cristão, eu continuei e analisei cada uma dessas tradições, pois nelas estavam as origens da serpente cultuada pelos maçons, pelos Assassinos (uma sociedade secreta medieval), pelos rosacrucianos, pelos Templários e muitos outros.
Em cada caso, a serpente ou cobra era um símbolo de sabedoria, energia e imortalidade.
O elemento de sabedoria e energia da serpente podia ser explicado, agora, por meio do "despertar" da "serpente enrolada em espiral" ou processo da kundalini, mas isso não esclarecia por completo o aspecto da imortalidade do simbolismo da serpente. Tive de me voltar para a ciência para encontrar uma explicação sobre esse aspecto. Ali mesmo o processo todo tinha começado, no princípio, e era ali que eu encontraria o elixir secreto protegido ao longo de gerações pelas sociedades secretas e escondido dentro da linguagem arcana dos alquimistas.

O elixir

Antes de sequer pensar em escrever um livro sobre o Graal, o Elixir ou a Pedra Filosofal, eu havia publicado The Shining Ones e acabado de fazer muita publicidade nos jornais e rádio. Eu estava então, naquele período, procurando por alguma outra coisa para empreender. Bem, certa noite eu estava deitado lendo um antigo livro, já mofado, sobre alquimia.
Por volta de uma hora da manhã, quando eu tomava chá, minha esposa, que lia suas publicações médicas, disse algo sobre veneno de cobra e linfócitos T. Como não fizesse nenhum sentido, pedi que ela esclarecesse.
Ela explicou que cientistas haviam feito, recentemente, a constatação de que certos elementos do veneno de cobra auxiliavam a reprodução de linfócitos T. Os linfócitos T, disse ela, eram aqueles que auxiliavam nosso sistema imunológico, mantendo-nos vivos.
Minha mente disparou uma vez que eu, mesmo naquele momento, já sabia muito sobre serpentes, dragões e seus aspectos simbólicos nas lendas de Arthur e outras. Eu soube de pronto, ou fui "iluminado" para o fato de que esse era um lado físico da imortalidade simbólica da cobra e, assim, começaram dois anos de pesquisas sobre ela, seus mitos, e agora sua ciência.

Descobri, com o acompanhamento de muitas pesquisas científicas e comparação de dados, que as proteínas, peptídeos, polipeptídeos e enzimas específicos encontrados no veneno de cobra haviam sido, de fato, utilizados pelo homem antigo, por milhares de anos, em todos os tipos de aplicações médicas e que o veneno era até mesmo, de forma inacreditável, misturado com o sangue da cobra ou o de um hospedeiro. Essa era a mistura vermelha e branca para auxiliar a saúde e melhorar a vida do indivíduo. Descobrimos, ainda de modo surpreendente, que essa mistura se fazia dentro de uma "tigela de mistura" ou crânio e era, então, tomada como um Elixir da Vida, o que chegou a nós como um dos elementos do Santo Graal.

O veneno de cobra também era preparado como uma "pedra" ou pílula. Soubemos, ainda, que este veneno possui propriedades psicoativas que induzem estados alterados de consciência e vivências místicas muito semelhantes às necessárias para a verdadeira experiência da iluminação. Ele foi visto, portanto, em termos físicos, como um método de encontro com os "deuses".

De ambas as formas, como uma verdadeira pílula vitamínica ou uma chave para o mundo místico, o veneno da cobra era um produto único.

E, além disso, descobri que o mesmo "Cristo" que, ao que se diz, ofereceu o sangue da "vida eterna" no cálice, era visto, ele mesmo, no princípio, pelos primeiros cultos cristãos e gnósticos (como os oítas ou adoradores de serpentes) como nada além de uma serpente!

"Tal como Moisés levantou a serpente de bronze no deserto, assim deve o Cristo ser levantado", diz a Bíblia, e assim o foi.

Os primeiros cristãos tinham inclusive uma Comunhão do Agathodemon ou "serpente boa", realizada com cobras vivas e um cálice especial, que se tornou o lendário Santo Graal tão bem conhecido por nós hoje. Nos primeiros anos do Cristianismo, Jesus era até mesmo representado como uma cobra ou uma cruz Tau.

Voltando à antiga África, no entanto, notei, inclusive aí, a similaridade entre o Cristo crucificado e a serpente pregada à árvore. Mas o que eu também descobri foi que essas mesmas pessoas se valiam, de fato, das várias partes da cobra e utilizavam-nas para a cura, sendo as glândulas salivares ou produtoras de veneno as mais preciosas.

Outro efeito colateral da ingestão de veneno de cobra é a ocorrência de malformações genéticas derivadas das imensas quantidades de proteína. Uma dessas mal-formações é craniana: o alongamento do crânio, tal como aqueles encontrados em Malta.

Conclusão

Embora eu não tenha o espaço necessário para explicar a Pedra Filosofal neste curto capítulo, descobri que ela, de fato, representa ambos os aspectos gnóstico e de dualidade do elemento de sabedoria da serpente, e também era usada como um disfarce à verdadeira mistura do veneno e do sangue nos textos alquímicos. Tal como o próprio Wolfram von Eschenbach, famoso escritor sobre o Graal, afirmou que a Pedra e o Graal eram uma única e mesma coisa, descobri que esse é, de fato, o caso.

Basicamente, então, toda a mitologia moderna sobre o Graal está errada. Não apenas a mais recente teoria da "linhagem sangüínea", mas também o conceito original de ser o verdadeiro cálice que recebeu o sangue de Cristo. De fato, esse elemento do mito é simbólico e assim deve

permanecer, pois Cristo, como a boa serpente, ofereceu mesmo seu verdadeiro Elixir da vida eterna, tanto conforme os conceitos psicológicos gnósticos, como a Kundalini, quanto no veneno e sangue reais da serpente. Uma indicação de Cristo como a serpente foi, também, encontrada no abandono de pele. As cobras trocam suas peles, abandonando as antigas com regularidade, e os antigos viam isso como um renascimento, que foi copiado com a entrada de Cristo na caverna e o abandono de sua mortalha.

Arthur, como figura literária, foi escolhido como o "salvador" moderno para redescobrir esse cálice porque ele era o Pendragon. Pen significa "cabeça" ou "líder" e, portanto, Arthur é o dragão ou serpente, líder, como Cristo o foi.

O que também descobrimos é que toda linhagem nobre ou de realeza no mundo afirmava descender da serpente. Sejam os merovíngios ou os imperadores chineses do dragão, todos asseguram ser descendentes da "linhagem de sangue" da serpente! E, assim, ficou fácil para David Icke e aqueles como ele afirmarem que a família real é composta mesmo de répteis metamorfos, uma vez que sua própria história mitológica alega serem eles descendentes da sábia serpente, a mesma que está no coração das sociedades secretas de todo o mundo.

A história mundial, com certeza, não é como pensávamos que fosse.

Capítulo 5

Os Vigilantes

Devemos nos voltar, agora, para uma das mais remotas de todas as origens das sociedades secretas, da qual deriva grande parte da terminologia e do simbolismo ainda usado, nos dias de hoje, pelos maçons, rosacrucianos e muitos outros - os Vigilantes - também conhecidos como os "filhos de Deus" e, em hebraico, como Eyrim (Nefilim). Ao fazer isso, analisaremos as próprias origens das primeiras sociedades secretas e as influências da astroteologia e do culto da serpente sobre elas.
Zecharia Sitchin, em O Caminho para o Céu, afirma que:

"Os acadianos chamavam seus predecessores de shumerianos e falavam sobre a Terra de Shumer. Era, na verdade, a bíblica Terra de Shin'ar, a terra cujo nome - Shumer - significava, de forma literal, a Terra dos Vigilantes. Era, de fato, a egípcia Ta Neter - a Terra dos Vigilantes, a terra de onde deuses tinham vindo ao Egito."

Então, Suméria poderia significar "Terra dos Vigilantes" e é desta terra que os Elohim ou Iluminados, que governavam os Vigilantes, também vieram. Em The Origin of Consciousness in the Breakdown of the Bicameral Mind, Julian Jaynes nos diz algo interessante sobre esses deuses governantes:

"Por toda a Mesopotâmia, desde os tempos mais remotos da Suméria e da Acádia, todas as terras eram posses dos deuses e os homens eram seus escravos. Sobre isso, os textos cuneiformes não deixam a menor dúvida. Cada cidade-estado possuía seu deus principal e o rei era descrito, nos documentos escritos mais antigos de que dispomos, como 'arrendatário de terras do deus'."

Vamos analisar esses Elohim por um momento a fim de descobrir quem eram esses "deuses" que, ao que se supõe, escravizaram os homens e eram responsáveis pelos Vigilantes.

Elohim

Esse é o termo usado, em geral, no Antigo Testamento (e em outros textos que não pertencem a ele, como o Alá muçulmano = Elah), para o Senhor, um uso incorreto, uma vez que o termo é plural e significa "Iluminados".
Podemos ver essa pluralidade no texto do Gênesis 1:26: "E Deus disse, Façamos o homem a nossa imagem e semelhança". E de novo em Gênesis 6:2: "Os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram formosas". Essa denominação "filhos de Deus" é, em termos literais, "filhos de deuses" e vem de ben há-elohim, "filhos dos iluminados".
O termo sumério EL significa tão somente brilhante ou iluminado; o nome irlandês arcaico Aillil significa iluminado; no idioma arcaico da Cornualha, EL significa iluminado; Elfo significa iluminado, daí serem os elfos semelhantes a seres angelicais elevados/misteriosos; o

termo inca Illa significa brilhante ou brilhar; o nome babilônio Ellu é brilhar - para mencionar apenas algumas denominações que se espalharam pelo mundo a partir da mesma fonte suméria.
Baal, a divindade referida, em regra, como "Senhor" na Bíblia, também é visto como um iluminado no Antigo Testamento e é chamado o Proprietário. Naquela época existiam muitos "Proprietários" ou iluminados; na verdade, existia um para cada vilarejo.
Para esses hebreus, os Elohim eram deidades da natureza ainda dos tempos sumérios antigos. De acordo com o General Albert Pike, o famoso historiador maçom, em Moral e Dogma, os Elohim eram a "hoste do céu", subindo e descendo para transmitir mensagens para Deus ou o líder (Javé) e Dele para os homens. A hoste do céu era, é claro, composta das estrelas do céu noturno humanizadas.
Alguns dos iluminados eram denominados Vigilantes e são semelhantes aos anjos do Senhor. Javé Elohim significa tão somente "líder dos iluminados".
Então temos, agora, como deuses, esses múltiplos Elohim ou iluminados, que estão acima até mesmo dos reis e que proveem Vigilantes para que se encarreguem do homem e, como apontou Sitchin, eles também estavam no Egito.
Essa Ta Neter que Sitchin menciona se parece com a palavra egípcia Ntr, um nome para Ptah e outros deuses e que significa guardião ou vigilante. Ta Neter também é o nome para os estreitos ou canais do Mar Vermelho que conectavam a Mesopotâmia e o Egito, e é conhecido como o lugar dos deuses. A palavra Neter ou Ntr significa e deriva do conceito de neutralidade e é tão somente o lugar entre, o caminho entre os pilares ou o local entre a vigília e o sono de que falamos anteriormente.
Esses Vigilantes também são conhecidos como Urshu e eram tidos como seres menos divinos que os deuses, embora, nesse exemplo, como Graham Hancock aponta em As Digitais dos Deuses, os Urshu falam dos Neteru (Ntr) como se eles fossem os deuses e os Urshu, os Vigilantes. Seja qual for a verdade nesta questão, não é de admirar que a confusão tenha se instalado ao longo de tantos milhares de anos. Permanece, no entanto, o fato de que os antigos falavam de um tempo em que havia deuses ou iluminados que governavam tanto a Suméria, acima, quanto o Egito, abaixo, e que se valiam de vigilantes perante a gente comum. Da mesma forma que um Faraó do Egito era um deus-na-Terra, os sacerdotes dos Elohim (estrelas) também eram estrelas-na-Terra.
O Livro Egípcio dos Mortos dá nomes a esses Vigilantes:

"Anúbis e Hórus, na forma de Hórus, o sem visão. Outros, contudo, dizem que eles sãos os Tchatcha, que invalidam as operações de suas facas; e outros ainda dizem que eles são os chefes da câmara de Sheniu."

Então, mesmo no antigo Egito, ao tempo em que o Livro dos Mortos foi escrito, havia confusão. De acordo com Sitchin em As Guerras dos Deuses e Homens:

"Eles chegaram ao Egito, escreveram os egípcios, vindos de Ta-Ur, a 'Terra Estrangeira Distante', cujo nome Ur significava 'a mais velha', mas poderia também ter sido o verdadeiro nome do lugar, um lugar bem conhecido de registros mesopotâmicos e bíblicos: a antiga cidade

de Ur."

Devemos ressaltar aqui que essa Ur é o mesmo lugar em que, conforme se diz, o pai das três maiores religiões do mundo, Abraão, foi instruído.
De acordo com a lenda de Votan (note a semelhança com o nórdico Wotan, que se diz ter vindo do outro lado do mar), da América Central, ele era a serpente descendente da raça de Can e era chamado de guardião ou vigilante, bastante parecido com Canaã, como sugeriram pessoas como Zelia Nuttal em Papers of the Peabody Museum.
Esses cananeus estão associados a muitos lugares que giram em torno dos Iluminados e dos sacerdotes originais das serpentes, outro nome para os Iluminados.[13] A serpente era conhecida, na língua de Canaã, de formas variadas, como Aub, Ab; Oub, Ob; Oph, Op; Eph, Ev. Na língua maia, "Can" também significa serpente, como na serpente-pássaro Cuculcan, e tal como no antigo sumério Acan e no escocês Can para serpente (de onde deriva a palavra "canny" [sagaz, prudente] como a serpente sábia). Vulcano (termo cujo som é parecido com Votan e Wotan), o deus romano do fogo, vem do termo babilônio Can, para serpente, e Vul, para fogo, o que mostra um elo etimológico que atravessa milhares de quilômetros e oceanos e significa, portanto, que Vulcano é a serpente iluminada. Na verdade, até o nome do próprio centro do mundo cristão, o Vaticano, vem das palavras "vatis" para profeta e "can" para serpente, fazendo do Vaticano um lugar de profecia serpentária.
Os hebreus designavam esses Vigilantes nun resh'ayin, que significa "aqueles que vigiam". No grego, isso é traduzido como gigantes, uma raça que o próprio escritor Hesíodo, de 907 a.C., caracterizava como monstruosa (sem dúvida graças a seu aspecto serpentino). Agora podemos compreender o papel dos gigantes[14], vistos pelo mundo das tradições, como a presença dos Vigilantes.
Enoche, em 1 Enoche 20:1-8, nos dá até mesmo os nomes desses Vigilantes, e notei que todos eles carregavam o título de Iluminados na sua terminação:

"E estes são os nomes dos santos anjos que vigiam. Uriel, um dos santos anjos, que está sobre o mundo e sobre o Tártaro. Rafael, um dos santos anjos, que está sobre os espíritos dos homens. Raguel, um dos santos anjos, que faz vingança no mundo dos luminares. Miguel, um dos santos anjos, ou seja, aquele que está assentado sobre a melhor parte da humanidade e sobre o caos. Saraqael, um dos santos anjos, que está assentado sobre os espíritos que pecam em espírito. Gabriel, um dos santos anjos, que está sobre o Paraíso e as serpentes e os Querubins. Remiel, um dos santos anjos, que Deus assentou acima daqueles que se levantam."

Observe que Gabriel, o mensageiro que anunciou o nascimento de Jesus e transmitiu sabedoria a Maomé, é responsável pelas serpentes. Remiel está acima daqueles que se levantam: aqueles que buscam a iluminação.
No Testamento de Amram (manuscrito B) temos uma percepção notável com relação ao aspecto desses Vigilantes iluminados:

"Eu perguntei-lhes, 'Quem sois vós, que tendes tamanha autoridade e poder sobre mim?' Eles

responderam, 'Foi-nos dado poder e autoridade e governamos toda a humanidade'. Eles disseram-me, 'Qual de nós tu escolhes para te reger?' Eu levantei meus olhos e observei. Um deles era aterrorizante em sua aparência, como uma serpente, seu manto muito colorido e, ainda assim, muito escuro. E olhei novamente, e em sua aparência, seu semblante como uma víbora, vestido de forma excepcional, e todos os seus olhos (...) Eu lhe respondi, 'Este Vigilante, então é ele?' Ele respondeu, 'Este Vigilante (...) e seus três nomes são Belial, Príncipe da escuridão e Rei do Mal'."

O Livro dos Jubileus de Moisés era, no início, chamado o Apocalipse de Moisés, uma vez que se supõe ter sido escrito por Moisés enquanto este esteve no Monte Sinai, ditado por um Vigilante ou anjo. Esse livro tencionava ser a história dos dias antigos e revela o propósito dos Vigilantes:

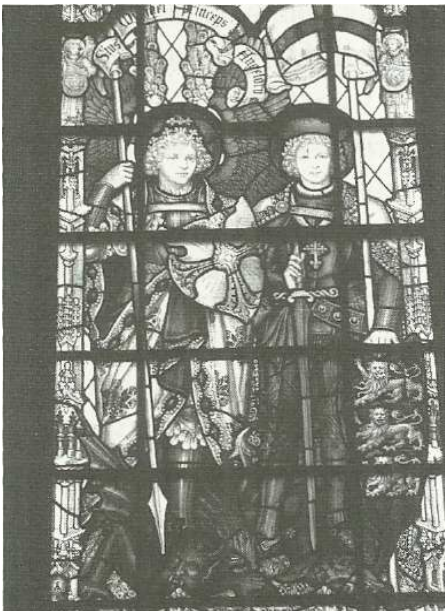
"Pois naqueles dias, os anjos do Senhor [Elohim - Iluminados] desceram sobre a terra [desceram de sua fortaleza na montanha], aqueles que são chamados Vigilantes, e deveriam instruir os filhos dos homens e realizar o julgamento e a retidão sobre a terra."

Esses Vigilantes, de acordo com o Livro dos Jubileus, são os filhos de Deus de que fala o Gênesis, enviados de sua morada celeste para instruir os homens. O que parece ter ocorrido é que eles caíram de seu estado de graça ao se deitarem com as filhas dos homens e foram, assim, expulsos, dando-nos os anjos caídos que conhecemos hoje. No entanto, de acordo com A Dictionary of Angels, nem todos esses Vigilantes desceram da morada celeste e aqueles que não o fizeram foram chamados Vigilantes sagrados, residindo no quinto céu. Como o próprio Enoche testemunhara em desfavor desses Vigilantes caídos, foi protegido pelos Iluminados governantes e transportado para o Jardim do Éden (Éden significa planalto e é, portanto, um lugar específico):

"E eu, Enoche, estava bendizendo o Senhor de majestade e o Rei das idades, e ah! Os Vigilantes chamaram-me - Enoche, o escriba - e disseram-me: 'Enoche, escriba de retidão, vai, declara aos Vigilantes do céu que deixaram o alto do céu, o eterno lugar sagrado, e que se mancharam com mulheres e agiram como os filhos da terra agem e tomaram esposas para si: Vós tendes causado grande destruição à terra. Vós não havereis de ter paz ou perdão do pecado. Posto que se regozijaram em seus filhos, o assassinato de seus amados deverão ver, e sobre a destruição de seus filhos deverão lamentar, e farão súplicas à eternidade, mas a misericórdia e a paz não alcançareis'." (1 Enoche 10:3-8)

De acordo com Andrew Collins, em From the Ashes of Angels: The Forbidden Legacy of a Fallen Race, os Vigilantes caídos fazem um juramento de se manter unidos. O lugar dessa trama é chamado Ardis, o mítico topo do Monte Hermon, que deriva da palavra hebraica para maldição (harem). Depois desses atos dos Vigilantes caídos, os Iluminados invocaram uma grande inundação sobre a Terra para destruir sua descendência. Noé é advertido a construir um grande navio para escapar da destruição iminente. Com certeza houve alguma grande batalha entre os dissidentes e os Iluminados e os Vigilantes leais, o que possibilitou a Miguel,

Gabriel e os outros matarem os Vigilantes caídos que restaram. A inundação, ou dilúvio, é a idéia simbólica da ulterior purificação da terra (e da mente) e o recomeço da raça humana (ou do eu) em conformidade com os ideais dos Iluminados, uma provável fusão entre uma lembrança popular de alguma grande catástrofe e o evento verdadeiro. Existiram outras catástrofes, descritas em documentos como sendo o julgamento dos Vigilantes remanescentes, o que deve ser tão somente lembranças populares de catástrofes reais e cuja causa recaiu sobre as transgressões dos Vigilantes caídos. De fato, até os espíritos desses Vigilantes caídos são considerados culpados de males futuros, como Enoche aponta:

"E os espíritos dos gigantes afligem, oprimem, destroem, atacam, travam batalhas e causam destruição e dificuldades sobre a terra: eles não comem, mas, não obstante, estão famintos e sedentos e causam transgressões. E esses espíritos levantar-se-ão contra os filhos dos homens e contra as mulheres, porque estes prosseguiram."

São Miguel e São Jorge - vigilantes angélicos

Notáveis revelações que os Vigilantes admitiram transmitir aos filhos do homem foram os conhecimentos dos sinais da Terra: a escrita, a meteorologia, a geografia e a geodésia. Todas elas sugerem que esses Iluminados compreendiam a energia e o poder da Terra e seu eletromagnetismo, para não mencionar os movimentos dos planetas. Existem muitos mitos sobre grandes construtores, arquitetos e mágicos desses tempos no mundo todo, e todos eles remontam completamente às origens desses Iluminados. Podemos ver a semelhança nas estruturas européias (e de outros lugares) dos montes funerários com o fato de que um dos Vigilantes caídos, Azazel, foi lançado ao deserto, onde colocaram acima dele rochas ásperas e pontiagudas.

Muito desse mito dos Vigilantes pode ser encontrado nos contos de guerras e fusão de povos

por todo o Oriente Médio: entre cananeus, egípcios, sumérios e mesmo civilizações asiáticas. Mas a tendência implícita é uma crença nos Iluminados como líderes e os Vigilantes a cumprirem suas determinações, o que evolui para Deus com seus seres angelicais.
Tudo o que foi dito até aqui é exatamente o que dissemos sobre sociedades secretas, que eram responsáveis e mantinham autoridade a partir de uma posição religiosa. Sabemos que a humanidade divinizava os "homens de renome", os mesmos Anunnaki/Anaquim aos quais estas histórias se referem, e, portanto, sabemos que esses Iluminados eram meros homens, com a única diferença de que o estado hipnagógico (o lugar entre a vigília e o sono) os apartava do restante do grupo social. Os termos Anunnaki, Anaquim e mesmo Nefilim significam "aqueles que desceram do céu à Terra", e são uma referência ao seu posicionamento e localização no planalto do Éden (Éden significa planalto ou platô). Eles observavam as pessoas que estavam abaixo: vigiavam. Eles representavam o Sol, a Lua e os planetas na Terra. Isso não quer dizer, como alguns nos fariam acreditar, que eles vieram das estrelas, mas eram representantes das deidades celestes.
A verdade sobre a história dos Iluminados e seus Vigilantes tem sido objeto de um expurgo por muitas autoridades judaicas, preocupadas, de forma compreensível, com a possibilidade de que os mitos desses anjos e seu culto pudessem distrair as pessoas do culto do deus único. Para tanto, o Livro de Enoche e o Livro dos Jubileus, já mencionados, foram banidos da lista das obras aceitas e são conhecidos agora como Apócrifos ou pseudepígrafos. O que sabemos, no entanto, é que esses Vigilantes continuaram no que se descreve como a corrente oculta e foram chamados egrégoras.

"A Cabala nomeia 72 (...) regentes angélicos nacionais, que os hebreus chamam de Elohim (Iluminados); o termo técnico metafísico Egrégoras também é usado para designá-los. Derivado da palavra grega egregoros, significa 'vigilante' ou 'guardião'. A função de um Vigilante é proteger de pressões externas uma região ou grupo étnico designado para seus cuidados. A região é sempre delimitada a partir de outra que lhe coloque uma ameaça de alguma espécie. Um dado grupo de pessoas (o grupo daqueles que são protegidos) é "atado" a certa área ou jurisdição. (...) Aqui, também, encontramos o 'enigma da fundação de cidades e estados. (...)' Além disso, tanto os antigos romanos como os chineses da atualidade reconhecem a existência de espíritos guardiões assentados sobre cidades. De fato, um autor relata, como segue, a guerra oculta travada com cidades inimigas pela antiga Roma: 'Os romanos, quando sitiavam uma cidade, tinham o hábito de inquirir, com muito cuidado, o nome da cidade e de seu espírito guardião. Quando os descobriam, invocavam o espírito guardião da cidade e seus habitantes e o subjugavam'." (Willy Schrodter, Commentaries on the Occult Philosophy of Agrippa)

Egrégora

Esse termo é grego e significa "despertar do sono", "ser provocado pela paixão", "estar desperto" ou "vigiar" - relacionado, quanto à sua etimologia e de forma inacreditável, à experiência de iluminação do despertar ou ao lugar entre a vigília e o sono. A raiz da palavra parece ser o termo sírio ir ou er e reverte a Vigilantes, sendo também relacionada a Ur, o lar

de Abraão.
Tornou-se, ainda, um termo gnóstico e místico, que se acreditava significar "inconsciência coletiva", mas relacionada aos Vigilantes por M. Denning e O. Phillips em The Magical Philosophy.
Eliphas Levi (mago e místico do século XIX) fala sobre essas egrégoras em inúmeras ocasiões e faz até mesmo ligações entre elas e os gigantes ou Vigilantes de que se fala no Livro de Enoch,[15] dizendo que "tomam forma e se mostram com a aparência de gigantes: essas são as egrégoras do Livro de Enoch. (...) Chamados de vigilantes celestes ou egrégoras pelos antigos".
Levi também chama tais egrégoras de Anaquim (Iluminados, homens de renome, gigantes) da Bíblia e afirma serem mencionados nos mitos de várias culturas, tal como temos descoberto.
Portanto, parece que Levi (e outros) sabia sobre essas egrégoras ou Vigilantes a partir do Livro de Enoch, recém-traduzido e amplamente disponível (em círculos místicos). Sabe-se bem que Levi tinha tendências rosacrucianas e este movimento também tinha consciência do significado da palavra. Na verdade, acreditavam que as egrégoras ainda existiam e atuavam de forma oculta. Existe uma verdadeira legião de místicos dos séculos XVI e XVII, inclusive o dr. John Dee, que também tinham ciência do Livro de Enoch e o plagiaram de maneira ampla. Insinua-se que Dee fora um dos fundadores dos rosacrucianos, além de espião do reinado da Rainha Elizabeth. O número oficial de Dee nos círculos espiões do reino era 007 e Elizabeth era M. Como os posteriores Illuminati, os rosacrucianos eram uma suposta reação às atividades dos jesuítas. Tudo isso traz à mente os textos escritos por Dee e seu seguidor, Edward Kelly, que foram ditados por anjos! De maneira surpreendente, esses textos abordam os "antigos". Alguns desses textos chegaram às mãos de Dee (e, portanto, não foram dados por anjos) quando estava a serviço de Rodolfo II, em Praga.
De modo surpreendente, o famoso Necronomicon nos conta sobre uma "fabulosa cidade de Irem". Irem dos Pilares é parte da crença popular mágica árabe e foi construída pelos Jinn [Gênios] ou anjos e é possível que se constituísse, também, de Torres de Vigília - "torres dos Vigilantes". A palavra hebraica Erim significa despertar.
Os Pilares foram construídos de acordo com as instruções do Senhor da tribo de Ad (que significa eternidade), cujos membros são mencionados, em termos hebraicos, como Nefilim, os gigantes ou Vigilantes dos Iluminados e, no Livro de Enoch, como Irim. De acordo com lendas árabes, essa Irem está localizada em Rub al Khali, que significa o quadrante vazio ou o vazio. O vazio poderia ser um local árido real ou um termo para o "espaço entre" o que temos discutido. Os arqueólogos identificaram o local exato de Irem como sendo a cidade perdida de Ubar.
Outra conexão entre Enoche e os mistérios dos modernos alquimistas, místicos e videntes, é encontrada nos textos de A. Bar Hebraeus, do século XIII, que investigou, por vários anos, os antigos textos da Biblioteca de Maragha e nos dá essa indicação única:

"Os antigos gregos dizem que Enoche é Harmis Trismaghistos." (The Chronography of Bar Hebraeus, traduzido para o inglês por E. W. Budge, 1932).

Esse é nada mais que Hermes Trismegisto,[16] o três vezes grande, a quem todos os místicos têm em grande estima por ter transmitido segredos antigos e profundos, e que é visto como o pai de quase todas as ordens secretas ocidentais. Temos evidências aqui também de que o livro de Enoche já era conhecido no fim do século XIII.
Se os verdadeiros Iluminados, Vigilantes ou egrégoras estiveram ou não presentes de fato, em forma física, durante essa vasta amplitude de tempo, ainda é objeto de debate, mas o que isso nos mostra é que a influência antiga dos Iluminados ainda existia.
Mesmo o Thesaurus Temporum, traduzido para o latim na metade do século XVII, nos dá uma cronologia de eventos acerca dessas egrégoras.
No ano 1000 a.C. eles desceram (primus egregorum descensus) e, por volta de 1487 a.C., levaram Enoche ao Paraíso (Enoche transferatur in paradisum) devido à dissidência dos Vigilantes caídos.
Parece, então, que a idéia e a história de extrema antigüidade dos Iluminados ainda estavam bastante vivas e eram propagadas em segredo pelos místicos dos últimos séculos. Elas eram parte fundamental de seus segredos ocultos. E assim surge a questão: por que eles sentiram a necessidade de esconder tais segredos?
Nos dias de hoje, a egrégora é vista nos círculos ocultistas como uma forma energética, semelhante à kundalini! De acordo com o web-site rosacruciano:

"Em poucas palavras, de um ponto de vista místico, Egrégora (egregore, palavra de origem latina) é o conjunto de formas-pensamento criado, no plano astral, por um grupo de indivíduos. A Egrégora pode mudar com o tempo, de acordo com a qualidade dos membros do grupo. Cada grupo possui uma Egrégora distinta. Qualquer grupo que tenha a habilidade de obter uma sincronia com uma Egrégora específica pode alegar sua autenticidade como continuação de grupos anteriores que a utilizaram ou a desenvolveram."

A Ordem Martinista dos Cavaleiros de Cristo, que afirma ser herdeira dos rosacrucianos e de outros, nos diz:

"Seu objetivo é libertar o ser humano do domínio do Príncipe deste Mundo e alcançar a União Mística da personalidade autoconsciente (consciência) com a profundidade individual (superconsciência). Seus membros esforçam-se para ter acesso à maestria por meio da reunião com o "Reino do Centro", propício à descida do Paráclito, enviado por Cristo, em conjunto com a assistência oferecida pelo vínculo, ao lado do Iniciador à Egrégora, protetor da Corrente Secreta."

"Uma sucessão apostólica de poder", sugere John Michael Greer em Inside a Magical Lodge, é "uma função básica da egrégora".

'"Cultuem-me!', grita a Egrégora. 'Eu sou o filho de Deus; você não é nada além de uma criatura pecadora e sem valor, maldita desde o nascimento e destinada ao inferno não fosse

pelo meu sacrifício; e sem mim você jamais alcançará o céu!'" (Marcelo Ramos Motta, Carta a um Maçom)

"A egrégora é um espírito grupal que serve para lembrar o iniciado de seus objetivos. Ela informa e guia o indivíduo e protege a corrente viva da fraternidade. Ingressa-se na corrente viva da fraternidade quando um Setiano realiza um rito criado pelo próprio grupo com vistas a proteger e melhorar o Templo de Set. A egrégora protege a fraternidade ao permitir que ela saiba que seus inimigos estão ali. Uma representação simbólica da egrégora é usada para manter a conexão com o Príncipe das Trevas." (Sir Ormsond IV, Saturnian Principles)

"O Santo Sufi, Mansour Al-Hallaj, é quase idêntico à egrégora maçônica, Hiram Abif, com relação às circunstâncias de sua morte. (...) Na Maçonaria, a Águia de Duas Cabeças ou Bicéfala é um cognato de Baphomet, um animal composto à semelhança de uma quimera que representa a Força Universal da matéria. Em alguns sistemas gnósticos ela seria o Demiurgo, ou o 'Senhor deste Mundo'." (Malgwyn, da obra Yesidism, Zoroastrianism in Western Secret Societies)

Torres cilíndricas e pirâmides

Uma das peculiares evidências arqueológicas que possuímos dos antigos "vigilantes" são as torres cilíndricas. O que era vigiado é matéria de debates. Podem ter sido as pessoas ou podem ter sido as estrelas. Na verdade, é bastante provável que foram construídas para ambos os propósitos, bem como para a localização de invasores.

No simbolismo, a torre cilíndrica era a ascensão psicológica interna, o axis mundi (eixo do mundo) e tem a simbologia da escada ou portal para o paraíso, da mesma forma que o cordão[17] ou corda que Enoche afirmou ter sido levada e usada pelos Vigilantes. Devido ao fato de que esses lugares e esse processo interno eram inacessíveis a muitos, surgiu o termo "Torre de Marfim". A pirâmide, como a Montanha do Céu, era o mesmo que a torre cilíndrica e as stupas da Índia, elas mesmas originárias dos construtores de montes do povo Kurgan, de origem nórdica.

Tanto eu mesmo quanto outras pessoas descobrimos que a Grande Pirâmide de Gizé era vista como um portal para a mente/alma. Em seu trabalho The Great Pyramid Texts, Clesson Harvey aponta que, nas pirâmides de Sacara, existem mais de 3 mil colunas de textos das V e VI dinastias, que ele acredita conterem o segredo do uso da pirâmide. Tais textos incluem encantamentos e fórmulas magísticas que eram invocadas em certos locais ao redor da pirâmide, mas na "passagem, câmara, galeria e poço superiores (...) existe um glifo megalítico inconfundível e incrivelmente antigo". Esse glifo ou expressão traduz-se, de forma notável, como "porta da estrela" e "portal com abertura de túnel".

Uma vez que, infelizmente, glifos são escassos na maioria das pirâmides, essa informação é uma descoberta surpreendente. De fato, é provável que houvesse mais informações que estão, agora, destruídas, tal como na época em que se diz ter Heródoto visitado o Egito no século V a.C., quando o revestimento externo da pirâmide era repleto de escritos.

Os egiptólogos afirmam que a "estrela" é mitológica e ponto final. Contudo, discordo e digo que

esse "túnel" ou "porta da estrela" é a entrada para o estado de transe, pois "estrela" e "brilhante", ou "iluminado", têm uma ligação muito próxima em significado, tendo surgido do estado de iluminação que foi visto como o ponto de conexão com os deuses: as estrelas.

Já sabemos que os egípcios chamavam Gizé de "Rostau" (ros, por sua etimologia, significa tanto "cabeça" ou "hros", que é cavalo; ws tau é, portanto, o "tau da cabeça" e tau significa "tesouro oculto"). Rostau também significa "Portal para o Outro Mundo".

Mas eu me indagava: como a pirâmide funcionava com relação a isso e à teoria do transe que temos discutido? E mais que isso, haveria quaisquer outras construções ou estruturas no mundo que estivessem relacionadas a tudo isso? Era tempo de analisar de outra forma a possível ciência por trás das estruturas terrestres.

Nas décadas de 1970 e 1980, um cientista chamado Joe Parr decidiu que era hora de observar a Grande Pirâmide e formas piramidais em geral, e o que descobriu foi muito impressionante.

Em seus experimentos, Joe posicionou uma pirâmide em alinhamento norte-sul e leste-oeste, com bobinas planas no norte e no sul. Um capacitor ou condensador estufado de 1 microfarad foi ativado pela abertura com o uso de uma bateria, um resistor e um registrador gráfico. Isso servia para simular a energia eletromagnética da Terra passando sobre a pirâmide. Os cientistas registraram as mudanças diariamente, indicando o estado de uma bolha de energia que cercava a pirâmide.

De maneira estranha, a energia bloqueou, de fato, todos os tipos de radiação e a bolha apresentou atenuação de emissores beta, fontes iônicas e magnéticas em seu interior. A inserção de íons negativos no interior da bolha intensificou, na verdade, a energia. Verificou-se que a energia também se alterou ao longo do ano e, 13 anos de experiências deram bons resultados. Muito peculiar foi o efeito sobre a gravidade, que está relacionada de forma intrínseca, à radiação eletromagnética. Parecia que a bolha de fato bloqueava a força da gravidade, bem como a energia eletromagnética, e apresentava um aumento de 113 mil vezes em energia cinética, o que levou os cientistas à teoria de que a pirâmide, na verdade, movia-se no tempo e no espaço, um lugar conhecido pelos físicos teóricos como espaço H. De maneira inacreditável, quando íons negativos eram inseridos na bolha, a pirâmide era atraída pela Lua (íons positivos a afastavam), uma correlação espantosa com o feminino e, portanto, aspectos negativos espirituais do culto lunar.

Mas, que importância isso poderia ter neste nosso trabalho? Bem, se, ao que parece, muitas sociedades secretas apontam na direção da Grande Pirâmide, então deve haver algum motivo (ou dois). Apresentei minha convicção de que a Pirâmide era uma entrada para o estado de transe, ou Duat, e os textos das pirâmides, além de muitas outras evidências da egiptologia, provam, na verdade, esse argumento. O efeito causado dentro do cérebro, que libera os hormônios necessários para o estado de transe, é, em essência, eletromagnético e é afetado por todo tipo de atividade iônica. Tenho a firme opinião de que o antigo culto à serpente, ou os Iluminados, compreendiam isso à sua própria maneira, com a percepção da energia como a ondulação da serpente e o culto a esse deus invisível como uma cobra. Por fim, reunindo conhecimento suficiente dessa energia serpentária, eles erigiram construções que conduziam a energia para dentro de um elemento de controle. Uma vez que o efeito dos "plugues" nos canais de ventilação também provoca um efeito ressonante sobre a energia eletromagnética, podemos ver como foi aperfeiçoado com a finalidade específica de criar este efeito.

Mas deveria haver mais evidências de construções antigas com esse padrão peculiar de construção. E havia.
Uma estrutura específica e sobre a qual se escreveu muito pouco é a torre cilíndrica. Elas estão espalhadas pelo mundo todo às centenas e estão relacionadas, de uma forma estranha, à serpente, em quase todas as ocasiões.
Estruturas altas, elegantes e cilíndricas, construídas por culturas tão diversas, desde os celtas irlandeses e os primeiros cristãos até os índios Hopi e os egípcios, todos eles ligados ao culto da serpente. Até os Manuscritos do Mar Morto referem-se a "torres" protegidas por anjos ou Vigilantes. Na famosa comunidade de Qumran do Manuscrito do Mar Morto, a guerra entre os Filhos da Luz (os Qumranitas) e os Filhos das Trevas (todos aqueles fora da seita) "há de ser conduzida com consciência nítida do lugar do mundo angelical nela..."
O Manuscrito da Guerra de Qumran (1QM 9.10-16) nos dá, inclusive, detalhes sobre as formações da batalha, que envolvem quatro "torres" (Migdalot), que são unidades de soldados com lanças e escudos particularmente longos. Em cada um dos escudos estão escritos o nome de um dos quatro arcanjos. Isso conecta as torres cilíndricas ou torres de vigília aos Vigilantes ou aos gigantes.
Na Irlanda existem mais de 65 torres cilíndricas, muitas delas com mais de 30 metros de altura, as quais, afirmam os acadêmicos, contam com mais de mil anos de existência.
Contudo, assim como a maioria das construções cristãs, elas estão, em regra, erigidas sobre solo sagrado muito mais antigo e, de fato, pode-se provar que muitas delas são mais velhas do que se imaginava a princípio. Algumas têm até mesmo igrejas construídas junto de si, como em uma tentativa de conectar, de forma física, a igreja ao antigo culto da serpente iluminada.
Na verdade, já demonstrei em O Graal da Serpente como São Patrício "chutou" as serpentes para fora da Irlanda e que essas serpentes eram, de fato, um antigo culto de veneração serpen- tária, história que é de todo simbólica da dominação da Igreja Católica.
Gradwell, em uma obra do século XIX, ressaltou que:

"São Patrício e seus seguidores quase invariavelmente selecionaram aqueles locais sagrados ao paganismo e construíram suas igrejas de madeira à sombra das Torres Cilíndricas, que eram, na época, tão misteriosas e inescrutáveis quanto o são hoje."

Alguns afirmam que essas estruturas eram templos do fogo, dedicados ao culto do Sol, e é fácil ver o motivo disso ao descobrirmos que o culto ao Sol está relacionado ao culto à serpente e à experiência de iluminação. Outros as declaram "torres de vigília", o que se identificaria bem com o antigo termo para o culto serpentário como "Vigilantes". De fato, Hargrave Jennings, autor de Ophiolatraea, relaciona-as ao obelisco, o antigo pilar para o céu, derivado da serpente.
As torres também são encontradas próximas a rios, riachos e poços sagrados. Mais uma vez, isso foi algo que descobrimos, em O Graal da Serpente, estar relacionado de forma próxima e íntima ao culto da serpente curadora. A água era o lar subterrâneo da raça serpentária e era a "entrada" para o Outro Mundo, lugar para onde a experiência de iluminação pretendia levá-lo.
Mas é essa associação com a água que parece ser importante para tais estruturas, no que tange à energia eletromagnética da Terra.
Deve existir uma correlação importante entre as torres cilíndricas e os fenícios, que tinham

estruturas semelhantes dedicadas a sua deidade das chuvas e da água, Baal. Há milhares dessas torres espalhadas pela Sardenha, logo ao norte da cidade fenícia de Cartago, que datam de pelo menos dois mil anos a.C.

Mas como apontou Ralph Ellis em seu livro Jesus - O Último dos Faraós{18}, as torres cilíndricas guardam uma semelhança notável com a torre de Benben, encontrada no Templo de Heliópolis, a qual tem ligação com os fenícios, uma vez que seu nome vem do pássaro Benben, mais conhecido como Fênix. Os fenícios se tornariam, então, famosos em nossa época moderna por disseminar crenças pelo mundo todo por meio de suas rotas de comércio. Eles estavam dentre os povos marítimos mais proficientes que já existiram.

A torre cilíndrica também já foi relacionada ao pilar djed, ou coluna de Osíris. Esse é o pilar ou coluna pela qual a kundalini ou energia serpentária deveria erguer-se, na Índia, e está em harmonia perfeita com os conceitos de elevação espiritual que levam à "iluminação".

Há, ainda, quem acredite que essas torres serviam como instrumentos astronômicos, tal como Stonehenge, e isso também pode ser verdadeiro. No Irã, considera-se a torre chamada Radkan (rhad = serpente) como sendo desse tipo e, tal como as torres européias muito posteriores, possui uma cobertura cônica.

Na Índia, a terra natal dos Nagas ou serpentes, a torre cilíndrica tornou-se a stupa e, na China, o pagode, que são outras formas de torre cilíndrica. No Feng Shui, conseguimos um vislumbre do uso real das torres: acredita-se que o pagode e mesmo a stupa aprisionam energia negativa ou chi (energia do dragão/serpente), o que chamaríamos íons negativos. Lembre-se que, nos experimentos da pirâmide de Parr, esses íons negativos foram considerados causadores de efeitos antigravitacionais e antieletromagnéticos. O próprio conto de Madame White Snake [Senhora Cobra Branca] é popular no mundo todo e deve-se, em última análise, a essa energia eletromagnética. É Madame White Snake, ou a cobra lunar, que é aprisionada no pagode por mil anos.

A Torre do Gigante de Gozo, próximo a Malta, também foi intensamente associada, por muitos historiadores, à torre sobre a qual o historiador do século XX, Capitão Oliver, afirmou:

"Pode-se conjecturar que esses loculi [pequenas aberturas ou nichos] devem ter sido planejados para abrigar pequenos ídolos, cujos troncos [sem a cabeça], feitos de pedra ou barro, não são diferentes das figuras femininas convencionais de representações hindus nas numerosas pedras cônicas grandes e pequenas, esculpidas de forma grosseira (possivelmente símbolos sagrados, análogos aos cones de pedra maiores, nos quais são encontradas mamas femininas insculpidas nos nuragghi em ruínas da Sardenha) que são encontradas naquelas ruínas. Pequenos cones piramidais bastante semelhantes, que alguns supõem representar os raios do Sol, podem ser vistos nas mãos de sacerdotes ajoelhados perante o sagrado Deus serpente em pinturas egípcias."

Mais torres cilíndricas podem ser encontradas em lugares distantes, como a América do Sul, Novo México, Colorado, Utah, Chichén Itzá, África e muitos outros. Todas são associadas à energia serpentária e ao culto à serpente e muitas possuem os mesmos alinhamentos astronômicos.

Mesmo a tribo serpentária Hopi refere-se a elas, na verdade, como "casas de cobra". O deus Hopi da morte e do Submundo é Masau'u, e ele tem de explicar para a mãe cobra por que seus filhos não podem viver na casa:

"E Masau disse, 'Não, as cobras não têm casas; uma vez que elas morderam e mataram Hopi, elas nunca mais terão uma casa, mas deverão viver sob rochas e em buracos no chão'. Mas ele também disse que as casas de cobra [as torres cilíndricas] que foram construídas para elas não deveriam ser destruídas nunca mais e que as pessoas das gerações futuras deveriam saber da condenação da cobra, que é nunca mais ter uma casa." (Alexander M. Stephen, The Journal of American Folklore)

Isso poderia ser uma indicação da morte do culto à cobra? Poderia ser a versão Hopi da história de São Patrício? Neste caso, ela também está associada à Irlanda, onde, repita-se, existem centenas de torres cilíndricas relacionadas à serpente!

Lembre-se de que Baal estava envolvido antes disso. Baal, o deus cananeu da chuva, também pode ser identificado aqui, uma vez que os Hopi têm uma palavra para água, paal (eles não têm a letra 'b' e, portanto, resolve-se em 'p'. Paal também significa caldo e assombro).

Sendo fato que essas torres cilíndricas ou casas de cobra são vistas ao longo do Atlântico com os mesmos fundamentos religiosos e culturais, então também é verdadeiro afirmar que os Anaquins estão, igualmente, vinculados de alguma maneira. Anak significa "pescoço longo" ou "colares". Os Hopi também têm uma palavra semelhante, anaaq, que significa "colar" ou "brinco" e é, ainda, uma expressão usada quando se sofre de dores por mordida de cobra!

Mas e quanto ao aspecto científico das torres cilíndricas? Existe algo que possa ser relacionado à energia discutida e que tenha associações com as pirâmides?

No livro Ancient Mysteries, Modem Visions, o Professor Callahan transmite sua pesquisa que mostra, de forma surpreendente, que as torres cilíndricas podem ter sido projetadas como imensos sistemas ressonantes para coleta e armazenamento de vários metros de comprimentos de onda de energia magnética e eletromagnética. Parece fantasioso? Pareceu a mim, então pesquisei mais a fundo.

Callahan baseou a hipótese de seu trabalho em antenas de insetos e na capacidade de ressoar ondas eletromagnéticas. Com isso, conjeturou que as altas torres cilíndricas foram feitas para ser "antenas terrestres" e que as construções e estruturas similares por todo o globo podem ter sido feitas pela mesma razão. Ele acreditava (à frente de seu tempo, devo acrescentar) que essa energia seria transmitida àqueles em meditação no local. Eu argumento e afirmo que isso é verdade, bem como estimula ainda mais o estado de transe e aproxima a pessoa de "deus". Evidências conclusivas desse fato estão esboçadas em meu livro Gateway to the Otherworld.

A partir das torres testadas na Irlanda, Callahan descobriu que a rocha rica em ferro de que foram feitas de fato auxiliava na obtenção daquele efeito. As torres feitas de outros materiais, tais como calcário e granito, eram ainda "paramagnéticas". Callahan prossegue e demonstra como o cascalho no interior dessas torres, que desconcerta as pessoas há décadas, estava ali como verdadeiro instrumento de "sintonização", de forma muito parecida ao que eu digo sobre os "plugues" nos "canais de ventilação" da Grande Pirâmide serem plugues de sintonização.

Estou convencido de que mais pesquisas devem ser realizadas em todos os locais de torres cilíndricas da Irlanda e de outros lugares antes que se permita que o efeito devastador do

tempo destrua o que poderia ser uma compreensão notável quanto às práticas do antigo culto serpentário.
O que podemos ver aqui é a extensão da influência das primeiras raízes das sociedades secretas, tanto na cultura como em textos e inclusive nos muitos remanescentes arqueológicos fascinantes e misteriosos do mundo. Esses Iluminados são os primeiros de que temos relatos por escrito. Eles possuem uma estrutura e um fundamento de autoridade. Governam os homens e são sábios supremos que dispõem de "Vigilantes" para assegurar que suas instruções sejam realizadas. Ou os Iluminados ainda estão no poder agora, gerações depois, ou as sociedades secretas de todo o globo copiaram os métodos, estruturas e símbolos daqueles poucos primeiros. As grandes religiões do mundo foram todas criadas por algum método secreto. Os primeiros cristãos reuniam-se em segredo e espalhavam a palavra de "Cristo" por todos os lugares, enquanto as religiões e poderes ortodoxos da época lutavam para encontrá-los. O mesmo é verdadeiro para o Islamismo. O poder, então, origina-se do controle das massas e na Suméria o controle foi efetuado por aqueles que possuíam grande conhecimento, sabedoria e uma aparente habilidade de ter acesso a Deus. Esse tem sido o eterno apelo das ordens secretas e também das religiões ortodoxas. Estas são abertas, aquelas não.

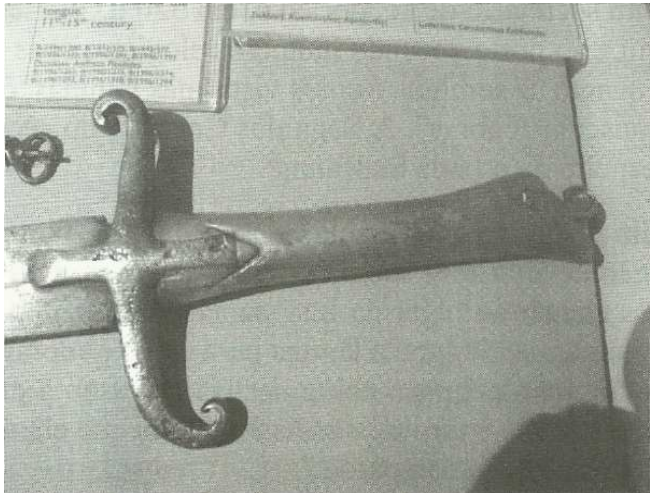
Capítulo 6

A Espada da Serpente

Quando fui convidado, pela primeira vez, a ingressar em uma determinada sociedade secreta - uma que não será encontrada na Internet -, fiquei impressionado com as imagens e o simbolismo que me cercavam. Na noite da iniciação, um item em particular destacou-se de todo o resto: a espada.
Eu estava em um salão comprido que parecia uma velha capela, com vigas de madeira e janelas altas. As partes inferiores das janelas eram emolduradas com carvalho pintado com requinte: murais com a representação das vicissitudes e tribulações de um monge guerreiro medieval. No fim do salão havia amplas cortinas de cetim, de um vermelho profundo. Havia uma fila de homens tanto à minha direita quanto à minha esquerda, todos vestidos com túnicas brancas, empunhando no ar espadas reluzentes de prata e, por fim, o Grão-Mestre chamou-me: "venha". Conforme eu caminhava, as espadas eram baixadas atrás de mim e dispostas em ziguezague no chão, de forma que eu não pudesse mais passar pelo caminho que ficara para trás. Isso era uma ação simbólica, uma verdade que todos devemos aprender: tentar refazer o caminho que já percorremos é inútil.
Por fim, cheguei ao Grão-Mestre e nós seguimos um ritual que pode ser datado de muitas centenas de anos. Eu me curvei até embaixo, fazendo uma mesura, e aceitei meu compromisso enquanto a espada do Mestre matava, de forma simbólica, meu antigo eu, para que eu pudesse nascer renovado.
A espada é aqui empregada como um instrumento para trazer à luz os aspectos simbólicos de uma verdade gnóstica oculta e uma psicologia que é hoje tão importante quanto sempre fora. Tem sido dessa maneira por um tempo terrivelmente longo e é interessante descobrir,

portanto, que o próprio Rei Arthur, um símbolo de tantas coisas, também possuía a espada da verdade, da energia e da sabedoria.
No livro The Quest of the Holy Grail, um conto alquímico singular criado por ordens secretas, a espada é vista como uma serpente flamejante, símbolo da energia. E a espada do Rei Davi ou aquela feita pelo sábio Salomão, com um pomo de pedra de todas as cores da Terra e um guarda-mão curvo de ambos os lados, como costelas, um lado feito a partir do peixe do Eufrates e, o outro, da serpente.
Dizem se parecer com a espada de Arthur, que em Dream of Rhonabwy alegam ser serpentina. Quando a espada de Arthur é retirada, diz o relato que duas labaredas de fogo irrompem das mandíbulas das duas serpentes. A espada era tão maravilhosa que era difícil para qualquer um encará-la. É necessário que Arthur mantenha a posse da espada, seja a espada da pedra ou a Excalibur, uma vez que ela assegura sua vitória e sua vida. Malory reforça, mais uma vez, o brilho da espada e seu aspecto flamejante ao escrever: "mas era tão brilhante aos olhos de seus inimigos que iluminava como 30 archotes". Mas a espada na pedra não dura muito tempo e a Dama do Lago dá a Arthur a sua Excalibur e também uma bainha de serpente, que assegura a vida eterna. Malory afirma, com bastante clareza: "(...) pois enquanto tiverdes a bainha junto a ti, não perderás sangue jamais, nem serás ferido com gravidade; destarte, mantende a bainha sempre contigo". Somente quando a meia-irmã de Arthur, Morgana, A Fada, rouba a bainha e a substitui é que Arthur se torna suscetível aos golpes mortais de Mordred. A espada que lhe fora uma vez concedida retorna, então, à água, lar da Dama do Lago: o espírito da serpente.
Há uma semelhança impressionante entre as fábulas da espada de Arthur e a lenda chinesa. Um herói do século VI a.C. chamado Wu Tzu-hsu jogou sua espada em um rio.

"Ela emergiu como um fulgor espiritual, cintilando com brilho quando, por três vezes, afundou e voltou à superfície com uma grande golfada e então pairou acima d'água. O deus do rio (...) ouviu o rugido da espada (...) ele rolou pelas águas em um grande frenesi de espuma. (...) Dragões corriam pelas ondas e saltavam para fora da água. O deus do rio tomou a espada em sua mão e, assustado, disse a Wu Tzu-hsu para pegá-la de volta." (Mair, 1983, p. 141 e 286)

Essa história, contada no século VIII a.C., não pode ser diferente do conto da espada de Malory. Na China havia contos de grandes espadas, como a Dragão Nascente e outras, que saltavam em corredeiras cercadas por dragões, o que agitava a água. A espada de Wu Tzu-hsu também é chamada Espírito de Dragão.
Mas existe alguma evidência arqueológica da existência de uma ou mais espadas verdadeiras que eram vistas como serpentes? Bem, eu vim, então, a descobrir tal evidência no Catalogue of The Fourteenth Park Lane Arms Fair. Lee A. Jones escreveu um artigo fascinante intitulado "The Serpent in the Sword: Pattern-Welding in Early Medieval Swords", o qual fez com que os cabelos atrás do meu pescoço imediatamente se arrepiassem. (www.vikingsword.com/serpent.html)

Espada de cobra medieval

A espada surgiu pela primeira vez, por volta de 4 mil anos atrás e logo se tornou a arma proeminente e preferida da classe dos guerreiros. Estudos metalúrgicos recentes demonstram como estruturas em camadas melhoraram espadas celtas de períodos que remontam a 500 a.C. Pouco espanta que a oficina de ferraria fosse uma parte importante da lenda e do folclore, posto que a habilidade envolvida na feitura dessas espadas é substancial: inúmeras hastes são soldadas juntas ao longo do comprimento da lâmina, unindo as várias camadas de metal. O conjunto é, então, aquecido e martelado para ganhar forma. A confecção de espadas era uma tarefa incrível. Barras menores carbonizadas (acrescidas de carbono) eram introduzidas para aumentar a resistência. Esse aço assim obtido, uma liga de ferro com pequenas quantidades de carbono, era aplicado às extremidades da lâmina por ser mais forte e eficaz.

Do século V ao X d.C. (período aproximado do Rei Arthur), os ferreiros produtores de espadas conseguiam, de fato, manipular essa estrutura de camadas e criavam desenhos ou efeitos maravilhosos na lâmina. O método permaneceu quase inalterado até o século XX, como pode ser visto nas adagas dos nazistas, que o utilizaram largamente.

Os arranjos são vistos por meio da variação no grau dos elementos traçados nas diversas hastes, que revelam sombras alternantes. As hastes são, de forma invariável, torcidas ao longo

da lâmina, formando um efeito em espiral. Essas espadas "torcidas" são vistas já no século I a.C., no período La Tène, embora tenham sido usadas de maneira mais efetiva entre o século III e o V, o exato período inicial de Arthur. Cassiodoro era um secretário de Teodorico e, em 520 d.C., escreveu a uma tribo germânica do norte, tecendo inúmeros elogios a suas habilidades, em especial quanto às sombras e cores vistas nas lâminas, que ele comparou a "minúsculas cobras". A Saga dos Cormac, do século X, diz o seguinte a respeito da espada Skofnung:

"(...) um invólucro vai com ela e deveis deixá-lo como está; o sol não deve brilhar sobre a guarda superior, nem devereis vós chegar ao lugar da luta, sentar-vos sozinhos e ali desembainhá-la. Segurai a lâmina para o alto e soprai sobre ela; então, uma pequena cobra deslizará de sob a guarda; inclinai a lâmina e tomareis mais fácil para que ela deslize de volta para baixo da guarda."

Alguns cientistas têm a opinião bastante respeitada de que isso sugere que o orvalho revelaria o padrão da serpente sobre a espada, dando a impressão de que uma serpente emergia da bainha.

Essa inclusão da serpente na lâmina foi, por fim, substituída por letras e símbolos incrustados no ferro, bem como frases cristãs como In Nomine Domini ("Em nome do Senhor"). O notável fato arqueológico da aparição de serpentes nos padrões ornamentais de espadas do século V conecta-se com perfeição ao tempo de Arthur. Como o Pendragon ou o Senhor Líder/Chefe Dragão, ele com certeza teria sido visto com um artefato desse tipo e, nas histórias já mencionadas, existem indicações textuais dessa lenda. Seriam os contos de Arthur e suas espadas serpentinas ou draconianas baseadas na realidade?

E assim, fechando o círculo, sou levado de volta aos primeiros anos de iniciação e à espada que foi concedida a mim e que, agora, está de novo com a ordem. Ela tinha cerca de um metro e meio, com um pomo dourado constituído por serpentes contorcidas. O brilho prateado da lâmina, quando voltado para a luz, revelava um belo padrão de duas serpentes entrelaçadas, as cabeças aproximando-se conforme se moviam em direção à ponta.

A espada, como um instrumento de batalha, está com o homem há mais de 4 mil anos e, como tal, aos poucos caiu nas graças da elite guerreira que podia arcar com tal suntuosidade. O simbolismo da sabedoria, da energia e da iluminação foi misturado à estrutura de aço da mesma forma que a espada foi absorvida nos mitos e contos que eram, eles mesmos, histórias da luz interior. A espada brilhante ainda é simbolicamente usada por todas as sociedades secretas e assim tem sido por centenas de anos, criando um vínculo entre o homem contemporâneo e o homem passado.

Capítulo 7

A História Secreta do Rei Arthur e de Robin Hood

Rei Arthur

Nos capítulos anteriores, deparamo-nos muitas vezes com o Rei Arthur e as histórias do Graal. O que precisamos compreender é que essas histórias escondem segredos. Esses conteúdos ocultos foram colocados ali por várias organizações secretas, demasiado temerosas em revelar a verdade de forma aberta ao público por medo das inquisições católicas e da intolerância cristã. Na busca pela verdade sobre os mistérios das sociedades secretas, é preciso compreender o que elas tentavam nos dizer e quais conexões esses contos podem ter com sua história e linhagem. Já constatamos que a religião e os ofitas, ou culto serpentário da sabedoria, estão no âmago das sociedades secretas do mundo todo. Descobriremos o mesmo nos contos de Arthur e do personagem literário que lhe é semelhante, Robin Hood?
A maioria dos historiadores estabelece o período arturiano no século V d.C. e, portanto, foi aí que comecei minha jornada histórica para descobrir o "verdadeiro Arthur" e sua "verdade" real.
Por volta de 402 d.C., Stilicho, o Regente de Roma de origem vândala, precisava do remanescente de suas tropas de volta a Roma para defender a pátria contra a invasão dos godos. Isso deixou a Grã-Bretanha vulnerável e enfraquecida em termos militares e, por volta de 410 d.C., os anglo-saxões organizaram uma terrível invasão que incendiou o interior da região. Mas por que os saxões adiaram sua invasão? A resposta está na forma extremamente hábil com que os romanos tinham, antes disso, livrado o país do que eles chamavam "bárbaros", ou seja, pessoas que teriam se utilizado de inteligência interna para auxiliar qualquer força invasora ou sabotado a lei vigente. Os romanos usavam métodos secretos de serviço de infiltração e sabotagem da base de poder existente.

"A Grã-Bretanha estava próxima da morte até a chegada de Stilicho. Com a derrota dos saxões, os mares ficaram mais seguros e os pictos foram vencidos, o que trouxe segurança à Grã-Bretanha."

Assim escreveu o historiador e poeta cristão dos primeiros tempos Claudiano, em 399 d.C. Mesmo o monge galés Gildas (504 - 570 d.C.) descreveu o modo como "as legiões se aproximaram dos cruéis inimigos e assassinaram grande número deles. Todos eles foram levados para além das fronteiras, e os nativos humilhados foram resgatados da selvageria sangrenta que os aguardava".
Por oito anos, entre a retirada dos romanos e a invasão dos saxões, parece que a Grã-Bretanha desfrutou de um curto período de relativa paz. Essa paz foi destruída com violência quando os saxões realizaram seu ataque sangrento no verão de 410 d.C. No inverno, os "cidadãos" britânicos estavam simplesmente fartos de seu aspirante romano ao trono, Constantino III, e do velho sistema romano e decidiram, portanto, agir por conta própria. No entanto, a mensagem britânica ao Imperador Honório deixou uma pequena brecha, caso estivessem

cometendo um erro. A Grã-Bretanha queria permanecer no Império Romano, não como súditos, mas como aliados que ajudariam no comércio e na defesa. Assim, a Grã-Bretanha tornou-se um estado autônomo dentro do Império Romano, em especial após o saque de Roma pelos godos de Alarico, em 410 d.C.

Esse equilíbrio de poder permaneceu e, em 417 d.C., as unidades do Comes Brittaniarum reocuparam, em parte, os fortes saxões ao longo da costa sudeste. Essas forças britânicas compreendiam seis unidades de cavalaria e três de infantaria, uma única armada terrestre móvel cujo método de luta fora influenciado pela elite guerreira cita, que havia sido trazida à Grã-Bretanha pelos romanos. Esses citas também trouxeram muitas das tradições relacionadas à serpente que descobrirmos estarem associadas a Arthur, inclusive o culto a Uther/Zeus e o ato de mergulhar a espada encharcada de sangue na terra e retirá-la, repetidas vezes, como uma oferenda.

Logo após a morte de Honório, Roma sofreu muito nas mãos de usurpadores, e os últimos remanescentes do exército romano desapareceram da Grã-Bretanha. Não se sabe a data exata de sua partida, embora Nênio, o historiador cristão do século VIII, conte-nos que Vortigern tornara-se rei da Grã-Bretanha por volta de 425 d.C. É provável que isso se refira às regiões sulinas e àquelas partes que haviam sido dominadas pelos romanos. Vortigern, ao que parece, preencheu o espaço vazio que Roma deixara para trás.

Haja ou não qualquer verdade nisso, o Historia Brittonium afirma ter sido Vortigern quem convidou Hengist e Horsa, os guerreiros nórdicos, para se estabelecerem em Kent, apenas para, mais tarde, desentender-se e lutar contra eles. O antigo sistema de domínio romano, enfim, começou a desmoronar.

A resposta de Vortigern foi convidar cada vez mais estrangeiros para se estabelecerem no país, criando para eles assentamentos que foram chamados foederati. Foi uma resolução prudente da parte de Vortigern? Pode ter sido apenas sua única resposta, e uma resposta romana, uma vez que os próprios romanos utilizavam esse procedimento de assentamento. Os romanos também haviam sido poderosos o suficiente para manter esses assentamentos sob controle e, além disso, dispunham de maiores incentivos para oferecer-lhes em troca de sua lealdade, enquanto Vortigern não tinha outra escolha. Chegaram-lhe rumores de que os pictos e os escoceses estavam se reunindo nas fronteiras e ele simplesmente não tinha o poder para repeli-los. Sua tática foi romana: arregimentar outros bárbaros e fazê-los lutar uns contra os outros, uma clássica tática romana e do posterior serviço secreto. Parece, contudo, que em vez de estabelecer os guerreiros bárbaros nas áreas costeiras a fim de proteger a Grã-Bretanha, Vortigern abriu as comportas para os saxões ávidos por terras. Vortigern foi derrotado por Hengist em 455 d.C., as terras baixas foram incendiadas e os bretões fugiram do país, dirigindo-se para a Espanha e a Armórica. A economia entrou em colapso e, por volta de 461 d.C., Vortigern, o Grande, estava morto.

Houve um revés na sorte da Grã-Bretanha mais ou menos uma década depois, quando Ambrósio Aureliano (que se pensava ser o filho de um cônsul romano) lutou contra os saxões. Em Marlborough Downs, em Wiltshire, há uma enorme fortificaçâo construída pelo chefe de uma tribo britânica entre 2.900 - 2.500 a.C. e que foi usada mais tarde pelos romanos e pelos saxões. Evidências arqueológicas de batalhas daquele período ocorridas nesse forte reutilizado mostram com clareza que os saxões estavam sendo repelidos.

Foi, então, a vez de Arthur, que defendeu o orgulho da nação britânica por meio de várias batalhas documentadas. Muitos historiadores afirmam que o verdadeiro Arthur é apenas mencionado nos textos da época, mas existem centenas de textos galeses que se referem a ele e que ainda não foram traduzidos para o inglês. Uma vez que não sou um estudioso do galês, infelizmente tenho de deixar essa tarefa aos que o são, mas devemos nos lembrar de que ainda há mais para descobrir.
Essa história dos britânicos do século V é interessante, mas apenas parcialmente em nossa busca pela profundidade dos segredos. Os romanos trouxeram os citas para a Grã-Bretanha e estes, por sua vez, trouxeram consigo seus sistemas culturais de crença. Eles lutavam bem e é muito provável que ajudaram os britânicos com treinamento em seu estilo guerreiro.
A lembrança desses acréscimos culturais dispersou-se na consciência britânica e tornou-se britânica, celta e, por fim, "Nova Era". Essa luta real pelo poder e em defesa do reino era o cenário ideal para o mistério que agora chamamos de "ciclo arturiano".
É provável que tenha existido um Ambrósio, um Arthur e um Vortigern e, sem dúvida, eles lutaram em grandes batalhas e venceram dificuldades terríveis. Mas teriam eles compreendido a idéia do Graal da mesma forma que o teria feito o "povo serpente"? Eu duvido. É claro que eles deveriam conhecer contos de uma lendária "substância mágica" que poderia ajudar na recuperação dos soldados, curar ferimentos de batalha e "ressuscitá-los" em grandes quantidades. Esse conhecimento teria vindo do que eles tivessem apanhado dos mitos em que estava codificada a sabedoria do "povo serpente" xamânico, também conhecido como os Iluminados.
Essa substância mágica era "misturada" em uma tigela sacra e a Grã-Bretanha do século V era, por si só, uma grande e incrível "tigela de mistura". Culturas de todo o mundo conhecido viajaram até lá. Havia a exportação de cobre, chumbo, estanho e muitos outros produtos britânicos que eram enviados para toda a Europa e o Mediterrâneo. Existem até mesmo evidências de que os antigos egípcios visitaram seu litoral e de que a filha de um faraó tenha se estabelecido na Irlanda. A tradição folclórica também nos conta que José de Arimateia visitou a costa da Grã-Bretanha e que possuía minas de estanho na Cornualha, embora eu tenha sérias dúvidas quanto a isso. Se tradições como essas estão longe da verdade, eu tinha de me questionar, então, por que esses contos estranhos foram inventados?
Se, como parece, a Grã-Bretanha era um lugar importante, ou mesmo tão importante quanto, digamos, a Gália, então por que não poderia ser também a nova pátria para o segredo do Graal? Como demonstrei em O Graal da Serpente, o Graal em "primeiro grau" ou veneno não é específico de lugar nenhum. É um segredo possuído por todas as civilizações do globo, chamado por muitos nomes, mas, em essência, a mesma substância.

Robin Hood

Em termos etimológicos, Robin vem do normando "Robert", uma forma do germânico "Hrodebert" e significava, em princípio, "famoso" ou "brilhante", possivelmente "iluminado".
Robin Hood é, portanto, o "Capuz Brilhante", um nome semelhante ao dos Nagas, com seus capuzes iluminados ao estilo de serpentes ou cobras. Como muitos já afirmaram anteriormente, existem vínculos fortes entre a origem de Robin Hood e a do Homem Verde,

que também é o antigo deus egípcio Osíris e o deus greco-romano Dionísio/Baco, de modo que poderíamos esperar descobrir algo interessante nas muitas histórias que cercam esse personagem enigmático.
Não nos surpreende descobrir também que os Templários são bastante associados a Robin e que muitos dos contos sobre ele também correspondem, quanto a sua forma, aos do Rei Arthur. Na famosa narrativa recontada por Henry Gilbert (Robin Hood, 1912), encontramos uma menção a uma serpente com aspecto de porco. Robin quer saber quem é o eremita de Fountains Dale e como aquele chamado "Pedro, o Médico" conseguia curar as pessoas:

"Ah", disse Nick com um sorriso, "eu não desejava o mal de Pedro. Suas pílulas curaram nossos vassalos muitas vezes, quando comiam carne de porco em excesso, e minha mãe - que Deus a tenha - dizia que não havia nada sob o Sol que fosse como seu electuário de Saint-Évremond." Pedro, o Médico, diz, "Sou bem quisto por todos os meus pacientes, mas" - e seus olhos faiscaram - "aquele monge eremita desajeitado, com cabeça de porco, Tuck é seu nome, e quisera eu poder enfiá-lo no buraco mais profundo e escuro do pântano de Windleswisp! Aquele grande cérebro de boi castrado iludiu-me a contar-lhe todas as minhas boas especificidades. Com seus olhos grandes e mansos como os de uma vaca, ele parecia tão inocente quanto uma lebre e perguntou-me isso e aquilo sobre as curas que eu tinha feito e parecia ficar cada vez mais maravilhado e boquiaberto com minha sabedoria e poder. Aquela serpente porca! O que ele fez foi girar sua teia o mais próximo que pôde de mim para minha própria ruína e destruição. E isso quando já lhe tinha dito tudo e estava esperançoso de que compraria um frasco de óleo de serpente de Jasper, um remédio específico que é tiro e queda, meus bons cidadãos, contra febre intermitente e rigidez".

Assim, Frei Tuck é como um porco-serpente e Pedro, o Médico, espera lhe vender "óleo de serpente". É provável que Gilbert tenha usado o "óleo de serpente" no início do século XIX por ser uma substância peculiar muito popular na época, mas, apesar de intensa pesquisa, não consegui descobrir o material que lhe serviu de fonte.
Existem elementos do mito de Robin Hood que se relacionam a outras lendas. A "Árvore da Vida" é vista como a "Árvore de Despensa de Robin", que fornecia tudo que pudesse ser solicitado, semelhante ao "Chifre da Abundância" ou o "caldeirão" do folclore céltico.
O vínculo de Robin com o deus Cornífero também é esclarecedor, uma vez que ele é o mestre e senhor dos "animais" humanos da Floresta, guardiões de seu tesouro roubado, semelhantes aos Nagas protetores do Hinduísmo. Eles realizam boas ações aos que as merecem e ações maliciosas ocultas aos que não as merecem. Nos contos relacionados de Robin Goodfellow [Robin Bom Camarada], que é o "brincalhão das matas" também conhecido como Puck, há ainda um vínculo com Sib, a fada que vive na encosta e é tida como um "espírito serpente" da cura. Robin apaixona-se por sua dama das águas ou Rainha do Céu, que seria conhecida mais tarde como a Donzela Marion (Mer = mar/água, Marion = Maria), o que, de muitas formas, sabota o novo mundo cristão que se impôs sobre essa antiga mistura de paganismo. Robin Hood e Robin Goodfellow são, portanto, contos secretos de uma cultura oprimida, da mesma forma que o são as cartas e evangelhos do culto cristão.
Pensa-se, a propósito, que Puck tenha uma linhagem muito mais antiga, que remonta a uma

deidade irlandesa ao estilo de Pan, conhecida como Poulca. De fato, diz-se que Robin Goodfellow é filho de uma mãe humana e um pai divino, na forma de Oberon (rei das fadas; Ob com o significado de "serpente"). Ele também é verde como o "Homem Verde", que é a cor especial da cura atribuída a muitas coisas que circundam o culto à serpente, tais como a Tábua de Esmeralda, a cor da iniciação nos mistérios gnósticos, associada aos maçons e ao Vidro Verde do Graal.

Muitos acreditam que o formato crescente da tigela evoca a Lua Crescente e os chifres do "deus Cornífero" pagão, tal qual o chifre usado por Robin para reunir seu povo. Mesmo João Pequeno, no conto de "Robin Hood e Sir Guy de Gisborne", é amarrado a uma árvore e salvo no último instante por Robin, disfarçado de Sir Guy. Como na maioria do folclore, existe simbolismo, mito, lenda e, é provável, algum elemento de uma origem real.

Robin Hood pode muito bem ter alguns aspectos de sua personalidade e atos retirados de figuras históricas reais, mas a maioria dos historiadores evitaria estabelecer qualquer coisa a esse respeito como fato.

Como Fran e Geoff Doel ressaltam em seu livro Robin Hood: Outlaw or Greenwood Myth, "a origem de Robin Hood é obscura, (...) sugere uma origem mitológica ou folclórica".

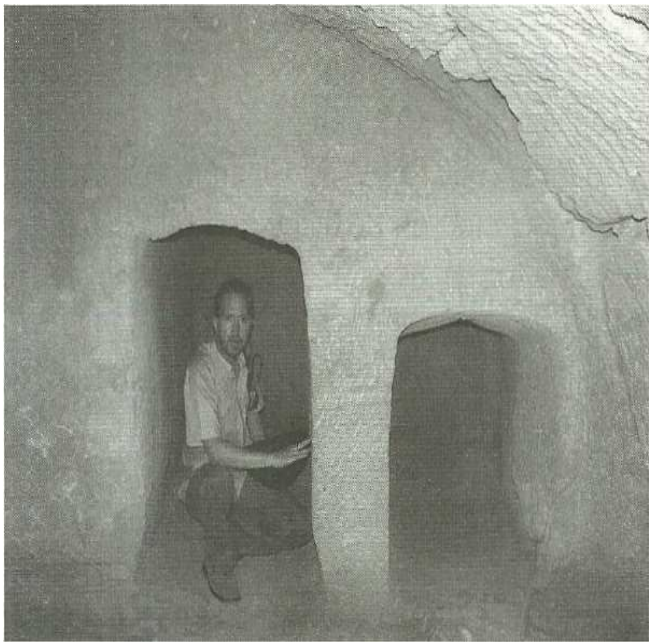
No entanto, o que também encontramos em alguns dos contos mais antigos é que Robin Hood e João Pequeno, como Jesus e João Batista, eram dois iguais. No século XV Walter Bower dizia que Robin Hood, com João Pequeno e seus companheiros, tornaram-se importantes. Isso por si só indica que Robin e João eram vistos como tendo, cada qual, seus próprios seguidores, de maneira muito parecida com Jesus e João. Eles são, dessa forma, os "gêmeos" do Gnosticismo, como Castor e Pólux, a dualidade e o equilíbrio.

Outros elementos da vida de Robin e, em especial, de sua morte, apresentam um vínculo antigo:

"De maneira curiosa, a balada da Morte de Robin Hood também tem um elemento ritualístico, com presciência, 'banimento' ritual e uma morte por sangramento; isso a aproxima, de maneira até suspeita, do desmembramento ritualístico de outros deuses e heróis primaveris europeus e asiáticos como Tamuz, Adônis e Osíris. As conexões cognitivas entre o proscrito ou fora da lei e Robin, o pássaro, podem ser coincidência, mas as possibilidades de um mito dos bosques estar subjacente às posteriores tradições do fora da lei precisam ser examinadas." (Doel, Robin Hood: Outlaw or Greenwood Myth)

Tamuz, Adônis e Osíris são deuses da vegetação verdejante. De fato, o próprio Osíris, nos Textos das Pirâmides de Sacara, é chamado o "Grande Verde" e, em geral, aparece com a pele verde como um símbolo de "ressurreição e vida". Agora, a batalha entre Osíris e Set se parece ainda mais com a luta entre Robin e seu arqui-inimigo, o Xerife de Nottingham. Osíris torna-se Hórus quando ressuscitado e descobrimos que é Hórus quem é protegido pela cobra Wadjet, a cobra verde.

Há conexões com mistérios mais antigos mesmo na maneira como ele morre. Robin sangra ritualisticamente até a morte, como nos antigos sacrifícios pagãos. O feito é realizado pela Abadessa de Kirklees, que atua como a sacerdotisa em alguns antigos rituais pagãos. Poderiam os contos de Robin ser mais antigos do que se acreditava? Poderiam ser, de fato, fábulas do antigo Egito e até da Suméria? Transmitidas ao longo dos milênios e alteradas pelo tempo?

Uma coisa é verdadeira: esses contos foram escritos por clérigos da Igreja e por membros de ordens secretas. As fábulas arturianas tiveram influência dos Cistercianos de túnicas brancas e dos Cavaleiros Templários. De fato, os Templários eram os protetores do próprio Graal, guardiões do conhecimento secreto.

O autor em tumbas romanas, ou Portais para os mortos, Chipre

Permanece o fato de que o Cristianismo estava reprimindo todas as antigas crenças pagãs ao reescrever contos que existiam há centenas de anos. Mas se os cristãos destruíam a história cultural, existiram aqueles que a defenderam. Os maçons do período em que Robin Hood se tornou popular escondiam seus símbolos e idéias pagãs nas estruturas e alvenaria de igrejas por

toda a Europa. Homens Verdes floresceram em todos os lugares sagrados cristãos. Personagens estranhos, escondidos na folhagem, espreitavam como mensageiros do passado. Graais, vítimas degoladas, pilares de folhagem e imagens de serpentes eram colocados em todos os lugares e, em geral, por ordem dos mesmos Cistercianos e Templários, para não mencionar a miríade de outras ordens e grupos que mantinham a gnose oculta que emergiria em tempos futuros dentro das fileiras das chamadas sociedades secretas modernas.

Essas imagens peculiares e, de certa forma, perturbadoras são nada mais que os personagens do passado pagão, deuses e deidades como Herne, o Deus Cornífero, e muitas outras imagens de Deusas Mãe. A verdade sobre o passado do crescimento religioso do homem ainda pode ser vista nas estruturas de pedra das igrejas e catedrais cristãs, lugares como a Capela Rosslyn e a Catedral de Lichfield. Mas não apenas na pedra.

Devemos observar, da mesma forma, as lendas, pois como podemos ver, os contos de Robin Hood não estão vinculados apenas ao passado distante; também estão ligados, de maneira indissolúvel, aos contos de Arthur e sua busca pelo Santo Graal, com episódios tais como a decapitação do Gigante Verde pelo cavaleiro Gawain e imagens misteriosas de um Cavaleiro Verde. Isso é visto claramente no fato de que as "peças" do passado, representadas por pessoas do local e apresentadas pelas ruas, em desfiles, mudaram de títulos ao longo do tempo e das localizações. Desde a representação de São Jorge até Robin Hood e Jack, o Verde, desde o Homem Selvagem até o Homem Verde ou Jorge Verde, a história essencial é a mesma.

Essas fábulas, como vimos, podem ser seguidas até tempos passados na índia e Suméria, Egito e Pérsia. Elas constituíram a base de ordens sacerdotais secretas de muitos milhares de anos atrás e ainda o fazem, hoje.

Capítulo 8

Aqui Há Dragões!

Os lugares sagrados de antigas sociedades secretas

As sociedades secretas do globo, desde os tempos antigos até hoje, tiveram, todas, muitas coisas em comum. E uma delas era a necessidade de um lugar para reuniões. Mas qual foi a origem do simbolismo de um templo ou de uma loja? Por que esse lugar é uma escadaria para o céu? Um portal para outro mundo? E por que a serpente ou o dragão estão, em regra, envolvidos? Se voltarmos pelas névoas do tempo aos lugares originais de reunião dos cultos à serpente e ordens secretas iluminadas, descobriremos os segredos da paisagem misteriosa que agora nos circunda?

Ao longo de muitos anos e com mais milhas aéreas do que me dou o trabalho de lembrar, fiz muitas jornadas em uma busca para revelar os segredos dos antigos cultos à serpente que apresento em meus livros. A cada vez que viajo, descubro algo novo. É, de fato, todo um novo mundo que se abre perante nossos olhos. De repente, e em geral sem aviso, deparo-me com uma reinterpretação da história pela qual eu simplesmente não procurava.

Em outra reviravolta na fábula da serpente, estou prestes a lhe revelar uma das verdades antigas sobre dragões, lembrando que, na mitologia e na história antiga, dragões e serpentes estão entrelaçados como as espirais de uma víbora venenosa.

Dentre todos os lugares, devo começar na América por duas razões. Primeiro, porque esse seria o último lugar em que eu sequer consideraria procurar por dragões e, segundo, devido às evidências, em termos arqueológicos, serem as mais profundas ali.

As provas da veneração da serpente nas Américas podem ser mostradas, de maneira ampla, pelos inúmeros montes que aparecem por todo o continente. O mais famoso, com certeza, é o "Serpent Mound" em Ohio, Adams County. De acordo com alguns, esse magnífico monte relaciona-se com Stonehenge: é o "Dragão Guardião" do Leste do Segredo do Oeste de Stonehenge. Na realidade, acredita-se que estas duas antigas estruturas compartilhem, de fato, a mesma existência cronológica e que possam muito bem ter uma relação entre si - se a humanidade da antigüidade compartilhasse as mesmas crenças e viajasse de maneira extensiva, como é o entendimento crescente de muitos estudiosos. É claro, Stonehenge também está diretamente ao norte do infame templo serpentário, Avebury.

Dragão em monastério cisterciano

Avebury é um imenso templo e monumento de pedra britânico erigido por volta de 2.000 a.C.; possui o formato de uma serpente quando visto do céu. Já foi conhecido como Abury que, de acordo com Deane,[{19}] é Abiri ou Ab-ir (derivado do povo Abiri ou Cabiri, que adorava serpentes). Abir significa a cobra solar ou a cobra de fogo.

Avebury é um imenso templo britânico em estrutura de pedra erigido no mínimo entre 2.000 e 2.600 a.C., no formato de uma serpente quando visto do céu. Hoje é considerado um sítio do patrimônio mundial e um dos maiores da Europa, ao abranger um pequeno povoado e estar cercado por uma enorme vala que exigiu a remoção de 200 mil toneladas de rocha, escavadas com as ferramentas mais rudimentares. O círculo em si era composto, no princípio, por 98 pedras (mas infelizmente restam apenas 27) e foi erguido por volta de 2500 a.C. É provável que os dois círculos internos menores tenham sido erigidos em cerca de 2.600 a.C. Conduzindo para fora desse complexo está a avenida que serpenteia pelo local e foi Stukely, o antiquário, quem primeiro notou que a planta do solo do complexo de Avebury era a representação de uma serpente que passava através de um círculo e formava o que ele acreditava ser um popular símbolo alquímico.

Em suma, a serpente é o símbolo do poder ou energia e mesmo da sabedoria derivada do Sol, algo que nossos ancestrais associavam de perto à vida. É claro, a precessão da Terra também foi construída em Avebury, de forma que seria possível descobrir com facilidade, como em um

passe de mágica, onde e quando se estava no grande ciclo. Essa habilidade foi transmitida de sacerdote para sacerdote como um mistério sagrado, pois o poder era, de fato, exercido por aqueles que conheciam tais coisas. O poder era, na verdade, a habilidade de "mensurar" ou "delimitar". Ele auxiliava no crescimento das plantações, na navegação por mares e terra e correspondia aos grandes ciclos dos deuses no céu.

A arqueologia do lugar mostra que as pessoas costumavam caminhar fora do trajeto da serpente, deixando a trilha interior para os sacerdotes. Esse era o caminho dos vivos para a nova vida. Os mortos tinham seus próprios métodos: por lugares como Newgrange, na Irlanda. Mas aqui, em Avebury, era por tumbas tais como aquelas de West Kennet, nas proximidades. O povo de Tiro, de mesma ascendência, representava com freqüência a serpente comprimindo-se entre duas pedras eretas, o que os gregos chamavam de Petrae Ambrosiae; chamo a atenção ao fato de que Ambrosia é o néctar ou Elixir dos deuses. De acordo com o arqueólogo do século XIX Bryant, Stonehenge era visto como essas pedras âmbar, uma vez que está próximo de Amesbury, conhecida antes como Ambrosbury.

Em uma viagem recente a Avebury, fiquei perplexo com o formato de um grande número das pedras do círculo principal. Elas pareciam ser grandes flechas que tinham caído na terra, enterrando as pontas no chão. Então, lembrei-me das três cobras encontradas no coração de Meich (mito irlandês). Poderiam elas ser precursoras do formato de coração que conhecemos hoje? Poderia ter vindo daqui o formato simbólico do coração? No entanto, ter essa visão é um grande exercício de imaginação e, levando em conta o fato de que todas as pedras altas e aprumadas estão intercaladas entre outras, temos de presumir que elas eram formas masculinas e femininas. De fato, acabei de retornar de Malta, onde observei que as paredes que compõem o grande templo Mnadjra foram feitas da mesma forma: altas e aprumadas, amplas e alongadas. Ao lembrar que essas estruturas eram contemporâneas e que Malta, em si, estava repleta de adoração a deidades serpentárias e maternas, restam poucas dúvidas de que esses antigos monumentos de pedra estejam relacionados de alguma forma. É claro que, em outras partes do mundo simbólico, a cabeça da cobra é vista como uma ponta de flecha e o corpo, uma linha reta. Também não podemos ignorar o fato de que as serpentes eram vistas, com muita freqüência, enroladas em torno do grande falo na forma de fertilidade do Caduceu. Com relação a esse aspecto teríamos as variadas e mais antigas imagens da serpente, não apenas em desenho, mas também em estrutura. "Sobre a antiga pia batismal normanda na Igreja Avebury existe uma figura mutilada, vestida com o que parecem ser os trajes sacerdotais druídicos, segurando um báculo em uma das mãos e apertando a seu peito, com a outra, um livro aberto, embora, ao visitarmos a igreja, o 'livro' pudesse bem ser, também, um cálice. Dois dragões ou serpentes aladas atacam e mordem os pés dessa figura, de ambos os lados. Não poderia ter sido essa figura esboçada para representar o triunfo do Cristianismo sobre o Druidismo, no qual havia EXCESSIVA VENERAÇÃO acalentada para essa serpente ou esse culto serpentário?" Esses são comentários feitos por um antigo vigário de Avebury. Após ficar muitas horas no ar frio e rescendendo a mofo da pequena igreja de Avebury e observar a imagem, minha opinião é de que as serpentes que "mordem" os pés do druida estão, na verdade, subjugadas pelo sacerdote, e não atacando-o. Ele revela sua sabedoria ao controlar as serpentes da oposição, ordem e caos, da mesma forma que o fazem tantos milhares de outras representações no mundo todo.

Embora alguns tenham discutido se Avebury já fora Abury ou Aubury (Sol serpente), permanece o fato de que mesmo nos idos do século XVII havia um Sr. Aubury que dizia que o nome deveria ser pronunciado e escrito Aubury (encontrado no livro de contabilidade de Malmesbury Abbey).
É claro que, mesmo em Ave Bury, "Ave" remonta à raiz de "Eva", cujo significado é "serpente fêmea". A trilha de Avebury atravessa um grande templo circular do Sol, emerge e então se enrola de novo e termina em uma cabeça estranha, não muito circular, alinhada de forma direta com a "Colina da Cabeça da Cobra" (Hackpen). O círculo central simboliza o Sol, que é o princípio masculino no processo criativo e é representado em outros lugares como um touro ou um leão. Uma vez que a serpente tenha passado através ou ao redor desse círculo solar, ela é recarregada para a nova vida.
Em hieróglifos egípcios, podemos ver imagens semelhantes, com o símbolo da cobra que sobe acima do disco solar e emerge com sua cabeça ereta. Sobreposto a Avebury, temos a mesma imagem! Além disso, a cobra é bastante representada com o antigo símbolo da ankh egípcia pendurado em seu pescoço ereto, sendo a Ankh um símbolo de vida nova. Assim, o grande círculo de Avebury simplesmente tem de ser o "disco solar" e a trilha é a cobra, que ilustra, assim, em um caminho doloroso de labor intenso, o caminho ritualístico do adorador da serpente em direção à nova vida.

Perto de Avebury fica o West Kennet Long Barrow [Longo Sepulcro de West Kennet], situado na parte alta de uma elevação de terreno que ultrapassa a Silbury Hill [Colina de Silbury], o maior aterro europeu feito pelo homem, erguido com calcário branco fino em degraus e coberto com esse mesmo calcário branco fino para que ficasse liso. Essa colina era de puro branco em seu apogeu e brilhava ao longo da paisagem de forma muito parecida à Grande Pirâmide do Egito, que era caiada e fora construída no mesmo período.
West Kennet é um lugar pequeno, porém mágico, construído à semelhança de Newgrange, em formato de cruz, se visto do alto. Os arqueólogos também descobriram que havia uma área cerimonial em semi-círculo no topo da cruz em T, formando uma Ankh quando vista do alto. Outra estranha coincidência que chamou minha atenção e que confirmei, mais tarde, junto a outros sítios, era a disposição ou desenho do interior da tumba. Imagine uma vertical com duas horizontais paralelas separadas por iguais distâncias e você terá uma Cruz de Lorraine. Isso não teria me impressionado não fosse pelo fato óbvio de que a Cruz de Lorraine era um símbolo para veneno, para a trindade (a deusa tríplice céltica, Cabeças Tricéfalas e assim por diante) e um símbolo usado pelos Templários. Essas associações não deveriam ter nada a ver umas com as outras exceto pelo fato de que o emaranhado da cobra conecta todas essas áreas. Mas acrescente a isso o fato de que ninguém sabe ao certo onde o símbolo de Lorraine se originou e então temos, de fato, um mistério. Outros montes sepulcrais, quando vistos de cima, têm a exata aparência da cruz, como se os corpos e as cerimônias fossem, de alguma forma, representados sobre esse "formato sagrado". É um formato que fica oculto debaixo do solo e não um formato visto abertamente, como se esse fosse o aspecto tridimensional do símbolo, uma escadaria para o outro reino. Na verdade, muitas das escadarias verdadeiras deste período de que temos notícia tinham esse exato formato, indicando uma espécie de simbolismo de imitação - da realidade para o mistério.

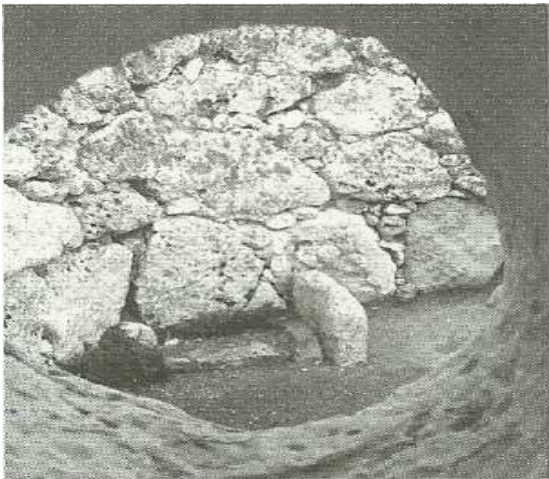
O aspecto arredondado dos círculos de pedra da Europa evoca, de uma maneira estranha, os templos de Quetzalcoatl, que eram "circulares, e aquele que era dedicado à sua veneração no México tinha por entrada uma porta que até parecia a boca de uma serpente",[20] uma inferência ritualística muito semelhante àqueles ao redor de Avebury e outros círculos de pedra.

Em seu livro Worship of the Serpent Traced Throughout the World, John Bathurst Deane explica que "ainda precisa ser considerada uma terceira descrição de templos consagrados ao serviço do deus dos ofitas: e esses não eram apenas os mais raros, mais característicos e mais magníficos; mas é provável que fossem os mais sagrados de todos. Esses eram erigidos na forma do hierograma ofita, a serpente que atravessa o círculo".

Esse hierograma é o símbolo da serpente, um círculo com uma serpente que o atravessa, como uma agulha e linha. Ele continua, "eram compostos, como os templos circulares, de inúmeras Baitulias, ou pedras de âmbar, dispostas de forma a descrever o círculo místico, através do qual a ainda mais mística serpente traçava sua forma majestosa".

E esta é a verdade dos Círculos de Pedra e hierogramas físicos: eles eram círculos de renascimento (um nascer de novo por meio do espírito, por meio do círculo). Posso até fazer uma dedução notável a partir da estranha palavra "baitulia" mencionada anteriormente por Deane: essas são os bétilos ou ovos de serpente. No País de Gales, dizia-se que as serpentes emergiam e congregavam-se na Noite do Solstício de Verão para irromper no interior dos Ovos de Pedra de Serpente ou Glain Neidr [bolas de vidro conhecidas como Pedras das Víboras da Irlanda], que evocam o conto do historiador romano Plínio sobre tal atividade entre os gauleses. Dizia-se que essas pedras serpentárias eram seixos coloridos, que concediam "segunda visão" e cura. A Noite do Solstício de Verão era a noite em que as serpentes se aninhavam em bolas sibilantes e criavam o ovo de vidro ou pedra preciosa, também conhecido como "pedra de cobra" ou "ovo de druida". Na mitologia galesa, até o próprio Merlin saiu em busca delas.

O ovo, Ovo Cósmico ou Ovo Cosmogênico é visto universalmente junto à serpente, como no símbolo do Ovo Órfico, representado envolto por uma cobra. Desde o monte serpentário de Ohio até Mitras e Cneph, o ovo é associado à veneração da serpente. Por quê? De acordo com a maioria dos estudiosos, ele é o emblema dos elementos mundanos vindos do Deus criador. Portanto, é um símbolo dos elementos do Universo. Com certeza há também algum motivo diverso, um que estaria mais relacionado ao homem antigo do que a tais idéias complexas nascidas da mente de cientistas e estudiosos modernos.

O que é um ovo? Tão somente um "portal de entrada" para este mundo. Um instrumento para dar vida. E que animal é visto associado a esse instrumento e portal únicos? De novo, é a cobra, um símbolo da força vital, que cria o instrumento que dá vida.

Buraco Megalítico da ilha serpentária de Gozo

A divindade criadora egípcia, Cneph, era representada como uma serpente que expele um ovo de sua boca, semelhante ao Serpent Mound em Ohio e de outros lugares. Desse ovo procedia a divindade Ptah, ou Phtha, o poder criativo e "deus pai" que é o equivalente do Brahma indiano. Estudiosos relacionaram esses Brabmas à comunidade judaica dos essênios e também a Mitra I. Mitra era circundado por serpentes e pode ser equiparado de muitas formas a Jesus, por ser uma divindade solar e renascer em 25 de dezembro, como o sol no Hemisfério Norte. Não é de espantar que um deus persa como Mitra[21] e uma semi-deidade judaica como Jesus estivessem vinculados quando se compreende que as curvas da espiral do antigo culto serpentário eram tão abrangentes que envolviam o globo como um Leviatã. Podemos mesmo ver elementos disso quando Jesus é equiparado à Serpente de Bronze de Moisés, quando nos é dito para sermos prudentes como as serpentes e que ele até mesmo perdeu sua mortalha ou pele, uma vez crucificado. A propósito, as cobras ainda são pregadas a árvores em certas partes da África até os dias de hoje, como um sacrifício por nossos pecados e para remédios de cura.
E então temos monumentos circulares e montes serpentários associados ao ovo, o que, a partir de todas as evidências, tão somente nos levam à conclusão de que esses eram lugares de renascimento. A pessoa poderia irromper do círculo simbólico ou para fora do ovo, ou desfazer-se da pele velha, mas existem ainda mais evidências a serem desenterradas e que revelam que

esse despojamento da pele está vinculado a esses locais antigos.
Os gregos clássicos representavam com freqüência uma serpente comprimida entre duas pedras verticais, que eles chamavam Petrae Ambrosiae (ambrosia de pedra ou rocha), com a observação de que Ambrosia é o néctar ou Elixir dos deuses. De acordo com o arqueólogo do século XIX Bryant, Stonehenge era visto como pedras de âmbar; sua proximidade a Amesbury, anterior Ambrosbury, é visto como uma prova disso. Desta forma, as propriedades curativas das pedras megalíticas são atribuídas à serpente. Na verdade, ainda encontramos traços disso em muitas histórias sobre dragões que protegem, servem e curam aquele antigo povo das pedras.
O extraordinário antiquário e observador de círculos William Stukely também encontrou outros dois "templos serpentários": um em Shap, em Westmorland e o outro em Classerness, na ilha de Lewis. Stukely acreditava que a lenda grega de Cadmo, que plantava dentes de dragão, fazia alusão à construção, realizada por ele, de um templo serpentino. Cadmo fora transformado em uma serpente (ou seguia o culto à serpente) e templos de pedra foram erigidos em sua honra e em honra da Harmonia. Pausânias ajuda-nos e afirma que "na estrada entre Tebas e Gilsas é possível ver um lugar circundado por pedras selecionadas, que os tebanos chamam A Cabeça da Serpente".[22] Assim, contos antigos podem ser pistas para as verdadeiras identidades das serpentes e dragões das fábulas, e tais identidades reais podem indicar, de fato, lugares e monumentos existentes. Lugares onde, talvez, as cobras eram muito estimadas pelos antigos ofitas ou adoradores de serpentes do mundo.
Existem muitos outros textos que fazem menção a dragões e serpentes, tal como aquele que Taxiles mostrou a Alexandre, o Grande, consagrado a Dionísio. Dizia-se que era de tamanho enorme, cercado por paredes e estabelecido em um local baixo e profundo. E conjectura minha que tais lugares, semelhantes a Stonehenge, constituíam "portais" ou "entradas" para a "terra das serpentes", locais de mistério e renascimento, onde oferendas e sacrifícios deviam ser feitos à serpente benfazeja.
De fato, existem muitas evidências agora, de pessoas como Paul Devereux, que demonstram que esses lugares eram também grandes amplificadores de ressonância. Isto é, eles amplificavam o som de maneiras peculiares, criando, assim, o som estrondoso do dragão. Tais estudiosos chegam mesmo a dizer que a ressonância cria formas espiraladas e onduladas como serpentes a partir do pó e da fumaça, conforme o som carrega as partículas em seu trajeto serpentino. A serpente poderia ter sido vista, verdadeiramente, levantando-se e o som de seu rugido, ouvido.
No entanto, a maioria das pessoas não se dá conta de que montes e monumentos semelhantes também aparecem em outros lugares e são, em geral, associados com a serpente ou o dragão de formas similares.
Em 1871, na reunião da Associação Britânica de Edimburgo, um certo Sr. Phene fez um relato de sua descoberta, em Argyllshire, de um monte semelhante, "com algumas centenas de metros de comprimento, pouco mais de 4,5 metros de altura e cerca de nove metros de largura".
A cauda afinava e um dólmen circular, que ele presumiu ser o disco solar sobre a cabeça do "uraeus egípcio", elevava-se sobre a cabeça.

Por incrível que pareça, esse não é o único exemplo de imensas imagens de serpentes sobre o chão. No Zend Avesta dos zoroastrianos, um dos heróis descansa no que ele pensa ser um barranco, só para descobrir que era uma cobra verde!
Ifícrates relatou que na Mauritânia "havia dragões de tal extensão que nascia grama em seu dorso", o que mostra a grande probabilidade de que contos de dragões imensos em terras longínquas poderiam referir-se, com tranqüilidade, a montes serpentários.
Outros exemplos de montes de serpentes, contudo, foram mencionados na obra de Estrabão (Lib xv P. 1.022), em que se diz que dois dragões habitam as montanhas da índia, um com mais de 50 metros de comprimento e o outro com mais de 90. Posidonius também conta de um dragão na Síria, tão grande que cavaleiros de ambos os lados não poderiam ver uns aos outros. Cada "escama" era tão grande quanto um escudo, de forma que um homem "poderia andar dentro de sua boca". Bryant concorda com o entendimento de que esses dragões poderiam ser ruínas de templos ofitas.
E para que eram usados tais templos?
Em antigos papiros egípcios e no codex borgia da América Central existem exemplos ou contos do rei que adentra a serpente e a atravessa a fim de ressuscitar - muito parecidos com aqueles que encontro no mito de Osíris. É para esse exato processo que as lojas e templos de hoje são usados pelas modernas sociedades secretas. Em rituais maçons, o neófito deve ser pendurado, colocado em um caixão e então chamado de volta, como Lázaro na Bíblia. No meu próprio ritual, fui assassinado de forma ritualística e daí trazido de volta à vida pela energia simbólica da cobra.
Um livro que se diz ter sido escrito por Votan (Quetzalcoatl) na língua dos Quichés e que se acreditava estar em posse de Núnez de La Vega, o bispo de Chiapas, também traz alguns elementos reveladores. Tão reveladores, aliás, que o bispo tentou queimá-lo. Votan diz ter deixado Valum Chivim{23} e vindo ao Novo Mundo para repartir a terra entre sete famílias que vieram com ele e que se dizia serem culebra ou de "origem serpentária". Ao passar pela "terra de 13 cobras", ele chegou a Valum Votan e fundou a cidade de Nachan (Cidade de Cobras), que se acredita ser a moderna Palenque, possivelmente por volta de 15 a.C. ou mesmo antes. Diz-se que Votan fez quatro viagens para o leste e que até visitou Salomão.
Um aspecto interessante dos montes de serpente é o relato e a descrição de uma passagem subterrânea que se diz terminar na raiz do "céu". Ela era chamada de "buraco de cobra" e Votan só tinha permissão para adentrá-lo porque era filho de uma cobra. Com certeza isso só pode significar que Votan era um iniciado no culto à serpente e que havia um monte serpentário ou pirâmide que era parte do ritual e levava para o céu das cobras ou Patala.
Os heróis fenianos da antiga Irlanda fazem parte de registros orais em canções, e um deles, Fionn, era seu "matador de dragões". Um dos contos nos diz que:

"Parece um grande monte, suas mandíbulas escancaradas;
Ali devem estar ocultos, embora grande sua fúria,
Uma centena de guerreiros nas cavidades de seus olhos.
Maior, em altura, que oito homens
Era sua cauda, que estava ereta, acima de seu dorso;

Mais larga era a parte mais delgada de sua cauda
Do que a floresta de carvalhos que foi submersa pelo dilúvio."

Fionn perguntou de onde esse grande monstro viera e foi-lhe dito, "da Grécia, para fazer batalha aos fenianos". Parece que os veneradores de serpentes vieram da Grécia para a Irlanda e aí combateram os habitantes anteriores, deixando tanto terror atrás de si que passaram a ser simbolizados como esse grande "monte do dragão". Dizem que Fionn abriu o lado do dragão e libertou os homens, matando o dragão em seguida. Pode ser que exista uma mistura de um período fatual de guerra conjugado com verdades ritualísticas nessa lenda. Sair do lado aberto do dragão, como em outros mitos, proporciona vida nova.

Os rituais das sociedades secretas remontam a milhares de anos e têm sua origem, mais uma vez, no culto da serpente. Com o surgimento do Cristianismo ortodoxo, do Islamismo e do Judaísmo, esse culto serpentário foi erradicado e ocultou-se, emergindo, ao que parece, sob a aparência de sociedades secretas. Aqui temos evidências arqueológicas e textuais de que os antigos montes do mundo eram lugares de renascimento para esses cultos passados que foram banidos, adaptados ou tolerados pelos cultos dominantes (Cristianismo e outros). É óbvio que as próprias lojas e templos adotariam muitos outros adereços simbólicos com o passar do tempo, como, por exemplo, o simbolismo do Templo de Salomão.

Capítulo 9

Quer Saber um Segredo?

O Templo de Salomão revelado

No capítulo anterior descobrimos o segredo serpentário dos núcleos de culto do nosso globo e sua influência nos modernos locais de reunião das religiões e sociedades secretas. Talvez a mais importante de todas as influências sobre a mais poderosa sociedade secreta - a Maçonaria - seja o Templo de Salomão. Mas existe um aspecto psicológico profundo contido no interior das paredes desse templo e que permeia as sociedades secretas há milênios. É hora de analisar esse segredo.

Existe uma viagem que todos nós devemos realizar. Ela se chama vida. Não há como escapar dessa jornada. Não podemos pagar alguém para que a realize ou para que sinta a dor e o pesar que nos acompanha no caminho. Sem nossa mãe e nosso pai não haveria nenhuma ajuda desde o início. Estaríamos desamparados e, com toda probabilidade, morreríamos.

Nascemos absolutamente sem nenhum conhecimento, com exceção de algumas lembranças genéticas Secundárias, e muitos de nós seguimos tão somente os padrões que a vida, a evolução e nossos pares nos lançam. Presumimos, de maneira subconsciente, que devemos fazer como nossos antepassados, devemos seguir seus passos, nos casar, ter filhos, ter um emprego e entrar na montanha-russa do comercialismo e na corrida gananciosa de competitividade que conhecemos como capitalismo ou mesmo comunismo. Parece não existir meio de sair dessa vida e, de qualquer forma, a maioria de nós está entusiasmada por essa busca, pois, de fato, não conhecemos nada diferente.

Tudo isso é perfeitamente natural. Nós somos, afinal, macacos com menos pelos. Esforçamo-nos para sermos o macho e a fêmea alfa, o número um, encaixarmo-nos na sociedade ou "tribo" que nos circunda e torcermos pelo mesmo time de futebol que nossos amigos. E, em regra, essa sociedade é apenas uma versão ampliada de nossos egos, é criada por grupos de individualidades.

Nas épocas passadas, nossos ancestrais compreenderam tudo isso e perceberam que havia outra forma. Eles descobriram que o homem precisava alterar seu diálogo interno para que pudesse se elevar acima do nível da terra marrom sobre a qual labuta. O homem precisava entender a si mesmo e as forças que o guiam.

Essa singular compreensão de que poderia haver um objetivo maior para a humanidade, seja no âmbito coletivo ou individual, evoluiu para o que conhecemos agora como Gnosticismo. É claro, isso é uma enorme simplificação e devemos sempre levar em conta os místicos, aqueles que experimentaram o que chamaríamos de emoções e visões espirituais. Além disso, apesar da percepção popular, os cristãos não foram os únicos gnósticos e místicos. Gnóstico vem da palavra grega gignoskein, que significa, tão somente, saber. Ela foi aplicada a "uma seita de assim chamados filósofos nos primórdios do Cristianismo".[24]

No entanto, o termo é usado agora de forma mais ampla e, pessoalmente, vejo-o de maneira um pouco diferente dos outros, e é provável que sob uma luz controversa.

Em minha opinião, o termo grego sugere o conhecimento total. Esse é um tipo de

conhecimento que é obtido de modo muito semelhante a plugar a mente de alguém à World Wide Web e ser capaz de baixar todo e qualquer dado em um instante. Da mesma forma, supõe-se que o verdadeiro gnóstico, tal qual o místico, poderia entender todas as coisas de uma maneira única. Seja isso a conexão da mente ao inconsciente coletivo, aos registros akáshicos, ou qualquer outro nome que se dê ao processo, isso não importa ao propósito deste capítulo; permanece o fato de que se acreditava nisso. E, devido a essa crença, manifestações físicas do sistema de crença interno surgiram no mundo todo. Dessa maneira, os templos do homem eram exatamente isso - Templos do Homem.
Gnose, portanto, significa conhecimento da espécie mais esotérica, e essa é a história que tem sido ocultada aos nossos olhos por tanto tempo. Essa é a verdade das sociedades secretas que nós, do lado de fora, somos, ao que se supõe, muito mundanos para compreender.

O Templo

Então, vamos nos esforçar ao máximo para compreender o Templo de Salomão e, assim, caminhar sobre solo sagrado, trilhado apenas pelos iniciados.
Nos anos de minha própria procura, houve períodos em que eu seria encontrado aos pés dos Magi, sentado a ouvir as palavras sábias dos Sufis, participando de um debate em uma loja maçônica das mais iluminadas. Eu aprendia e observava o processo com ouvidos e olhos abertos, embora também o equilibrasse com o conhecimento da ciência moderna e do reducionismo. Ambos os mundos - o mundo do esoterismo e o mundo da ciência - são inúteis separados. Ambos são necessários, hoje, se quisermos compreender de verdade.
Bem, então, aos fatos sobre o Templo de Salomão. É lamentável carecermos de qualquer evidência arqueológica, apesar do que se lê em alguns websites fundamentalistas mais literais. O que nos é contado é - que no século X a.C., o sábio Rei Salomão erigiu um grande templo ao Senhor. Infelizmente, se algo disso é verdadeiro, então descobrimos, na realidade, que era um templo que abrangia muitas religiões pagãs.
De acordo com o professor James Pritchard, em seu livro Solomon and Sheba:

"(...) as assim chamadas cidades de Meguido, Gazer e Heser e a própria Jerusalém eram, na realidade, mais como povoados. (...) Nelas havia prédios públicos relativamente pequenos e habitações mal construídas, com pisos de barro. Os objetos revelam uma cultura material que, mesmo pelos padrões do antigo Oriente Próximo, não poderia ser considerada sofisticada ou luxuosa. (...) A 'magnificência' do período de Salomão é provinciana, restrita e sem dúvida medíocre, mas o primeiro livro dos Reis sugere o exato oposto."[25]

Na verdade, e à luz clara do dia, o fato é que não temos nenhuma evidência do Templo de Salomão (o que a maioria dos escritores tem medo de dizer). Não possuímos nenhuma evidência de Salomão, exceto esses textos bíblicos específicos. Também não temos indícios da Rainha de Sabá ou de nenhum outro personagem envolvido. Em vez disso, existe mais profundidade do que se poderia imaginar, mais significado do que ousaríamos acreditar.
Em The Temple at Jerusalem: A Revelation, John Michell nos dá uma visão desse significado real:

"Lendas do Templo descrevem-no como o instrumento de uma ciência mística e sacerdotal, uma espécie de alquimia por meio da qual elementos de cargas opostas na terra e na atmosfera eram reunidos e combinados de forma ritual. O produto de sua união era um espírito que abençoava e santificava o povo de Israel."

Como Michell está certo. O Templo é um instrumento de ciência mística e sacerdotal, ou mesmo de magia. O segredo se desfaz perante nossos olhos conforme aprendemos mais. Vê-se que o verdadeiro gnóstico, o discípulo real ou perfeito, deve ser um homem ou mulher de equilíbrio. Ele ou ela deve unir os dois lados da mente, os princípios masculino e feminino, como são chamados. Todos nós somos tanto masculinos quanto femininos, e os alquimistas usaram esse conceito de equilíbrio e revelaram-no em suas imagens do Hermafrodita (metade homem, metade mulher).
Salomão não era um homem real e a Rainha de Sabá não era uma mulher real. Em vez disso, eram símbolos desse processo interno e, em geral, também externo. A história completa de Salomão, da Rainha de Sabá e do Templo, que é o corpo (tanto físico quanto espiritual) formado com perfeição, é a história de nossa própria psique. E uma verdade esotérica, mal interpretada em sua forma exotérica.

Hiram

Hiram, a quem foi creditada a decoração do Templo de Salomão, tinha por mãe uma judia e por pai um fenício. Dizia-se que era o "filho de uma viúva da tribo de Neftali. (...) Ele lançou dois pilares de bronze" em 1 Reis 7:13-15.
Devemos nos atentar também a algo interessante encontrado em 1 Reis 16:

"Então ele fez duas coroas de bronze fundido para serem colocadas no topo dos pilares. A altura de uma das coroas era de cinco côvados e a da outra era também de cinco côvados. Ele fez uma rede de treliça, com guirlandas conectadas como correntes, para as coroas que estavam no topo dos pilares: sete correntes para uma coroa e sete para a outra." (Masonic Bible, Collins)

Esses pilares passaram a ser conhecidos como Jachin, que significa "ele estabelece", e Boaz, que significa "nele está a força", e são, hoje, conhecidos da maioria dos maçons modernos como fundamentais à sua própria loja ou templo. Cópias deles podem ser vistas com clareza na infame Capela Rosslyn, como descobriremos.
Mas o que é interessante aqui é o texto original sobre esses pilares. Primeiro, é usado bronze para as coroas, tal qual é usado para a "Serpente de Bronze" de Moisés e indica o aspecto flamejante da serpente como um dos canais no processo da kundalini. A "altura" delas era de cinco côvados, com equivalência às cinco cobras de capelo, ou najas, vistas em toda a Índia e sobre muitos pilares, embora a Bíblia as chame de Lírios que, de qualquer forma, são símbolos

de equilíbrio.
Havia "guirlandas conectadas como correntes" - sete em cada pilar. É estranho que essas correntes fossem "para as coroas", de modo a concluirmos que essas sete camadas de correntes (espirais) apontavam em direção à cabeça (coroa), tal qual fazem as serpentes da Kundalini.
Existem mais vínculos reais entre Hiram e a serpente. Por exemplo, notamos anteriormente que ele era da tribo de Neftali. O estandarte da tribo de Neftali, de acordo com a tradição judaica, é uma serpente ou basilisco e poderia ter vindo de origens egípcias, uma vez que a tradição afirma que Neftali era o irmão de José, escolhido para representar a família do Faraó.

"E agora enviei um homem habilidoso, dotado de entendimento, Huram [Hiram], o artesão de meu mestre [pai], (o filho de uma mulher das filhas de Dan, e seu pai era um homem de Tiro), perito no trabalho com ouro e prata, bronze e ferro, pedra e madeira, púrpura e azul, linho fino e carmim e para fazer qualquer entalhe e para realizar qualquer projeto que lhe possa ser dado, com seus homens habilidosos e os homens habilidosos de meu senhor Davi, seu pai." (2 Crônicas 2:13-14)

Aqui, diz-se que Hiram é filho da tribo de Dan, que tinha um emblema: a serpente, dessa vez com um cavalo.
Parece incrível, mas existe também uma verdade oculta e um padrão repetitivo nesta pequena afirmação sobre as reais habilidades desse personagem literário. Siga esse padrão:

Hiram tem habilidade com:
1. ouro e prata.
2. bronze e ferro.
3. pedra e madeira.
4. púrpura e azul.
5. linho fino e carmim.
6. realização de qualquer entalhe.
7. realização de qualquer projeto que lhe possa ser dado.

Observe que existem sete elementos "equilibrados" na habilidade do homem que construirá o Templo! Essa é mesmo uma verdadeira pista para o segredo do Templo.
De acordo com esse livro das Crônicas, Hiram era um homem engenhoso (uma palavra usada para a serpente), dotado de entendimento e habilidoso no trabalho do ouro, prata, latão, pedra e madeira. Mas também lhe eram atribuídas algumas ferramentas que podiam perfurar a pedra. A pedra, como eu demonstro em Gnosis, simboliza a sabedoria e o fundamento ou base. A ferramenta de Hiram, portanto, perfura o véu ou mesmo a própria raiz da sabedoria.
Conforme o livro dos Reis, o Templo foi construído com pedra (ou sabedoria) antes de ser trazido para o local, algo semelhante a um prédio pré-fabricado. Rezava a tradição que nem martelo, nem machado ou qualquer outra ferramenta fora usada na construção. Então, como ele foi construído? Isso, por si só, é um paradoxo que só pode ser solucionado por meio da revelação do verdadeiro segredo do Templo.

Segundo o ensinamento rabínico, a pré-fabricação do Templo foi realizada pelo Shamir, um verme ou serpente gigante que podia cortar pedras (a propósito, verme significa serpente). Isso não difere das crenças nórdicas e celtas de que Valhalla e Camelot foram construídas com o fogo do dragão, e na China, onde a construção é auxiliada pela energia serpentária.

Esse é um conceito universal, como pode ser visto na Índia, onde foram os Nagas da fábula, relacionados às serpentes, que fugiram de seu país e levaram a sabedoria da arquitetura para o exterior. Os deuses da arquitetura, como Thoth do Egito, têm um vínculo forte com a sabedoria serpentária porque estão associados à construção de "Templos de Sabedoria" dentro de nossos eus.

O Shamir, de acordo com uma das lendas, fora até colocado nas mãos do Príncipe do Mar,[26] que simboliza o Príncipe da Sabedoria.

Em suma, o que temos de fato aqui é a construção do Templo da Sabedoria pela serpente, que é tão somente aquela kundalini interna que seria desenvolvida mais tarde dentro da Cabala. É um manual de treinamento psicológico, um método de auto-aprimoramento, uma forma de a sociedade se tornar Una, um método, em várias camadas, de se aproximar da divindade que habita em cada um e todos nós, uma divindade que os antigos viam como sendo a mesma em cada pessoa.

O processo inteiro é repetido várias vezes por toda a extensão da Bíblia. O Templo é reduzido (como o método alquímico) e refeito. E isso sucessivas vezes, até que, por fim, o Cristo é o templo que é reduzido (morto) e então se ergue de novo, pela última vez. Agora, de acordo com os textos, podemos todos nos encontrar com esse Cristo e ter o conhecimento. Precisamos apenas compreender que o verdadeiro Cristo é tudo e está em tudo. Mas isso não funcionou, não é? O homem ainda está, mesmo agora, no século XXI, procurando por respostas, e assim o templo é reduzido mais uma vez...

Digo que deveríamos todos observar nossos próprios "templos" e destruí-los por completo. Deveríamos, então, empreender sua reconstrução, de uma maneira maior e melhor que a anterior, tal qual a Bíblia estabelece. E mais do que isso, precisamos continuar a fazer isso até que esse nosso mundo tenha paz e todos sejam verdadeiramente iguais perante Deus...

Mas precisamos tomar cuidado. Tudo isso pode soar muito magnífico e sedutor. De certa forma, estou pregando uma peça em sua mente, da mesma maneira que as sociedades secretas promovem, em regra, jogos de manipulação. Com certeza existe verdade nas afirmações anteriores, mas ficar pasmo de admiração pelo poder da kundalini tão somente porque o homem antigo a achava "iluminada" seria tolice, como descobriremos agora.

Capítulo 10

Sociedades Secretas e os Elos com a Iluminação

Um dos enigmas mais profundos sobre a existência de sociedades secretas é e sempre foi o motivo pelo qual as pessoas se filiam a elas. Por que as pessoas acham esses grupos tão interessantes? O que se busca?

Existem as respostas óbvias e corriqueiras a essas perguntas: estamos todos, cada um à sua maneira, em busca da iluminação, e cada pessoa a encontra de formas diferentes, daí a necessidade de tantas espécies de organizações secretas. Isso tem sido visto como uma lacuna que precisamos preencher de alguma forma; um vazio dentro de cada um de nós que clama por um ser ou estado de consciência superior. Alguns psicólogos acreditam que esse seja um aspecto evolutivo de nossas vidas, que em nosso interior existe um anseio constante em melhorar e um desejo estabelecido com muita firmeza. Esse desejo nos faz lutar por mais e, dessa forma, tornamo-nos a espécie mais forte e adaptada de todas, daí a evolução.

Mas existe uma verdade nisso que escapou a muitos. Existe literalmente um vazio dentro de nós. Esse vazio é a falta de uma verdadeira experiência de iluminação. Existe, de fato, um estado de consciência mais elevado. Se não existisse, então o sentimento e as emoções que conduzem as pessoas em direção à sua redescoberta não seriam tão fortes e universais. Não é, e devo reafirmar isso a todo instante, a kundalini, que é uma turbulenta e, ainda assim, linda reação eletrobioquímica humana. Seguir esse antigo conceito hindu à risca é, em primeiro lugar, quase impossível, pois não existem textos a seu respeito, e, em segundo lugar, é muitíssimo perigoso e pode levar, com facilidade, a psicoses e outras formas de problemas mentais. É um aspecto da verdadeira sabedoria interior, mas não o único.

Ao longo dos milênios, as sociedades secretas e mesmo algumas religiões do globo tentaram nos fazer retornar a esse estado de consciência, mas, na maioria das vezes, fizeram-no para seu próprio proveito - poder. Como sabemos disso? Um rápido estudo das sociedades secretas do mundo mostrará que a experiência de iluminação tem sido usada em toda e qualquer situação para levar as pessoas a se filiarem e para mantê-las assim.

Ainda no século XI, um enigmático grupo conhecido de forma errônea como os Assassinos surgiu na Pérsia. Deriva seu nome de Haxixe (hashish-im, "usuários de haxixe"), uma droga indutora de transe que muitos pensavam ajudar os líderes a controlar a mente dos subvertidos. O nome era, no princípio, um insulto.

Em um famoso relato apócrifo do folclore, Hasan, filho de Sabah e Xeique das Montanhas, líder dos Assassinos, disse a um oficial da corte do imperador, "Vês aquele devoto que monta guarda no topo daquela torre de tiro ao longe? Observe!"

O xeique fez um sinal e, de imediato, o devoto jogou-se para a morte, do topo da montanha para o precipício. "Eu disponho de 70 mil homens e mulheres por toda a Ásia, todos prontos para cumprir minhas ordens."

Em primeiro lugar, isso é um controle incrível sobre a mente de outro indivíduo. Em segundo, sugere que os Assassinos eram muito mais antigos do que essa aparição inicial, com 70 mil devotos espalhados por toda a Ásia. Nenhuma sociedade consegue fazer tantos devotos da

noite para o dia. Levaria muitos anos para cultivar esse tipo de grupo de seguidores e também demandaria muito trabalho de convencimento - isto é, a menos que houvesse um método mais fácil de controle!
Como que para imitar ou seguir uma instituição mais antiga, os Assassinos passaram por um ciclo de iniciação baseado em sete níveis. Isso se identifica por completo aos sete chacras enquanto pontos de iniciação na não distante tradição hindu, uma tradição fundamentada em torno da energia da serpente. Era no sétimo nível que os Assassinos alcançavam o "grande segredo": que toda a humanidade e toda a criação eram um e que tudo era parte do todo. Esse grande segredo incluía ser parte do todo e compreender seus elementos criativos e destrutivos (ordem e caos). O Ismaili (assassino iniciado) poderia, portanto, fazer uso desse grande poder contido em si. Eles tinham a firme convicção de que o restante da humanidade não sabia nada sobre esse poder, com exceção das outras sociedades. O poder vinha por meio do uso do haxixe e de um envolvimento ritualístico engenhoso, fazendo com que o Ismaili se sentisse parte de um bem maior, como um "escolhido" - sentimento que Adolf Hitler usaria, mais tarde, para assumir o controle do povo alemão. Havia, no entanto, um oitavo nível, ligeiramente separado, e ensinava que todas as religiões e filosofias são falsas e que a única coisa que importava era a realização desse poder maior, que é interno. Ao contrário da crença popular, os Assassinos não eram apenas muçulmanos; eles não se encaixavam em nenhuma outra categoria que, conhecida no presente, seja diversa de uma sociedade secreta. Foi só mais tarde na história de sua existência que eles precisaram se voltar para o Islamismo como um meio de sobrevivência e, mesmo então, conferiram a si mesmos privilégios especiais que os permitiam mudar de religião à sua vontade.
Os Assassinos são sempre, e com justiça, associados aos Cavaleiros Templários. Esses grupos realizavam trocas entre si e respeitavam-se mutuamente. Existem até transações monetárias entre os dois grupos. Seria possível que os Templários tivessem compreendido esse grande segredo e trazido consigo esse "Santo Graal" da iluminação de volta para a Europa? Parece que sim, como vimos nos contos de Arthur e Robin Hood.
Todo o processo relaciona-se, por certo, à energia ou fogo serpentário dos antigos de todo o mundo, que estava associado aos cultos da serpente que revelei em O Graal da Serpente. Mas existe ainda uma outra evidência que se relaciona a isso. O segundo Grão-Mestre, Buzurg-Umid (Grande Promessa), situava-se em Alamut, também conhecida como o Ninho da Víbora. Existem outros vínculos com os Templários nos quais Buzurg-Umid fez, de fato, um acordo com o Rei Balduíno II de Jerusalém, um homem conectado de perto àqueles Cavaleiros. Em 1129, os Templários e os cruzados realmente aliaram-se aos Assassinos para tomar Damasco. Isso é uma indicação de que os Assassinos não eram só muçulmanos e estavam preparados até mesmo para assumir o disfarce do Cristianismo, se isso lhes trouxesse mais poder.
Os rituais secretos dos Templários e as acusações feitas contra eles estariam relacionados de todo ao culto dos Assassinos. Mas devemos nos perguntar: os Templários utilizavam as mesmas técnicas de controle da mente que os Assassinos? Alguns indícios sugerem que os Templários, em conexão com os Assassinos, compreendiam, de fato, o uso de drogas, em especial para alívio da dor. Em seu livro Sex and Drugs, Robert Anton Wilson demonstrou sua convicção de que os Templários usavam haxixe e aprenderam sobre seu uso com os Assassinos. Essa não é

uma hipótese sem fundamento, dados os vínculos. Encontramos ligações entre os rituais e crenças dos Templários e muito do que há nas religiões do Oriente Médio. Existe até mesmo influência Sufi, com a correlação entre a Cabeça Dourada do Sufi e o Baphomet dos Templários. Essa Cabeça Dourada, como Idries Shah aponta em The Sufis, parecia estar envolvida com a "veneração de uma cabeça misteriosa [que] poderia bem ser uma referência ao grande trabalho de trans-humanização que ocorre na própria cabeça do aspirante". Tratava-se da idéia de que a própria humanidade de um indivíduo poderia ser transmutada em ouro por meio da experiência de iluminação e, assim, o segredo da alquimia seria revelado, semelhante à kundalini.

Da mesma forma, o rimai de iniciação dos sufis implicava passar por um pórtico de dois pilares. Essa entrada simbolizava o portal para um mundo de iluminação, conhecimento e esclarecimento. Se é verdade que os maçons surgiram de uma fonte de conhecimento templário, então essa poderia ser uma das origens dos pilares gêmeos das sociedades maçônicas. Também é semelhante aos pilares gêmeos pelos quais os peregrinos a Meca devem passar (Safa e Marwa).

Influência Parse (Zoroastrismo persa) também é vista no ritual dos Kusti. A cada dia um cordão sagrado deveria ser amarrado ao redor da cintura. O fato de os Templários terem sido acusados de realizar um ritual com um cordão sagrado que se parece muito com a prática dos Kusti zoroastrinos indica uma tradição de conhecimento que remonta a milhares de anos.

Essas tradições também podem ser vistas na grande religião romana do Mitraísmo, no qual o iniciado era marcado na testa com o sinal da cruz. Isso era feito para indicar o Sol e o lugar da iluminação, exatamente o mesmo para os hindus, os antigos egípcios e indígenas americanos, para mencionar somente alguns exemplos.

Muito desse ensinamento antigo e supostamente secreto foi transmitido no que se conhece por Gnosticismo. Os gnósticos não são todos iguais, mas existe uma temática geral: a da iluminação e do esclarecimento. Os métodos são agora conhecidos por nós. Muitos acreditavam que, por meio de uma excitação violenta, poderiam alcançar o estado último, enquanto outros pensavam que, com jejuns e meditação, seriam levados para mais perto de Deus. Os resultados eram os mesmos: um entendimento mais profundo de si mesmos e a convicção de que estavam em contato com Deus. Esse êxtase renovaria o vigor e, tal como estar em uma Conexão, o iniciado desejaria constantemente alcançar de novo esse estado, mantendo-o, assim, na espiral. A experiência seria tão real para a mente religiosa que eles acreditavam, de fato, que estavam em comunhão com Deus. E esse é o motivo pelo qual eu sempre imponho um limite à kundalini; ela tem perigos que seus defensores não apenas se recusam a ver, mas não conseguem ver por causa da sua própria natureza!

Os vários métodos utilizados para acessar esse estado alterado são muito antigos. A abstinência ritual de alimento é tão velha quanto o homem. Praticada nos rituais de Elêusis, dos quais o próprio Platão era membro, o neófito deveria submeter-se a um prolongado período de jejum seguido de um período de espera. Isso aumentava a noção de expectativa e elevava a mente, o que criaria o evento em sua mente antes que ele, de fato, ocorresse. Nenhum líder poderia pedir mais que isso. Por fim, o neófito era levado a um templo, onde desfrutava de uma refeição ritualística e, dessa forma, produziam-se grandes efeitos no corpo com os níveis aumentados de açúcar no sangue e a mente quase em estado de transe. Havia rodopios como

na dança dos dervixes, bebidas que induziam o sono e representações encenadas pelos grandes e aparentemente poderosos sacerdotes. Objetos e palavras sagradas eram então, nesse momento de estado elevado, revelados. A idade e amplitude desse sistema de doutrinação podem ser vistos nas palavras de encerramento "Cansha om pacsha", um termo sânscrito. De fato, os estudiosos concordam que esses rituais surgiram na Índia a partir dos antigos brâmanes. De maneira estranha, esses rimais também envolviam um cordão de sete voltas que marcava a passagem do iniciado.
Como escreveu Aristóteles, "aqueles que estão sendo iniciados não aprendem tanto, uma vez que experimentam certas emoções e são lançados em um estado especial de espírito".
Esse "estado especial de espírito" era uma maleabilidade do iniciado que os sacerdotes poderiam manusear e manipular para seus próprios fins, da mesma forma que o Velho Homem da Montanha manipulava os Assassinos. O iniciado acreditava ter mesmo visitado outros mundos.
Todos esses métodos e meios de manipulação foram transmitidos ao longo do tempo dentro de todas as espécies de sociedades secretas modernas. No Alto Sacerdócio de Tebas, uma sociedade que se revelou primeiro na Alemanha, no século XVIII, escrevia-se sobre o iniciado:

"Ele era conduzido a dois altos pilares entre os quais um grifo impelia uma roda à sua frente. Os pilares simbolizavam o leste e o oeste, o grifo simbolizava o Sol e a roda, com quatro raios, as quatro estações. Ele aprendia o uso do nível de bolha e era instruído em geometria e arquitetura. Recebia um bastão ou vara, no qual havia serpentes enroladas, e a senha Heve (serpente), e era-lhe contada a história da queda do homem." (Enquire Within, The Trail of the Serpent)

Os símbolos nesta iniciação são, agora, óbvios e antigos.
Nas iniciações e rituais de bruxas encontramos temas semelhantes. Rodopios, danças e uma elevação gradativa geral até o frenesi ou delírio levariam o participante a um estado de transe conhecido hoje como catarse. Isso era auxiliado por drogas, tais como o "unguento" usado pelas bruxas para ajudá-las a voar e que continha hioscina. O líder, então, as guiaria ao longo de um ritual em um cenário específico, composto de palavras e encantamentos que levavam ao controle completo da mente. Com tal controle, como em muitas religiões, o participante abandonaria, muitas vezes, sua própria família e amigos. Essa é a origem do que chamamos, em tempos modernos, de culto e pode-se perceber, agora, como é difícil libertar-se de um deles.
Esse despertar da mente por meio do êxtase é, por um lado, uma liberação diante do padrão e o alcance, pela mente, de um estado de liberdade, mas, por outro lado, é um instrumento perigoso usado por muitos cultos, sociedades secretas e religiões oficiais para controlar e manipular as massas para seus próprios fins. Pode ser que alguns tenham apenas boas intenções, mas a história nos mostra, repetidas vezes, que a ganância é muito poderosa e pode dominar a alma de muitos grupos bem-intencionados.
A lição é: tenha cuidado com o que e em quem acredita.

Capítulo 11

A Origem da Serpente e as Verdadeiras Origens da Maçonaria

Esse misticismo é, de fato, o grande Segredo Maçônico, a Suprema Iniciação... É tão velho quanto o mundo.
La Trahison Spirituelle de La Freemason, J. Marquès-Rivère

Na raiz do segredo está uma reação química e eletrobiológica no interior da mente, chamada, em geral, a kundalini. Sabemos agora que isso está associado, de forma implícita, à serpente, a partir do processo e da visão internos, e, portanto, é referido como um poder serpentário. Mas existem vínculos reais com a maior sociedade secreta do mundo, os maçons? Está claro que a serpente é, e sempre foi, um símbolo dos maçons, do qual muito se orgulham. A questão é: quantos de seus membros percebem o que isso implica de fato?

Origens

Abraão, o pai israelita da humanidade, e Hiram, dos maçons, são uma única e mesma pessoa. Ambos estão fundamentados em adoradores de serpentes com raízes nos Nagas indianos ou outras deidades serpentárias. Uma afirmação esplêndida, mas que não sou o único a fazer.
Flávio Josefo disse, em sua obra História dos Hebreus:

"Esses hebreus derivam dos filósofos indianos; são chamados, pelos indianos, de Calani."

Megástenes, enviado à Índia por Seleuco Nicátor, também disse que os hebreus eram chamados "kalani" e que eram uma tribo indiana.
Clearco de Soles disse: "Os hebreus descendem dos filósofos da índia. Os filósofos são chamados, na Índia, de calanianos e, na Síria, de hebreus. O nome de sua capital é muito difícil de pronunciar. Chama-se Jerusalém".
Sendo, portanto, Abraão, enquanto pai da raça hebraica, uma figura lendária da índia, então quem é ele? Ele existiu de fato? É o momento de aborrecer os tradicionalistas.
A pessoa óbvia para ser um Abraão [em inglês, Abraham] indiano é Brahma (A-Brahma) que, por acaso, tem uma irmã e consorte chamada Saraisvati,[27] que é, para nossa surpresa, muito semelhante ao nome da esposa do Abraão bíblico, Sarai. Diz-se que Abraão aprendeu seu ofício em Ur, que é muito próxima da fronteira persa e caminho da Índia.
Também é fato que o nome de Brahma se espalhou por toda essa região, tanto que os persas até o adotaram como uma de suas divindades. Assim, a própria área onde se diz que Abraão aprendeu seu ofício religioso é a mesma em que o indiano Brahma era difundido e cultuado. O que mais podemos encontrar dentro desse território dos caldeus?
Os caldeus, chamados kaul-deva, eram uma casta sacerdotal que vivia, entre outros lugares, no Afeganistão, na Caxemira e no Paquistão. (Kaul-deva significa "os calani iluminados", portanto, eles eram os esclarecidos Iluminados, um grupo que remonta à antiga Suméria e é descrito em meu livro The Shining Ones.)

Assim, Abraão/Brahma aprendeu seu ofício entre os caldeus, que estavam relacionados ao subcontinente indiano e eram o sacerdócio Iluminado ou as almas esclarecidas. A esse respeito, então, "Abraão" era tão somente um título dado ao alto sacerdote ou senhor da seita de Brahma. Mas se, como no antigo Egito, ele precisasse duplicar a vida dos deuses, então também ele teria necessidade de uma esposa/irmã.

O fato de que Saraisvati era tanto consorte quanto irmã de Brahma também traz associações com o relato bíblico de Abraão.

"Mas, de fato, ela é, em verdade, minha irmã. Ela é a filha de meu pai, mas não a filha de minha mãe, e tornou-se minha esposa." (Gênesis 20:12)

Esse mesmo padrão de gnose oculta seria parte, mais tarde, do mito de Maria/Jesus. As complexas reviravoltas e guinadas que escritores modernos, como Dan Brown em O Código Da Vinci, parecem ter de criar para explicar a natureza aparentemente peculiar do relacionamento de Jesus com Maria, a Mãe, e Maria Madalena são, de fato, notáveis. E simples.

Da mesma forma que Sarai é Saraisvati, ela também é Ísis, a maior das deusas egípcias. Maria é, do mesmo modo, uma cópia de Ísis. Veja, Ísis era consorte de Osíris, portanto, o aspecto de esposa. Ela era, assim, a mãe de Hórus, o Salvador, e, dessa maneira, a mãe de deus. Hórus era a reencarnação de Osíris, logo, Ísis também era sua irmã. Maria, a Mãe, Maria Madalena, a amante/consorte e Maria de Betânia, a irmã, são, de fato e em verdade, os aspectos ocultos de uma tradição gnóstica muito mais antiga que não tem nenhum elemento literal! As três Marias são, na realidade, três aspectos do princípio feminino único, são a trindade feminina.

É claro, poderíamos ter alguma dificuldade aqui, uma vez que não existe afirmação, em lugar algum, de que Maria de Betânia era irmã de Jesus. Contudo, existe a afirmação de que ela era irmã de Lázaro, a quem Jesus levantou dos mortos, ou, de maneira mais pertinente, era Jesus, erguido dos mortos.

Observe que, na mitologia egípcia, era função do filho de deus e salvador, Hórus, erguer seu pai, Osíris, dos mortos e, de certa forma, ressuscitar a si mesmo (uma vez que Hórus era Osíris ressuscitado).

No entanto, é evidente que Lázaro e Osíris são nomes diferentes e, portanto, não podem ser associados. Ainda assim, embora exista muito debate quanto à etimologia exata, muitos acreditam que existe um elo comprovado. Como?

A designação egípcia antiga de Osíris era Asar ou Azar. Agora, quando os egípcios falavam de seus deuses, eles os indicavam com "o/a" [em inglês, the] e, assim, teríamos tido "o Azar" [the Azar]. O termo the [inglês] também significava senhor ou deus, como a palavra grega para Deus, The-os ou Theos. Um dos termos hebraicos para Senhor era El e era aplicado para suas muitas divindades, tais como El-Shaddai ou El-ohim. Assim, quando os escritores hebraicos incluíram Osíris em seus mitos, eles o fizeram como El-Azar - o Senhor Osíris. Isso, na posterior tradução para o latim, foi mudado para El-Azar-us. Esse uso do "us" era a terminação dos nomes masculinos na língua romana. De fato, em árabe, Lazarus [Lázaro] ainda é escrito El-Azir, sem o "us". Portanto, agora temos El-Azar-us, reduzido posteriormente para Lazarus. Dessa forma, a mitologia egípcia, ou deveríamos dizer uma mitologia muito mais antiga, tornou-se a verdade literal do relato bíblico.

Logo, Hórus ergueu "El-Azar-us" ou "El-Osíris" dos mortos, tal qual Cristo ergueria "Lázaro".

Essa história é uma representação simbólica do renascimento do deus solar Osíris, mas, não obstante, nos proporciona o fato notável de que Maria de Betânia, como irmã de Lázaro, era, na realidade literária e esotérica, irmã de Jesus.
E assim, ao passo que descobrimos que Jesus e Maria foram, em verdade, baseados em uma mitologia egípcia muito mais antiga, a qual, por sua vez, remonta ainda mais ao passado, até à antiga Suméria, também descobrimos que a história de Abraão e Sarai não é diferente. No Alcorão (6:75), descobrimos que o pai de Abraão chamava- se Azar (Osíris) e, dessa forma, Abraão era Hórus, assim como Jesus era Hórus. E veja que surpresa, nós também descobrimos (Lucas 16: 22-25) que o próprio Lázaro descansou no seio de Abraão, tal qual Osíris, enquanto o deus mutilado, descansou nos braços de ressurreição de seu filho.
E diz-se que foi esse Abraão, esse Brahma ou Osíris, quem gerou os próprios Filhos de Israel. Analisemos os filhos de Abraão e vejamos se podemos revelar a linhagem oculta da serpente ou os segredos serpentários que descobrimos em outro livro, O Graal da Serpente.
Ismael, filho de Abraão com Hagar, sua escrava, também teve filhos que viveram na índia, ou Havilah (terra de serpentes), como está no Gênesis. Os dois famosos filhos de Abraão, Ismael e Isaac, têm nomes que remetem ao culto daquela divindade serpentária hindu, Shiva.[28]
Ismael é Ish-Maal em hebraico e, em sânscrito, Ish-Mahal significa "Grande Shiva". Isaac é Ishaak em hebraico e Ishakhu em sânscrito, que significa "Amigo de Shiva". O mais surpreendente de tudo é o nome do próprio Abraão, o que poderia significar que Abraão era nada além de um Rei Naga: Ab Ram significa, de fato, "cobra glorificada".
Hiram, o famoso construtor bíblico e maçônico de templos, era Ahi-Ram e já é tempo de analisar esse personagem mítico.

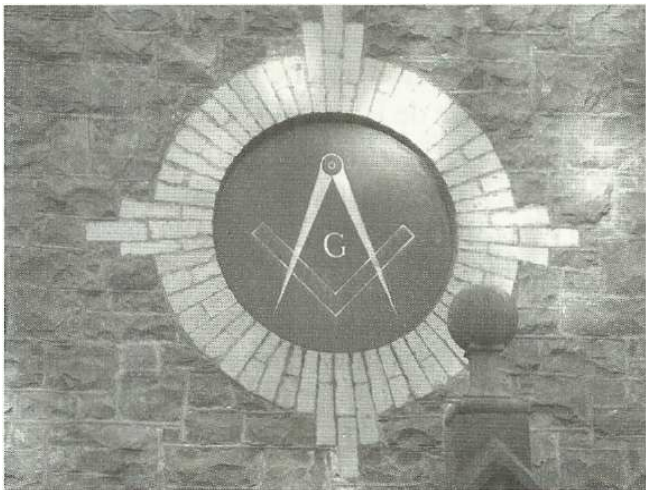
Hiram e o Templo

Hiram de Tiro era membro da Tribo de Neftali, cujo estandarte era uma serpente ou basilisco. Dizia-se que ele também era filho da Tribo de Dan, cujo emblema era a serpente e o cavalo. Em The Woman's Encyclopaedia of Myths and Secrets, Barbara Walker ressalta:

"Os escritores do Antigo Testamento tinham aversão aos danitas, a quem chamavam serpentes (Gênesis 49:17). No entanto, adotaram Dani-El ou Daniel, um deus fenício da adivinhação, e transformaram-no em um profeta hebreu. Seus poderes mágicos eram como aqueles dos danitas, emanados a Deusa Dana e suas serpentes sagradas. (...) Daniel não era um nome de pessoa mas um título, como o correspondente celta."

Aqui chegamos a uma conclusão nítida de que o Daniel da Bíblia está associado à própria Deusa Danu ou Dana da Europa celta e que essa deusa é, sem dúvida, relacionada a serpentes, nesse caso, o signo astrológico Serpens, cultuado pelos danitas. Temos ainda a confirmação de que o povo hebreu coletou seu sistema de crença daqueles ao seu redor. Até aqui, com os dados

que reunimos, eles mesclaram crenças da índia, do Egito e, agora, da Fenícia em seu próprio sistema crescente.
De acordo com o livro das Crônicas, Hiram era hábil no trabalho com ouro, prata, latão, madeira e, é importante ressaltar, pedra. Conforme o livro dos Reis, o Templo foi preparado com pedra antes de ser trazido ao local, talvez pré-fabricado em algum outro lugar. Dizia-se que não fora usado nem martelo, nem machado ou qualquer instrumento de ferro na construção. Então, como foi construído?
Bem, no Êxodo, Moisés é exortado a construir, sem ferramentas, um altar para o Senhor, a fim de não conspurcá-lo, e parece que o mesmo simbolismo foi utilizado aqui, na construção do Templo. Consoante o ensinamento rabínico, a pré-fabricação foi realizada pelo Shamir, um verme ou serpente gigante que podia cortar pedras. De acordo com os relatos islâmicos de Rashi e Maimônides, o Shamir era uma criatura viva. Isso é muito improvável, a menos que consideremos essa criatura como nós mesmos. O que é mais provável é que a idéia da sabedoria do "verme" (que de qualquer forma evoluiu da palavra verme para serpente) ou da cobra Shamir foi usada na construção do Templo simbólico do homem, uma crença gnóstica.[29]
Conta-se que os Nagas vinculados à serpente fugiram de seu país e levaram essa aparente e profunda sabedoria arquitetônica para o exterior. Essa conexão dos princípios esotéricos e ocultos da auto-iluminação manifestada aqui em simbolismo arquitetônico deu ensejo, por fim, à moderna Maçonaria.
Os "deuses arquitetos" como Thoth ou Hermes possuem fortes ligações com a sabedoria da serpente, como descobrimos em O Graal da Serpente. Outras referências também associam o Shamir à cobra, tais como o Testamento de Salomão, que o chama de uma "pedra verde", como a Tábua de Esmeralda,[30] e que, obviamente, fornece evidências de que o Shamir tenha sido a sabedoria serpentária.
De volta a Hiram, descobrimos que o nome Hir-Am, na verdade, significa "cabeça do povo exaltada" (Hir = Cabeça, exaltada, Am = povo) e está relacionado de perto a Abraão (Ab Hir Am).
No entanto, ele ainda possui outro significado mais esclarecedor.
Ahi-Ram significa, de fato, "serpente exaltada". Assim, em qualquer dos significados, Hiram era a "cabeça exaltada" ou "cobra", sendo ambos fundamentais à descoberta do entrelaçamento entre o culto da cobra e crenças religiosas subjacentes, a mistura dos opostos no interior da própria cabeça de alguém, como mostrado em O Graal da Serpente.
Alguns ainda acreditavam que Hiram (de acordo com David Wood em seu livro Genisis) era descendente de Caim por meio de Tubal-Caim, que, diziam, era o único sobrevivente da "raça superior" após o dilúvio.
Supõe-se que a raça se chame Elohim (povo da "cobra flamejante") ou os "Iluminados", também conhecidos como o "povo da serpente". Esse conto originou-se de um texto conhecido como E ou Elohim, de cerca de 750 a.C. e que, da mesma forma, dá ensejo às histórias dos Arquitetos Dionisíacos, também associados aos maçons.
Não admira que os pilares de Hiram devam estar relacionados de perto ao culto da cobra. Rosslyn e, em especial, um de seus falsos pilares de templo, está emaranhada no simbolismo

das cobras, não apenas como uma relação direta com os mitos nórdicos de Yggdrasil e sua serpente devoradora, mas como símbolos do poder religioso da serpente gnóstica.
No Pergaminho Secreto descoberto por Andrew Sinclair, uma das imagens mais importantes é a visão de uma grande serpente enrolada abaixo das escadas do Templo e com uma coroa, uma picareta e uma pá, como que se apontasse em direção à escavação do próprio Templo.
Existe uma lenda que pode apoiar as descobertas de Andrew Sinclair.
Essa lenda oriental conta como a Rainha de Sabá sentiu-se atraída por Hiram, deixando o Rei Salomão enciumado. Tão enciumado, na verdade, que ele tramou a morte de Hiram. O metal fundido usado na criação de um "mar de bronze" seria utilizado para matar Hiram, mas ele foi salvo pelo "espírito" de Tubal-Caim, seu ancestral, que é associado ao culto da serpente. Ele foi salvo da morte pela serpente. Hiram lançou sua "jóia" em um poço profundo, mas foi, então, morto por assassinos de Salomão com um golpe na cabeça. Dizia-se que três mestres encontraram, mais tarde, o corpo e o veneraram. A jóia foi encontrada e colocada sobre um altar triangular, que Salomão tinha então erigido em uma catacumba secreta sob o Templo (Josefo, Antiquities VIII, 3:4). Qual era a joia desse construtor, que causou tanta veneração? Seja o que for, supõe-se que posteriores cavaleiros cruzados, sob o disfarce de Cavaleiros Templários, deveriam escavar de forma intensa por baixo do Templo para descobri-la. Acredita-se que os Templários escavaram em busca de outros itens que eles (e outros, como São Bernardo) acreditavam estar ali, tal como a Arca da Aliança. Pode ser que até mesmo esta seja uma linguagem simbólica e gnóstica, a eterna busca por nossa própria divindade.
Após as dúbias escavações, tanto os Templários quanto os Cistercianos de São Bernardo conquistaram imensa riqueza. Grandes trabalhos de construção foram realizados por toda a Europa e todos eles escondiam o simbolismo secreto da cobra e valiam-se das habilidades arquitetônicas descobertas durante suas incursões no Oriente Médio. O mais importante de tudo, no entanto, é o simbolismo que foi trazido de volta com eles, que invadiu a cultura europeia como um vírus contagioso, infiltrando-se nas e sobre as construções e obras de arte, mantendo viva uma tradição antiga, para ser por nós redescoberta um dia.
Os vazios e figurados Pilares de Bronze de Hiram tornaram-se os pilares gêmeos dos posteriores maçons, que, como Moisés no papel da serpente que surge, emergiram dos Templários. Dizia-se que esses pilares eram ocos e continham manuscritos secretos, o que nos lembra a suposta descoberta de manuscritos antigos e secretos de Rennes Le Château, que se acreditava, também, terem sido encontrados dentro de um pilar e popularizados pelo livro O Código Da Vinci. Na verdade eles guardam mesmo um segredo, mas não é um que possa ser segurado com as mãos.
Agora é hora de analisar outra fonte externa dos maçons modernos para ver se existem quaisquer influências paralelas em jogo: os Arquitetos Dionisíacos que mencionamos há pouco.

Símbolo maçônico em Llanfairfechan, País de Gales

Os historiadores maçônicos dizem que esses são os primeiros criadores de suas sociedades. Um grupo oculto ou sociedade secreta com doutrinas que Manly P. Hall (em Masonic, Hermetic, Quabbalistic & Rosicrucian Symbolical Philosophy) diz ser semelhante aos maçons. Acredita-se que tenham sido grandes construtores, evocando a idéia dos grandes arquitetos Nagas que fugiram da Índia.

Supõe-se que foi essa sociedade secreta, sob o comando de Hiram Abiff, que construiu o Templo de Salomão e erigiu os grandes pilares de bronze agora vistos como Boaz e Jachin na Maçonaria. Também eram conhecidos como os Collegia romanos que, dizia-se, percorriam as localidades como os maçons medievais, construindo lugares fantásticos como o Templo de Diana em Éfeso (John Weisse, The Obelisk and Freemasonry).

Weisse também aponta que os Collegia influenciaram os esforços de construção islâmicos, que se tornariam, mais tarde, um marco na arquitetura da Europa Ocidental após as cruzadas e, por meio da influência dos Collegia sobre os Templários, entre outros.

Acreditava-se que esses Collegia também fossem conhecidos antes dos romanos na Grécia e que cultuavam o Baco serpentino. Considerando a fascinação maçônica pelos druidas, não espanta que o historiador e arqueólogo William Stukely acreditasse que eles tivessem sido os

construtores de Stonehenge e de outros monumentos antigos. Muitos escritores maçônicos adoram fazer associações de si mesmos com os druidas e descobrimos que eles "tinham uma grande veneração pela Serpente. Seu grande deus Hu era representado por aquele réptil" (George Oliver, Signs and Symbols).

Se é verdade que os Arquitetos Dionisíacos e os Collegia gregos e romanos adoradores de Baco/Dionísio estavam entre os criadores dos maçons, então é bastante provável que eles também estivessem vinculados aos druidas adoradores de serpentes, que eram ainda conhecidos como Víboras ou Cobras. Todos eles eram uma exibição posterior do culto mundial à serpente, iguais aos da Índia, Egito e outros lugares, que possuíam fantásticas habilidades de construção e guardavam os segredos das verdadeiras e ocultas tradições gnósticas. Ainda hoje podemos ver um remanescente desse grande culto arquitetônico, secreto e baseado na adoração da Serpente, entre os maçons. Como assevera George Oliver, "a Serpente é universalmente considerada um símbolo legítimo da Maçonaria", e agora vemos que sua história se estende pelo mundo todo. Alguns ainda diriam que ela foi mantida viva, de maneira justificável, entre os maçons iniciados.

PARTE 2

Sociedades Secretas

Capítulo 12

Os Cavaleiros Templários

Nenhum livro que explore a miríade de mitos e contos das sociedades secretas pode deixar de mencionar os incrivelmente populares Cavaleiros Templários. Existem ligações entre essa ordem medieval de monges guerreiros e os muçulmanos, maçons e mesmo heréticos, de modo que precisamos alcançar uma compreensão de seu lado mais sombrio.

Seja como estrelas do filme A Lenda do Tesouro Perdido, da Disney, ou como peões da propaganda política e comercial dos dias modernos, os Cavaleiros Templários assentaram-se como um dos grupos mais misteriosos do mundo. Mas qual é a verdade? Eles possuíam mesmo um grande segredo? Escondiam, de fato, tesouros? Eram, de fato, guardiões da Linhagem Sangüínea Sagrada? Analisemos.

Supõe-se que um grupo de nove cavaleiros (o que é discutível e bastante improvável) foi escolhido dentre a nobreza governante, na região da França conhecida como Champagne. Esses homens reuniram-se em Jerusalém por volta de 1118 d.C. e formaram os agora famosos Cavaleiros Templários. Isso não pode ser de todo provado pelos textos. Contudo, a história é repetida com tanta freqüência que se torna verdadeira. É muito mais provável que tenham se formado na França anos antes, embora eu tenha novos indícios que situam sua criação em um passado ainda mais remoto do que até mesmo eu já tivesse imaginado (veja The Ark, the Shroud, and Mary).

Fizeram um juramento, diz-se, de submeter suas vidas e trabalho a um severo código de regras e lhes foi ordenado somente que assegurassem a passagem segura de peregrinos para a Terra Santa. Os Cavaleiros solicitam essa tarefa ao primeiro Rei Balduíno de Jerusalém, que a recusa. Ele, então, morre sob circunstâncias misteriosas e é substituído por Balduíno II, que quase de imediato lhes concede tal privilégio. Esse é o mesmo Balduíno que, em seguida, envolve-se de forma direta com os Assassinos.

Pelos nove anos seguintes (eis aí o número de novo), os cavaleiros escavam o subsolo do Templo de Salomão (que nunca existiu) em total sigilo e o Grão-Mestre retorna à Europa com, supõe-se, segredos que estiveram escondidos por centenas de anos. Os cavaleiros rapidamente conquistaram uma isenção especial do papa, que lhes permitia cobrar juros sobre empréstimos, o que indica seu rápido caminho para a riqueza. Logo chega o grande período de construção de catedrais por toda a Europa, com os recém-descobertos "segredos" arquitetônicos encontrados pelos cruzados. Esse novo conhecimento pode muito bem ter vindo de algumas das descobertas feitas pelos Templários, em especial quando levamos em conta que o homem responsável por estimular o programa de construção era ninguém menos que São Bernardo. As regras da Ordem dos Cavaleiros Templários foram ditadas por Bernardo, que tinha vínculos de sangue com vários membros. Ele também era indicado na propaganda da literatura arturiana e do Graal sobres as quais já obtivemos tantas informações.

Os Templários cresceram em riqueza e poder. Seu sistema bancário e de propriedade de terras transformou-os em um dos grupos mais poderosos e temidos da Europa. Quase ninguém poderia rivalizar sua força internacional. De acordo com George F. Tull em Traces of the

Templars, eles também estavam "bem posicionados para obter relíquias", uma vez que dispunham do respeito da nobreza e tinham muitas propriedades situadas em pontos estratégicos por toda a Terra Santa.
Perto de Loughton-on-Sea, na Inglaterra, existem muitos lugares relacionados aos Templários. O templo ali existente, segundo Tull, era "bem guarnecido de livros litúrgicos, recipientes e vasos de prata, prata dourada, marfim e cristal, vestimentas, drapeados e toalhas de altar. Dentre as relíquias mantidas ali havia duas cruzes que continham fragmentos da Cruz Verdadeira e uma relíquia do Sangue Sagrado". Não importa o que este último pudesse ter sido, não era uma linhagem de sangue. Tull conta-nos, ainda, como algumas dessas relíquias chegaram à Grã-Bretanha:

"Às vezes os viajantes retornavam com uma carga mais especializada, como quando, em 1247, o Irmão William de Sonnac, Mestre do Templo em Jerusalém, enviou um distinto Cavaleiro Templário para trazer à Inglaterra e dar de presente ao Rei Eduardo III 'um pouco de Sangue do Nosso Senhor, que Ele derramou sobre a Cruz para a salvação do mundo, em um belo vaso cristalino'. A relíquia fora autenticada, sob selo, pelo Patriarca de Jerusalém, os bispos, abades e nobres da Terra Santa."

Em Surrey, os Templários possuíam uma propriedade conhecida, na época, como Templo Elfold, com 192 acres de terra para cultivo. Aqui, de novo, em 1308, havia menção a um graal e a um cálice. É óbvio que parte da riqueza dos Templários veio dos instrumentos de divulgação do comércio medieval de relicário, o que prova sua perspicácia negociai e sua habilidade em obter tais instrumentos. Eles também foram de importância crucial para a difusão do culto a São Jorge, em especial ao considerarmos que conheciam seu santuário em Lida.
Mas, no começo do século XIV, o Rei Felipe da França organizou sua queda e, assim, os supostos segredos e riquezas dos Templários desaparecem.
Em seus julgamentos, os Templários não só foram acusados de cultuar a cabeça sagrada, mas também de veneração à serpente. Como Andrew Sinclair ressalta em O Pergaminho Secreto,[31] outro emblema templário era o bastão com folhagens de Moisés, o mesmo que se transformara em serpente e era simbólico do culto religioso à serpente e da cura.
The Rosslyn Missal, escrito por monges irlandeses no século XII, apresenta cruzes templárias com grandes dragões e discos solares. Em O Pergaminho Secreto está o símbolo das 12 tribos de Israel, o peitoral de Aarão (cujo bastão de serpente está, reza a tradição, dentro da Arca) com 12 quadrados que simbolizam as 12 tribos encimadas por uma serpente. A serpente governa as tribos: "(...) a Serpente, como símbolo, angariou um lugar proeminente em todas as iniciações e religiões antigas. Entre os egípcios, era um símbolo de Sabedoria Divina". (O Pergaminho Secreto, Andrew Sinclair, que, é claro, foi datado por estudiosos como sendo do século XVI ou mesmo XVIII). Muitos acreditam que alguns poucos Templários e seus segredos fugiram para a Escócia; nos anos seguintes se iniciou uma nova era da Maçonaria, a qual se acredita vir, de forma direta, dos Templários.
No ano 1314, o Rei Eduardo da Inglaterra invadiu a Escócia a fim de acabar com as guerras nas fronteiras. Ao encontrar o exército escocês em Bannock Burn, foi surpreendido por uma

tropa de homens bem treinados que lutavam pelos escoceses. A sorte mudou e a Escócia conquistou a independência, ainda que somente por três anos. A história oficial considera que esses valentes homens que mudaram a sorte contra os homens bem treinados do exército inglês eram nada mais que seguidores de acampamento e servos. Muitos, no entanto, agora acreditam que esses eram os famosos Cavaleiros Templários, que haviam se estabelecido na Escócia a fim de se esconderem da tirania católica. De maneira estranha, logo após a batalha, Robert Bruce, o novo rei escocês, recompensa a família Sinclair com terras perto de Edimburgo e Pentland, as mesmas terras que são associadas a centenas de túmulos, locais e símbolos templários, entre outros, tais como Balantrodoch (um templo).

Uma indicação da simpatia popular pelos Templários é demonstrada na Revolta Camponesa de Wylam Tyler em 1381 d.C., quando uma multidão marchou em protesto contra os tributos opressivos que lhes eram cobrados. É curioso notar que não danificaram as antigas construções templárias, mas voltaram sua atenção às da Igreja Católica. Em certa ocasião, eles de fato retiraram objetos de uma igreja templária em Londres para queimá-los na rua, mas não danificaram a construção. Pode ser que esse levante tenha sido um incidente natural, ou pode ter sido inspirado pelas ações de uma sociedade oculta e agora secreta dos Templários, oculta devido ao renovado ódio católico por eles. Se os Templários, de fato, inspiraram essa revolta, então, mesmo que não tenham sido bem-sucedidos, tentaram de novo cem anos mais tarde e forçaram a Reforma. Por volta desse período (século XV) surgiram os primeiros registros de reuniões das maçonarias escocesa e de York.

Analisemos de maneira um tanto oblíqua a história e o simbolismo dos Templários.

Existem alguns vínculos estranhos entre a iconografia suméria e o simbolismo templário que precisam ser mencionados. A imagem templária mais evidente é aquela dos dois cavaleiros pobres montados sobre um único cavalo, a qual é muito semelhante à idéia e ao conceito de dois cavaleiros que encontramos na antiga Suméria. Essa era tão somente uma técnica de tática de guerra, embora possa haver alguma verdade na crença de que tem sua origem na hipótese do "equilíbrio" dos "gêmeos". A cruz templária é vista, da mesma forma, em muitas imagens sumérias e, em geral, associada a um crescente lunar invertido. A Fleur de Lys também é uma imagem corriqueira, bem como abelhas, que eram comuns também aos merovíngios. O pentagrama também é visto nas imagens de ambos e simbolizava a essência dos merovíngios como os "Iluminados".

Outro símbolo visto de várias formas, desde a Suméria até a França, é o Abraxas, uma figura com cobras no lugar das pernas, um símbolo usado para deuses tais como Oannes e, de modo nada surpreendente, este último tornou-se o símbolo do Grão-Mestre da Ordem Templária. O que isso poderia significar? Que o dirigente da Ordem dos Templários via a si mesmo como o chefe das serpentes? E qual era outro nome para a serpente dirigente? Pendragon! Em suma, o Mestre dos Templários, portanto, não apenas admitia a referência literária aos Templários como os cavaleiros que protegeriam o Graal, mas também via a si mesmo como Arthur e vice-versa.

Em conjunto com o fato de que os Templários também usavam o símbolo serpentário da eternidade e imortalidade (a cobra que devora sua própria cauda), temos um segredo serpentário que é guardado pelo mais alto dos guardiões cristãos.

A cruz de Lorraine, um símbolo usado pelos Templários antes de sua usual cruz em estilo

"maltês", é vista na Suméria como um símbolo de monarquia ou realeza. Essas influências devem ter sido absorvidas enquanto os Templários estavam no Oriente Médio e utilizadas mais tarde. Sabemos que usavam o sinal, pois os julgamentos do início do século XIV mostravam os prisioneiros gravando o símbolo nas paredes das celas. Que outros segredos antigos eles reuniram?

Um artigo de Boyd Rice intitulado "The Cross of Lorraine: Emblem of the Royal Secret" menciona que a cruz de Lorraine, além de ser um símbolo de veneno, era o emblema da heráldica de René D'Anjou, que, segundo Charles Peguy, representava tanto os braços de Cristo quanto os de Satã e o sangue de ambos. Também se diz que incorpora o símbolo fi [phi] ou a Razão Áurea da Geometria Sagrada, tão importante para os maçons. René D'Anjou era bastante versado e interessado em muitas coisas ocultas. Empreendeu uma busca por novos (antigos) textos herméticos. A Cruz de Lorraine foi empregada por René e, na seqüência, por Maria de Guise, esposa de James Stuart V (pais de Maria, Rainha da Escócia), por seu simbolismo ocultista. Tal simbolismo oculto mostrava a cruz como representativa de veneno. Prova desse significado também vem do fato de que se tornou um ícone usado por químicos (alquimistas em sua origem) nos frascos de substâncias venenosas. A idéia está escondida na dualidade. Por que monarcas e Templários usariam um sinal para veneno, se tal veneno não tivesse um aspecto oposto? Aquele da cura! Mais tarde, no início do século XX, Aleister Crowley, o arquimago e autoproclamado alquimista britânico, designaria esse mesmo símbolo como o Sigilo de Baphomet, o próprio ícone templário de adoração. Considera-se que a Cruz de Lorraine também seja um signo de segredos; um indício da Raça Angelical, que desceu ao mundo e depositou sabedoria e os segredos da imortalidade sobre a Linhagem Sangüínea Real. De acordo com Boyd Rice, é "um sigilo daquele Segredo Real, a doutrina dos Esquecidos". E por essa razão, parece estranho que, na década de 1940, Charles de Gaulle a transformasse no símbolo da Resistência Francesa. E claro que, agora, sabemos que esses seres "angelicais" eram os Elohim/Iluminados ou Vigilantes, e que o veio oculto de seu conhecimento, até o período medieval e provavelmente além, deriva da Suméria.

Baphomet

Dizem que esse objeto misterioso era venerado pelos Templários e que se escreveu de modo extenso sobre ele nos últimos 30 anos. Alguns pensavam se tratar de um crânio.

É estranho, mas uma possível explicação para a origem da palavra pode ser encontrada nos desertos do Iêmen. As pessoas que ali vivem são chamadas Al-Mahara, e desenvolveram muitas formas de combater o veneno de cobra. Os sacerdotes especiais da cobra são chamados homens Raaboot e conta-se que o segredo passa de pai para filho. Suas lendas afirmam que possuem imunidade a picadas de cobra.

Se alguém é picado, um homem Raaboot é chamado. Ele, então, senta-se ao lado do paciente, junto com vários outros que cantam, em uma voz monótona, "Bahamoot, Bahamoot". O veneno é, em seguida, vomitado ou retirado do corpo pela outra direção e o homem Raaboot sai. Como asseverei antes, aqui também se afirma que a cobra tem uma jóia em sua cabeça, que indica o aspecto da iluminação.

Não seria possível que Bahamoot, como um cântico para a cura de picadas de cobra, tenha

sido transmitido por várias culturas e se descobrisse como uma palavra para a "serpente-chefe"? A mesma "serpente-chefe" que os Templários cultuavam?
No mínimo, a etimologia desses dois itens relacionados é tão semelhante que mostra, uma vez mais, na linguagem do culto à serpente, uma difusão mundial.
Uma sexta-feira, 13 de outubro de 1307, foi um dia terrível para os Cavaleiros Templários, uma vez que os homens do Rei Filipe IV atacaram todas as propriedades francesas da Ordem, confiscando-as e prendendo cada um de seus membros. Por quê? Tão somente porque Filipe devia-lhes imensas somas de dinheiro e não tinha condições de pagá-las. Além disso, esperava que o famoso tesouro templário pudesse ser seu.
Com a ajuda de seu fantoche, o Papa Clemente V o rei francês torturou os cavaleiros para descobrir seus segredos. Por fim, para justificar sua ação, os Templários foram acusados de heresia, práticas homossexuais, necromancia e realização de rituais bizarros, tais como execração da cruz, como que para mostrar sua falta de fé nesse ícone cristão. Esse era, contudo, um método de iniciação, não um ato herético.
A evidência mais incomum e desconcertante com que se depararam foi o culto desse ídolo chamado Baphomet. Essa "coisa" estranha, embora às vezes referido como um "gato" ou "bode", era, em regra, vista como uma "cabeça cortada". No livro Magic of Obelisks, Peter Tompkins diz:

"A indignação pública foi provocada (...) o símbolo templário de ritos gnósticos baseados na veneração fálica e o poder da vontade direcionada. A figura andrógina com barba de bode e cascos fendidos é associada ao deus cornífero da antigüidade, o bode de Mendes."

A lista de acusações usada pela Inquisição em 1308 aponta:
"Item, que em cada província tinham ídolos, a saber, cabeças.
Item, que eles adoravam esses ídolos ou aquele ídolo e, em especial, em suas grandes divisões e assembléias.
Item, que (os) veneravam.
Item, que os veneravam como Deus.
Item, que os veneravam como seu Salvador.
Item, que eles diziam que a cabeça poderia salvá-los.
Item, que ela podia produzir riquezas.
Item, que ela podia fazer as árvores florescer.
Item, que ela fazia com que a terra germinasse.
Item, que eles cercavam ou tocavam cada cabeça do ídolo já mencionado com pequenos cordões que usavam ao redor de si e próximos à camisa ou ao corpo."

Alguns diziam que era uma cabeça de homem, mas outros diziam que era uma cabeça de mulher. Alguns diziam que era barbada, outros, sem barba. Alguns presumiam que era feita de vidro e que tinha duas faces. Essa mistura generalizada de idéias demonstra de onde o conceito da cabeça poderia ter vindo. Que era uma cabeça de homem ou de mulher indica sua "natureza dual" e, de forma muito semelhante às antigas cabeças celtas, me inclinaria à opinião de que ela surgiu de parte do suposto culto antigo da cabeça.

Afirma-se que os celtas acreditavam que a alma residia na cabeça, tal como os hindus. Eles decapitavam seus inimigos e guardavam suas cabeças como talismãs. É provável que a cabeça mais conhecida da tradição celta seja a de Bran, o Abençoado, que foi enterrada do lado de fora de Londres - alguns dizem que em Tower Hill - com a fronte voltada para a França. Foi colocada ali para expulsar a praga e a doença e assegurar a fertilidade da terra, os mesmos poderes que eram atribuídos ao "Homem Verde".

"Barbado" e "sem barba" indicam de novo tão somente a natureza dual, tal como a idéia de que tinha "duas faces", como o deus Jano. Ao que parece, recebera o nome de Caput 58 (Caput significa "Cabeça"), o que indica a possibilidade da existência de centenas delas. Naquele período existiam também fortes ligações com o Islamismo, as quais, muito provavelmente, os Templários não fizeram no seu suposto mundo cristão.

Ainda é dito que o nome Baphomet derivava de Mahomet, uma corruptela do francês arcaico para o nome do profeta Maomé. Outros alegam que ele vem da palavra árabe abufihamet, que significa "Pai do Entendimento".

É mais provável, contudo, que Baphomet venha de baphe, que significa submergir, e mete, sabedoria. O Baphomet, enquanto instrumento da tradição gnóstica ou crença de ser "submerso em sabedoria", é associado ao conceito de Sofia ou deusa da sabedoria.

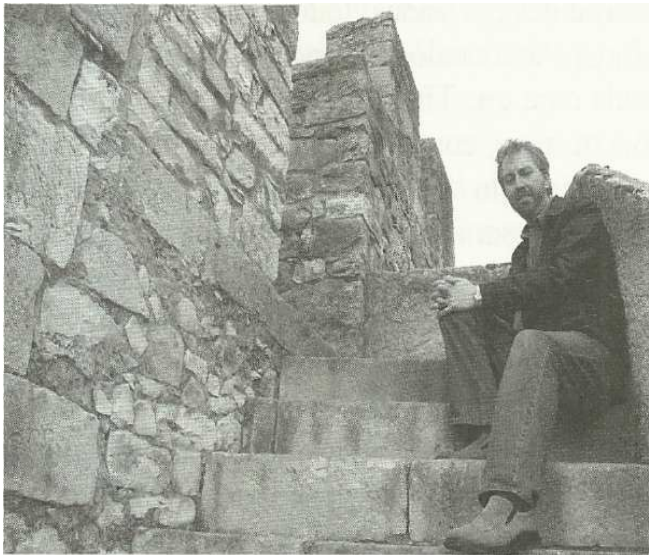
O símbolo da cruz

Agora nos voltamos à cruz, pois sua história e mitologia são profundas e podem bem revelar mais segredos dos maçons e Templários.

Nos dias de hoje o mundo está enlouquecido por tudo que se refira aos Cavaleiros Templários. Eles nunca foram tão populares como agora. Para onde quer que se olhe existe um novo livro, pôster, camiseta e mesmo caneca com sua famosa cruz vermelha sobre um fundo branco.

Mas esse não era seu único símbolo, e descobri que existia uma verdade ainda maior a ser descoberta por trás dessa imagem enigmática e, acredite ou não, não tinha nada a ver com Dan Brown.

Comecei minha investigação com um símbolo que é familiar para muitas pessoas: a ankh. Existem milhões de pessoas que andam por aí hoje com esse símbolo singular e de extrema importância pendurado em seus pescoços. Ele está profundamente incrustado nas sociedades secretas do mundo, inclusive nas dos maçons, rosacrucianos e muitas outras. Mesmo cristãos adornam-se com a imagem, pensando ser uma cruz normal. E, ainda assim, a importância do simbolismo sugerido por esse aparentemente discreto e pequeno objeto é muito profunda.

Esse símbolo enigmático do Egito representa a "vida eterna" e era encontrado com freqüência em nomes de faraós, tais como o famoso Tut-ankh-amon. Em regra, o símbolo é mostrado nas mãos de um deus, que o entrega ao faraó, dando-lhe vida, ou nas mãos de um faraó, que o entrega a seu povo, dando-lhe vida. Isso basicamente separa os imortais dos mortais, pois qualquer um que usasse ou portasse a ankh havia obtido, ou esperava obter, a imortalidade. Aqueles que possuíam a ankh eram os grandes magos, capazes de alterar a realidade. Possuíam poder sobrenatural por meio do instrumento, que simbolizava o acesso ao Outro Mundo. Então, quais elementos dessa ankh conferem-lhe esse poder especial?

O autor em um castelo templário em Portugal

A ankh é conhecida, em termos técnicos, como a Cruz Ansata. É uma cruz em T simples encimada por um oval, chamado Ru. O Ru é, em geral, visto como um portal ou entrada para outra dimensão, tal como o céu, ou seja, o Outro Mundo. Portanto, a ankh transforma-se no símbolo de transição de um plano para outro. Ela sobreviveu à dominação do Egito e foi usada de forma ampla pelos cristãos como sua primeira cruz, mas neste símbolo está guardada uma pista para o segredo da serpente.

Um personagem que tem vínculos complexos com a ankh e, em especial, a cruz Tau é Thoth ou Taautus, uma figura que não difere do Hermes dos alquimistas e gregos ou do bíblico Enoche, que foram, ambos, transportados para outros mundos por meios semelhantes aos modernos estados alterados de consciência e são referidos, sempre e uma vez mais, pelas sociedades secretas.

De forma surpreendente, Eusébio dizia que Thoth havia sido o criador do culto à serpente na Fenícia, o que se mostrará valioso. Sanchoniathon chamava-o um deus e diz que ele fez a

primeira imagem do Coelus[32] e inventou os hieróglifos. Isso o associa a Hermes, que eu mencionei anteriormente. Thoth também consagrou as espécies vinculadas de dragões e serpentes e os fenícios e egípcios seguiram-no nessa tradição.
Esse Thoth poderia bem ser uma memória do primeiro grupo que criou o culto da serpente depois do dilúvio ou do fim da última era glacial, por volta de 12 mil anos atrás. Thoth foi divinizado após sua morte (ocasião que ninguém conhece, se ele existiu) e recebeu o título de "deus da saúde" ou "cura". Ele era o protótipo do curador vinculado à serpente, Esculápio, e identificava-se com Mercúrio, que portava o caduceu de serpentes enroladas: todos eram curadores, sábios, professores, salvadores e associados à serpente por seus poderes. De fato, foi como o deus da cura que Thoth foi simbolizado como a serpente - era representado, em regra, com a cabeça de um íbis ou de um babuíno.
A letra ou símbolo "Tau" é a primeira letra de Taautus, Tammuz e Thoth e acredita-se ser a "Marca de Caim", que era chamado o "filho de serpentes". Em muitos aspectos, também está relacionada à antiga suástica, que nos é hoje tão conhecida das imagens nazistas. Descobriremos, em breve, que os próprios nazistas tiveram seu início como uma sociedade secreta.

Suástica

O antigo símbolo da suástica é tão somente uma espiral estilizada, como se pode notar nas muitas representações de suásticas, pelo mundo todo, compostas de espirais e cobras. Aparece, também, nos desenhos espiralados dos labirintos e dédalos. A palavra labirinto vem diretamente da antiga cultura da Deusa Cobra Minoica de Creta, onde a suástica era usada como símbolo do labirinto e está ligada, em termos etimológicos, com o "machado de cabeça dupla", que não é nada além da cruz Tau. Suásticas labirínticas semelhantes foram encontradas na antiga cidade de Harappa, de 2000 a.C. Uma vez que o labirinto é visto como um útero da Deusa Mãe e um símbolo da cobra, não admira que ambos os símbolos tenham se fundido. Contudo, labirintos também eram vistos como lugares da longínqua iniciação serpentária. No antigo Egito, o labirinto era equivalente ao chamado o Amenti, o caminho sinuoso que o morto segue em jornada da morte à ressurreição. Era Isis, a rainha serpente do céu, quem guiaria as almas pelas curvas do Amenti. O caminho em direção ao centro leva ao tesouro.
A cobra que adorna Atena na antiga Grécia é mostrada com um saiote em suásticas. O mesmo é verdadeiro para Astarté ou Asherah e Ártemis. Existe uma peça samarra em cerâmica, na Mesopotâmia, que data de 5.000 a 4.000 a.C. e mostra uma mulher e uma suástica, na qual os cabelos da mulher se contorcem junto com serpentes, como uma Medusa. A suástica também é representada como duas serpentes que se atravessam.
No mito nórdico, o martelo de Thor,[33] Mjöllnir, está associado de perto à suástica e é encontrado como um motivo proeminente na arte escandinava, desde a Idade do Bronze até a Idade do Ferro. É encontrado em espadas, urnas de cremação anglo-saxônicas e em numerosos itens vikings. Era visto como uma proteção contra ladrões, o que evoca o fato de que se sabia que as serpentes guardavam tesouros. Como o martelo de Thor também era visto

como uma cruz Tau, ele está, com certeza, relacionado aos segredos da serpente. Foi usado por Thor para decepar a cabeça do boi sagrado que usou como isca para agarrar a Serpente de Midgard, que circundava o globo como no símbolo do Ouroboros, mordendo a própria cauda. Thor, assim, oferecia a cabeça como sacrifício à serpente para tentar obter a imortalidade do hidromel, a bebida dos deuses. Usou a serpente para pegar a serpente. Thor tentou fazer com que cessasse o ciclo constante da Serpente de Midgard e, dessa forma, ele derrotou o próprio tempo.

O objetivo de Thor era obter um caldeirão grande o suficiente para levar o hidromel aos imortais, e ele precisava provar seu valor pescando a serpente. Ele tinha poder sobre a serpente como assassino com a suástica ou a cruz Tau. Existem indícios que provam a relação entre os mitos desses escandinavos e os mitos dos hindus, como a história de Thor e a Serpente de Midgard assemelha-se de perto à batalha entre Indra e Vritra, o que mostra uma origem comum.

Vritra é a grande serpente que habita a nascente de dois rios (o positivo e o negativo, ou o masculino e o feminino), tal como a Serpente de Midgard fica debaixo do mar (da mente). Indra rasga a barriga da serpente para libertar as águas e, dessa forma, a fertilidade volta à terra. Ambos os deuses (Indra e Thor) estão associados à água, ambos são deuses guerreiros com um raio por arma e ambos matam o dragão. A suástica da serpente é um motivo comum tanto na cultura hindu quanto na escandinava. Por fim, os cristãos apoderam-se de ambos os mitos pagãos e colocam São Miguel e São Jorge em seu lugar, ambos portando a cruz serpentária vermelha para substituir a suástica.

A cruz também pode ser encontrada nos mitos de Thoth ou Taautus, o qual, dizia-se, simbolizava os quatro elementos com uma cruz simples, que se originou do ainda mais antigo alfabeto fenício como a serpente enrolada. De fato, Filo acrescenta que as letras fenícias "são aquelas formadas com o uso de serpentes (...) e adoravam-nas como os deuses supremos, os governantes do Universo". Se Thoth, Hermes e mesmo Enoche são os supostos inventores da arte da escrita, então não espanta que tenham associações tão próximas com a serpente.

Victoria de Bunsen acreditava, no século XIX, que "as formas e movimentos das serpentes foram empregados na invenção das letras mais antigas, que representam deuses". Esse símbolo dos quatro elementos foi um pouco alterado e tornou-se o Taut egípcio, o mesmo que o grego Tau, que é de onde tiramos o nome cruz Tau: um simples T.

O T ou cruz Tau também dá seu nome ao touro no signo astrológico de Touro [em inglês, Taurus] - note aqui os dois elementos Tau e Ru reunidos. Os druidas (ou "víboras", tal como a cobra) veneravam a árvore e a cobra, riscando a cruz Tau nas cascas de árvores.

Na Idade Média, a cruz Tau era usada em amuletos para proteger o usuário contra doenças.

Entre os maçons modernos, o Tau possui muitos significados. Alguns dizem que representa o Templum Hierosolyma ou o Templo de Jerusalém. Outros afirmam que indica tesouros ocultos ou significa Clavis ad Thesaurum, "uma chave ao tesouro" ou Theca ubi res pretiosa, "um lugar onde se esconde o objeto precioso".

Tem especial importância na Real Arqui-Maçonaria, onde se torna a "Jóia do Companheiro": uma serpente como um círculo sobre a trave da cruz no lugar do Ru, formando a ankh com a palavra hebraica para "serpente" gravada na vertical e incluindo ainda o Tau Triplo, um símbolo para tesouro oculto.

Era, também, o símbolo de Santo Antônio, que mais tarde se tornaria o símbolo dos Cavaleiros Templários de Santo Antônio de Leith, na Escócia. Santo Antônio viveu no século IV d.C. e a ele é atribuído o estabelecimento do Monacato no Egito. Conta-se a história de que ele vendeu todas as suas posses depois de ouvir o Senhor e partiu para o deserto a fim de tornar-se eremita. Em suas viagens, aprendeu muito com vários sábios do Egito e arrebanhou para si um grande grupo de seguidores. Ele foi dolorosamente tentado pelo diabo na forma de "coisas rastejantes" e serpentes. Em uma ocasião, ele segue uma trilha de ouro até um templo infestado de serpentes e ali faz morada, necessitando de pouco alimento, além de pão e água para seu sustento. Dizem que viveu 105 anos e, graças à sua longevidade, atribuem-lhe poderes protetivos.

A Ordem dos Hospitalários de Santo Antônio, que mais tarde tomaria muito da riqueza templária, trouxe muitas das relíquias de Antônio para a França no século XI. Dizia-se que, antes disso, haviam sido depositadas secretamente em algum lugar no Egito logo após sua morte e, mais tarde, foram levadas para Alexandria. Tudo isso é uma representação simbólica da verdade. De fato, a verdade é que os segredos dessas histórias foram levados para Alexandria, uma mistura dos mundos ocultista, esotérico, gnóstico e místico e, daí, espalhou-se para a Europa por meio de movimentos como o dos Templários, rosacrucianos e, mais tarde, os maçons; eis o motivo para se encontrar o simbolismo na "Jóia do Companheiro".

O Taut ou Tau simboliza os quatro elementos criadores do Universo. E o centro de toda essa criação, é a fagulha no ciclo, o próprio centro de tudo. Em seguida, o círculo da serpente solar foi acrescido: um círculo simples ou o Ru oval. Essa volta ou laçada sobre a cruz T criou a ankh, o símbolo da eternidade. A cobra em um círculo, ao morder a própria cauda, simboliza o Sol e a imortalidade.

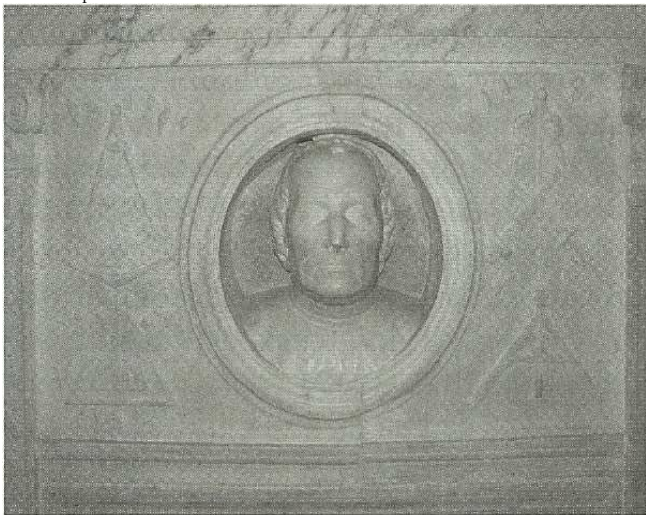
Por fim, o símbolo da Lua foi acrescido a ele e o transformou no signo de Hermes ou Mercúrio, mostrando a origem serpentária/Caduceu. Não admira que esse, o mais perfeito e simples dos instrumentos simbólicos, tenha se tornado o símbolo dos primeiros cristãos. Também não espanta que, embora não existissem crucificações com trave, Cristo tenha sido, não obstante, crucificado sobre um símbolo de vida eterna, um símbolo da serpente.

Esse símbolo tornou-se a marca ou sinal que selecionaria o crente para a salvação. Em Ezequiel, essa é a marca que Deus conhecerá, a marca na testa. Como ressalta Deane, a passagem de Ezequiel (9:4) deve ser lida, "colocai um Tau sobre suas frontes" ou "marcai as frontes com a letra Tau". Os primeiros cristãos batizavam com o termo "crucis thaumate notare". Eles batizavam com o símbolo da cobra.

Seria essa a marca original de Caim, que descobrimos outrora ser da tribo serpentária?

A idéia desse signo ou marca mostra-se difundida uma vez descoberta. Em Jó 31:35, lemos em nossas modernas Bíblias King James "eu selo agora minha defensa, deixai que o Todo-Poderoso responda-me", o que deveria, de forma apropriada, ser compreendido como "veja, eis aqui meu Tau, deixai que o Todo-Poderoso responda-me". E prossegue, dizendo, "por certo eu o tomaria sobre meu ombro e o ataria a mim como uma coroa".

Essa idéia notável de usar a cruz Tau sobre os ombros como um sinal viria, mais tarde, a se tornar parte obrigatória dos sinais distintivos dos cruzados templários. Da mesma forma, supunha-se que os merovíngios (que alguns dizem serem descendentes de Jesus e uma serpente marinha ou deus peixe, o Quinotaur ou Quino-Tau-r) nasciam com uma cruz

vermelha entre suas espáduas. A cruz Tau também é usada, de forma estranha, por aqueles que praticam geometria sagrada como um "marcador" para tesouros enterrados, fossem eles físicos ou espirituais.

Geometria sagrada aplicada sobre esta tumba maçônica na Basílica de São Pedro, Roma

Esse tesouro enterrado é, em verdade, o centro, o ponto em nossas mentes e corações no qual encontramos o eu original. Entendia-se esse centro original (coração significa centro) como conectado à Mente Universal e apenas pelo acesso a esse centro de nós mesmos é que poderíamos acessar a Mente Universal ou Deus. Isso, por sua vez, para o tempo; tornamo-nos um com o todo e acreditamos sermos imortais. O Tau marca esse lugar, tanto na testa quanto no peito (entre os ombros), de maneira a revelar aos outros aqueles que podem ingressar ao ponto no tempo onde Deus habita. A palavra templo, da qual deriva templário, tem outro significado: tempos significa, tão somente, tempo. O templo verdadeiro é aquele local que tem poder sobre a energia cíclica ou a serpente. O verdadeiro templo, como aquele sobre nossa fronte, está dentro de nós.

Capítulo 13

O Fiasco de O Código Da Vinci

Falamos muito sobre o Graal neste livro porque ele é o objetivo ou busca do indivíduo. Por essa razão, ele é visto como fundamental para os símbolos das sociedades secretas. Houve uma grande excitação, recentemente, com relação ao Graal, um fenômeno cíclico na humanidade pelos últimos 2 mil anos. Existem enormes implicações, hoje, no fato de o Graal ser um segredo de várias sociedades secretas e quero investigá-lo antes de continuarmos.

Um questionamento a respeito do Santo Graal feito pelos primeiros escritores medievais era: "a quem ele serve?" Bem, observemos o atual mundo do Graal e vejamos se ele está servindo a nós, ou nós o estamos servindo? Descobriremos também exatamente quem está por trás desse fiasco que tem manipulado a história desde os primórdios dos tempos.

De maneira muito breve e para aqueles, dentre nós, que têm permanecido no planeta Sanidade nos últimos anos, O Código Da Vinci é uma história de ficção baseada em um homem que descobre um código, o qual revela que a verdadeira identidade do Graal é nada mais que a própria linhagem sangüínea de Jesus Cristo e Maria Madalena.

Infelizmente, o autor desse livro, Dan Brown, afirmou que seu livro agora famoso é baseado em organizações e eventos reais e verdadeiros. Isso não poderia estar mais longe da verdade. Vamos analisá-lo por partes.

O Priorado de Sião

Alega-se que este suposto grupo antigo e enigmático já teve o próprio Leonardo Da Vinci por Grão-Mestre, para não mencionar muitos outros notáveis, como Nicolau Flamel e Isaac Newton. Contudo, não há nenhuma verdade nisso. Sião era o nome de uma colina próxima às residências de Pierre Plantard e Gérard de Sède, os dois criadores originais do embuste do Priorado de Sião.

Provou-se que os documentos do Priorado escondidos na Biblioteque Nationale em Paris são falsos. De fato, as únicas cópias verdadeiras de qualquer coisa de Mr. Plantard na Biblioteca de Paris são informativos da década de 1950 para uma associação de habitação bastante enfadonha, nos quais havia reclamações sobre o estado das ruas; e até isso está em um francês muito ruim.

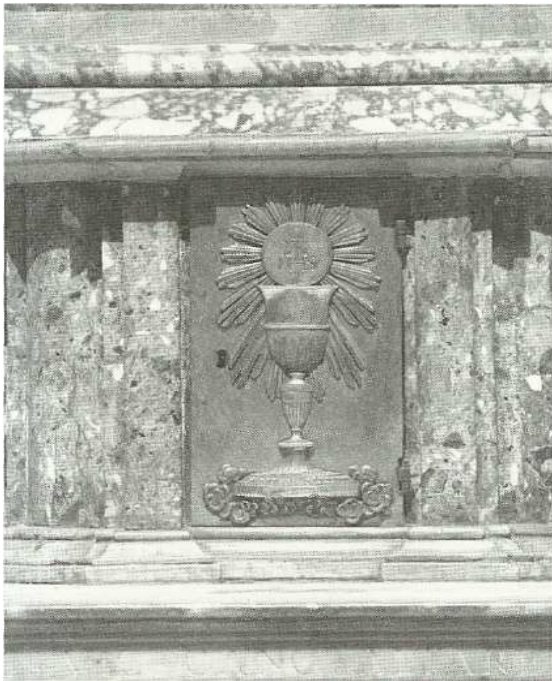
Todos os instigadores desse embuste surrealista admitiram, de forma pública, sua criação. Por um lado, disseram que era uma brincadeira surrealista; por outro, uma espécie de manobra egoística para serem aceitos pela sociedade. Ainda assim, o mundo continua enlouquecendo com cada novo mito de uma nova linhagem sangüínea.

Sang real

Uma das principais evidências para os livros sobre a linhagem sangüínea de Cristo, desde O Santo Graal e a Linhagem Sagrada até A Revelação dos Templários, tem sido a interpretação do termo original usado para o Santo Graal - San Graal. No livro da década de 1980 O Santo

Graal e a Linhagem Sagrada, de Michael Baigent e outros, descobrimos que ele é interpretado de maneira diferente, com a colocação do g de graal no final de san, o que resulta em sang real. Isso, então, traduz-se como sangue real ou sagrado. Ao confundir um simples erro cometido por um escritor do século XV (a única vez em que o erro foi cometido até a década de 1980), uma teoria inteira se fundamenta sobre algo que simplesmente não é verdadeiro. Sir Walter Skeat, um dos maiores etimologistas da Inglaterra, disse, há cem anos, que esse erro foi "falsificado muito cedo", mas não sabia para que fins. Ele apontou que o conceito originai significava "tigela de mistura", o que se identifica de todo com a teoria que propus em O Graal da Serpente.

Leonardo da Vinci

Assim, agora que sabemos a verdadeira etimologia de San Graal e que o Priorado de Sião nunca existiu, também devemos observar que Da Vinci não poderia ter sido um Grão-Mestre de uma ordem inexistente que protegia um segredo que também não existia.

O Cálice Santo na Catedral de São Pedro, Roma

De fato, todo o passado e as informações históricas sobre Da Vinci revelam que ele era um artista habilidoso e magnífico, e não há grandes revelações aí.

No entanto, existem aqueles elementos estranhos de suas pinturas que O Código Da Vinci e outros trabalhos de ficção captam. Tomemos o personagem de aparência feminina em A Última Ceia, por exemplo: muitos já apontaram para o fato de que esse indivíduo tem uma aparência feminina notável. Bem, ele tem mesmo. Outros apontaram que a Mona Lisa não era feminina o suficiente e que, por certo, o modelo deve ter sido um garoto. Valendo-se de

tais suposições, muitos afirmam que Da Vinci era, portanto, homossexual. Fica mais divertido a cada dia ver como esse elástico pode ser esticado até que volte, choque-se e atinja o rosto de alguém.

Então, qual é a verdade? É uma mulher ali em A Última Ceia? Não.

Havia uma tradição em pintar o discípulo que Cristo amava, João, o Evangelista, como um indivíduo levemente infantil, o que trazia à mente de muitos, desse modo, questionamentos sobre a possibilidade de Jesus ter sido homossexual. Descobri que isso era parte de uma antiga tradição gnóstica segundo a qual ambas as figuras de nome João (João, o Batista e João, o Evangelista) eram dois aspectos da dualidade - masculino e feminino, positivo e negativo - que precisavam ser reunidos a fim de serem completos. Dessa forma, João, o Evangelista, era visto como o princípio feminino nessa relação, e João, o Batista, era a figura masculina, barbada e selvagem.

Também era parte da tradição oculta da corporação ou guilda de pintores da época incluir elementos andróginos em suas pinturas, daí a Mona Lisa parecer-se um pouco com um garoto. Esse elemento andrógino está aí como um símbolo da terceira força, a união dos opostos mencionada anteriormente, do homem e da mulher, do masculino e do feminino, dos dois lados de nossa mente que precisam ser reunidos uma vez mais para formar o humano perfeito. Não existe nenhum indício de que Da Vinci tenha se envolvido com alguma sociedade secreta, mas as teorias da união dos opostos eram correntes crescentes no mundo renascentista em que vivia e, assim, essa influência teria sido absorvida por esse pintor perfeccionista.

Jesus e Maria casaram-se e tiveram Filhos?

Quem teria imaginado que uma pergunta tão simples levantaria tamanha controvérsia e mesmo seria levada a sério? Para respondê-la, é preciso fracioná-la.

Em princípio, se Jesus e Maria Madalena[34] se casaram, então precisamos, em primeiro lugar, admitir que ambos existiram. Embora tenhamos uma quantidade substancial de evidências textuais desses personagens bíblicos, isso se deve à enorme quantidade de cópias realizadas centenas de anos após o suposto evento. Não dispomos de nenhum texto real do período que mencione qualquer dos personagens; a maioria dos textos data de centenas de anos mais tarde.

Ainda que possamos admitir que tais pessoas foram reais, então teríamos de admitir que Jesus, de fato, caminhou sobre as águas, lançou demônios aos porcos, morreu e ressuscitou. Ou teríamos outra alternativa: que o personagem de Jesus, tal qual o de Robin Hood e o do Rei Arthur, foi baseado em um homem real em algum lugar e todos os demais elementos míticos e místicos foram acrescentados à história. Assim como Robin casou-se com Marion (Maria) e Arthur casou-se com Guinevere, então, também neste padrão mítico, Jesus deve ter desposado Maria, embora não existam evidências textuais disso.

Marion e Maria são a mesma e remetem à água e à sabedoria. Guinevere tem raízes semelhantes, em especial como a rainha do céu, que era um título de Maria, a mãe de Jesus, e ísis, a mãe de Hórus. Além disso, como ressaltaram muitos estudiosos, ambas as Marias podem ser amálgamas de um mito muito mais antigo.

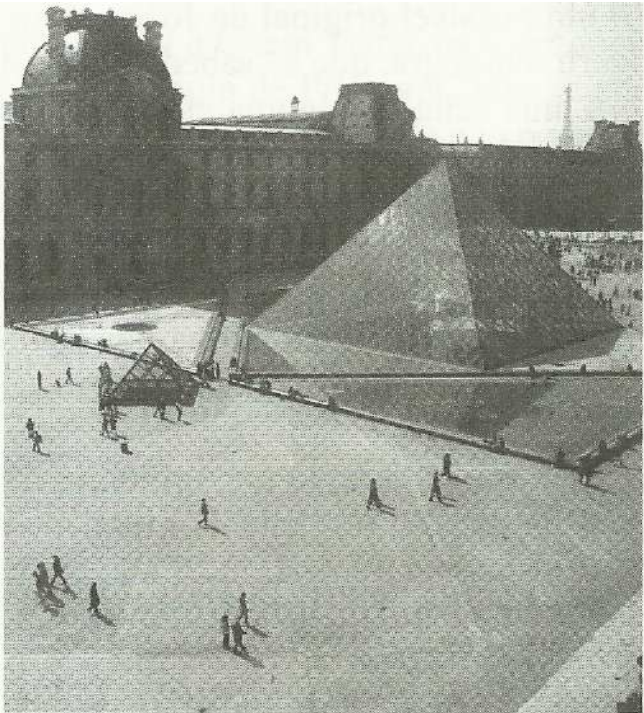
Guinevere também é a rainha das serpentes e, portanto, do conhecimento e da sabedoria. Seu

nome está relacionado, na etimologia, a Eva, que significa serpente fêmea e é uma indicação de sabedoria.
Assim como os primeiros cristãos formavam grupos como os ofitas gnósticos ou adoradores de serpentes e erguiam seu cálice de comunhão à boa serpente, eles dividiam, ao mesmo tempo, a tríplice deusa mãe - Maria - em partes distintas. Primeiro, a Mãe Maria, depois a Irmã Maria e, por fim, Maria Madalena, um elemento misterioso, e veremos por quê.
Maria, a mãe, é ísis, a mãe de Hórus. Como Hórus é o filho e, na verdade, a reencarnação de Osíris, então ísis ou Maria é, também, sua irmã e amante. Ela é todas as três, a trindade feminina. Maria Madalena é, portanto, a amante oculta de Jesus, que é tanto Deus quanto o filho de Deus, da mesma forma que Hórus. E toda essa tradição de mistério remete ao antigo culto serpentário, posto que Ísis, Osíris e Hórus possuíam fortes associações com a serpente criativa, sábia e imortal.
Jesus foi, por fim, identificado à mosaica "serpente de bronze no deserto" e representado centenas de vezes como uma serpente sobre a cruz. Aqui temos aquele paralelo com Arthur, cujo nome, Pendragon, significa "serpente líder" ou "cabeça da serpente".
Agora podemos ver, com apenas esses poucos exemplos, que há um verdadeiro código em andamento, um código ancestral que remonta ao antigo Egito e mais além, de Osíris e Ísis a Enki e Ninkhursag, da Suméria e Mesopotâmia, conhecidos, eles mesmos, como sacerdotes ou médicos serpentários.
Mas o que esse código quer nos dizer?
Tão somente que, a fim de dar nascimento ao nosso próprio messias ou unção, ou para nos salvarmos, precisamos nos unir à sabedoria, simbolizada tanto como a água quanto como a serpente; daí Arthur Pendragon e sua esposa, a rainha das serpentes, ou os remotos Enki e Ninkhursag, divindades serpentárias ou Iluminados e, portanto, símbolos da iluminação.
Tal como Deus pairava sobre a face das águas do abismo no Gênesis, devemos nós, também, mergulhar na sabedoria para despertar a criação divina dentro de nós.
Portanto, agora compreendemos que Jesus e Maria, unidos, poderiam ser uma metáfora ou cópia desse sistema antigo. Mas o que nos resta?
Existem personagens como Yeshua que, ao que parece, pode ter sido uma figura real do século I ou aproximado e que, de fato, pregou uma nova gnose. Mas também existiu Apolônio de Tiana.

Apolônio de Tiana

Nasceu no ano 3 ou 4 a.C. em Tiana, na Capadócia. Aos 16 anos, parece ter se tornado discípulo de Pitágoras, renunciando ao corpo, ao vinho e às mulheres (então, obviamente, ele não pode ter sido tão esperto assim). Ele não usava sapatos e deixava cabelo e barba compridos: o primeiro hippie.
Ele logo se tornou um reformador e fixou sua morada no Templo de Esculápio, divindade serpentária da cura que ainda é visto no céu como Ofiúco, o adestrador de serpentes. Dizem que muitas pessoas doentes iam ao local para serem curadas por ele e, assim, só podemos concluir que ele aprendeu os métodos de cura desse culto de veneração à serpente.
Afirma-se que Apolônio fora um homem sábio, o que se devia ao fato de que os Nagas da

Caxemira, na Índia, ensinaram-no. Esses Nagas eram os seguidores do culto da serpente encontrado em todo o mundo e conhecidos, em regra, no Ocidente, como os ofitas, os primeiros gnósticos cristãos que perpetuaram a sabedoria oculta da união dos opostos. Esses ofitas estavam, da mesma forma, conectados à comunidade essênia, também conhecida como seguidores de ísis, pois cultuavam a serpente e são apontados pelos estudiosos como as próprias pessoas que criaram o mito do Cristo.
O biógrafo de Apolônio, Filóstrato, conta-nos sua jornada à Caxemira e ao "vale de esmeralda localizado em uma orla de pérolas", bem como as fábulas que Apolônio contava a seu fiel amigo, Damus, sobre dragões que habitavam as colinas, referindo-se aos sábios Nagas serpentários.
A colina onde esses homens sábios moravam era defendida, de todos os lados, por imensas pilhas de rochas. Tão logo os viajantes apearam, apareceu um mensageiro de um dos Mestres, ornado, dentre outras coisas, com um Caduceu serpentino em sua fronte, indicando o sexto chacra da kundalini ou processo de iluminação da serpente enrolada em espiral. Trivialidades foram trocadas e, durante a conversa, Apolônio aprendeu que esses Nagas transmitiram sua sabedoria para os egípcios e que Cuxe "era habitada pelos etíopes, uma nação indiana". Podemos apenas considerar que isso signifique que a idéia do culto à serpente encontrou uma afinidade na Etiópia e somente recebeu um nome após a influência serpentária seguinte, dos sábios Nagas da Índia.
Apolônio transmitia mais do que sabedoria em todos os lugares a que ia. De acordo com muitos, viveu além dos cem anos de idade. Outros dizem que ele nunca morreu, mas apenas desapareceu de vista, de forma muito parecida a Nagajurna (que obteve sua sabedoria das mesmas fontes e é um possível original de João). Essa idéia de nunca morrer tende a sugerir, em regra, que a "sabedoria gnóstica secreta" do sábio continuou em uma seita de alguma espécie e, nesse caso, mais provavelmente com os ofitas gnósticos.
De acordo com a teosofista H. P. Blavatsky, um sábio príncipe da Índia, um Naga, versado em magia, fez sete anéis para os sete planetas e os deu a Apolônio. O grande sábio usava um para cada dia e era por meio deles, dizem, que ele mantinha boa saúde e vida longa. E claro, pode ser que ele fosse muito pequeno, vivesse em um morro e se chamasse Bilbo.
No Vale da Caxemira, para onde foi Apolônio, há um lugar chamado SriNagar, que significa rei serpente. Foi fundado pelo rei budista Asoka em 300 a.C. Existe uma tradição local que diz ter vindo da Europa um grande sábio ou adepto no século I, o qual, por fim, morrera ali. Alguns dizem que era Apolônio, outros, que era o próprio Jesus. Pode haver alguma verdade nisso, pois Filóstrato menciona, de fato, um "Templo do Sol" muito similar a um templo que fica a apenas algumas milhas de SriNagar, chamado Templo de Martland.
Aureliano jurou erigir templos e estátuas em sua honra, "pois já teria existido algo entre os homens mais sagrado, venerável, nobre e divino que Apolônio? Ele restituiu vida aos mortos; ele fez e falou muitas coisas além do alcance humano" (Magus, de Francis Barrett).
Em verdade, templos e estátuas foram erigidos a Apolônio em muitos lugares, inclusive sua própria cidade, Tiana, embora cristãos posteriores tenham destruído muitos deles. Ao contrário de Jesus, existem evidências para provar que Apolônio existiu de fato. Como disse Moncure Conway em seu livro Modem Thought, "o mundo está, há um longo período, ocupado em escrever vidas de Jesus". Mesmo que tenham escrito sobre um homem sem nenhuma

procedência.
E dito no quarto evangelho: "Há também muitas outras coisas que Jesus fez, coisas que, se tivessem de ser todas escritas, suponho que nem o próprio mundo poderia conter os livros que deveriam ser escritos. Amém".
A biblioteca de tais livros cresceu desde então. Mas, quando os examinamos, um fato espantoso nos confronta: todos esses livros referem-se a uma pessoa a respeito da qual não existe um único fragmento de informação da época, nem um sequer! Ninguém pode dizer com qualquer convicção na verdade, e não na fé, que Jesus foi uma pessoa real.

Monte Moderno de Rostau (antigo nome para Gizé)

Por outro lado, e por convenção aceita, Apolônio nasceu no reinado de Augusto, a grande era literária da nação da qual era súdito. Na era de Augusto, historiadores floresceram. Poetas, oradores, críticos e viajantes sobejavam. Até então, nenhum deles sequer menciona o nome de Jesus Cristo, muito menos algum incidente de sua vida. Jesus não nos legou nada por escrito, embora exista uma especulação crescente de que o Evangelho de Tomás ou Tomé

tenha sido escrito por ele. Isso está crescendo graças à moderna propaganda cristã. Se, de fato, ele existiu, então viajou somente pela Judeia e pelo Egito. Apolônio viajou e escreveu de maneira extensa. O Imperador Marco Aurélio admitiu que devia sua própria filosofia a Apolônio e erigiu templos e estátuas em sua honra. Nenhuma estátua ou templo foi erigido para Jesus.
Fausto disse, "todos sabem que os Evangelhos não foram escritos nem por Jesus, nem por seus apóstolos, mas muito depois de seu tempo e por algumas pessoas desconhecidas que, julgando, bem que dificilmente lhes seria dado crédito ao contar coisas que não haviam testemunhado, conduziram suas narrativas com os nomes dos apóstolos ou discípulos contemporâneos àqueles".
Por outro lado, o registro escrito da vida de Apolônio é muito confiável e Filóstrato, que escreveu A Vida de Apolônio, era grande amigo de Damus, que relatara tudo em pessoa.
Filóstrato disse:

"Alguns o consideram um dos Magi, porque ele mantinha conversações com os Magi da Babilônia, os brâmanes da Índia e os gimnosofistas do Egito. Mas mesmo sua sabedoria é ultrajada, dizendo-se ter sido adquirida pela arte da magia, tão errôneas que são as opiniões formadas a seu respeito. Ao passo que Empédocles, Pitágoras e Demócrito, embora mantivessem conversações com os mesmos Magi e propagassem muitas opiniões paradoxais, não quedaram sob tal imputação. Mesmo Platão, que viajou pelo Egito e integrou a suas doutrinas muitas opiniões extraídas dos sacerdotes e profetas dali, não incorreu em tal suspeita, embora estivesse acima de todos os homens por conta de sua sabedoria superior."

Mas o fim estava próximo. O próprio fato de que Apolônio estava prestes a usurpar a "idéia" de Cristo com sua própria vida "real" causou grande consternação entre os primeiros cristãos. São Justino Mártir, um dos Pais da Igreja do século II, disse, "como pode ser que os talismãs de Apolônio tenham poder sobre certas partes da criação, pois eles inibem, como vimos, a fúria das ondas, a violência dos ventos e o ataque de bestas selvagens. E, embora os milagres de Nosso Senhor sejam preservados apenas pela tradição, aqueles de Apolônio são muito numerosos e, de fato, manifestam-se em fatos presentes, de forma a enganar todos os espectadores?"
Portanto, e de maneira nada surpreendente, a tradução e distribuição do livro de Filóstrato foram restringidas. De fato, os livros do Novo Testamento não apareceram antes de, no mínimo, passados cem anos de A Vida de Apolônio. Até o nascimento de Apolônio guarda algumas semelhanças extraordinárias com a vida fictícia de Cristo. Quando a mãe de Apolônio estava grávida, esperando por ele, Proteu, o deus egípcio, apareceu-lhe e disse, "tu deverás dar-me à luz!" A mãe de Apolônio estava prestes a trazer um deus ao mundo.
A propósito, sabia-se que Proteu tomava a forma de uma cobra, e então a sabedoria deu à luz o Cristo real.
Talvez o fato de que muito tenha sido escrito sobre Apolônio tornou impossível "usá-lo" como o novo ícone religioso. A nova criação da Igreja Cristã necessitava de um começo original, que incluiria tantos elementos de outras crenças pagãs quanto possível a fim de maximizar sua efetividade. De acordo com Phillimore, Apolônio, de fato, fundou uma igreja e uma

comunidade compostas de discípulos. É bastante provável que estes estivessem ligados ao ramo dos essênios, conhecidos como os Terapeutas e Nazarenos.
Existiu mesmo um grupo conhecido como os Apolloniei, os partidários de Apolônio, os quais sobreviveram, na verdade, por alguns séculos após sua morte. Eles constituíam o que se tornou a Igreja Cristã após o Concilio de Niceia. Assim, Apolônio, de fato, iniciou o Cristianismo, baseado em tradições e mitos serpentinos da ordem mais antiga.
Eunápio afirmou que Filóstrato deveria ter intitulado seu livro "A Estadia de um Deus entre Homens". Em vez disso, o livro de Filóstrato recebeu o título de A Vida de Apolônio e, uma vez que a decisão fora tomada para dar apoio ao Cristo recém-criado, o nome de Apolônio foi reprimido. É tão somente por causa de livros como esse de Filóstrato que as antigas bibliotecas em lugares como Alexandria foram incendiadas. Destrua as provas da oposição e parecerá que elas não existem. Como apontou o dr. Lardner em seu livro Credibility of the Gospels:

"Está claro, portanto, que Filóstrato comparou Apolônio e Pitágoras; mas não vejo que ele tenha tentado tornar o primeiro um rival de Jesus Cristo. Filóstrato não mencionou nosso Salvador uma vez sequer, nem os cristãos, seus seguidores; não o fez nessa longa obra, nem em Vidas dos Sofistas. (...) Não há algo como uma descrição obscura ou geral de quaisquer homens que tenha encontrado e de quem se possa suspeitar fossem cristãos de qualquer espécie, sejam católicos ou heréticos".

No entanto, o mesmo é verdadeiro para Apolônio, que não é mencionado no Novo Testamento. Ou será que é? Em 1 Coríntios 3:3-6 é dito que, "pois enquanto um diz, eu sou de Apoio, não sois vós carnais? Quem, então, é Paulo, e quem é Apolo, senão ministros, por meio dos quais vós crestes, assim como o Senhor concedeu a cada homem? Eu plantei, Apolo regou; mas Deus deu o crescimento".
Eu poderia ter ignorado essa passagem com facilidade não fosse pela descoberta fortuita de uma versão antiga de 1 Coríntios, encontrada por um soldado huguenote em um monastério francês, intitulado o Codex Bezae. O nome Apolo é escrito Apolônio! Na Enciclopédia Britânica, o nome Apolo, nesse contexto, também pode significar Apolônio. De fato, dizem que esse Apolo inclusive visitou Paulo (o apóstolo que não sofria por picadas de cobra) e foi visto como um judeu alexandrino. Agora podemos compreender como Paulo conseguiu "ver" o Senhor na estrada para Damasco. É possível que Apolônio tenha trazido consigo um novo evangelho de Chrishna ou Christna [Krishna] de sua passagem pela Caxemira, e foi ele quem ocasionou o nascimento do Cristo ou Christna e a idéia de Cristo ser o deus serpente.
Em muitos aspectos, isso responde à questão do casamento de Jesus com Maria, uma vez que essa tradição de união dos opostos é bastante profunda na kundalini indiana, expressa por meio das serpentes que se erguem sobre a vara, que é a terceira força. Essa vara tornou-se a árvore ou a cruz no Cristianismo, com o masculino Jesus e a feminina Maria associados.
A verdade de O Código Da Vinci é mais real do que as pessoas imaginam. Jesus e Maria casaram-se mesmo, mas no sentido gnóstico, não no sentido literal. Eles, de fato, geraram um filho e ele era conhecido tão somente como Gnose. Contudo, o irmão gêmeo maligno conhecido como Catolicismo tentou destruí-lo, tal como Seth tentou destruir Osíris, ou Mordred matou Arthur, ou o Xerife de Nottingham matou Robin. No fim, Seth, Mordred e o

Xerife foram, eles mesmos, mortos; qual será, então, o veredicto sobre a Igreja Católica? É possível que um ressurgimento gnóstico possa ocorrer agora que O Código Da Vinci nos fez o favor de levantar questionamentos sobre a duvidosa validade do mito do Jesus literal ou fatual. E possível, mas, como a ganância, a cobiça e o ódio são instrumentos poderosos na mente dos homens, eu duvido. Talvez com a compreensão de que a religião deveria ser mais do que as regras escritas pelo homem, nós questionemos nossa existência uma vez mais, em busca de uma resposta que pensávamos já ter.

No interior de cada um de nós, bem no âmago, há um lugar em que nos tornamos conscientes de nosso estado inconsciente. Onde despertamos para todo um novo mundo que habita dentro de nós. Esse mundo interno está em paz e em perfeito equilíbrio. Está interligado com o próprio Universo por meio do mundo das partículas subatômicas. Assim como nossos olhos veem o Sol, nossos sentidos inconscientes sentem o calor e absorvem a bondade sem que nossa mente consciente perceba. Existe um mundo inteiro dentro de nós, inexplorado e desconhecido pela ciência moderna, mas que foi perfeitamente compreendido pelos antigos, que nos legaram pistas para o decifrarmos. Eles entenderam como permanecer conscientes e perceber o mundo inconsciente dos sentidos e deram voz e imagem a suas experiências, que se tornaram espíritos, demônios e deuses. Ainda temos muito a aprender daquilo que já foi esquecido. Há um mundo cheio de gnose à nossa espera.

A pergunta agora é: a quem ele serve?

Capítulo 14

Os Illuminati

Muitas pessoas já terão ouvido a respeito dos famosos Illuminati. Outros estarão se perguntando o que poderiam ser eles, afinal. Desde seu surgimento, essa sociedade secreta do século XVIII tem arrebatado a imaginação de milhões de pessoas. No entanto, para compreender os Illuminati precisamos entender duas instituições específicas: os maçons e as autoridades católicas.

Maçons

A história e origem dos maçons não são temas simples. Na realidade, é quase impossível decifrar a verdade a partir da miríade de histórias existentes em milhares de livros sobre o assunto. O motivo simples disso é que a Maçonaria é uma grande organização dividida em muitas facetas, e cada qual detém certa autonomia. Ao longo do tempo, surgiram diferenças de opiniões e de rituais. Embora já tenhamos analisado as origens serpentárias da Maçonaria, existem elementos que precisamos abordar a fim de melhor compreender seu vínculo com a Igreja Católica e os Illuminati.

Muitos historiadores maçons tentam, com demasiado empenho, afirmar que sua linhagem remonta ao Templo de Salomão e ao construtor Hiram Abiff. Isso é até afirmado como fato em suas cerimônias. Outros alegam descender dos construtores ou pedreiros romanos e gregos e dos Áugures romanos, de quem sabemos terem sido detentores de "conhecimentos especiais" sobre a disposição ou arranjo das coisas e energias relacionadas à nossa concepção moderna de alinhamentos geográficos e Feng Shui. Pode não haver prova estrita sobre isso, embora o "conhecimento secreto" tenha sido transmitido de um adepto e iniciado para outro ao longo dos séculos.

O consenso geral é de que os maçons surgiram a partir dos cortadores de pedras conhecidos como pedreiros. Esses são os habilidosos artesãos que construíram as grandes catedrais e igrejas da Europa para a Igreja Católica e que incluíram muitas imagens e segredos misteriosos em seus incríveis entalhes (pedreiros suaves ou pedreiros livres, uma vez que o entalhe era trabalho livre em pedra suave). Essa versão da história dos maçons afirma que a Loja evoluiu das cabanas erigidas no canteiro de obras por esses pedreiros medievais. Com o passar do tempo, os maçons cresceram em poder devido à demanda por seus serviços e formaram grupos e sindicatos, que ficaram conhecidos como Lojas.

Já em 1600, as Lojas começaram a admitir homens que não eram maçons operários, os quais foram chamados maçons cavalheiros. Os termos progrediram com o transcorrer o tempo, dentro das Lojas maçônicas operárias, e foram adotados por esses maçons cavalheiros, tornando-se fundamentais para sua natureza ritual.

Contudo, há problemas com essa versão da história. Os fatos apontam para algo bem diferente, embora não haja razão para negar que os cavalheiros começaram mesmo a aumentar em número dentro das fileiras dos maçons. Há, com certeza, muitas evidências que mostram que, no século XIV, os maçons já eram um grupo bem estabelecido e aceitavam ou

desenvolviam-se por meio da inclusão dos Cavaleiros Templários que haviam fugido da repressão católica para a Escócia.
A primeira documentação oficial é de 1356, na Inglaterra. Descreve a formação da Companhia dos Maçons de Londres e a regulamentação que rege a Loja que já funcionava na Catedral de York. Contudo, esses são apenas os documentos que sobreviveram e falam de grupos que estavam em formação. Eles não negam o fato de que deve ter havido grupos preexistentes que não dispunham de "papéis para provar sua preexistência". A única evidência concreta que temos é o simbolismo empregado nos grandes trabalhos de construção da Europa do século XI.
Compreender que esse grande exercício de construção irrompeu com tamanha intensidade logo após a primeira cruzada e o estabelecimento de organizações como os Cavaleiros Templários e os Cistercianos (que foram fundamentais na restituição de técnicas de construção à Europa) é a primeira parte do quebra-cabeça. Os Templários e seus primos Cistercianos, que não eram guerreiros, foram de grande importância na restauração tanto da semente da iluminação alquímica a partir das cruzadas quanto das técnicas de construção do mundo islâmico do Oriente Médio. Isso é visto nos desenhos arqueados e octogonais incorporados à maioria das construções templárias e cistercianas, bem como em outros trabalhos de construção realizados sob sua orientação.
Existem também enormes quantidades de símbolos numerológicos e metáforas "místicas" inseridas na construção dessas estruturas. Tais métodos foram compreendidos e perpetuados pelos maçons que, hoje, ritualizam tais modelos antigos, embora seja provável que muitos sequer entendam seu verdadeiro propósito. Essas metáforas de construção mística são tão antigas quanto Stonehenge ou a Grande Pirâmide, ainda que o termo maçom não o seja.
Em meados do século XVII há evidências definitivas de Lojas maçônicas de grande escala, como Elias Ashmole, o criador do Museu Ashmolean, em Oxford, registra em seu diário. Ele foi feito maçom na Loja estabelecida na casa de seu sogro. Muitos, hoje, dividem as Lojas maçônicas em Operativas, Aceitas e Maçonaria; contudo, derivam todos da mesma fonte original, assim como os subgrupos e monastérios da Igreja Católica, tais como os cistercianos, franciscanos e mesmo jesuítas.
A Bíblia e, particularmente, o Templo de Salomão deram aos maçons uma estrutura religiosa e aceitável de trabalho, e o simbolismo empregado junto aos instrumentos do maçom operativo foi trabalhado para corresponder aos antigos mistérios, tais como o princípio hermético "como acima, assim abaixo".

Uma Cronologia de Datas Conhecidas:

1250 d.C. - Retrato de Matthew Paris mostra Henrique II em conferência com maçons operativos.
1356 d.C. - Formação da Companhia dos Maçons de Londres e regulamentações que regem a Loja em York.
1376 d.C. - É usada, pela primeira vez, a palavra maçom.
1390 d.C. - O Poema Régio da Catedral de Salisbury é maçônico.
1410 d.C. - O Manuscrito Cooke é escrito para a escola maçônica em Salisbury.

1425 d.C. - Henrique VI proíbe a congregação anual de maçons.
1599 d.C. - Minutas são feitas nas Lojas Aichisons Haven e Santa Maria, em Edimburgo.
1646 d.C. - Elias Ashmole é iniciado entre os maçons.
1717 d.C. - Formação da primeira Grande Loja de Londres.
1733 d.C. - A primeira Loja norte-americana é aberta.
Hoje, os maçons são um fenômeno global, com membros que vão desde a comunidade empresarial até organizações religiosas e políticas. A influência que possuem é, obviamente, enorme e universal. Eles possuem vínculos com muitas outras "ordens", tais como a Soberana Ordem dos Cavaleiros de Malta, e tiveram, ao longo dos anos, muitas repercussões negativas na imprensa pela influência que vieram a exercer. Por fim, eles englobaram outras instituições, como os Illuminati de Weishaupt (que discutiremos a seguir). Centenas de autores mostraram que parte dessa influência surtiu efeitos por todo o mundo e foi mais do que incidental na incitação, no todo ou em parte, das revoluções na França, Rússia e mesmo na Guerra Revolucionária Americana.
Algumas citações dessas fontes:

"A versão convencional dos fatos diz que a Insurreição Filipina de 1896 estourou devido à oposição dos nativos ao poder da Igreja Católica nas Ilhas. O fogo revolucionário foi alimentado pelos escritos de José Rizal e ampliado pela liderança política de Emílio Aguinaldo. Na realidade, a Insurreição Filipina foi orquestrada pela Maçonaria e, enquanto Emílio Aguinaldo liderava, de fato, aquela revolução, ele o fez como um dedicado membro e instrumento do Ofício.

O conhecimento desse aspecto interno da história filipina foi reprimido pelo governo dos Estados Unidos por 45 anos até ser, por fim, revelado pelo historiador JohnT. Farrell em 1954.

O Rito Escocês mensal [Nova Era] acrescentava: 'É dito que a primeira Revolução em Março de 1917 foi inspirada e dirigida a partir dessas Lojas e que todos os membros do governo de Kerenski pertenciam a elas'." (Behind the Lodge Door, Paul A. Fisher)

"A Maçonaria trabalhou de forma oculta, mas constante, para preparar a Revolução [Francesa]. Estamos, portanto, de pleno acordo quanto à afirmação de que a Maçonaria foi a única autora da revolução, e os aplausos que recebo da Esquerda, e aos quais estou pouco acostumado, provam que os senhores reconhecem, como eu, que foi a Maçonaria quem engendrou a Revolução Francesa." (Extraído da Câmara dos Deputados durante a sessão de 1º de julho de 1904, pronunciado pelo Marquês de Rosanbo)

De acordo com Fisher, mais uma vez, a rebelião contra os governos papais na Itália, na década de 1830, "foi conhecida como o Risorgimento, que, na realidade, era um clássico movimento revolucionário maçônico. Seus líderes foram Giuseppe Mazzini, Giuseppe Garibaldi, Camillo Cavour e o Rei Vitor Emanuel II, todos maçons fervorosos". (O Rei Vitor Emanuel II foi, mais tarde, envenenado por seu filho, o príncipe Umberto, que, por sua vez, afirma-se, foi

assassinado por ordem de Lojas maçônicas.)
Mazzini, de acordo com o Grande Comandante do Rito Escocês da Maçonaria na América, foi o primeiro líder da Maçonaria moderna na Itália.

"Um historiador, Charles Heckethorn, em seu livro Secret Societies, diz que a assustadora palavra "Máfia" é um acrônimo que significa 'Mazzini Autoriza Furti, Incendi, Avelenameti', ou seja, 'Mazzini autoriza roubos, incêndios premeditados e envenenamento'." (Behind the Lodge Door, Paul A. Fisher)

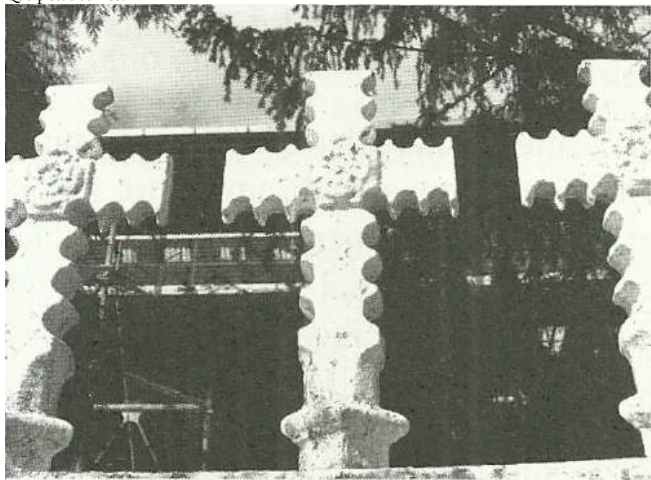
"Na prática, todos os heróis da liberdade italiana eram maçons." (New England Craftsman, 1920)

"Uma grande parte da Europa - toda a Itália e a França, e uma grande porção da Alemanha, para não mencionar outros países - está coberta por uma rede dessas sociedades secretas, da mesma forma como a superfície da Terra está sendo, agora, coberta por estradas de ferro. E quais são seus objetivos? Elas não tentam se esconder. Elas não querem um governo constitucional. Elas não querem melhores instituições; não querem câmaras municipais ou provinciais, nem o registro de votos." (Benjamim Disraeli, futuro chanceler da Fazenda da Grã-Bretanha e primeiro-ministro, Debates Parlamentares de Hansard, 1876)

Muitas dessas citações parecem apontar para uma guerra entre a Igreja Católica e os maçons. Esse é um argumento interessante que também confunde muitas pessoas quando estas vêem que os maçons são, na verdade, ligados e foram criados pela Igreja Católica (ou vice-versa). Esse é um estratagema-padrão usado por membros de sociedades secretas no mundo todo e mesmo encontrado nos Estatutos de muitas dessas sociedades e até de ordens religiosas. Era a "moda" aparentar, exteriormente, ser contra os poderes da autoridade enquanto se trabalhava, o tempo todo, para eles.
Pode-se mostrar com clareza que os maçons evoluíram de seitas esotéricas surgidas no interior da Igreja Católica e mesmo anteriores a ela, e também como resultado direto da influência templária na Escócia. Assim, podem-se ver as origens dos maçons na Igreja Católica.
Isso remonta aos Templários, uma ordem católica. Também remete aos Cavaleiros de São João ou Cavaleiros de Malta. Tanto os Templários quanto os Cavaleiros de Malta ressurgiram do interior da ordem maçônica e são, hoje, eles mesmos, ordens, de várias formas. A maioria ainda deve lealdade aos maçons, mas é distinta. É possível averiguar, de forma direta, as origens dos Cavaleiros de Malta, e eles estão, agora, localizados no Vaticano.
Ainda falaremos dos jesuítas neste livro, mas são, por certo, parte da Igreja Católica e, em minha opinião, influenciaram os Illuminati no início. Isso criou uma sociedade secular e separada que, mais tarde, reintegrou-se aos maçons - que foram criados, de qualquer forma, pelos católicos. Vemos um quadro surgindo aí?
Há um vislumbre daquela parte central da roda à qual todos os raios parecem estar conectados. Antes que os Illuminati se fundissem aos maçons, eles estiveram envolvidos na criação de diversos outros grupos, como os rosacrucianos, a Aurora Dourada e mesmo os luteranos e protestantes!

Mesmo a América do Sul foi recuperada por meio dos espanhóis sob a orientação dos jesuítas e outras ordens monásticas, todas católicas.

Rosacrucianos

A mais antiga documentação real dos ideais rosacrucianos é de 1597. Dizem que certo alquimista viajava pela Europa e buscava dar início a uma sociedade em que pudesse realizar seus ideais alquímicos recém-descobertos. A Fama Fraternitas e a Reforma Geral do Mundo apareceram em 1614 como documentos totalmente maduros, então ele deve ter tido sucesso. Afirma-se que o fundador era certo Christian Rosenkreuz, que, é óbvio, é um nome falso e significa a cruz rósea dos cristãos.
Alega-se que esse personagem viajou pela Arábia, estudou em Fez, no Egito, e retornou à Europa com sua mensagem, uma mensagem que é decididamente antiga. A origem desse grupo enigmático é falsa e foi, portanto, criada por quem quer que tenha iniciado a ordem. Que pistas temos?

A cruz rósea, o símbolo rosacruciano claramente visível na Capela Rosslyn, Edimburgo

O brasão de Martinho Lutero, aquele leal anti-católico, incluía a rosa e a cruz. Também existem paralelos com escolas Illuminati árabes tais como aquelas de Abdelkadir Gilani,

conhecido como a rosa luminosa ou brilhante. No entanto, quando observamos as origens da Maçonaria e os rituais e crenças mantidos em seu interior, descobrimos que não são diferentes. Parece que o rosacrucianismo é ainda outra forma daquela Diáspora nascida do Catolicismo - tal como a criação jesuíta dos Illuminati, valendo-se das tendências de misticismo para criar uma anti-auto-organização. A maneira mais fácil de vencer um jogo de futebol é sendo dono de ambos os lados.
Assim como os maçons, os Alumbrados (Iluminados), os Illuminati e dúzias de outros grupos da época, os métodos rosacrucianos vinculavam-se aos persuasivos místicos Sufi, que influenciaram o mundo por tanto tempo. Tais métodos exigiam a mais profunda concentração sobre "o mestre", de maneira que a adesão absoluta ao "modo" fosse normal. Era outro método de controle. O vazio deixado pelo rigor e rigidez do Catolicismo foi preenchido com facilidade por centenas de tais grupos, inclusive pelos protestantes emergentes.
Hoje, os rosacrucianos são uma ordem mundial com milhares de membros, mas sua influência no mundo atual é mínima, embora exista uma insinuação em um de seus livros que nos diz que a influência da pessoa ou alma, que chamam o Ego, continuará retornando para fazer constantes alterações para o avanço da humanidade.
Nesse pequeno trecho nos é dito que essa é a mesma fonte (Ego) da qual toda a "iluminação espiritual" se originou. E eu concordaria.
"Muitos séculos se passaram desde o nascimento, como Christian Rosenkreuz, do indivíduo que conhecemos e honramos pelo nome: o Fundador da Mais Sagrada Ordem dos Rosacrucianos.
Embora para muitos daqueles que não pertençam à ordem sua existência seja considerada um mito, é, não obstante, verdadeiro que seu nascimento marcou o início de uma nova época na vida espiritual do mundo ocidental. Aquele Ego particular também esteve em contínuas encarnações desde então, em um ou outro país europeu, tomando um novo corpo quando seus veículos sucessivos ultrapassavam sua utilidade, ou circunstâncias ofereciam os meios para que mudasse o cenário de suas atividades. Além disso, ele está encarnado hoje, um iniciado de grau elevado; um fator ativo e poderoso em todos os negócios do Ocidente, embora desconhecido ao mundo.

Como o são todos indivíduos tais, ele é um representante do Conclave Central dos Irmãos Mais Velhos da humanidade. Sua missão foi e é mostrar a importância espiritual de todas as descobertas científicas, contrapondo-se, assim, o máximo possível, à influência incapacitante da ciência materialista que, por razões já expostas, os Irmãos Mais Velhos temem mais do que qualquer outra manifestação da atividade humana.

Para esse fim, ele trabalhou com os Alquimistas séculos antes do advento da ciência moderna. Ele, por meio de um intermediário, inspirou os agora mutilados trabalhos de Bacon. Jacob Boehme e outros receberam, por ele, a inspiração que faz seus trabalhos tão esclarecedores em termos espirituais. Nos trabalhos do imortal Goethe e nas obras-primas de Wagner, a mesma influência nos é mostrada." (Conceito Rosacruz do Cosmos, de Max Heindel, 1910)

Esse Ego particular tem se manifestado ao longo do tempo. E eu concordaria. Contudo, eu também digo que é essa mesma influência Iluminada de toda a história da humanidade que

produz esses movimentos, entrando e saindo de cena conforme a evolução cerebral faz a humanidade avançar. Os rosacrucianos chamam essa influência de Conclave Central dos Irmãos Mais Velhos. O texto continua e conta-nos quem pode "ver" esses segredos:

"Esconde-se do profano, mas revela ao Iniciado, da maneira mais clara, como ele deve trabalhar dia a dia para fazer para si a mais seleta de todas as pedras, a Pedra Filosofal, mais preciosa que o [diamante] Kohinoor; não, que a soma de todas as riquezas terrenas!
Parece que o próprio Cristo confeccionou essa Pedra magnífica enquanto encarnado no corpo de Jesus. (...) A Reichs-Anzeiger disse, em um artigo: 'Sim, existe uma Pedra Filosofal. Ela é um Elixir da Vida. Ela é tudo e muito mais do que já se afirmou sobre ela. Além disso, a maioria das pessoas já a teve nas mãos com freqüência, mas não o sabem! Quão verdadeiro é isso, ainda que ao mesmo tempo seja de todo enganoso, que ninguém possa adivinhar, exceto aqueles que conhecem o segredo; mesmo o traidor indiscreto que tenha ouvido por acaso as palavras ditas entre os irmãos poderia ter tirado proveito disso'."

O autor então salienta que:

"Aos que têm direito ao conhecimento, muitos segredos serão revelados 'entre as linhas' deste trabalho, sugeridos, mas não ditos, pois revelá-los, salvo de lábio a ouvido para pessoas merecedoras e sob circunstâncias apropriadas, seria uma grave violação da fé, sobre o que nem se deve pensar."

Os segredos guardados nas páginas daquele livro de 1910 são simples de observar e, com a leitura do texto, revelam nada além da experiência de iluminação.
É-nos dito até mesmo que, a fim de se tornar um iniciado, não podemos tão somente solicitá-lo. Seremos observados de longe e nossos méritos nesta vida serão contados para que nos seja oferecida a "chave dourada para o templo". E claro, em 1910 não havia a internet e, hoje, encontramos essa sociedade secreta, que já foi influente, oferecendo cursos com pagamento por cartão de crédito. Embora ainda afirmem serem professores dos Mistérios e guardiões dos Ensinamentos Sagrados de um poder espiritual mais "potente na vida do mundo ocidental do que quaisquer dos governos visíveis; eles não interferirão na humanidade de forma a tirar-lhe seu livre-arbítrio". Lendo nas "entrelinhas", isso sugere que eles são um governo invisível.
Esse governo secreto assume a forma de Sete Irmãos que, continua Heindel, "saem para o Mundo sempre que a situação o exija; aparecem como homens entre outros homens ou trabalham em seus veículos invisíveis em conjunto ou sobre outros, conforme necessário; ainda, deve-se ter em mente, de forma estrita, que eles jamais influenciam alguém contra sua vontade ou de forma contrária a seus desejos; mas tão somente fortalecem o bem onde quer que este se encontre".
É claro que a "vontade" de uma pessoa depende do que já a influenciou e o "bem" é relativo. É, de fato, nossa "vontade" contrair débitos imensos ao tentarmos obter a felicidade evasiva que nos é instigada pela mídia de massa?

Os Illuminati

Em Essai sur la secte des Illuminés, de 1789, Mason de Luchet escreveu:

"Existe certo número de pessoas que chegaram ao grau máximo de impostura. Elas conceberam o projeto de exercer domínio sobre opiniões e conquistar, não reinos ou províncias, mas a mente humana. Esse projeto é gigantesco e há algo de loucura nele que não causa nem alarde, nem inquietação; mas quando descemos aos detalhes, quando consideramos o que se passa diante de nossos olhos sobre os princípios ocultos, quando percebemos uma súbita revolução em favor da ignorância e da incapacidade, devemos buscar pela causa disso; e se descobrimos que um sistema revelado e conhecido explica todos os fenômenos que se sucedem com terrível rapidez, como podemos não acreditar nele?"

Os Illuminati são, para muitos, os "Homens de Preto", os mestres silenciosos por trás da cena que tramam nosso futuro. Para outros, eles são uma fábula, um clube de garotos criado por maçons frustrados no século XVIII. Existe, como sempre, verdade em tudo, mas precisamos compreender que, na maior parte do tempo, acabamos por acreditar exatamente naquilo que a publicidade e a propaganda querem que acreditemos.

Colocando de lado a influência do Cinturão Bíblico Cristão dos teóricos anticonspiracionistas e aquelas idéias malucas dos teóricos da conspiração, tais como "eles vêm do espaço", devemos retornar aos fatos básicos como os conhecemos.

A História convencional conta-nos que os Illuminati foram criados por Jean Adam Weishaupt, o fundador da Ordem dos Illuminati. Weishaupt nasceu na Baviera em 6 de fevereiro de 1748. Seu pai, o barão Ickstatt, era professor da Universidade de Ingolstadt e casou-se com a sobrinha do tutor. O barão assegurou para Adam uma educação no Colégio Jesuíta. Ele passou a ser aluno de Direito aos 15 anos de idade. Ingolstadt era uma área jesuíta fiel já havia mais de 200 anos. Dissidências não eram permitidas, embora tenham sido suprimidos em parte no ano de 1773 por Clemente XIV Já se afirmou que os jesuítas eram o maior e mais poderoso serviço secreto do mundo, em especial devido ao fato de serem temidos por muitos na Igreja Católica e que uma "confissão" universal poderia bem ser usada para chantagem.

Os jesuítas foram fundados por Santo Inácio de Loyola e nove companheiros, tal como os Cavaleiros Templários.

É interessante observar que Nicholas Poussin, o famoso pintor do quadro Os Pastores de Arcádia, também era jesuíta e parece que, a partir das páginas da história, a Ordem Jesuíta está no centro de muitos ultrajes. São íntimos do Vaticano e a história mostra que existe pouco na política mundial em que este último não tenha posto a mão. De acordo com uma freira convertida, M. E Cusack:

"Os jesuítas oferecem ao mundo todo um sistema de teologia pelo qual cada lei, divina ou humana, pode ser infringida com impunidade e as próprias Bulas Papais podem ser desafiadas. É uma religião horrível; é uma religião que deve ser abominada por todos os homens honestos e honrados." (The Trail of the Serpent, Inquire Within)

Assim, conforme esse escritor do século XIX, eles estavam até acima das Bulas do Papa. Edwin

A. Sherman, um maçom norte-americano, também escreveu, no século XIX:

"Os jesuítas riem de nós; e durante sua hilaridade, a cascavel está enrolada em nossos pés, subindo para atingir-nos no coração."

E mesmo o presidente Lincoln, que foi enfim assassinado após inúmeras tentativas, disse:

"Os jesuítas eram tão versados naqueles atos de sangue que Henrique IV disse ser impossível escapar-lhes, e ele se tornou sua vítima, embora tenha feito tudo que podia para proteger a si mesmo. (...) Eu sei que os jesuítas nunca esquecem nem desistem."

De maneira impressionante, no mundo dos teóricos da conspiração os jesuítas também estavam envolvidos na criação do anti-semítico Protocolos dos Sábios Anciãos de Sião, como já se mostraram envolvidos nos Segredos dos Anciãos de Bourg-Fontaine, outra atividade "instigante".
Devemos notar também que os jesuítas possuem centenas de conexões com a Ordem Maçônica e os símbolos templários. Em o Jesuit Extreme Oath of Induction, conforme registrado nos Periódicos do 62° Congresso, 3ª Sessão dos Estados Unidos (dos quais foi removido em data posterior e citado aqui a partir do livro Subterranean Rome, de Charles Didier, 1843), encontramos que:

"De cada lado está um monge, de pé. Um deles segura um estandarte amarelo e branco, que são as cores papais, e o outro, um estandarte negro com uma adaga e uma cruz vermelha sobre um crânio e ossos cruzados [um símbolo templário]."

De acordo com esse mesmo texto, as letras I-N-R-I são posicionadas e significam Iustum Necar Reges Impius (Exterminai reis ímpios). O superior, então, afirma:

"(...) entre católicos romanos, seja um católico romano e seja um espião mesmo entre seus próprios irmãos; não acredite nem confie em homem algum (...) e, ao obter sua confiança, busque até mesmo pregar de seus púlpitos e denunciar, com toda veemência em sua natureza, nossa Religião Santa e o Papa; e mesmo descer tão baixo como tornar-me um judeu entre judeus, para que lhe seja possível reunir toda informação para o benefício de sua Ordem. (...) Foi-lhe ensinado como plantar, de maneira insidiosa, as sementes da inveja e do ódio entre comunidades, províncias, estados que estavam em paz e incitá-los a atos de sangue, envolvendo-os em guerras uns contra os outros, e criar revoluções e guerras civis em países que eram independentes e prósperos (...) a tomar partido dos combatentes e agir em segredo com seu irmão jesuíta, que estará comprometido com o outro lado. Foi-lhe ensinada sua tarefa como espião, para reunir todas as estatísticas, fatos e informações em seu poder a partir de todas as fontes; integrar-se na confiança do círculo familiar dos protestantes e heréticos de todas as classes e caráter, bem como naquele do comerciante, do banqueiro, do advogado, entre as escolas e universidades, nos parlamentos e legislaturas e no círculo dos juizes e

conselhos de estado, e a ser todas as coisas a todos os homens."

Parece ser um mundo peculiar aquele em que o jesuíta habita. Por um lado, eles confraternizam com os maçons, a realeza e os presidentes e, por outro, eles fazem um juramento que os coloca em conflito com praticamente todos os que não são católicos.
É nesse mundo que Weishaupt foi criado e educado.
Em 1775, Weishaupt era professor de Direito Canônico em In- golstadt e esse foi o ano escolhido por ele ou alguma outra pessoa para que Weishaupt criasse um plano de uma associação que ele lideraria. Essa associação iria se "opor às forças da superstição e das mentiras", o que sugere a religião. A opinião de muitos críticos é que Weishaupt odiava tanto os jesuítas que ele pretendia, de forma minuciosa, acabar com eles de uma vez por todas. Outros acreditam que Weishaupt foi, na verdade, treinado pelos jesuítas com o propósito de arregimentar um exército mundial de espiões que forneceriam informações de forma constante, informações que os jesuítas não conseguiam mais por meio de suas confissões. De fato, os Illuminati até estabeleceram suas próprias confissões em conformidade com aquelas dos jesuítas: "esse meio consistia, na sua essência, na introdução de uma obrigação de obediência incondicional, reminiscência das Constituições de Loyola; em uma ampla vigilância mútua entre os membros da Ordem; e em uma espécie de confissão auricular, que cada subordinado tinha de fazer a seu superior".
Toda essa vigilância e confissão foram remetidas de volta aos jesuítas a partir das exatas pessoas que deveriam ser contra elas. Qual é a melhor forma de descobrir o que estava na mente da oposição do que ser a oposição? Esse é um duplo estratagema utilizado por séculos pelos serviços secretos de todas as religiões e estados. Afinal, é a verdadeira razão para os dois zeros no codinome de James Bond.
Eles alimentaram, inclusive, a retórica anti-semita, o que derrubava por terra a Igreja Católica.
Por meio de associações com os maçons, os jesuítas conseguiram obter informações deles e influenciá-los no mundo todo. O grau exato da influência que os Illuminati chegaram a ter (ou têm) é desconhecido, essa é a idéia do sigilo. Mas o que se pode ver é que, após a surpreendente criação de Weishaupt, a partir da ordem de uma instituição muito mais antiga, temos, de repente, inúmeras revoluções no mundo todo e o equilíbrio de poderes movimentando-se como nunca antes. No entanto, embora Weishaupt e seu amigo íntimo Zwack tenham sido banidos e nunca mais vistos, talvez não haja nada que possamos extrair disso. Pode ser que eles tenham, tão somente, sido recompensados com longas férias fora do caminho, ou enviados, como alguns acreditam, para Saxe- Coburgo e para a Holanda a fim de recomeçar tudo outra vez.
Existem conexões mais antigas dos Illuminati, embora isso nos leve de volta ao reino do Afeganistão. Esse é um vínculo com os Roshaniya ou Iluminados/Esclarecidos e a referência a eles vem da Casa da Sabedoria, no Cairo, uma genuína fonte de conhecimento esotérico que data de centenas de anos antes dos Roshaniya.
Uma vez mais, a iniciação e os rituais dos Roshaniya identificam-se com outros, como os dos Assassinos muçulmanos, que influenciaram os Templários e, portanto, o Cristianismo, a Maçonaria e assim por diante.

O primeiro líder de que temos notícia é Bayezid Ansari, que afirmava descender dos "auxiliares" de Maomé. Ninguém sabe ao certo quem eram esses "auxiliares"; basta dizer que sua existência no auxílio a Maomé em sua fuga de Meca localiza-os no espaço e no tempo, pelo menos.

Afirma-se que Bayezid foi doutrinado pelos Ismailis, estes mesmos próximos aos Assassinos, com "lojas ocultas" no mundo todo.

Esses Ismailis vieram a proteger um grande segredo do Islamismo após as Cruzadas, de uma forma muito parecida com a que os heréticos cátaros protegeram algum estranho conhecimento secreto.

Parece que os Ismailis recrutavam bem, enquanto os Iluminados cresciam com rapidez. Bayezid ensinava uma série de exercícios sobrenaturais que se acreditava levarem à iluminação e ao grande segredo, uma alusão óbvia ao fato de que o grande segredo é a iluminação. Para obter esse aspecto iluminador do segredo, eles tinham de se submeter à meditação e ao jejum usuais, chamados khilwat - silêncio. Valendo-se de comerciantes e soldados, Bayezid difundiu, enfim, sua mensagem pelo mundo de boca a boca, e aqueles gnósticos e místicos que a ouviram já compreendiam o segredo da iluminação. Por fim, Bayezid, que era então conhecido como Pir-I-Roshan (sábio da iluminação), fundou uma grande cidade em Hashtnagar, que emanava de seu centro a mensagem da realização humana. Compreendia-se que a utilização da mente humana, no aspecto iluminado, poderia produzir maravilhas.

Enfim Bayezid morreu e seus filhos, como sucessores, não estavam de fato aptos à empreitada. Contudo, só 40 anos após a morte do último líder dos iluminados é que Weishaupt criou seus Illuminati. Como diz Arkon Daraul em Secret Societies:

"Coincidências de data e crenças vinculam esses Illuminati bávaros com os correspondentes afegãos e também com os outros cultos que chamavam a si mesmos 'iluminados'. O início do século XVII viu a fundação dos Iluminados da Espanha, os Alumbrados, condenados por um edito da Santa Inquisição em 1623. Em 1654, os 'Iluminados' Guerinet chegaram ao conhecimento do público na França. Documentos ainda existentes mostram várias semelhanças entre os Iluministas alemães e os da Ásia Central: pontos que são difíceis de explicar no terreno da pura coincidência."

A qual ordem social eu me filio? O autor em um museu militar, em Malta

Os Roshaniya possuem alguns símbolos e rituais reveladores. Os sacerdotes eram identificados com um sinal secreto no qual eles cruzavam as mãos, uma sobre a outra, sobre a testa, lugar do terceiro olho e da iluminação. As cores dos Roshaniya e dos Ismailis eram o vermelho e o branco, cores utilizadas por centenas daqueles associados à iluminação antiga, em especial os Cavaleiros Templários, que também tinham uma cruz vermelha em suas roupas brancas. O vermelho e o branco possuem uma importância simbólica para o processo de iluminação, a movimentação do Sol e da Lua e muitos outros elementos.

O vermelho e o branco também eram de extrema importância no Extremo Oriente, onde encontramos mais Iluminados conhecidos popularmente como a Tríade.

Portanto, os Illuminati parecem ter se originado da Igreja Católica como um simulacro de sociedade secreta supostamente estabelecida para navegar em torno das autoridades da Igreja. Alguns podem alegar que, devido ao nome Illuminati significar tão somente "iluminados", sua origem, então, estaria em uma grande diversidade de lugares. Um deles seria a Irmandade do Livre Espírito, na Europa do século XIV, mas esse grupo pode ser associado, com facilidade, a um movimento herético panteísta anterior, que foi reprimido com rapidez pela Igreja. E, de fato, ocorre o mesmo em todos os casos. Onde quer que sejam encontradas alternativas para os Illuminati de Weishaupt, elas são logo descartadas. Durante sua suposta curta vida, teve em seus quadros de membros muitas pessoas conhecidas e influentes de toda a Europa, e essa é a

questão exata do processo. Foi um método usado por séculos e ainda usado até hoje para descobrir aqueles que se lhe opõem sob o disfarce do esclarecimento ou iluminação real.

A verdadeira história dos Illuminati bávaros, como a dos maçons que erigiram as construções da Igreja, está agora tão envolta em mistério que é quase impossível ser decifrada. Nas últimas décadas, tantas loucuras têm sido escritas e conexões sutis, glorificadas, que a percepção popular ainda considera que os Illuminati existem hoje e governam o mundo como alguma elite de ficção científica. Persiste o fato, contudo, de que as conexões de que dispomos revelam os Illuminati como um grupo criado, de forma dissimulada, pela Igreja Católica a fim de evitar a dissidência entre os privilegiados e influentes da Europa. Apesar das evidências, contudo, a Igreja e até seus opositores ainda sustentam que os Illuminati eram e mesmo são inimigos da Igreja e inclusive do Estado, embora existam poucas evidências valiosas para isso. Nos lugares em que os Illuminati foram poderosos, a Igreja é, até hoje, uma grande força. Já naqueles países, como a Inglaterra, que não possuem mais uma poderosa contingência católica, os Illuminati não tiveram muita força. Isso é uma evidência em oposição à crença regular.

Capítulo 15

O Código Nazista

No fim do século XIX e início do século XX, a Alemanha estava em uma posição política peculiar. Ela precisava redescobrir sua própria identidade após a perda de seu poder com a dissolução do Sacro Império Romano-Germânico. Para isso, várias sociedades secretas floresceram sob o disfarce de escolas esotéricas e filosóficas. Dessa base emergiu aquela que viria a ser uma das mais perigosas sociedades secretas do mundo: a Ordem Germânica.

Um homem, mais que qualquer outro, pode ser identificado como a força motriz por trás dessa nova onda: o barão Rudolf Freiherr von Serbottendorff. Esse homem foi de grande importância para o surgimento da Thule Gesechafft, que emergiu da Ordem Germânica. Supõe-se que essa Sociedade Thule era um novo grupo secreto baseado na antiga mitologia nórdica, mas era, na verdade, mais oriental do que a maioria dos escritores percebe.

Em 1918, von Serbottendorff comprou o Münchener Beobachter, um jornal semanal de Munique, e o transformou em um escandaloso tablóide anti-semita e na publicação oficial da Sociedade Thule.

A sociedade Thule, como descobriremos, veio a dar origem ao Partido Nazista, e o resto é história.

No entanto, eu me perguntava quem era, afinal, esse von Serbottendorff e por que estaria tão envolvido na proposta da conquista do mundo?

Ocorre que, de maneira espantosa, von Serbottendorff era um cidadão turco adotado, com vínculos com a hoje infame tradição Sufi, e um adepto dos Mistérios. Não espanta, assim, que a posterior Sociedade Thule e o Partido Nazista tivessem inclinações místicas. Afirma-se, também, que seu verdadeiro nome europeu era Adam Alfred Rudolf Blauer e que estava envolvido nas lutas bávaras anti-comunistas. De maneira inacreditável, ele era, ainda, maçom, e pouco antes da Primeira Guerra Mundial fizera diversas viagens ao Oriente Próximo, onde se envolveu na tradição dos mistérios.

Na Guerra dos Bálcãs de 1912-1913, esteve envolvido na direção do Crescente Vermelho Turco e foi feito Mestre da Ordem da Guirlanda de Rosas (Rosenkranz). Tudo isso se deu durante o apogeu da fama rosacruciana na Europa e, como entenderiam alguns, os rosacrucianos eram mais "poderosos na vida do mundo ocidental do que qualquer governo visível".

Em 1910, enquanto vivia em Istambul, Serbottendorff controlava sua própria sociedade secreta baseada em uma combinação de misticismo Sufi islâmico, Maçonaria, alquimia e ideologia anti-bolchevique: a base oculta perfeita para o partido nazista.

Ocorre que ele, por fim, estabeleceu uma facção de devotos ao longo das fileiras dos "fedayeen" ou Assassinos, que eram guiados por seu líder espiritual, o Velho da Montanha. Ele tinha tão somente estabelecido uma sociedade secreta semi-religiosa e militante cujo propósito era mudar o mundo.

De acordo com o dr. Walter Johannes Stein, a Sociedade Thule era uma "Sociedade de Assassinos" que realizava reuniões secretas e emitia ordens de morte. Esse método homicida

de mudança política fora trazido para a Sociedade Thule Alemã por von Serbottendorff, que difundiu a idéia por meio de seus interesses jornalísticos. Franz Gurtner, o presidente da polícia de Munique, era membro do círculo interno e, mais tarde, tornou-se ministro da Justiça sob o Terceiro Reich.{35}

A Sociedade Thule serviu de plataforma frontal política e de recrutamento da Ordem Germânica. Em 1918, foi estabelecido o Círculo Político de Trabalhadores, tendo o representante da Sociedade Thule, Karl Harrer, como presidente; em 1919, tornou-se o Partido dos Trabalhadores Alemães. Apenas um ano mais tarde, este se tornou o NSDAP (Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei) ou Partido Nazista, sob a posterior liderança de Adolf Hitler.{36}

Sabemos que existiam vínculos entre essas organizações, como o próprio Serbottendorff afirmou: "os membros Thule foram as pessoas a quem Hitler voltou-se em primeiro lugar e que primeiro aliaram-se a ele".

Descobri que a antiga tradição Sufi influenciou o Ocidente em um grau muito maior do que eu imaginara antes. Mas aqui, com a Sociedade Thule, pude ver Serbottendorff trazendo o misticismo Sufi e islâmico diretamente para dentro do estado político alemão.

Há mesmo registros de que Serbottendorff tenha afirmado que mestres muçulmanos o haviam encarregado de "Iluminar a Alemanha", o que ele fez ao aliar o Sufismo à antiga mitologia ariana.

Após a ascensão de Adolf Hitler, que descobriu a Sociedade depois de receber ordens de espioná-la, o jornal de Serbottendorff foi comprado por Dietrich Eckart, um católico bávaro que ajudara na formação do Partido dos Trabalhadores Alemães e, assim, o jornal estava, agora, sob o domínio alemão, por razões óbvias.

Foi Eckart quem apresentou a Hitler os aspectos mais esotéricos do mundo e foi ele também quem transcreveu Mein Kampf. Quando chegaram ao poder, Hitler estabeleceu as SS, uma Ordem secreta da Estrela de Prata que começou a iniciar pessoas nos Mistérios. Ainda existiam fortes vínculos com a Turquia, como demonstram os extermínios em massa em ambos os países. O próprio Eckart fora muito influenciado pelo misticismo oriental e era um seguidor do movimento de Aleister Crowley.{37} Na verdade, alguns pesquisadores afirmam até que Crowley influenciou o movimento oculto do nazismo em tal proporção que pode ter sido por meio dele que a "fraternidade secreta" trabalhava e, assim, influenciava Hitler e sua equipe. O ocultismo era predominante no Partido Nazista, como nos mostram as Unidades da Caveira de Himmler, com seus assassinatos rituais que remontam aos cultos celtas da cabeça. Para não mencionar as SS de Himmler, de inspiração ocultista, sediadas no castelo de Wewelsburg, na Vestfália, no qual havia uma mesa redonda com 13 assentos.

Em 1935, as SS de Himmler estabeleceram a Ahnenerbe (Herança Ancestral) para buscar segredos ocultistas que auxiliariam a vitória do Partido Nazista. Viajaram pelo mundo todo: para o Tibete, América do Sul, Rennes-le-Château e outros lugares especiais de interesse ocultista.

Sem dúvida, toda a diretriz do Partido Nazista era estabelecer uma teologia de base ocultista em um fórum político. Era sua tentativa de restabelecer algo que percebiam já ter sido perdido. Isto não era nada novo. O mesmo já havia sido feito nos Estados Unidos, onde a influência

maçônica estabelecera uma constituição maçônica e a família política do país era e, seria sempre, fundamentada em torno de segredos maçônicos arcanos e ocultistas.
Então, o que era essa Thule? Ela nos dá alguma pista dos segredos dessa tentativa de conquista ocultista?
Thule derivou seu nome de uma ilha mítica muito semelhante à Atlântida ou Lemúria. Acreditava-se que se situara em algum lugar ao norte e estava perdida havia muito tempo, junto com sua civilização altamente desenvolvida e inteligente. Mas os segredos dessa raça antiga não estavam perdidos; em vez disso, poderiam ser encontrados nos mitos e mistérios do mundo antigo. De maneira surpreendente, os seguidores da Sociedade Thule acreditavam que existiam mestres escondidos nos bastidores que, por vezes, influenciavam a raça humana, tal como acreditavam os teosofistas e rosacrucianos. Eles eram chamados a Grande Fraternidade Branca, ou Iluminados.
A crença era de que apenas o verdadeiro iniciado poderia estabelecer contato com tais mestres, por meio de magia e rituais, e, uma vez em contato, ao iniciado seriam outorgadas grandes habilidades e força sobre-humanas. Essas habilidades extras eram dadas para possibilitar que o iniciado criasse as condições para que a raça do mestre, os Arianos, povoasse a Terra e, assim, exterminasse as raças inferiores.
Esse elemento de extermínio era mais óbvio antes e durante a guerra, com o Holocausto. Mas ele também foi usado para minar as forças dos outros países. Na Baviera, socialistas de esquerda proclamaram a República Soviética da Baviera. Contudo, esse movimento comunista não seria tolerado e, assim, um contra-movimento foi estabelecido, sendo referido, de modo nada surpreendente, como os "brancos". Eram chamados de Frei Corps e financiados pela Sociedade Thule, trazendo rápida derrota para a recém-formada República Soviética, e também outro exemplo de como uma sociedade secreta, fundamentada em mistérios antigos, poderia influenciar o mundo.
Hitler entrou em cena em 1919, como um soldado que ingressava após a revolução ter sido sufocada. Seu propósito era selecionar novos recrutas e investigar aqueles que se opuseram à revolução, o que ele fez de maneira cruel. Isso, por sua vez, levou Hitler a receber uma posição na divisão de inteligência do Exército Alemão. Ele estava, agora, dentro do exército oficial e, ao mesmo tempo, fora dele, como membro de uma sociedade secreta com intenções de assumir o poder. Os discursos inflamados de Gottfried Feder, da Sociedade Thule, e de outros como ele, asseguraram Hitler como um recruta e deixavam-no cada vez mais fascinado pela retórica antissemita do grupo. Em pouco tempo, Hitler estava encarregado da propaganda da Sociedade Thule.
Existem, literalmente, centenas de exemplos que eu poderia citar para mostrar que a Sociedade Thule e outras sociedades secretas incitavam todas as espécies de mudanças dentro da Europa, mas apenas esses poucos fatos coletados, demonstram, creio eu, de forma suficiente, que a política vigente não era tudo o que eu acreditara ser antes. Na verdade, havia influências em jogo que surpreenderam até mesmo a mim, a saber, a influência Sufi.
Isso também é revelado em outra sociedade alemã, chamada a Ordem dos Teutons, uma Loja magística fundada em 1912, antes da Sociedade Thule, por Theodor Fritsch, Philipp Stauff e Hermann Pohl. Todos os três eram considerados antissemitas e racistas em geral. A Ordem foi estabelecida nos mesmos moldes dos rosacrucianos e maçons, com graus de iniciação um

pouco diferentes. Somente aqueles de linhagem ariana tinham permissão para ingressar. Uma vez mais, tal como a Sociedade Thule, esse grupo estava vinculado a Rudolf Blauer (também conhecido como von Serbottendorff), que trazia consigo ideais Sufi e inclinações místicas.
O Partido Nazista baniu os maçons e, ainda assim, permitiu que a Ordem Bávara continuasse. Acreditava-se que os maçons haviam se infiltrado por meio dos judeus e era tempo de expurgá-los das Ordens mais sagradas. Uma Ordem mudou seu nome para Associação Frederico, o Grande, pois Frederico havia sido o fundador da Maçonaria nos estados germânicos. Além disso, tais Ordens removeram de seus rituais qualquer liturgia judaica óbvia.

O papel católico

De acordo com os relatos oficiais, a Igreja Católica simplesmente permaneceu silenciosa durante as reformas de Hitler. Afirma-se até que muitos padres católicos foram vítimas dos nazistas por conta de seu papel na libertação dos judeus e outros indesejáveis. Isto é verdade: a Igreja Católica realmente permaneceu em silêncio, e havia indivíduos dentro da Igreja que defendiam os direitos do homem. Contudo, há um lado sombrio no papel católico durante o funcionamento das máquinas da guerra nazista e do Holocausto.
Quando criança, Adolf Hitler estudou em um monastério beneditino onde viu, pela primeira vez, a hoje infame suástica. Ali ele cantava no coral e dizia que sonhava em, um dia, receber ordens sagradas. (The Rise and Fall of the Third Reich, de William Shirer, Simon & Schuster)
"Eu sou, como antes, um católico e permanecerei assim sempre", é o relato do que teria dito a um de seus generais (Adolf Hitler, de J. Toland). A Igreja Católica nunca o excomungou e, ao considerarmos que uma pessoa poderia ser excomungada por contravenções menores como, por exemplo, dar água a um infiel, isso é, então, uma reviravolta e tanto.
Permanece o fato estarrecedor de que a Igreja Católica fingiu não ver a opressão nazista, em especial por ter passado os últimos séculos tentando livrar o mundo dos próprios judeus. De fato, ao considerarmos esse objetivo e as conexões ocultas entre a Maçonaria e a Igreja Católica, podemos começar a ver um quadro de um expurgo cristão dos judeus em curso, um processo que parece ter continuado por um tempo terrivelmente longo. Alguns afirmam, no entanto, que esse era um ato equilibrador, uma vez que os judeus se tornavam muito poderosos na Europa da época e precisavam ser "podados".

O autor em Roma. A poderosa Catedral de São Pedro, sede da Igreja Católica

O acordo católico com os nazistas envolvia a concessão de mais privilégios para seus padres e mesmo a permissão de se envolver no sistema público de ensino, com uma impressionante soma de 400 milhões de dólares em ajuda do Estado. Isso também levou a uma extinção em massa de processos anti-católicos, uma vez que, em 1940, Hitler já havia invalidado e anulado mais de 7 mil casos contra padres católicos. No fim das contas, a Igreja Católica obteve muitas vantagens do processo.
Uma Concordata com a Igreja Católica em 1933 estabelecia:

"O Reich alemão garante a liberdade da profissão de fé e o exercício público da religião católica."

Os católicos "usufruirão da proteção do Estado da mesma maneira que todos os funcionários do

Estado".

"O ensino da religião católica nas escolas elementares, vocacionais, secundárias e superiores será uma matéria regular e será ministrada em conformidade com os princípios da Igreja Católica." (Hitler's Third Reich: A Documentary History, editado por L. Snyder, Nelson-Hall)

Para os católicos estava tudo perfeito, então, por que deveriam dificultar a vida dos nazistas? Os nazistas ganharam prestígio e, ao que parece, suporte dos católicos romanos. Eles também precisavam assegurar-se de que sua futura aliada, a Itália, não se aborrecesse.
Muitos autores mostraram que mesmo após o término da guerra, os nazistas foram auxiliados em suas fugas por seus irmãos da Igreja Católica, escapando por monastérios e conventos para países de profunda crença católica na América do Sul, em especial com a ajuda de certos jesuítas. Não seria possível atrair pessoas para uma sociedade secreta e deixá-las sãs e salvas quando tudo entrasse em colapso. Na verdade, eu estava inclinado a questionar se o plano tinha mesmo desmoronado. Agora perguntava-me se o plano tinha sido realizado com perfeição.
Franz von Papen era chanceler da Alemanha entre junho de 1932 e 1933 e foi o primeiro vice-chanceler do Terceiro Reich sob Adolf Hitler. Papen é considerado mentor de Hitler e, para tanto, deveria conhecer, ao menos em teoria, o que Hitler pensava. Papen nos dá uma percepção desses pensamentos em seu livro My Conversations with Hitler.
"Hitler colocou em prática os elevados ideais do papado".
O que exatamente Papen quer dizer com isso eu não posso afirmar, mas isso sugere o óbvio: que Adolf Hitler trabalhava, de forma direta, para o papa.
Então, pensei, quem é esse Von Papen?
Parece que, sem Papen, Hitler teria tido dificuldades para obter poder. Papen aplainou o caminho para a ascensão de Hitler ao poder, o que é demonstrado ao receber a vice-chancelaria logo após a obtenção, por Hitler, da chancelaria.
Papen nasceu em uma família católica muito abastada da Vestfália e, durante a Primeira Guerra Mundial, serviu na Turquia, dentre outros lugares, local onde serviria de novo, durante a Segunda Guerra Mundial, como embaixador. Quando de sua volta da Primeira Guerra, ele ingressou na política na extrema direita e, em 1932, foi tirado da obscuridade pelo presidente Hindenburg para ser chanceler. Foi essa amizade que permitiu a ascensão de Hitler ao poder, uma vez que, no passado, Hindenburg dissera que jamais permitiria que Hitler se tornasse chanceler.
Parece que Franz von Papen era um indivíduo muito influente na política da Alemanha nazista. E também era jesuíta! Ideais elevados da Igreja Católica, de fato!
Papen examinava a situação por meio de diversos elementos, o que ajudou a integração dos "ideais" católicos, inclusive a combinação da juventude católica com a juventude de Hitler e a assinatura da Concordata entre o Vaticano e Munique. A propósito, o cardeal e secretário de Estado que assinou o documento como representante do Vaticano foi o arcebispo Eugênio Pacelli, que viria, mais tarde, a ser o papa Pio XII. Ao assumir sua posição de papa, em 1939, ocasião em que as tropas de Hitler marchavam no território da Polônia, o papa Pio escreveu a Hitler:

"Ao ilustre Herr Adolf Hitler, Führer e chanceler do Reich Alemão! Aqui, no início de nosso pontificado, desejamos lhe assegurar que permanecemos devotos ao bem-estar espiritual do povo alemão confiado a sua liderança. Durante os muitos anos que passamos na Alemanha, fizemos tudo ao nosso alcance para estabelecer relações harmoniosas entre a igreja e o estado. Agora que as responsabilidades de nossa função pastoral aumentaram nossas oportunidades, com que maior ardor oramos para alcançar aquele objetivo? Que a prosperidade do povo alemão e seu progresso em todos os aspectos se realize, com a ajuda de Deus."

O papa Pio iniciou uma tradição de realizar festas de aniversário para Hitler, enviando "calorosos parabéns ao Führer em nome dos bispos e diocese da Alemanha".
Eis aqui o que o próprio Hitler pensava da Ordem Jesuíta:
"Aprendi muito com a Ordem dos Jesuítas. Até agora, não existiu nada tão grandioso sobre a Terra do que a organização hierárquica da Igreja Católica. Transferi muito dessa organização para meu próprio partido." (Edmond Paris, The Secret History of the Jesuits)
"A organização S.S. foi constituída por Himmler de acordo com os princípios da Ordem Jesuíta. Seus regulamentos e os Exercícios Espirituais prescritos por Inácio de Loyola foram o modelo que Himmler tentou copiar com exatidão. O título de Himmler como chefe supremo da S.S. seria o equivalente ao de 'General' dos jesuítas e a estrutura completa era uma imitação muito próxima da ordem hierárquica da Igreja Católica." (Walter Schellenberg, ex-chefe da contra-espionagem nazista, citação extraída de Homeland Security: The Jesuit Gestapo, de Michael Bunker)

Na verdade, descobrimos até que se acreditava que grande parte, senão todo, o livro Minha Luta fora escrito por Bernard Staempfle, um padre jesuíta (The Secret History of the Jesuits, Edmond Paris).
Não seria a primeira vez que a Igreja Católica estaria envolvida no governo de um Estado e não seria a última.
Durante a pesquisa desse assunto, entrei em contato com muitas pessoas; uma delas foi Dianne DiNicola, do grupo de pressão ODAN, ou Opus Dei Awareness Network [Rede de Conscientização Opus Dei], Dianne permitiu-me usar parte de seu material, depois de me investigar. O excerto que segue é de seu website www.odan.org e envolve a Opus Dei no regime de Franco, na Espanha:

Carta de Escrivá para Franco

Na carta que segue, o fundador da Opus Dei, Escrivá, parabeniza o ditador espanhol Francisco Franco pela união entre a igreja e o estado na Espanha. De acordo com Giles Tremlett, "os 84 mil membros da Opus Dei no mundo todo negam [que Escrivá] tenha dado suporte ativo a Franco"; no entanto, esse documento mostra que, no mínimo, Escrivá admirava Franco.
A Opus Dei também nega que a organização tenha uma agenda política e afirma que seus membros têm total liberdade, bem como responsabilidade pessoal, por suas ações. Contudo, a citação seguinte, do livro de Escrivá, Caminho, que Alberto Moncada descreve como um

resumo do "catolicismo nacional" de Escrivá, ilustra quão difícil seria para um membro da Opus Dei reconciliar sua liberdade pessoal com seu conselho:
"Não sectarismo. Neutralidade. Aqueles velhos mitos que sempre tentam parecer novos. Você já se deu ao trabalho de pensar quão absurdo é alguém deixar seu catolicismo de lado ao entrar para a universidade, ou para uma associação profissional, ou uma reunião erudita ou no Congresso, como se estivesse deixando seu chapéu na entrada?"

Carta de Josemaría Escrivá de Balaguer a Francisco Franco, 23 de maio de 1958

A carta seguinte, traduzida do espanhol, foi publicada na edição de Janeiro-Fevereiro de 2001 de Razón Espanola. Cópias desta e de outras cartas de Mons. Escrivá de Balaguer a Franco são mantidas na Fundación Nacional Francisco Franco (Marquês de Urquijo, 28, 28008 Madri, Espanha). Os originais pertencem à única filha de Genera- líssimo Franco, Carmen.

"Para sua Excelência Francisco Franco Bahamonde, Chefe de Estado da Espanha Vossa Excelência:
Desejo acrescentar minhas mais sinceras congratulações pessoais às muitas que recebeu na ocasião da promulgação dos Princípios Fundamentais.
Minha ausência forçada de sua pátria a serviço de Deus e das almas, longe de enfraquecer meu amor pela Espanha, se for possível, aumentou-o. Da perspectiva da eterna cidade de Roma, consegui ver melhor do que nunca a beleza daquela especial filha adorada da igreja que é minha pátria, que o Senhor tem usado com tanta freqüência como um instrumento para a defesa e propagação da sagrada fé católica no mundo.
Embora alheio a qualquer atividade política, não posso deixar de rejubilar-me, como padre e espanhol, diante da voz autoritária do Chefe de Estado que proclama que 'A nação espanhola considera um sinal de honra aceitar a lei de Deus de acordo com a única e verdadeira doutrina da Santa Igreja Católica, fé inseparável da consciência nacional que inspirará sua legislação'.
É em lealdade à tradição católica de nosso povo que a melhor garantia de sucesso em atos de governo, a certeza de uma paz justa e duradoura dentro da comunidade nacional, bem como a bênção divina àqueles que detêm posições de autoridade serão sempre encontradas.
Rogo a Deus, nosso Senhor, que conceda a vossa Excelência toda sorte de felicidade e abundante graça para realizar a grave missão que lhe foi confiada.
Por favor, aceite, Excelência, a expressão de minha mais profunda estima e esteja certo de minhas orações para toda sua família.
Mais devotamente seu no Senhor,
Josemaría Escrivá de Balaguer
Roma, 23 de maio de 1958"

Descobri, de fato, em minha própria pesquisa, que a Opus Dei foi mais do que incidental no regime de Franco e auxiliou na organização financeira de seus desejos políticos. Eram membros da Opus Dei que estavam encarregados dos ministérios das finanças, e a uma tal extensão que alguns escritores espanhóis chamavam de Máfia Espanhola.

A única pergunta que ainda tenho, no entanto, é: por que parece, na superfície, que sociedades secretas como os maçons demonstram ser contrárias à Igreja Católica e vice-versa, quando elas estão conectadas o tempo todo?
A resposta só pode ser que, para ganhar um jogo de futebol, é preciso apoiar ambos os lados. Ao aparentar ser contrário aos maçons, assegura-se que seu lado permanece leal. Mas, pela posse do outro time, nesse caso, os maçons, pode-se ouvir e controlar todos aqueles que estão, de fato, contra você!
Um passeio pela Internet poderá lhe dar toda uma gama de teorias estranhas e maravilhosas, desde "os maçons infiltram-se na Igreja Católica" até "o papa é um réptil". Seja qual for aquela em que você acabar por acreditar, faça as seguintes perguntas:
Qual é o possível ganho existente?
Quem controla mais?
Há quanto tempo isso tem acontecido?
Os métodos de manipulação e controle comprovados usados no passado foram usados apenas uma vez?
A História é mais do que apenas as palavras da página. É mais do que algum documentário de televisão. A História é a nua realidade da natureza cíclica da humanidade. O que fizemos no passado, faremos de novo. Tudo que posso dizer é: observe esse espaço de tempo, pois é inevitável ao homem repetir seus erros...

Capítulo 16

As Sociedades Secretas Hoje

Analisamos muito do simbolismo e do passado histórico das diversas sociedades secretas. Vimos de onde seus conceitos de iluminação se originaram e o que significam. Verificamos a que seus símbolos se referem e reinterpretamos muito do que é conhecido.

Existem, nos tempos modernos, muitas teorias da conspiração a respeito de alienígenas, da família Kennedy, da Princesa Diana e mesmo de Elvis. Há até mesmo uma crescente loucura de que muitos líderes mundiais são répteis metamorfoseados, como defende o autor David Icke. Contudo, como você deve ter concluído, muito do que se diz serem provas disso é a mitologia e a história dos cultos globais de veneração à serpente e, agora que sabemos a razão verdadeira disso, temos uma abordagem mais realista.

Não pretendo, no entanto, analisar essas questões. Prefiro, a isso, concentrar-me no "por que" e "quando" das verdadeiras sociedades secretas. Ainda não mencionei o Oriente Distante e a China.

Infelizmente, descobrir as origens da maioria das sociedades secretas chinesas é quase impossível, tão envoltas que estão em mito e mistério. Uma coisa é certa: as sociedades secretas mudaram o curso da China; a Rebelião dos Boxers, em 1900, foi conduzida por uma sociedade secreta. Esses Boxers, ou Sociedade do Punho para Proteção, eram iniciados de uma forma muito parecida com qualquer sociedade de proteção em todo o mundo. Colocados na escuridão, eram obrigados a jejuar, a meditar e, assim, abrir suas mentes à purificação. Essa Sociedade Boxer veio de um grupo mais antigo, conhecido como As Grandes Espadas, e esse era outro nome usado pelas Tríades.

No século XII, ao tempo das Cruzadas[38], houve reuniões de homens que faziam juramentos de "considerar as estrelas como nossas irmãs e o Céu e a Terra como nossos pai e mãe". Esses mesmos homens tomavam, então, o sangue uns dos outros, misturado ao vinho.

Por volta do século XIV. a Sociedade Lótus Branco foi formada e, por fim, a China estava repleta de sociedades secretas. Contudo, a maioria dessas organizações pôde ser vinculada às outras e, assim, formam a Tríade que conhecemos hoje. Acreditava-se que esse grupo de sociedades formou em prol um mito monárquico popularizado: o retorno da dinastia Ming.

No entanto, centenas de anos e mesmo a obtenção do poder não atingiu esse suposto objetivo. Mas o motivo para essa não realização é simples: Ming, na verdade, significa "Luz" e é o verdadeiro elemento que essas sociedades secretas desejam ver restaurado. E pela luz dos Iluminados, que se propaga há centenas, senão milhares de anos, mesmo no coração da China vermelha, que as sociedades secretas ainda lutam. Sabemos que isso é verdade porque, uma vez que a Sociedade Lótus instalara a dinastia Ming no trono, no século XIV esta foi deposta apenas no século XVII, e pela mesma sociedade.

Uma coisa é clara: seja no Oriente ou no Ocidente, a regra central da sociedade secreta é a "luz" ou "iluminação".

O Bilderberg

"O Grupo Bilderberg é um conselho transatlântico informal e secreto de pessoas responsáveis por tomar decisões essenciais que se formou entre 1952 e 1954... Ele reunia as mais importantes personalidades européias e norte-americanas uma vez por ano para discussões informais de suas diferenças... A formação da ala norte-americana de Bilderberg foi confiada ao coordenador de psicologia de guerra do (Gen.) Eisenhower, C. D. Jackson, e o financiamento do primeiro encontro, realizado no Hotel de Bilderberg na Holanda, em 1954, foi concedido pela Agência Central de Inteligência [CIA], Daí em diante, muito de seu financiamento veio da Fundação Ford... As reuniões anuais tratavam de uma vasta gama de temas... mas está claro que o Tratado de Roma [1957] foi desenvolvido a partir de discussões em Bilderberg no ano anterior." (Reproduzido de um artigo de Richard J. Aldrich, conferencista de política da Universidade de Nottingham, em Diplomacy and Statecraft, de março de 1997. O dr. Aldrich é o autor de The Hidden Hand: Britain, America and Cold War Secret Intelligence)

Esse grupo moderno da elite poderosa é acusado, em âmbito internacional, de constituir a mente por trás de uma nova ordem mundial. Por outro lado, alega-se que o Grupo Bilderberg é tão somente uma reunião daqueles que estão no poder a fim de discutir, de modo descompromissado e tranqüilo, as preocupações dos líderes mundiais.
O que parece ter, de fato, surgido das reuniões são dois outros grupos também mencionados pelos teóricos da conspiração: a saber, a Comissão Trilateral e o Conselho de Relações Exteriores.

"Uma das principais instituições que têm promovido unidade e cooperação com a Comunidade do Atlântico além dos velhos conceitos tem sido o Grupo Bilderberg." (Bilderberg: The Cold War Internationale, 1971, Eugene Pasymowski e Carl Gilbert)

As origens desse grupo repousam em um homem, Joseph Retinger, um católico que possuía conexões com a Ordem Jesuíta. Ele recomendou até a transformação da Hungria, Áustria e Polônia em um estado tripartite sob a direção da Ordem Jesuíta. O plano foi abandonado.

"Lembro-me de Retinger nos Estados Unidos marcando pelo telefone, de imediato, um horário com o presidente. Na Europa, ele tinha entrada irrestrita em qualquer círculo político como uma espécie de direito adquirido por meio da confiança, devoção e lealdade que inspirava." (Sir Edward Bedington-Behrens. "The Bilderberg Group", Nexus Magazine, Volume 3 [1])

Com um bom histórico de guerra, Retinger, por certo, estava envolvido em ações secretas e subjacentes, e até chegou a descer de para-quedas, aos 58 anos de idade, na Alemanha sob ocupação.
Ele fundou o Movimento Europeu, que ensejou o Conselho da Europa em 1949, o qual, então, estabeleceu-se em Estrasburgo, onde Retinger trabalhava.
Retinger acreditava na unidade e, para esse fim, não importava, de fato, como ela poderia ser realizada. Por certo ele gostava de grandes negócios e da influência que criavam no público em geral. Afinal, estamos presos a nossas telas de televisão e somos conduzidos por

publicitários. As diferenças políticas e religiosas do mundo, que criaram a desunião entre certos estados, poderiam ser reunidas, ele acreditava, por meio de um ideal corporativo: se todos quisessem a mesma coisa, todos seriam iguais. Uma revolução dirigida ao mercado estava e, de maneira estranha, ainda está ocorrendo. A Rússia (como URSS) entrou em colapso e agora está no processo de comercialização; o mesmo será e já é verdadeiro para a China. Essa comercialização desliza pelo mundo como uma força invasora. Em muitos aspectos, isso poderia ser visto como uma espécie de comunismo insidioso, o que se afirma ter sido instigado pelos maçons nas ordens da Igreja Católica ou Illuminati. Retinger tinha, de fato, políticas de esquerda e, com sua conexão com os jesuítas, existem vínculos óbvios a serem considerados, inclusive com a Igreja Católica.

Ao envolver o príncipe Bernardo da Holanda, que estava enredado no escândalo do suborno da Lockheed em 1976, Retinger iniciou sua cruzada pelos Estados Unidos, que ele considerava essencial à "paz" mundial. O príncipe tinha uma posição importante na Royal Dutch Petroleum, ou Shell, estava envolvido em diversas corporações internacionais e, portanto, tinha uma influência que os norte-americanos e outros respeitariam.

Em 1952, Retinger propôs que deveria haver uma discussão aberta e franca entre as diversas organizações e indivíduos que controlavam o mundo. Isso deveria dar-se em segredo para permitir aos participantes aventar suas visões sem se preocupar em aparecer nos jornais do dia seguinte.

Foi o nascimento do Grupo Bilderberg, que recebeu o nome do hotel em Oosterbeek onde as reuniões foram realizadas originalmente, em 1954.

"Em poucas palavras, Bilderberg é um fórum de lideranças internacionais reconhecido, flexível e informal, no qual diferentes pontos de vista podem ser expressos e a compreensão mútua acentuada." (Bilderberg Meetings, 1989)

A Comissão Trilateral

"A Comissão Trilateral foi formada em 1973 por cidadãos particulares do Japão, Europa (países da União Européia) e América do Norte (Estados Unidos e Canadá) para fomentar uma maior cooperação entre essas importantes áreas democráticas e industrializadas, com responsabilidades de liderança compartilhadas no sistema internacional mais amplo. Estabelecida, em sua origem, por três anos, nosso trabalho tem sido renovado por sucessivos triênios (períodos de três anos), o triênio mais recente a ser completado em 2006." (Retirado do site da Comissão Trilateral).

A Comissão Trilateral é uma organização privada de iniciativa de David Rockefeller. É composta de mais de 300 cidadãos particulares das três áreas da Europa, Japão e América do Norte e existe "para promover uma maior cooperação entre essas três áreas".

Muitos exames minuciosos da Comissão Trilateral têm sido feitos, e ela é referida com veemência em muitas teorias de conspiração. Contudo, com a quantidade de membros que tem, não surpreende que alguns deles estejam associados a outras organizações, tais como os Cavaleiros de Malta (organização católica), os jesuítas (católica) e os maçons. E um deles é o

sr. Rockefeller, ex-presidente do Banco Chase Manhattan e rei corporativo.
Os Rockefeller têm, na verdade, sua origem em um vendedor viajante chamado John D. Rockefeller, que vendia o que veio a se tornar o Nujol, um laxativo à base de petróleo. John, fugindo de acusações de furto de cavalos, ressurgiu como William Rockefeller apenas para desaparecer de novo e retornar como dr. William Levingston. Por fim, tornou-se diretor da Corporação do Aço dos Estados Unidos e o legado dos Rockefeller começou. Com a criação da Fundação Rockefeller, a família, mais tarde, conseguiu uma base sólida de ajuda ao povo norte-americano, e, mais tarde, do mundo, com contribuições de caridade.
No mundo da conspiração, os Rockefeller são sempre associados aos Rothschild. Deixarei que os leitores, se assim quiserem, façam suas próprias pesquisas sobre essas duas famílias.

Rosacrucianos

Existem muitos movimentos rosacrucianos na Grã-Bretanha, na Europa, nos Estados Unidos e no mundo todo, com uma grande variedade de ensinamentos. Alguns são abertos ao extremo, outros são mais reservados. Os rosacrucianos reservados tendem a guardar seus ensinamentos ocultos para os mais altos graus da Maçonaria. É provável que a organização mais famosa seja a AMORC (Antiga e Mística Ordem Rosacruz), que se promove de maneira ampla e hoje tem mais de 300 mil membros. Oferece cursos por correspondência e realiza reuniões no mundo todo.
O mais antigo documento real do ideal rosacruciano é de 1597. A maioria dos documentos iniciais pode, agora, ser relacionada em sua origem a um pastor luterano, Johann Valentin Andreae (1586-1654), que, de fato, criou o mito simbólico de Christian Rosenkreuz em uma tentativa de estimular o interesse pelos conceitos que, portanto, já deveriam existir. Durante o período final da Idade Média, uma ampla rede de guildas, companhias e ordens atuantes operava e difundia suas crenças a grandes distâncias. Esses eram os maçons e o movimento rosacruciano está a eles interligado, de maneira implícita, devido a essa difusão primordial. Diz-se que esses primeiros rosacrucianos estavam vinculados a severos juramentos de sigilo e trabalhavam com vistas ao conhecimento e à iluminação. Pode ser que a dispersão dos Cavaleiros Templários e seus segredos gnósticos tenha encontrado um caminho pela Europa. A rosa era usada com freqüência como um símbolo de conhecimento oculto ou secreto.
De modo muito semelhante a outros grupos da época, os rosacrucianos eram vinculados aos místicos Sufi, cuja influência era prolífica no mundo todo. Os métodos Sufi demandavam a mais profunda contemplação "no mestre" e conformidade absoluta com o "caminho", um método de controle que preenchia com facilidade o vazio deixado pelos procedimentos rígidos do Catolicismo.
Os rosacrucianos contemporâneos ainda são uma ordem mundial, mas sua influência na sociedade de hoje é mínima. No entanto, eles têm um livro que detalha a influência da pessoa ou alma que eles chamam o Ego, que continuará retornando para fazer alternâncias no caminho de evolução da humanidade. Os rosacrucianos chamam a influência desse Ego de o Conclave Central dos Irmãos Mais Velhos, mas eu o chamo de Iluminados. O mesmo processo de iluminação está contido nos segredos dos rosacrucianos tal como aqueles dos antigos Iluminados e as crenças de cada grupo nos segredos da rosa e da cruz indicam essa conexão.

A Ordem da Aurora Dourada

Embora a Ordem Hermética da Aurora Dourada (OGD [Hermetic Order of the Golden Dawn]) na verdade não exista mais, sua influência foi e é sentida em outras Ordens. O elemento incrível aqui é que toda a base da Aurora Dourada era falsa. A Ordem recolhia pensamentos e ensinamentos de muitas outras organizações, sistematizava-os e apresentava-os como seus.

No fim do século XIX, o dr. William Wynn Westcott, Samuel Liddell "Macgregor" Mathers e o dr. William Robert Woodman reuniram-se e, valendo-se do conceito original de Westcott, criaram a Aurora Dourada. Quem quer que tenha algum conhecimento sobre essa Ordem e os maçons identificará, quase que de pronto, que a Aurora Dourada era, ela mesma, fundamentada em sua maior parte ao redor das doutrinas centrais dos maçons. Há, também, muitos elementos de cabala, astronomia, alquimia e astrologia{39}. Westcott e os outros, de fato, inventaram a Ordem do nada e criaram até mesmo um personagem fictício à mesma maneira dos rosacrucianos. Esse personagem fictício foi Fraulein Sprengle, o líder adepto que concedeu o alvará para a Aurora Dourada, criando, dessa forma, uma procedência simplesmente falsa.

Em um ano, a Aurora Dourada estava de pé e em atividade, com graus e uma ênfase em teoria e rituais magísticos, o que conduzia um pouco além do que faziam os rosacrucianos e maçons nesse aspecto.

A Aurora Dourada tornou-se incrivelmente influente e incluía em suas fileiras o poeta W. B. Yeats, o escritor e historiador esotérico e magístico A. E. Waite e o próprio personagem do Anticristo, Aleister Crowley, que, mais tarde, levaria a Aurora Dourada à Grã-Bretanha e a transformaria na O.T.O. (Ordo Templi Orientis). As conexões que Crowley forjaria eram fenomenais e incluíam o escritor espião Ian Fleming. É interessante, então, que os laços entre Crowley, a Aurora Dourada alemã, os rosacrucianos e Fleming viessem a usar, logo mais, os serviços ocultos de Crowley na Segunda Guerra Mundial. Essas mesmas conexões entre Crowley, os alemães e mesmo os irlandeses nacionalistas trouxeram ao primeiro a atenção dos serviços secretos dos Estados Unidos.

Podemos mesmo ver que Crowley fora inspirado pelo antigo culto à serpente, conforme ele fala sobre a ascensão da kundalini:

"Tome uma substância simbólica do curso completo da natureza, transforme-a em Deus e a consuma. O mago fica preenchido por Deus, saciado em sua fome de Deus, intoxicado de Deus. Aos poucos seu corpo estará purificado pelo fulgor de Deus; dia a dia, sua estrutura mortal, perdendo seus elementos terrenos [como a cobra], passará a ser, na mais pura verdade, o Templo do Espírito Santo." (Magick, Aleister Crowley, 1929)

É claro que essa linguagem é gnóstica e deriva dos primeiros gnósticos ofitas e sua crença no eu como o templo de Deus e na ascensão da energia da serpente interior, a kundalini. Podemos ver isso no que segue:

"O sangue é a vida. Essa afirmação simples é explicada pelos hindus, que dizem que o sangue é

o veículo primário do Prana vital. Os antigos Magos tinham a teoria de que todo ser vivo é um depósito de energia que varia em quantidade, de acordo com o tamanho e a saúde do animal, e em qualidade, conforme seu caráter mental e moral."

Conceitos gnósticos de equilíbrio em relação ao Graal também são relatados, exatamente da mesma forma que revelei em O Graal da Serpente:

"A sacerdotisa entra com uma criança positiva à direita e uma criança negativa à esquerda e, tendo colocado o prato diante do Graal sobre o altar - essa é a base material para a operação e a luz astral ou força vital com a qual deverá ser unido - ela, seguida pelas crianças, move-se de maneira serpentina e envolve três círculos e meio do Templo... Isso representa o despertar da serpente kundalini, com suas três voltas e meia em espiral, na base da coluna espinhal." (The Trail of the Serpent)

Opus Dei

Embora não seja necessariamente uma sociedade secreta, a Opus Dei com certeza age como se fosse, então decidi que deveria incluí-la.
No último capítulo, vimos quanto a Opus Dei estava envolvida no regime de Franco na Espanha e como a Opus Dei Awareness Network trabalhava de maneira incansável para descobrir a verdade. Descobri, em minhas próprias pesquisas, que a Opus Dei era, na verdade, mais do que incidental no regime de Franco e de fato ajudava com a organização financeira dos desejos políticos do regime. Membros da Opus Dei estavam encarregados dos ministérios das finanças a tal ponto que alguns escritores espanhóis chamavam-nos de a Máfia Espanhola.
A indagação que faço e que levantei anteriormente no livro é por que parece que as sociedades secretas, como os maçons, demonstram ser contrárias à Igreja Católica e vice-versa quando, na verdade, estão tão vinculadas?
Em minha opinião, a resposta é que, ao aparentar ser contrária aos maçons, a Igreja Católica assegura que seus seguidores permaneçam leais. A verdade para esse enigma também pode ser encontrada no fato de que há duas correntes distintas da Maçonaria: a racional e a iluminação.

"Seria possível concluir com facilidade pela existência, na Maçonaria, de duas correntes que parecem contraditórias, mas que são apenas complementares: os racionalistas e os iluministas. O que os unifica e os vincula é o ritual. Os políticos racionalistas têm inspiradores: os ocultistas das Lojas. A Maçonaria é o local de onde as diversas seitas retiram seus elementos; é, para elas, uma escola preparatória, um filtro, uma disciplina." (La Trahison Spirituelle de la Freemason, J. Marquès-Rivère)

Há melhor sociedade para exercer influência? Uma sociedade que tem vínculos diretos com o culto ofita do passado e com tão numerosas sociedades secretas posteriores, todas emergentes do antigo culto à serpente.
Então, pensei, e quanto à Opus Dei? Que outras evidências eu poderia encontrar sozinho?
Eu já descobrira que a Opus Dei era uma Ordem Católica relativamente nova com fortes vínculos diretos ao papa. Ela não é enorme, mas tem muita influência. Tem centros posicionados de forma estratégica dentro e fora de faculdades e universidades por toda a América, onde reúne informações, dinheiro e recrutas, por seus "bons trabalhos". Construiu para si prédios de muitos milhões de dólares e não nega acusações de que tem por alvo os ricos. A Opus Dei perdeu mais de 50 milhões de dólares quando o banco de Roberto Calvi quebrou, embora pareça que o dinheiro fora transferido de volta para a Igreja Católica. Descobriu-se que Calvi era membro da P2 (Maçonaria) e era o banqueiro de muitas ordens católicas. A Opus Dei é de inacreditável discrição e segredo, e até admite o fato. Em sua própria revista, intitulada Crônica, diz a seus membros que mantenham suas fichas limpas:

"Roupas sujas são lavadas em casa. A primeira manifestação de sua dedicação é não serem tão covardes de saírem do Ofício para lavar as roupas sujas. Isso, se quiserem ser santos. Caso contrário, não são precisos aqui."

Um padre jesuíta disse à ABC News:

"Eu acho que eles de fato se mantêm fora do âmbito de visão de todos e são muito mais poderosos do que muitas pessoas pensam." (Rev. James Martin, ao falar para a ABC News, 2001)

Durante a segunda metade da década de 1950 e toda a década de 1960, os membros da Opus Dei vieram a controlar os ministérios econômicos da Espanha, bem como outros postos importantes de gabinete. Isso era adequado ao objetivo da organização no sentido de influenciar o desenvolvimento da sociedade de forma indireta. A Opus Dei recrutava seus membros dentre os alunos mais brilhantes, o que estimulava um senso de elitismo e aceitação. Devido a essa rigidez da comunidade e ao segredo que circundava a organização, alguns críticos deram-lhe a denominação de "Máfia Sagrada".
"Mas Padre Gonzalo Munoz, um padre católico de Melbourne, acredita que os habitantes locais deveriam ser cautelosos com o grupo. 'Quanto mais os expusermos, melhor... Minha preocupação é de que eles estejam mesmo tentando influenciar a igreja com valores que são contrários aos Evangelhos. Isso tem a ver com elitismo, riqueza e prestígio', disse Padre Munoz. 'Preocupo-me de que tentem se infiltrar nas universidades'." (Church Storm, em um domingo de abril de 2001)

Certo, pensei, nem tudo está bem no mundo católico. E quanto àquela outra ordem, os Cavaleiros de Malta?
"Não há nada de secreto sobre a ordem, mas muitas pessoas pensam que há. O fato de que cinco dos seis embaixadores dos Estados Unidos enviados ao Vaticano eram membros dos

Cavaleiros de Malta é 'mera coincidência', ele disse." ("Knights of Malta Fight New War", John Travis, Catholic News Service, em entrevista com Fra. Andrew W. N. Bertie)

Essa Ordem pode, em verdade, ser conectada de forma direta, no passado, às Cruzadas, em uma linha histórica longa e perfeita, sem que nos perguntemos se houve ou não alguma modificação. Existem algumas ordens modernas que possuem nomes semelhantes, mas são apenas imitações da ordem verdadeira, que está agora em Roma após ter sido expulsa de Rodes e de Malta por diversos exércitos invasores. Conhecidos como Cavaleiros de São João, eram muito influentes, tal como os Templários, e eram associados aos Hospitalários em Malta. Quando os Templários foram desmantelados, muitos deles simplesmente uniram-se aos Cavaleiros de São João, levando consigo seus métodos e conhecimento místicos. Agora eles têm conexões por todo o mundo e são uma ordem soberana, o que significa que dispõem de embaixadores e exercem influência política, dispondo ainda da tão importante imunidade diplomática. Mantêm relações diplomáticas com a Europa, a América do Norte, a América do Sul e a Ásia, com a autoridade da Santa Sé. Os Cavaleiros de São João têm agências especializadas nas Nações Unidas e em outras organizações internacionais. No Reino Unido, a Ordem de São João de Jerusalém é uma divisão ou ramo dos Cavaleiros de Malta e dela surgiu a Ordem da Jarreteira, à qual os principais atuantes da política antiga do Reino Unido deviam ser filiados.

Têm responsabilidade direta perante o papa e são associados a muitos escândalos por centenas de teóricos da conspiração.

Por exemplo, na década de 1980, o Coronel Oliver North autorizou uma troca de armas por drogas para financiar os Contras na Nicarágua. A fim de solucionar a situação, o Coronel North precisava de conexões no submundo e envolveu-se com a Máfia, a CIA e muitas outras organizações e personagens suspeitos. Um deles foi Al Carone, um coronel do Exército dos Estados Unidos que também era membro da Soberana Ordem Militar dos Cavaleiros de Malta.

Até então eu não encontrara nada novo. Todas essas informações estavam amplamente disponíveis ao clique de um mouse. Mas o que é novo é que tudo isso são ramos de uma única árvore. Todas essas organizações foram geradas pela mesma mãe e pelo mesmo pai e todas podem ser rastreadas, pela linha evolutiva do tempo, até o passado, à antiga Suméria e aos "Iluminados".

Tomemos os maçons, por exemplo. Supõe-se que sejam uma organização protestante temente a Deus e que faz o bem para a comunidade. Pode-se provar que vieram dos Templários católicos. Os Templários demonstravam lealdade à Igreja Católica e ao papa. A Igreja Católica floresceu de uma intrusão romana imperialista no mundo da religião. Essas religiões (daremos a todas elas um título substitutivo de Cristianismo, ainda que não esteja de todo correto) seguiam, em essência, as mesmas crenças (como demonstrei neste livro) e surgiram, todas, da criação dos Filhos da Luz, os essênios. O drama cristão, aquele de Jesus, foi uma criação dos essênios, os Iluminados, que remontam ao Egito e, a partir do Egito, as idéias foram misturadas com aquelas da Suméria.

Eu sei que essa é uma ampla e extrema simplificação da questão toda, mas quis manter este capítulo curto em resposta a alguns de meus críticos, que disseram que eu deveria revelar os Iluminados hoje.

Não pode haver uma revelação deles hoje, uma vez que suas crenças dissiparam-se dentro do Catolicismo da Igreja mãe. Se alguma organização no globo ainda é o grupo dos Iluminados, então não preciso observar sociedades secretas, banqueiros ou empresários; não necessito me voltar para os Illuminati ou os Homens de Preto; não é necessário tentar extrair informações de uns poucos maçons inocentes que não fazem idéia do que eles de fato cultuam. Os verdadeiros Iluminados estão à mostra e ainda fazem conversões como nunca; ainda formam novas divisões e ramos; ainda fazem enxertos na vinha. De forma paradoxal, eles se escondem atrás de outros e, ainda assim, não temem nenhum homem. São a mais poderosa organização não governamental do mundo e o têm sido por séculos. Têm riquezas que até os Estados Unidos invejariam e, ainda assim, declaram pobreza. Estão presentes em cada país do mundo, como ninguém mais. Têm suas mãos em quase todas as misteriosas sociedades de capa e espada que pudemos mencionar e fomentam a maioria delas. Apegam-se de maneira febril ao sigilo e declaram franqueza e abertura. Controlam as mentes de bilhões de pessoas e influenciam as restantes. Fazem políticas às quais os governos devem aderir. Eles são a Igreja Católica.

"O Papa João Paulo II celebrou a chegada do Ano-Novo, na quinta-feira, com um apelo renovado pela paz no Oriente Médio e na África e pela a criação de uma Nova Ordem Mundial, baseada no respeito à dignidade do homem e igualdade entre as nações." (CNN, Janeiro de 2004)

Símbolo farmacêutico do século XVII em Paris, o verdadeiro graal

Capítulo 17

A Santa Vehme

A única nação no mundo que conhece o certo e o errado é a nação alemã; a Alemanha deve cumprir sua missão, caso contrário, a civilização européia estará arruinada.
- dr. Rudolf Steiner, Stuttgart, 1918

A Alemanha, mais do que a maioria dos países europeus, viu a ascensão e a queda de muitas sociedades secretas e tem alimentado ou estimulado o crescimento de outras delas. Dos rosacrucianos à Ordem da Aurora Dourada, dos maçons ao surgimento do Partido Nazista, a Alemanha teve sua devida porção de intriga. A Igreja Católica e mesmo o estabelecido Partido Nazista tentaram, em vão, exterminá-las, mas o fogo criado pelos métodos das sociedades secretas é difícil de apagar. Tão logo é extinto em um lugar e já surge de novo em outro, como um incêndio na floresta que se recusa a fenecer. Uma sociedade secreta com tal fogo voraz foi a Santa Vehme. Essa singular sociedade trouxe, por séculos, o medo ao povo alemão, tanto aos poderosos quanto aos fracos. Era aberta em seu objetivo - a revolução - e sua vigilância era tamanha que o nome da Santa Vehme era conhecido por todo o mundo. Embora se acredite que tenha desaparecido no fim do século XVI, seu símbolo, a cruz vermelha sobre um fundo branco, sobrevive até o dia de hoje no Comitê Internacional da Cruz Vermelha, e seu desaparecimento parece ter ocorrido no mesmo período do surgimento dos rosacrucianos (cruz rósea ou vermelha). Os membros chegavam a ver a si próprios como "videntes" e "iluminados" (Wissend ou Sábios) e aqueles que não pertenciam à ordem eram conhecidos como aqueles "que não tinham visto a luz".

"Nos antigos processos, ainda mantidos em Dortmund, os membros desses tribunais eram, em geral, designados sob o nome de Rose-Croix [Rosa-Cruz]; havia três graus de iniciação: os Francs-juges [Franco-Juizes]; os Francs-juges reais, que executavam as sentenças dos primeiros; e os Saints-juges [Juízes Santos] do Tribunal secreto, cuja função era observar, esquadrinhar o país e explicar o que ocorria. Eles tinham sinais e palavras para reconhecimento. Em 1371, após a Paz de Vestfália, fortalecidos pelos perambulantes Templários banidos, estabeleceram-se, de acordo com Clavel [Clavel escreveu Histoire Pittoresque de la Franc-maçonnerie et des Sociétés Secrètes em 1843] em todo o leste alemão, o País Vermelho..."{40}

Mas, qual foi sua origem e como se tornaram tão temidos?
A história ortodoxa convencional afirma que, em meados do século XIII e no apogeu do poder templário, a Vestfália, na Alemanha sofria de um estado de desordem e opressão por parte de guerreiros desgarrados, mercenários e bandos de foras da lei. Parecia que nenhum homem inocente podia viajar entre os rios Reno e Weser e, assim, a Ordem Cavaleiresca da Santa Vehme ou Fehm foi criada em segredo para se contrapor a esse estado de coisas. Foi estabelecida por foras da lei reformados e homens livres que, agora, tinham questões

familiares e negociais próprias com que se preocupar e, portanto, com o apoio e auxílio iniciais da Santa Igreja, pegaram em armas e cavalos e perseguiram e prenderam os tiranos. Por fim, a Santa Vehme começou a fazer justiça com as próprias mãos, realizando sessões secretas nas quais julgavam aqueles que tinham capturado e os sentenciavam, em regra, à morte. O termo fehm ou vehm é derivado do latim fama, uma regra de comum acordo. Também pode significar ser "separado", exatamente como viam a si mesmos. Fehm também pode significar "negro" ou "sabedoria".

Durante esse período, o sigilo era fundamental por conta de represálias dos foras da lei e, em pouco tempo, juramentos e rituais passaram a fazer parte do acordo. Por exemplo, durante a iniciação, o candidato fazia um juramento de matar a si mesmo e à sua família antes de revelar ser membro da Santa Vehme. O juiz ou Stuhlherren colocava, então, a espada ao longo da garganta do candidato e derramava algumas gotas de sangue para selar o juramento e servir como um lembrete do julgamento que receberia. O iniciado, em seguida, beijava a cruz do cabo. Esses juramentos eram feitos em recepções realizadas, em regra, em cavernas ou no fundo de florestas e eram algo como:

"Juro ser fiel ao Tribunal secreto e defendê-lo contra mim mesmo, contra a água, o Sol, a Lua, as estrelas, a folhagem das árvores, todos os seres viventes, tudo que Deus criou entre o céu e a terra; contra pai, mãe, irmãos, irmãs, esposa, filhos, enfim, todos os homens, com exceção apenas do chefe do Império; sustentar o julgamento do tribunal secreto, auxiliar na execução do mesmo e denunciar aos presentes ou qualquer outro Tribunal secreto toda má conduta contra sua jurisdição que possa chegar a meu conhecimento..."[41]

Embora as "recepções" ocorressem à noite e, às vezes, em cavernas, os julgamentos reais eram feitos em lugares abertos e públicos e, em regra, de manhã, assim que o dia raiasse.

No período de alguns poucos anos, a Santa Vehme tinha iniciado cerca de uma quarta parte de um milhão de homens livres e plebeus, cada um juramentado a erradicar a heresia, os traidores e infratores da lei, bem como a defender os Dez Mandamentos, de maneira a estender-se muito além do motivo inicial de sua formação. Devido a essa incrível ascensão ao poder, o sigilo tornou-se um problema cada vez menor e logo os julgamentos eram feitos abertamente em lugares públicos como prefeituras e mercados abertos. Dito isso, tais julgamentos, ou Heimliches Gericht, eram sempre realizados à meia-noite. Uma vez que esses julgamentos quase sempre resultavam em execução, os acusados, com bastante freqüência, tentavam escapar e fugir do país. Mas esse não era o fim do problema. Em pouco tempo, o poderoso exército da Santa Vehme chegava onde quer que fosse e carrascos especiais eram envidados para caçar os foras da lei e matá-los sem julgamento.

Por fim, tamanha anarquia tornou-se excessiva para que fosse ignorada pela Igreja e o estado e, uma vez mais, a Santa Vehme ocultou-se ao ser encerrada pelas autoridades, no fim do século XVI. De fato, parece que a podridão pode ter se instalado antes do fim do século XV, uma vez que, em pelo menos três sessões da corte, o próprio imperador foi convocado, recusando-se, é claro, a aparecer. Na superfície, contudo, em 1568 ela já tinha deixado de existir e pouco era ouvido sobre ela. Ela permaneceu escondida e secreta, e ouviu-se falar dela

de novo somente no início do século XIX, quando os franceses, sob o comando de Jérôme Bonaparte, legislaram contra a Ordem em Munster. Mas ela ressurgiu em verdadeira vingança na década de 1930, durante o período nazista da Alemanha, dessa vez com foco na "heresia" judaica e realizando muito do trabalho sujo de Hitler. De acordo com quase todos os relatos, a Vehme e os nazistas desapareceram ao mesmo tempo, mas há mais...

Devido a meus próprios contatos em várias sociedades secretas, decidi que era hora de tentar localizá-los e verificar se eles ainda existem de fato. Primeiro, contatei um amigo da Ordo Templi Orientis, uma sociedade secreta recriada, em parte, por aquele que se dizia o próprio Anticristo, Aleister Crowley. Já era tarde da noite quando, enfim, cheguei a um pequeno lugarejo em Surrey. Eu estava com fome e com sede. A chuva caía intensa, como sempre o faz na época do verão britânico, e corri para fora do carro, atravessei o átrio de cascalho e bati na porta branca eduardiana. Eu podia ver as luzes bruxuleantes do interior da casa através da chuva que quase me cegava e fiquei muito contente quando a porta se abriu e meu velho amigo conduziu-me para dentro. Em poucos minutos, eu estava sentado diante de uma lareira, com uma grande taça de vinho, e ouvia a toda a fofoca "interna" mais recente. Surpreendi-me ao descobrir que a intriga mais recente tratava do então novo papa Bento e de como os espanhóis e franceses vinham discutindo sobre quem deveria suceder-lhe.

Por fim, chegamos à minha missão e meu amigo soube de imediato a quem contatar. Na verdade, ele estava muito animado pelo prospecto de descobrir por si só. Por meio de um contato da Aurora Dourada em Berlim, ele conseguiu descobrir que a Vehme, ou, ao menos, uma moderna recriação dela, estava ativa na Alemanha até os dias de hoje. Eu queria mais e, assim, pressionei-o a verificar se não se tratava de meros pseudonazistas. Ele checou e a resposta foi de que tais pessoas não eram, na verdade, uma versão moderna da Ordem Cavaleiresca da Santa Vehme, mas antes, de fato, uma continuação daquela mesma ordem medieval que, supõe-se, desapareceu por completo no fim da década de 1940. Fui convidado a ir a Berlim para falar com eles. E assim, eu aceitei.

Em alguns dias, eu estava em um avião para Berlim, uma cidade que nunca visitara. Viajei sozinho e apenas com bagagem de mão, uma câmera, equipamento de gravação e um mapa.

Berlim é capital da Alemanha e um lugar vibrante e bastante cosmopolita. Existem, ainda, becos que evocam uma sensação da guerra fria, em especial próximo à antiga fronteira, mas, como um todo, parece moderna e recém-construída. Minha primeira impressão era tão somente de que era organizada e limpa.

Aterrissei no fim da tarde e fui para o hotel. Tinha um encontro agendado para o dia seguinte, com três alemães que falam inglês, no Museu Altes, a Cúpula de Berlim em Lustgarten. Dormi, levantei-me, tomei o café da manhã (que não estava muito agradável) e, então, pedi que o porteiro me chamasse um táxi. Por volta das 11 horas, eu esperava pelos três cavalheiros, do lado de fora do belo prédio da Cúpula de Berlim. Eu não tinha a menor idéia de sua aparência, mas estava certo de que me conheceriam, então fiquei tirando fotos do prédio e aproveitando o sol alemão. Não esperei muito até receber, no ombro, alguns tapinhas de um senhor mais velho e de aparência elegante, com cabelos curtos, grisalhos, e vestido com um terno escuro. Atrás dele estavam outros dois, também grisalhos, um deles vestido com uma jaqueta estilo tweed e o outro com uma camisa de mangas curtas. Eles sorriram e me deixaram logo à vontade.

"Venha, vamos tomar algo", disse o homem que havia me batido no ombro e, com um sorriso largo no rosto, conduziu-me por uma curta distância até um carro que nos aguardava: um grande Mercedes preto.

Rodamos um tempo pelas ruas agitadas até sairmos do centro de Berlim. Fui instado a não tirar fotografias e a fazer um juramento de que não revelaria suas identidades verdadeiras. Eu não tinha outra escolha senão jurar, do contrário, com certeza teria voltado à Inglaterra no vôo seguinte. Por fim chegamos a uma pequena cafeteria onde parecia que os três cavalheiros de idade eram bastante conhecidos, tendo sido recebidos com o que me pareceu quase como apertos de mão maçônicos. Sentamo-nos, pedimos café e notei a forma como cada um dos três homens se sentava um tanto solenemente e como voltaram suas facas, garfos e colheres em direção ao centro da mesa de uma maneira quase ritualística. Só mais tarde eu descobriria que esse, de fato, fora um antigo sinal secreto da Santa Vehme para outros no cômodo.

Os três homens falavam um inglês perfeito, então não tive problemas em me comunicar com eles. Eu os inquiri sobre seu passado. Todos tinham lutado na Segunda Guerra Mundial quando jovens e, de alguma forma, sobrevivido. Os três tinham sido oficiais e conheceram-se durante a guerra ao serem convidados a unir-se à Vehme. Nenhum deles envergonhava-se de seu passado e disseram-me com total segurança, e quase desdém, que lutariam de novo para restaurar o poder à terra natal e livrar a Europa do "flagelo", como se referiam à raça judaica. Fiquei chocado ao encontrar tal anti-semitismo ainda vivo, embora provavelmente não devesse ter ficado. Ficou claro que eles se tornaram membros da Vehme durante a guerra e que realizaram até julgamentos secretos contra os "opressores" do povo alemão nas florestas da Alemanha e da França. Após a guerra, eles e outros se mantiveram como membros da Vehme e afirmaram que ela estava ainda muito ativa hoje na Alemanha e na Áustria e, de fato, crescia dentro dos contingentes antieuropeus. Tinham iniciado muitas centenas de jovens alemães nos últimos anos e cada um deles era Freigraf, ou presidentes de corte, embora os julgamentos fossem poucos e a grandes intervalos nos dias atuais.

Perguntei por que eles tinham permitido que me encontrasse com eles, uma vez que, por certo, deviam saber que eu desejaria relatar o encontro. Responderam que seus juramentos estavam intactos já que não revelaram suas verdadeiras identidades e nem segredos novos além da existência contemporânea da Santa Vehme.

O tempo que passei com esses cavalheiros foi de emoções diversas. Por um lado, estava quase temeroso de que me levassem para alguma floresta escura e exercessem seu julgamento contra mim; por outro, estava empolgado por toda a trama. Parecia um pouco como um filme de James Bond: um encontro do lado de fora do museu, ser levado em um Mercedes preto e conversar sobre feitos dos tempos de guerra atrás das linhas inimigas. Ao fim de nosso encontro, despedimo-nos e eu fui levado de volta ao hotel, onde eu simplesmente não consegui descansar devido à empolgação. No dia seguinte, eu estava de volta ao Reino Unido e a vida voltou ao normal, mas eu não podia evitar refletir a respeito daquelas palavras de Rudolf Steiner no início do século XX:

"A única nação no mundo que conhece o certo e o errado é a nação alemã; a Alemanha deve cumprir sua missão, caso contrário, a civilização européia estará arruinada."

Capítulo 18

Pó Branco de Ouro ou Ouro Atômico

Minha última argumentação será sobre uma moderna falácia: o pó branco de ouro ou ouro atômico. Seja de modo consciente ou inconsciente, essa substância está sendo lançada aos pés do mundo como se fosse alguma espécie nova e maravilhosa de óleo de cobra. Do que se trata e por que é tão popular?

Em Os Segredos Perdidos da Arca Sagrada,[42] Laurence Gardner procura provar que os antigos transformavam o ouro em um pó branco, que usavam para ajudar objetos a levitar e para se transportarem através de portais interdimensionais. Sugere, também, que a substância era tomada via oral, como um tipo de Elixir. O livro vendeu centenas de milhares de cópias e afirma ter o apoio de certos cientistas. Devido ao lançamento de meus livros O Graal da Serpente e Gnose: A Verdade sobre o Segredo do Templo de Salomão, recebi centenas de e-mails de pessoas pedindo minha opinião sobre essas descobertas de Gardner et al. e, assim, decidi investigar um pouco mais.

Li a maioria dos livros de Gardner e sempre os achei muito interessantes. Laurence é um bom homem e eu não tenho nenhum problema pessoal em relação a ele. Contudo, meu objetivo em todas as coisas é chegar à verdade e sou pressionado, de forma constante, por e-mails, cartas e telefonemas, a chegar ao fundo da questão sobre esse pó branco de ouro. Portanto, tive de intrometer minhas perguntas aí. Ocorre que Gardner e outros afirmam, agora, que o pó branco de ouro era usado em segredo por maçons e outras sociedades secretas. Assim, o assunto enquadra-se no âmbito de um livro sobre sociedades secretas. Qual é a verdade, afinal?

ORMUS

A palavra ORMUS é usada, hoje, de modo extensivo pelos defensores dessa substância e é derivada de Orbitally Rearranged Monatomic Elements [Elementos Monoatômicos Orbitalmente Rearranjados] ou ORMEs. Supõe-se que foi descoberta na segunda metade da década de 1970 por David Hudson, um fazendeiro do Arizona que notou alguns materiais estranhos em suas terras enquanto fazia mineração de ouro. Ao que parece, Hudson gastou, então, milhões na tentativa de compreender a substância e, desde então, cria ORMUS a partir de ouro, água e mesmo "maná". A alegação é de que ORMUS é uma nova forma de matéria que "parece ter as propriedades do Espírito". Afirma-se que a substância transita entre a pura matéria e o puro espírito e pode, dessa forma, ser usada como um instrumento de comunicação com o Outro Mundo. Contudo, não há quaisquer dados científicos que sustentem tais afirmações, só milhares e milhares de suposições.

Na verdade, a palavra Ormus era, em sua origem, outro nome da deidade zoroastriana Ahura Mazda (Ormazd) e foi introduzida no mundo cristão no século IV pelos armênios, que se converteram ao Cristianismo e, antes, cultuavam Armazd (Ormus). Ormus também se tornou o nome de um dos portos mais importantes do Oriente Médio nos séculos XVI e XVII, no Golfo Pérsico, nos Estreitos de Hormuz (Ormus). Enormes quantidades de certos produtos

eram embarcadas dali para todas as partes, como veremos, o que revela a verdade do ouro branco original! A cidade-estado de Ormus pode, de fato, ser datada desde, no mínimo, o século XIII e era usada de maneira intensa para o comércio de escravos em anos mais recentes. Devido à localização de grande importância estratégica dos Estreitos de Hormuz, há séculos existem lutas pelo domínio do local.

A etimologia exata da palavra é controversa. A maioria dos estudiosos afirma que Ormus/Ormuz deriva da palavra persa Hurmogh, que significa tão somente "tamareira". Outros afirmam que orme é a antiga palavra para verme ou serpente (que descobri, em meu outro trabalho, não ser diferente do fogo do pensamento, ou iluminação). Na verdade, a tamareira e a serpente compartilham semelhanças simbólicas. A palmeira em si é simbólica de muitos mitos importantes. Primeiro, era o sinal da "Coluna Flamejante" encontrada nas moedas de Cartago. A palmeira também simbolizava o fogo e a Árvore da Vida. As folhas nunca mudavam e, assim, representavam o Senhor imutável. Os fenícios também tinham a palmeira em alta estima e suas moedas exibiam a serpente enrolada ao redor de seu tronco, o fogo da árvore (coluna - veja menções a kundalini feitas anteriormente neste livro). O nome da divindade "Baal Tamar" significava "Senhor da Palmeira" e "Tamar" significa "Fogo Solar resplandecente". Assim, temos apenas um argumento circular aqui. Deixe-me explicar. Ahura Mazda era um deus ígneo, ou a iluminação esclarecida, dos zoroastrianos persas, sugeridos por muitos estudiosos gnósticos como os progenitores da tal pensamento gnóstico e eram místicos de extrema percepção. Ahura Mazda é, portanto, o mesmo que a palmeira, e é, de fato, representado pela palmeira. O nome em si significa tão somente "Senhor da Sabedoria" e mazda é, na verdade, um substantivo feminino, o que revela uma gnose oculta por trás do nome.

"Ó Sábio, estou consciente de que sois poderoso e contínuo porque Vós ajudais com Vossa própria mão. Vós concedeis recompensas tanto aos injustos quanto aos justos, por meio do calor de seu Fogo, que é possante pela Justiça e pelo qual a força da Mente Sã vem até mim." (Gathas: Canção 8:4)

Veja: a verdadeira gnose, ou conhecimento, ou mesmo sabedoria (a "mente sã" acima mencionada) só pode ser alcançada por meio do equilíbrio e isso era em regra representado, em tempos antigos, como o equilíbrio entre os sexos. O mundo via esse princípio feminino nos mitos de Sofia, o elemento feminino da sabedoria e de onde derivamos "filosofia". Na verdade, o que Zoroastro dizia era que a verdadeira sabedoria reside no estado de equilíbrio simbolizado pelo eixo do mundo ou pela árvore em uma vertical perfeita, que se estende entre os opostos ("o injusto e o justo"). A palmeira como um símbolo do fogo e Ormus (Ahura Mazda) como a divindade da sabedoria e do fogo eram tão somente "iluminadas" ou "esclarecidas". Era a imagem da perfeição. E assim acabamos por ter a etimologia e a real gnose oculta no nome, que nos dá a verdade real por trás do nome que nossos modernos pseudocientistas têm atribuído a uma substância em particular. Em lugar algum dessa maravilhosa filosofia antiga encontramos uma substância peculiar que possibilita viagens a outras dimensões.

Ciência

O cientista de que Laurence Gardner e outros se valem, em geral, em seus trabalhos é o dr. Hal Puthoff, diretor de estudos avançados em Austin, e que Gardner afirmava sustentar suas teorias.
Eis o que se supõe ter sido dito por Puthoff: "Uma vez que a gravidade determina o espaço-tempo, Puthoff concluiu que o pó era uma 'matéria exótica' e era capaz de fazer uma dobra no espaço-tempo". Já que Puthoff é tão mencionado como favorável à substância, eu decidi perguntar!
Descobri, para minha surpresa, que o dr. Puthoff não estava nada contente e, na verdade, está um pouco apreensivo por ter de responder constantemente a perguntas relativas ao problema, em especial por nunca ter sustentado a teoria, em primeiro lugar. No entanto, convenci Hal a conceder-me uma declaração:

"Olá, Philip.
Os Fatos são estes. No início (muitos anos atrás), alguém trouxe Dave Hudson [que ajudou Gardner a escrever seu livro] e ele me contou sobre efeitos anômalos de seu pó branco. Uma de suas afirmações era de que, sob certas condições, a massa diminuía, ou seja, um efeito antigravidade surgia. Em resposta, eu disse que, do ponto de vista de um físico, SE isso fosse verdade, então teria existido um efeito espaço-tempo. (É provável que essa seja a fonte da tão mencionada citação, atribuída a mim, de que 'o pó cria uma dobra na métrica do espaço-tempo'.) É claro, eu não disse isso do pó porque não sei se a afirmação sobre ele é verdadeira. Fiz a oferta de verificar o caso, se ele me fornecesse uma amostra do pó. Ele disse que o faria. Mas nunca o fez. Nunca mais ouvi qualquer coisa dele após aquela visita. Porém, ouço muito de meus colegas a respeito da citação que me é atribuída, o que tenho que corrigir o tempo todo!

Atenciosamente,
Hal Puthoff, Ph.D.
Diretor,
Instituto de Estudos Avançados de Austin"

Como podemos ver nessa declaração, o dr. Puthoff nunca deu suporte à teoria e até quis ajudar a verificar se havia alguma verdade por trás das afirmações, testando a substância que Gardner alegava ser derivada do ouro. Edmund Marriage, do Instituto Patrick, que ajudou Gardner no livro, disse-me que a substância foi testada pela Universidade de Oxford e não foi encontrado ouro. Então, qual é a verdade?
O dr. Sarfatti, da Agência Global de Inteligência Avançada (um título falso e cômico), também disse: "Eu acho que essa é uma alegação falsa... Conheço Hal muito bem, e isso é uma distorção óbvia, senão uma mentira descarada".
Puthoff também disse: "Eu absolutamente não tenho idéia do que o pó branco de David Hudson faz. Não sei de onde vem essa citação, que aparece cada vez mais na Internet, e que se presume vir de David Hudson. Sou de todo cético".
Recebi toda sorte de alegações dirigidas a mim via e-mail e nenhuma delas tem alguma base científica. Alguns afirmaram que a ingestão da substância levou-os a viagens para outras

dimensões ou mesmo os fez flutuar. Sempre perguntava se a pessoa sabia o que havia na substância e onde fora comprada. Em todos os casos, ninguém fazia idéia do que havia, de fato, no pó.

Pergunta: Alguém viu alguma evidência científica objetiva e confiável das afirmações feitas por Gardner e muitos outros? Alguém, de fato, fez algo levitar com essa substância? Ou sequer transportou um objeto para outra dimensão? Lancei essas perguntas em meu website e em vários outros fóruns. Não recebi nenhuma resposta científica, nem uma vez sequer. Recebi, é verdade, centenas de e-mails em que se debate a questão de um ponto de vista histórico, com a afirmação de que os pães ázimos dos antigos israelitas eram o pó branco de ouro ou substância monoatômica, mas nada científico. Na verdade, quando propus o questionamento a meu bom amigo e escritor Crichton Miller, ele apenas respondeu: "é sal". Veja, vamos tentar compreender nossos ancestrais a partir de um aspecto que a maioria dos historiadores alternativos modernos parece esquecer: sobrevivência.

Sobrevivência

Da mesma forma como nós, hoje, o homem antigo estava interessado em sua própria sobrevivência. Há pouca diferença entre nós e nossos ancestrais. Nós também seguimos o mesmo ímpeto evolutivo de sobrevivência. Analise desta forma: acumulamos bens porque, em nosso subconsciente, precisamos nos assegurar de que temos reservas suficientes para nos mantermos durante o inverno ou uma colheita ruim. Isso é algo que aprendemos ao longo de milênios, e pode ser dito estar na raiz da cobiça ou ganância. Contudo, uma das coisas de que nossos ancestrais precisavam como complemento de sua dieta era o sal e, então, em essência, o sal tornou-se uma das coisas mais valiosas. Ele era acumulado e santificado.
A maioria das pessoas pensa no sal como apenas grânulos brancos que salpicam sobre suas refeições, mas ele é muito mais. É um elemento essencial da alimentação, não só para os humanos, mas para os animais também e mesmo para muitas plantas. Nossos antigos ancestrais de caça e coleta de vegetais simplesmente tinham de ingerir sal todos os dias para se manterem vivos, com o equilíbrio do seu consumo de água. Parece incrível, mas, para eles, era do mar que o sal parecia vir, então a própria etimologia sugere "do mar". Durante a época do advento da agricultura, o homem ingeria cerca de 150 gramas de sal por dia, bem como o usava de forma ampla para curtir peles e preservar gêneros alimentícios.
De fato, era usado até mesmo para preservar corpos após a morte; os antigos egípcios e outros povos utilizavam-no na mumificação. Essa qualidade de preservação chegou até nós, hoje, na forma simbólica de um Elixir: que estende a vida no Outro Mundo.
Devido à necessidade e ao desejo incríveis pelo sal, ele se tornou uma das substâncias mais valiosas do mundo e era procurado em muitos lugares. Grandes rotas de comércio surgiram para transportá-lo por terra e mar, e até batalhas foram travadas pelo controle dessas rotas comerciais. Um local que se elevou a uma posição meteórica de poder foi o já mencionado porto de Ormus, e descobrimos, inclusive, que o sal era trocado por escravos. O valor do sal imiscuiu-se até em nossa língua: "sal da terra" é uma expressão usada para descrever alguém de grande valor, com atitudes realistas e sensatas; "levado com um grão de sal" para descrever

algo que não tem valor (apenas um grão!). Na verdade, o sal tornou-se dinheiro em uma grande quantidade de lugares e deu-nos até a palavra "salário". A arte da boa etiqueta em lugares como a Sérvia, mandava oferecer aos visitantes um pedaço de pão e um pouco de sal, um presente de fato muito valioso. E isso não é algo novo: é tão velho quanto a própria humanidade. Além disso, os animais já buscavam sal muito antes do Homo erectus ficar em pé. Há cerca de 4.700 anos, o Peng Tzao Kan Um foi escrito na China, e cópias dele ainda existem. Esse livro trata de farmacologia e explica o valor do sal, mencionando mais de 40 tipos e seus inúmeros usos. No Egito, há indícios de produção e mineração de sal que datam de 1450 a.C., e indícios semelhantes podem ser encontrados em todo o mundo, inclusive na Bíblia, na qual há mais de 30 referências a ele.

"Que tua fala seja sempre graciosa, temperada com sal..."
(Colossenses, 4:6)

Esse trecho por si revela que o sal foi usado, aqui, como uma referência a um trabalho com relação ao "eu", para purificar nossos pensamentos e palavras.
O sal tornou-se um símbolo da pureza e era usado sobre os altares, o que o tornava "sal sagrado". Dessa maneira, os "pães ázimos" de Laurence Gardner eram, de fato, em parte apenas sal! Isso faz muito mais sentido como sendo o maná e um instrumento de sobrevivência no deserto.
Mas, afinal, o que são esses pães ázimos? Bem, em Êxodo 25:23- 30, somos instados a fazer uma mesa ou altar específico sobre o qual pode ser colocado o pão feito de boa farinha. Os defensores do pó branco de ouro alegam que essa boa farinha era, na verdade, bom pó, portanto, pó branco de ouro. Os pães ázimos recebem, em inglês, os nomes shewbre-ad ou showbread tão somente porque ficavam expostos. O processo de feitura do pão não é, na verdade, uma atividade química, como somos levados a crer; é, em vez disso, uma forma de autoevolução, uma psicologia esotérica. Devemos pegar boa farinha, assá-la, e ela deve ser ázima, ou não fermentada. Devemos fazer 12 pães e colocá-los em duas fileiras de seis sobre a mesa pura. Isso poderia ser visto como uma das narrativas alquímicas mais antigas ou originais, pois a boa farinha era "da terra", a substância básica ou anima mundi [alma do mundo], nosso eu fundamental. Então, devemos assá-los ou colocá-los na fornalha: isso significa apenas inspecionarmos a nós mesmos com rigor e consumirmos todas as impurezas, o que se requer seja feito com o elemento "sem fermento", ou seja, nada artificial deve ser colocado no pão. Os 12 pães, ou bolos, são toda a extensão do céu, o Zodíaco, por meio do qual os opostos, o Sol e a Lua, trabalham, representando, dessa forma, nossa vida inteira, sempre em equilíbrio. Colocá-los em duas fileiras de seis representa o ciclo semestral de crescimento do grão para transformar-se em pão. Os próprios pães também indicam as tribos de Israel, pois "grão" era equivalente ao homem e as tribos eram compostas de muitos grãos, como um pão.
O fogo ou iluminação só pode surgir a partir da compreensão desse equilíbrio dentro de nós mesmos e da obtenção de conhecimento e sabedoria. É evidente que existem muitas reações bioquímicas dentro do cérebro, tais como a kundalini indiana e o espírito de Deus hebraico, proporcionadas, em regra, por drogas ou meditação, mas há, em geral, uma mescla desse simbolismo. Esse fogo, ou energia interna, era conhecido no mundo todo pelo nome de 'a

serpente'. A realidade que aqui vemos diante de nós é também aquela da psicologia comum e da auto-evolução.

Vimos anteriormente que orme (a raiz de Ormus) significava verme (pequena serpente) ou serpente. A serpente é associada ao sal há milhares de anos. Cerimônias bacânticas da Grécia eram consagradas com a serpente e, na procissão, um grupo de virgens de estirpe nobre carregava o réptil em cestas douradas com sal e pão. Isso é visto em muitos rituais dos primeiros cristãos gnósticos ofitas, onde ofita significa adorador de serpentes. Esses ofitas consagravam, de fato, seu pão e seu vinho com o beijo da serpente e uma pitada de sal. A própria tradição judaica nos ensina que "o pão da serpente é pó" (Isaías 65:25) e foi no "pó" que a serpente foi feita para rastejar. Na Babilônia, a deusa especificamente da água salgada eraTiamat, a mãe dragão ou serpente, e, na alquimia, o sal é representado pela imagem de uma serpente. É claro que também precisamos nos lembrar de que, em um aspecto prático muito real, o sal era um ingrediente importante do pão e, como é verdadeiro em muitas partes do mundo, o sal era dado de presente, com freqüência, junto com pão.

Conclusão

Se existe verdade nas afirmações feitas a respeito desse pó branco de ouro, então certamente mais pesquisas devem ser feitas por cientistas conceituados, uma vez que tais afirmações são, em termos científicos, excepcionais, se não bizarras. Quando descobri a antiga prática da ingestão de veneno e sangue de cobra (por favor, não tentem isso em casa), fui a diversos estabelecimentos científicos e procurei pela ajuda de instituições médicas. Não recomendo que alguém tome veneno e sangue, uma vez que a receita é bastante única e oculta em métodos secretos, mas as pessoas tomam esse pó branco de ouro (se for isso, de fato) e afirmam ter experiências alucinógenas ou mesmo entrar em estados alterados de consciência. E assim, para tanto, encomendei um frasco do fluido que se diz conter a substância monoatômica. Depois de uma semana o frasco chegou e, mantendo o líquido em seu recipiente, levei-o depressa a um amigo meu, de uma universidade local. Ao testar a substância em várias máquinas diferentes, ele não encontrou ouro nem sal. Na verdade, tudo o que ele encontrou foi água e alguns elementos indicativos de ferro. Esse pequeno frasco de plástico com água custou mais de 30 dólares. Faz a água Perrier parecer barata.

Se quisermos propor nossas teorias em público e alegar suporte científico a elas, então temos de ser capazes de sustentar tais afirmações. Até agora, à exceção da criação experimental e intricada de uma história, não temos nenhuma evidência concreta e verificável de que a substância monoatômica, ou pó branco de ouro, exista e nem, em especial, de que o homem antigo a desenvolveu e utilizou.

O que as evidências de fato revelam é que o sal era a verdadeira moeda ou ouro branco de seu tempo, e que esse mineral passou a integrar nosso alimento (pão) e religião como um presente de Deus ou dos deuses. O simbolismo desses fatos e os instrumentos psicológicos internos da teologia e filosofia fundiram-se por meio da imagem da serpente e a etimologia resultante serve de testemunho disso.

O fogo da serpente e a necessidade de sal são símbolos holísticos.

Mas um último pensamento esclarecedor foi trazido a mim por meu sogro, Alan Dickson, uma pessoa de mente muito prática. Os defensores do "pó branco de ouro" afirmam que ele fazia as coisas levitar e vão aos extremos para demonstrar como isso pode ser encontrado no simbolismo antigo. Agora que sabemos o que o verdadeiro ouro branco é, faríamos bem em nos lembrarmos de que a água salgada faz com que objetos sólidos flutuem e que a Arca, que Laurence Gardner afirma ter levitado pelo uso desse pó branco, era, na verdade, uma cópia de uma b'arca egípcia, um barco. Independentemente de nossa arrogância com relação a nossos ancestrais, devemos reconhecer-lhes o mérito por mistérios tão magistralmente intricados.

Portanto, sabemos que ouro branco em pó é sal. Sabemos que tudo isso é uma farsa da maior amplitude. Por que, então, ele nos é apresentado como se fosse a melhor coisa desde o pão de forma? Neste ponto eu também prosseguiria com a idéia de que os defensores dessa "substância" são as mesmas pessoas que nos fornecem idéias sobre a Linhagem de Sangue Real de Jesus e Maria, outro mito. Não pretendo responder a esse enigma porque existe aqui uma profundidade extremamente perigosa, então deixarei que o leitor quebre esse código final.

"Durante séculos existiram certas escolas esotéricas de filosofia mística, originadas, ao que parece, de diversas correntes orientais de pensamento encontradas no Levante, no Egito e no Oriente Próximo. Nelas encontramos elementos do Budismo, Zoroastrismo e ocultismo egípcio misturados com mistérios gregos, cabala judaica e fragmentos de antigos cultos sírios. Da miscelânea de filosofia, magia e mitologia orientais surgiram, nos primeiros séculos da Era Cristã, numerosas seitas gnósticas e, após a ascensão do Maometismo, muitas seitas heréticas entre os seguidores do Islamismo, tais como os Ismaelitas, Druzes e Assassinos, que encontraram sua inspiração na Casa da Sabedoria, no Cairo. As mesmas raízes podem ser encontradas ao traçarmos o histórico das idéias que inspiraram movimentos político-religiosos da Idade Média como os Illuminati, os Albigenses, os Cátaros, os Valdenses, os Trovadores, os Anabatistas e os Lollardes. A ascensão das primeiras sociedades secretas deve ser atribuída às mesmas inspirações. Dizem que os Templários foram iniciados pelos Assassinos em mistérios anticristãos e subversivos. Encontramos os mesmos traços de uma origem antiga e oculta nos alquimistas, nos rosacrucianos e nos posteriores cultos místicos, dos quais os Swedenborgianos são um exemplo familiar." (Extraído de um artigo publicado no Patriot por G. G. ou "Dargon", em 1922, intitulado "The Anatomy of Revolution")

Nesse curto excerto, "Dargon" dá-nos um resumo do que será descoberto por qualquer investigador sério das sociedades secretas do mundo: que todas elas estão conectadas e todas derivam de uma fonte semelhante, se não da mesma. Essa mesma fonte também pode ser identificada nos infames essênios, a fraternidade judaica que partiu para Damasco, Qumran, e ali começou a revigorar seus rigorosos métodos de controle baseados em antiquíssimos sistemas religiosos de crenças, os quais, por sua vez, podem remontar inclusive ao Egito. A partir desses irmãos "Iluminados" de túnicas brancas podemos encontrar uma conexão muito reveladora, e recomendo a qualquer leitor sério que analise sua trajetória para obter respostas sobre sua origem. Uma coisa é certa, como disse Le Couteulx de Canteleu em seu livro Les Sectes et Sociétés Secrètes, publicado em 1863:

"Todas as sociedades secretas têm origens quase análogas, desde os egípcios até os Illuminati, e a maioria delas forma uma corrente e dá ensejo ao surgimento de outras."

Essa forma "análoga" que permeia todas as sociedades secretas, salvo o rigoroso método de controle, é a crença subjacente nas estrelas e o culto a elas, ou ao céu. Esse é o elemento que os designou "Iluminados" e é ele que ainda está na raiz de tanto simbolismo mal interpretado. Mesmo os membros da Santa Vehme eram "wissends" [sábios] que tinham o Sol e as estrelas como símbolos de poder. Esse culto às estrelas era conhecido como Sabeísmo e o alto maçom Albert Pike, em Secret Societies and Subversive Movements, de Nesta H. Webster, afirma:

"As sete grandes nações primitivas, das quais todas as outras descendem, os persas, caldeus, gregos, egípcios, turcos, indianos e chineses, eram todas, em sua origem, sabeístas e cultuavam as estrelas."

O próprio poder de compreensão das estrelas era guardado de forma egoísta por todos os grupos

sacerdotais do mundo, desde os astecas até os egípcios. Em cada caso, o papel do sacerdote era interpretar os movimentos das estrelas, do Sol e da Lua, a fim de melhor predizer o futuro e para o uso na navegação. Esse egoísmo criou criptogramas, códigos e símbolos. Ele obrigou a ocultação e destruição de implementos e ferramentas do comércio. Muitos dos símbolos maçônicos que vemos hoje nunca serviram para construção, serviam para a astronomia. A Santa Vehme também tinha um segredo que revela isso: a vara, a pedra, o cordão e as gramíneas eram implementos usados para medições. A pedra presa a um cordão, amarrado a uma vara colocada no chão eram usados para "governar" o chão, um instrumento místico e também muito real.

Esses segredos das estrelas eram considerados místicos, uma vez que o populacho não conseguia compreender como tal magia era feita; e tais segredos eram passados de uma geração para a seguinte por iniciados e adeptos. É assim que toda a meada foi tecida: geração após geração, passando conhecimento e mantendo-o oculto. Por fim, e com freqüência, as fraternidades secretas já não sabem mais por que mantêm seus símbolos estranhos em segredo e nem o motivo de dizerem as estranhas invocações. Mas, por meio de suas tradições e devido à dedicação a seus irmãos, mantêm viva uma rica trama que pode ser decifrada e reinterpretada. A verdade quase nunca será encontrada no quadro que vemos diante de nós e, assim, devemos puxar com força o fio e começar a desemaranhar a trama, uma geração de cada vez. Meu grande amigo e escritor Crichton Miller resumiu isso já no título de seu livro Golden Thread of Time, o qual revela a verdadeira astronomia (o ato de dar nomes às estrelas) e até mesmo a astrologia (a lógica das estrelas) de nossos amigos antigos. De acordo com Le Couteulx de Canteleu, os sacerdotes ou líderes das organizações seguiam a hierarquia egípcia. Em primeiro lugar havia o sacerdote, o único que podia fazer magia e entrar em contato com os deuses. Em segundo lugar encontraremos os iniciados maiores, aqueles escolhidos dentre o povo e que devem manter sigilo a todo custo e proteger o sacerdócio. Em terceiro lugar, os iniciados menores, a quem apenas era revelado o que era considerado adequado.

Nessa trindade hierárquica vemos um modelo exato da maioria das sociedades secretas do mundo, se não de todas. A maior parte dos maçons de hoje estaria na categoria dos iniciados menores: só conhecem aquilo que lhes é dito e, mantidos a essa distância e nível de conhecimento, não buscam nada mais, pois não conhecem nada além. Apenas nos graus mais altos da Maçonaria é que os verdadeiros segredos são mantidos e, ainda assim, existem aqueles que afirmam terem sido iniciados de graus superiores ou mesmo "sacerdotes" e que, então, "deram com a língua nos dentes". Qualquer um que tenha visto esses supostos segredos do pó branco de ouro e até mesmo tramas de conspiração judaica saberá que são fruto de desinformação, na melhor das hipóteses, ou artimanhas para ganhar dinheiro, na pior.

Neste singular compêndio de pensamentos e pesquisa sobre uma ampla gama de assuntos relativos a sociedades secretas descobrimos muitíssimas coisas. Uma delas é não acreditar em tudo que nos é dito. Eu não deveria ter de afirmar isso de forma tão explícita no século XXI porque filósofos antigos nos disseram isso há muito tempo. Mas é triste que, devido ao surgimento constante de novas gerações, temos a tendência de aprender muito pouco e deixar o passado para trás. Cada geração tem de começar do zero e tende a olhar para a frente, esquecendo-se de que nosso passado guarda respostas inteligentes e desafiadoras a perguntas que são e serão sempre relevantes. Devido ao fato de cada geração que se inicia ser

imatura e nova, ela também não "vê" o fio que passa por cada geração, a partir da geração anterior: o fio da sociedade secreta.

No século passado tivemos o surgimento da psicologia, da psicoanálise e das novas palavras inteligentes que vieram com elas. Mas somos tão arrogantes para pensar que fizemos a descoberta dos problemas psicológicos humanos? Isso é, com certeza, uma grande bobagem. A própria Psiquê era uma deusa grega. Por milhares de anos o homem busca respostas para sua própria realidade interior. A única coisa que mudou de forma radical foi o vocabulário. Hoje dizemos que alguém é psicótico; nossos ancestrais teriam dito que essa pessoa fora tocada pelos espíritos. Mas somos mais avançados que nossos ancestrais? 90% do globo ainda acredita em Deus; ainda fazemos guerra em nome da religião; ainda poluímos o meio ambiente e destruímos nosso próprio lar. Existem, de fato, evidências antropológicas que provam que o homem do passado remoto era, na verdade, pacífico, vivia em harmonia com seus vizinhos e até respeitava a terra e vivia em equilíbrio com ela. As evidências, então, mostram que, à medida que a sociedade crescia e mais pessoas ocupavam espaços menores, eclodiam guerras de menor importância e, inclusive, sacrifícios violentos. Os indícios também demonstram que pequenos grupos de homens se reuniam e para controlar aqueles que lutavam. Esses pequenos grupos vieram a ser nossos reis e rainhas, médicos e sacerdotes e, é claro, nossas sociedades secretas.

Existe, aí, uma lição para todos nós. Há apenas cem anos, havia 1 bilhão de pessoas no planeta. Agora há 6 bilhões e o crescimento continua sem proporções. Seis bilhões de pessoas podem causar muitos danos a si mesmas e ao meio ambiente, destruindo, assim, tudo de todos. Sem equilíbrio, sem sabedoria, sem conhecimento, aonde, então, estamos indo? Eu não mencionei uma vez sequer a ganância, o dinheiro, o capitalismo, mencionei? Eles não entram na equação de um debate tão simples, mas são aspectos obscuros do argumento antropológico.

Vimos, nos vários artigos deste compêndio, que o homem também se reúne em grupos, como peixes em um cardume ou pássaros em uma revoada. Esses grupos tornam-se religiões, sociedades secretas, governos e, na verdade, qualquer grupo. Há um motivo simples para esse agrupamento e ele é exatamente o mesmo para os animais. Reunimo-nos para nos proteger de predadores, há força nos números. Seja você um maçom ou um escoteiro, a razão última pela qual você une forças com outros da mesma raça e mentalidade é porque você vê resistência e proteção. Por que, então, alguns indivíduos afastam-se desses grupos? Eu mesmo já fui convidado a integrar muitas sociedades e grupos secretos. Até mesmo recusei ofertas de graus honorários. Por quê? Porque sou seguro, auto-confiante e tenho minha própria mente. Não temo homem algum, não temo nenhuma sociedade ou cultura. Esforço-me para aprender mais sobre todos eles para, dessa forma, ser ainda mais confiante; conhecimento constrói força que, unida à minha própria vontade, cria uma confiança que é a verdadeira iluminação.

Podemos pensar e acreditar que a kundalini ou alguma outra fagulha no cérebro bioquímico e elétrico seja a iluminação, mas não é. Nossos mestres nos dão lixo e nos mantêm no escuro. Dizem-nos como devemos ser, o que comprar, o que fazer e falar. Não precisamos mais conhecer a nós mesmos, a televisão tem todas as respostas. Mas o fato é que o que vemos na televisão é um reflexo da ganância, do dinheiro e do capitalismo, e essas podem muito bem ser as forças obscuras da natureza humana. Luz e sombra são os lados opostos da mesma moeda.

O equilíbrio é como uma moeda colocada de pé sobre sua borda e, como uma moeda, pode ser tombada com facilidade.
Eu desejo uma vida confortável à minha família, mas isso não tem de incluir uma variedade de carros, um iate em cada porto ou outro milhão. Não sou comunista, sou realista e a realidade é que, enquanto um homem tem, outro não tem. Meu instinto evolutivo é reunir bens, propriedades e riquezas para os tempos ruins do futuro, para me prover durante o inverno ou a tempestade próxima. A desvantagem disso é que estimulamos aquele aspecto de divisão em nossa natureza, a ganância, e alguém, em algum lugar, sofre.
Os antigos textos chineses contam-nos que a humanidade já esteve nessa situação muitas vezes no passado e que sua ganância e "estrondo" levaram sua civilização à ruína. Quão perto estamos de fazer isso de novo? Quão "barulhento" você é?

{1} N.E.: Sugerimos a leitura de *O Compasso e a Cruz - Uma História dos Cavaleiros Templários Maçons,* de Stephen Dafoe, Madras Editora.
{2} Jones, Steve. *In the Blood.* Harper Collins, 1996.
{3} Feather, Robert. *The Copper Scroll Decoded.* Thorsons, 1999.
{4} Harding, Esther. *Womans Mysteries.* Rider, 1971.
{5} Feder e Park. *Human Antiquity*. Mayfield Publishing, 1993.
Esculápio era o cirurgião do navio Argo - associado a Jasão e os Argonautas, que saíram em busca do Velo de Ouro que era guardado por serpentes/dragões e que, dizia-se, trazia as pessoas de volta à vida e concedia a imortalidade. A palavra higiene vem de Hygeia, uma das filhas de Esculápio, e panaceia, a cura de tudo, vem de sua outra filha, Panacea. Serpens era vista pelos antigos como aquela que cura no céu, e com Ofiúco era um dos Psilos da Líbia, os curadores-cobra.
Os escritores bíblicos diziam que essa constelação era Aarão com seu bastão de serpente, ou Moisés.
O nascimento anual do Sol e, assim, de Cristo/Dionísio/Krishna e muitas outras divindades solares é acompanhado pela estrela brilhante, que era Sírius ou Sothis, ou mesmo o planeta Vênus. Também é acompanhado pelas três estrelas do Cinturão de Orion, que são os três sábios, ou Magi.
O Sol entra em cada signo zodiacal a 30 graus e, dessa forma, o rei ou deus Sol ingressa em seu ministério aos 30 anos.
O Sol é o carpinteiro que constrói as mansões do zodíaco.
Quando se diz que Cristo (ou também os outros) andava sobre as águas, isso é um espelho do Sol, que parece caminhar sobre a água com seu reflexo.
No Hemisfério Norte, o Sol perde a sua força no fim do ano, ao mesmo tempo em que a constelação de Escorpião passa a ser vista no céu. Escorpião é Judas Iscariotes - aquele que fala ou ataca pelas costas, o que é uma analogia ao método que os escorpiões usam para atacar.
{7} Kashyapa advertiu Buda de que havia apenas uma cabana disponível e uma Naga [serpente] malévola a ocupava. Buda não se deixou retardar por isso e foi para a cabana de qualquer modo. Contudo, uma terrível luta aconteceu e culminou com a explosão da cabana em chamas. Os espectadores apagaram as chamas com água, mas tiveram de esperar até a manhã para descobrir que Buda havia sobrevivido. O Buda saiu com sua tigela de mendicância nos braços e, dentro dela, uma cobra pacífica, enrolada em espiral. O Buda matara o dragão de seus desejos impetuosos e emergira com um resultado benéfico.
{8} Veja Gardiner, Philip, e Osborn, Gary. *The Serpent Grail.* Watkins, 2005.
{9} Baphe significa submergir, metis significa sabedoria e, portanto, Baphomet poderia simplesmente significar "ser submerso em sabedoria".
{10} Está claro que o sangue é visto no mundo todo como a força da vida, ou a energia vital do corpo. Era sagrado, em especial, para hebreus, mas não somente para eles. O derramamento da energia quase tântrica do Cristo no lugar do crânio é, portanto, o revigoramento do crânio dentro do qual cai, o que transforma o Gólgota em um lugar ou relíquia muito sagrada.
{11} Os Nagas são adoradores de serpentes, naturais da Índia.
{12} Os sete dias são, com certeza, uma alusão aos sete níveis da serpente enrolada em espiral, ou do despertar da kundalini, por meio dos quais as energias serpentárias são visualizadas e elevadas em equilíbrio para dentro da cabeça, o que torna a pessoa um Buda, ou iluminado.
{13} A Serpente Iluminada
Em Gênesis 3:1, os cristãos fundamentalistas acreditam, de forma incorreta, terem visto a primeira menção a Satanás. Para eles, ele é chamado "a serpente". Uma das palavras hebraicas para serpente é nachash, que significa "brilhar" ou "criatura honrada, iluminada". Essa é uma indicação positiva de que as nachash não eram, de fato, cobras em si, mas, ao contrário, seres honrados Iluminados e que os termos serpente e iluminado caminham juntos. Em caldeu, ela

significa latão ou cobre, devido a seu brilho, assim como a palavra Nehushtan significa "um pedaço de latão" em 2 Reis 18:4. Note como foi o Senhor quem ordenou que Moisés erguesse a Serpente de Latão ou Bronze no deserto para que as pessoas pudessem ser salvas. Moisés era, de fato, um Iluminado. (Num. 21:8: "faze uma serpente flamejante" ou "faze uma serpente brilhante"). Nachash parece ser intercambiável com Saraph ou Seraph, brilhar ou iluminar. Em 2 Coríntios 11:3, fala-se da Nachash que enganou Eva como um anjo de luz ou um iluminado. Eva, como a serpente feminina, estava respondendo a um Iluminado. Sugere-se ser também Adão um Iluminado quando descobrimos que, no Gênesis hebraico, "Sua pele era uma vestimenta iluminada, brilhante como suas unhas; quando pecou essa luminosidade desvaneceu e ele apareceu nu" (Targ. Yer. Gen. iii.7; Gen. R. xi.; Adão e Eva, xxxvii.). O Quetzalcoatl asteca, a serpente emplumada, é visto em muitos dialetos da área. No dialeto itzá ele era Cuculcan e no quíchua era Amaute. Mas o que descobrimos em todos eles é a mesma etimologia. Em todos os exemplos, ele é a serpente de plumas, mas também o sábio professor. Ele também é a "serpente iluminada ou dourada".
No mito nórdico, e mais especificamente no trabalho de Ulf, temos referência à serpente que Odin enfrenta:
"Vidgymnir do vau do rio Vimur [Thor] atingiu o leito da orelha [cabeça] da serpente brilhante pelas ondas."
A etimologia daquela outra criatura serpentária, o dragão, também revela algumas percepções impressionantes. De acordo com o Oxford English Dictionary (1966), dragon [dragão] deriva do francês arcaico que, por sua vez, é derivado do latim dracon, que deriva, ainda, do grego spakov, com o significado de "serpente", e vem do verbo grego spakelv ou "ver com clareza". Portanto, está sempre relacionada à visão. Em sânscrito temos darc, que significa "ver"; na língua do Avesta, darstis significa "visão"; no irlandês arcaico, derc é "olho"; em inglês arcaico, torht, em saxão arcaico, torht e no alto alemão antigo, zoraht significam, todos, "claro", "brilhante", ou "brilho".
As raízes da palavra podem ser seguidas voltando-se ao passado, às primeiras línguas indo-europeias e até ao continente indiano, o lar atual da experiência de iluminação da serpente Kundalini.
{14} Giant [gigante] vem de ge genis, que significa "da terra". Também deriva da palavra Gigantes, como nas enormes pedras maltesas Ggantija. Então, decompondo a palavra temos gi gant. Gant significa "pedras" e Gi ou Ga é "grande". Gigante significa, portanto, "pedra grande". Os Vigilantes, que também eram chamados gigantes, são, portanto, da mesma forma, grandes pedras e estão, agora, associados pela etimologia às grandes pedras do mundo. Essas pedras foram vistas como estrelas na Terra, tendo caído como os meteoros e sido adoradas por povos como o Calani.
Anaque foi o gigante da Bíblia que gerou os Anaquins, que viviam de ambos os lados do rio Jordão, como os Refains. Os Nefilins foram a descendência dos filhos de Deus (Vigilantes, Anjos e gigantes) com as mulheres comuns.
Dizia-se que Carlos Magno era um gigante e que era tão forte que podia amassar três ferraduras juntas.
Diziam que a altura de Golias, de Gate, era de seis cúbitos ou côvados [cerca de três metros]. Og era o Rei de Basã, remanescente da raça dos Refaim.
Urano e Gaia foram lançados para a terra por Hércules e enterrados sob o Monte Etna.
Gigantes escandinavos habitavam o Jotunheim.
O conto João e o Pé de Feijão é semelhante à história de Davi e Golias, uma lenda sobre a derrota do gigante. A história é originária da Cornualha. De acordo com a tradição, João viveu 3 mil anos e caminhou ao lado da arca (ou mesmo entrou furtivamente nela). Porus era um rei gigante indiano que, dizem, lutou contra Alexandre, o Grande. A Calçada dos Gigantes [Giant's Causeway], na Irlanda, é uma formação natural de 40 mil colunas basálticas que se projetam para o mar, cuja lenda diz ser o início de uma estrada para gigantes. Afirma-se que fenômenos naturais semelhantes resultam da ação de gigantes. Alguns deles são:
Giant's Loom [Tear do Gigante], Giant's Well [Poço do Gigante], Giant's Organ [Órgão do Gigante], Giant's Peep-hole [Buraco de Espreita do Gigante], Giant's Eye-glass [Lente do

Gigante] e Giant's Chair [Cadeira do Gigante], O Giant's Ring [Anel do Gigante] em County Down, na Irlanda do Norte, é um círculo de pedras semelhante ao Stonehenge. Afirma-se que o Monte de São Miguel, na Cornualha, foi construído pelos gigantes Cormoran e Cormelian. Guerra: os gigantes travaram uma guerra com Zeus no mito grego. Foi uma revolta dos gigantes contra Zeus, sufocada com a ajuda de Hércules ao lançar Urano e Gaia para a terra. Ela traz uma correspondência estranha com a guerra no céu entre os Vigilantes e os Iluminados, na qual Lúcifer e outros "anjos" são lançados à terra.

{15} N.E.: Sugerimos a leitura de *O Livro de Enoch - O Profeta,* Madras Editora.

{16} Taautus (Taut) ou Hermes

Tido por Eusébio como o criador do culto à serpente na Fenícia. Sanchoniathon dizia que Thoth era um deus e afirma que este fez a primeira imagem de Coelus e inventou os hie- róglifos. Isso o conecta a Hermes Trismegisto, também conhecido como Thoth no Egito. Taautus tornou sagrada a espécie dos dragões e serpentes. Os fenícios e egípcios seguiram- no nessa superstição. Esse Taautus bem poderia ser uma lembrança do primeiro grupo que iniciou o culto da serpente após o dilúvio ou o fim da última era glacial, 12 mil anos atrás. A idéia de Taautus relaciona-se de maneira precisa com as histórias de Thoth, que mais tarde se tornou um grande sábio nas crenças gnósticas e alquímicas. Thoth foi divinizado após sua morte (em uma época que ninguém conhece) e recebeu o título de "o deus da saúde" ou "curador". Ele era o protótipo de Esculápio e identificava-se com Hermes e Mercúrio. Todos eram curadores, todos sábios, professores, salvadores, associados à serpente por seus poderes e fundamentais aos sistemas de crença das sociedades secretas. De fato, era no papel de deus da cura que Thoth foi simbolizado como a serpente, ao passo que é, em geral, representado com a cabeça de um íbis ou de um babuíno. A letra ou símbolo "Tau" é a primeira letra de Taautus, Tammuz ou Thoth e acredita-se que seja a "marca de Caim", um símbolo de um tesouro oculto.

{17} Cordão

O Cordão é visto em muitas das religiões do mundo e em todas tem significados semelhantes. Pode significar o ato de se vincular à divindade, o que o liga, assim, ao outro aspecto de liberdade dos laços. O Cordão Dourado de Zeus sustenta o Universo e, conectar-se a tal Universo é a diretiva suprema do xamã. Nos mitos iranianos, o cordão é passado três vezes ao redor da cintura para o bem agir, pensar e falar.

O xamã usa um cordão para simbolizar seu próprio cordão umbilical e, com ele, pode acessar "outros mundos", ou o aspecto da iluminação. O cordão também simbolizava a serpente que circunda o globo. Na forma de uma corda, os tibetanos viram-no como um instrumento de conexão entre o céu e a terra, tal qual o fizeram outros grupos. Também era visto como uma escada, uma árvore ou uma ponte para o céu. No Hinduísmo, a gnose era chamada a "corda secreta da ascensão". Nos mitos babilônios e sumérios, a corda era o vínculo ou união entre Deus e a humanidade, conhecido como elo místico.

Os Cavaleiros Templários foram acusados de usar um cordão em seus rituais: "Item, que eles envolviam ou tocavam cada cabeça do ídolo citado anteriormente com pequenos cordões que usavam ao redor de si, próximos da camisa ou do corpo".

{17} Veja: *www.greatserpentmound.org*.

{18} N.E.: Obra publicada no Brasil pela Madras Editora.

{19} John Bathurst Deane, em *Worship of the Serpent Traced Throughout the World and its Traditions Referred to the Events in Paradise (1830)*. Deane também acreditava que a Kaaba ou Caabir dos muçulmanos, que era uma pedra cônica, dividia-se em Ca Ab Ir: o "Templo do Sol Serpente".

{20} Hargrave Jennings, *Ophiolatreia.*

{21} N.E.: Sugerimos a leitura de *Os Mistérios de Mitra,* de Franz Cumont, Madras Editora.

{22} Deane, *The Worship of the Serpent Traced Throughout the World.*

{23} Chivim é uma palavra hebraica que significa "filhos da serpente fêmea" (ou Eva) e pode

sugerir um maior conhecimento dessa jornada de uma perspectiva judaica.

{24} Borchant, *Mysticism*.

{25} James Pritchard, *Solomon* and *Sheba* (1974), p. 35.

{26} Wilhelm Bacher e Ludwig Blau, *Shamir*.

{27} Brahma é a sutil força vital, ou o próprio espírito, e Saraisvati era o Rio da Vida. Veja *The Wonder that was India,* de A. L. Basham, Fontana Ancient History, 1967.

{28} Mahadeva, um dos nomes de Shiva, é, em geral, representado com uma cobra enrolada em seu pescoço, braços e cabelos. Sua consorte, Parvati, é representada da mesma maneira. Bhairava, a Personificação de Shiva, senta-se sobre as voltas de uma serpente enrolada em espiral, cuja "cabeça se levanta acima da cabeça dos deuses". De acordo com Hyde Clarke e C. Staniland Wake em *Serpent and Siva Worship,* Shiva é o mesmo que Rudra, o curador, e é chamado de o Rei das Serpentes. Ele é representado com uma guirlanda de crânios, que simboliza o tempo contado em anos, a mudança das idades. Às vezes é chamado Naga- bhushana Vyalakalpa ou "o que tem serpentes ao redor do pescoço" e Nagaharadhrik ou "o que usa colares de serpentes" e também Nagaendra, Nagesha ou "rei dos Nagas" é conhecido ainda como Nakula, o "mangusto", que significa aquele que é imune ao veneno da cobra.

{29} Veja Gnosis - The Secret of Solomon 's Temple Revealed, de Philip Gardiner.

{30} A palavra esmeralda vem do grego smaragdos, que significa tão somente "pedra verde", embora esmeraldas verdadeiras tenham sido populares por bem mais de 4 mil anos. Cleópatra, a famosa Rainha do Egito que morreu pela mordida de uma víbora, adorava-as, e mais do que a qualquer outra gema! Suas esmeraldas vinham de uma mina próxima de Assuã. A esmeralda é encontrada em peitorais hebreus e é usada como talismã indiano. Os espanhóis as roubaram durante a conquista da América do Sul e os Incas tinham-lhe grande veneração. Dizem que cura febres, epilepsia, lepra, disenteria, oftalmia, hemorragias, problemas do fígado e ferroadas de animais venenosos. Também se dizia que, de forma estranha, "cegava" serpentes.

A Tábua de Esmeralda é uma síntese de pensamento alquímico que existe em árabe e grego e tem suas principais raízes na alquimia romana e grega, em especial a de Hermes, o que nos leva a pensar que deve ter-se originado da mesma fonte que os Arquitetos Dionisíacos ou os Collegia romanos.

Um dos registros mais antigos de sua existência está em uma obra árabe do século VIII. Alguns relacionam a Esmeralda ao Sacro Catino de Gênova, o suposto Santo Graal, que se diz ter estado na posse da Rainha de Sabá e ser feito de vidro verde ou cor de esmeralda. Acreditava-se que um médico chamado Galieni, que a chamava de Tábua de Zaradi, recuperou a Tábua de Hermes, o Três Vezes Grande. Muitos creem que Galieni era o cirurgião Galeno, mas outros acreditam que seja uma tradução errônea de Balinas (Apolônio de Tiana). Neste caso, então a Tábua de Esmeralda da grande divindade serpentária, Hermes, teria vindo diretamente do sábio que visitou os reis Nagas (serpentes) da índia e Caxemira, e de quem se diz ter, ele mesmo, uma longa existência.

O termo Zaradi deriva da palavra usada para "caverna subterrânea" ou "câmara" e faz alusão a um domínio "sobrenatural", possivelmente o Submundo Xamânico. Outras pessoas de que se diz terem descoberto a Tábua são, da mesma forma, incorporadas à história do culto serpentário: Alexandre, o Grande e Zara (Sarah), a mulher de Abraão, que, dizem, recebeu-a das mãos de Hermes logo após o dilúvio.

{31} N.E.: Obra publicada no Brasil pela Madras Editora.

{32} Coelus era o deus romano dos céus e identifica-se ao Urano dos gregos.

{33} Labirinto significa machado de cabeça dupla, assim como o Martelo de Thor, e o nome de Thor está associado ao de Thoth.

{34} N.E.: Sugerimos a leitura de *O Legado de Madalena - Conspiração da Linhagem de Jesus e Maria,* de Laurence Gardner, Madras Editora.

{35} N.E.: Sugerimos a leitura de *O Terceiro Reich,* de Martin Kitchen, Madras Editora.
{36}N.E.: Sugerimos a leitura *às Estratégia de Hitler - As Raízes Ocultas do Nacional-Socialismo,* de Pablo Jimenez Cores, Madras Editora.
{37}N.E.: Sugerimos a leitura de *Aleister Crowley - A Biografia de um Mago,* de Johann Heyss, Madras Editora.
{38} N.E.: Sugerimos a leitura de *O Guia Completo das Cruzadas,* de Paul L. Williams, Madras Editora.
{39} N.E.: Sugerimos a leitura de *O Livro Completo de Astrologia,* de Kris Brandt Riske, Madras Editora.
{40} *The Trail of the Serpent,* de Inquire Within, sem editora, década de 1940.
{41} Ibid.
{42} N.E.: Obra publicada no Brasil pela Madras Editora.